

# VERDE

REVISTA MENSUAL  
DE ARTE E  
CULTURA

# MANIFESTO DO GRUPO VERDE

## DE CATAGUAZES



Este manifesto não é uma explicação. Uma explicação nossa não seria compreendida pelos criticos da terra, pelos innumeraveis conselheiros. b. b. que dogmatizam empoleirados nas columnas pretensas importantes dos jornaes mirins do interior. E seria inutil para os que já nos compreenderam e estão nos apoiando.

Nem é uma limitação dos nossos fins e processos, porque o moderno é innumeravel.

Mas é uma limitação entre o que temos feito e o monte do que os outros fizeram.

Uma separação entre nós e a rabada dos nossos adesistas de ultima hora, cuja adesão é um desconforto.

Pretendemos tambem focalisar a linha divisoria que nos põe do lado oposto ao outro lado dos demais modernistas brasileiros e estrangeiros.

Nós não soffremos a influencia directa estrangeira. Todos nós fizemos questão de esquecer o francês.

Mas não pense ninguem que pretendemos dizer que somos—os daqui—todos iguaes.

Somos diferentes. Diversissimos até. Mais muito mais diferentes do pessoal das casas vizinhas.

Nossa situação topographica faz com que tenhamos, é facto, uma visão semelhante do conjuncto brasileiro e americano e da hora que passou, passa e que está para passar.

Dahi a união do grupo "VERDE". Sem prejuizo, entretanto, da liberdade pessoal, processos e modo de cada um de nós.

Um dos muitos particulares caracteristicos do nosso grupo é o objectivismo.

Todos somos objectivistas quasi. Explicação? Não precisa. Basta metter a mão na cabeça, pensar, comparar e... concordar.

O logar que é hoje bem nosso no Brasil intellectual foi conquistado tão somente ao dionisiaco empreendimento do forte grupo de Bello Horizonte, tendo á frente o enthusiasmo moço de Carlos Drummond, Martins de Almeida e Emilio Moura, com a fundação da A REVISTA, que embora não tendo tido vida longa, marcou epoca na historia da innovação moderna em Minas. (\*)

Apesar de citarmos os nomes dos rapazes de Bello Horizonte, não temos, absolutamente, nenhuma ligação com o estilo e vida literaria delles.

Somos nós. Somos VERDES. E este manifesto foi feito especialmente para provocar um gostossimo escandalo interior e até vaias intimas.

Não faz mal, não. E' isso mesmo.

Acompañamos S. Paulo e Rio em todas as suas innovações e renovações estéticas, quer na litteratura como em todas as artes bellas, não fomos e nem somos influenciados por elles, como querem alguns.

Não temos paes espirituaes. Ao passo que outros grupos, apesar de gritos e protestos e o diabo no sentido do abrasileiramento de nossos motivos e de nossa fala, vivem por ahi a pastichar o "modus" barbaro do sr. Cendrars e outros franceses escovados ou pacatissimos.

Não temos pretensão alguma de escanchar os nossos anigos. Não. Absolutamente.

Queremos é demonstrar apenas a nossa independencia no sentido escolastico, ou melhor, «partipario».

O nosso movimento VERDE nasceu de um simples jornaleco da terra—JAZZ BAND.

Um pequeno jornalsinho com tendencias modernistas que logo scandalizaram os pacatissimos habitantes desta Meia-Pataca. Chegou-se mesmo a falar em bengaladas...

E dahi nasceu a nossa vontade firme de mostrar a esta gente toda que, embora morando em uma cidadezinha do interior, temos coragem de competir com o pessoal lá de cima.

A falta de publicações, casas editoras e dinheiro—tinha feio com que ficassemos á espera do momento propicio para apparecer.

Mas VERDE sahiu. VERDE venceu. Podemos dar pancadas ou tomar. Não esperamos applausos ou vaias publicas, porque aquillo que provoca verdadeiro escandalo põe o brasileiro indifferente, na apparencia... com medo ou com vergonha de entrar no barulho.

Sim. Não esperamos applausos ou vaias publicas. Os applausos de certos publicos envergonham a quem os recebe, porque nivelam a obra applaudida com aquelles que o compreenderam.

Não fica atraz a vaia. A vaia é as vezes ainda uma simulada expressão de reconhecimento de valores...

Porisso preferimos a indifferença. Esta será a mais bella homenagem que nos prestarão os que não nos comprehendem. Porque atacar VERDE? Somos o que queremos ser e não o que os outros querem que sejamos. Isto parece complicado, mas é simples.

Exemplo: os outros querem que escrevamos sonetos liricos e acrosticos portuguezes com nomes e sobrenomes.

Nós preferimos deixar o soneto na sua cova, com os seus quatorze cyprestes importados, e cantar simplesmente a terra brasileira. Não gostam? Pouco importa.

O que importa, de verdade, é a gloria de VERDE, a victoria de VERDE. Esta já ganhou terreno nas mais cultas cidades do paiz.

Considera-nos, a grande imprensa, os unicos literatos que tem coragem inaudita de manter uma revista moderna no Brasil, emquanto o publico de nossa terra, o respeitavel publico, nos têm em conta de uns simples malucos creadores de coisas absolutamente incriveis.

E' positivamente engraçado. E foi para dizer estas coisas que lançamos o manifesto de hoje, que apesar de tão encarecido nada tem de manifesto, apenas um ligeiro rodeo em torno da nossa gente, nosso meio.

### RESUMINDO:

1º.) Trabalhamos independentemente de qualquer outro grupo literario.

2º.) Temos perfeitamente focalizada a linha divisoria que nos separa dos demais modernistas brasileiros e estrangeiros.

3º.) Nossos processos literarios são perfeitamente definidos.

4º.) Somos objectivistas, embora diversissimos, uns dos outros.

5º.) Não temos ligação de especie nenhuma com o estilo e o modo literario de outras rodas.

6º.) Queremos deixar bem frisado a nossa independencia no sentido "escolastico".

7º.) Não damos a minima importancia á critica dos que não nos comprehendem.

E é só isso.

Henrique de Resende      Christophoro Fonte-Bôa

Ascanio Lopes              Martins Mendes

Rosario Fusco              Oswaldo Abritta

Guilhermino Cesar        Camillo Soares

Francisco I. Peixoto.

(\*) Elles é que primeiro catechizaram os naturaes de Minas e nos animaram com o exemplo para a publicação de Verde.



: : DIRECTOR : :

HENRIQUE DE RESENDE

.....

: REDACTORES :

MARTINS MENDES

: : : : E : : : :

ROSARIO FUSCO

# VERDE

REVISTA MENSAL  
DE ARTE E  
CULTURA

NUMERO . 1

ANNO . . . 1

.....

:: REDACÇÃO ::

:: : E : : : :

ADMINISTRAÇÃO

RUA CEL. VIEIRA, 53

CATAGUAZES - MINAS

## NESTE NUMERO DA "VERDE":

CARLOS D. DE ANDRADE

EDMUNDO LYS

T. DE MIRANDA SANTOS

ASCANIO LOPES

EMILIO MOURA

MARTINS DE OLIVEIRA

ROBERTO THEODORO

GUILHERMINO CESAR

CAMILLO SOARES

HENRIQUE DE RESENDE

FRANCISCO I. PEIXOTO

MARTINS MENDES

OSWALDO ABRITTA

FONTE BOA

ROSARIO FUSCO

SIGNAL DE APITO

VIAGEM SENTIMENTAL

BLÓCO

SERÃO DO MENINO POBRE

INQUIETAÇÃO

FUNCÇÃO

SAMBA

SANTINHA DA ENCARNAÇÃO (conto)

NOCTURNO (poema)

O ESTRANHO CASO DE MATIAS

A CIDADE E ALGUNS POETAS

PRELUDIOS

TERNURA

PARADOXO

UM POEMA

UM POEMA

E' PRECISO PAZ NA ARTE MODERNA

NOTAS DE ARTE E OUTRAS NOTAS

# FABRICA DE MACARRÃO

**MASSAS ALIMENTICIAS**

: : E : :

**REFINAÇÃO DE ASSUCAR**

## SALGADO & C.

Premiada na grande Exposição Internacional do Centenario de 1922 e com Medalha de Ouro pelo Instituto Agricola Brasileiro.

**Massa refinada de puro trigo escolhido**

Esta massa sendo fabricada com semolina de superior qualidade, constitue um alimento são e nutritivo, possui um gosto agradável e apresenta tal augmento ao consinhar-se, que se póde usar um terço menos das de outras semelhantes.

**Premiada com medalha de ouro na  
Exposição de Bello Horizonte em 1927**

Recommenda-se aos Srs. consumidores a preferencia sobre as outras massas  
:: :: não só pela confecção como pelo systema de acondicionamento :: ::  
N. B. — Para a conservação da massa é necessario guardal-a em lugar enxuto.



CAIXA DO CORREIO, 6 -- E. F. L.

**CATAGUAZES - E. MINAS**

# CENTRO INDUSTRIAL

Serraria, Carpintaria e Officina

\* \* \* \* \*  
Mechanica \* \* \*

## JOSÉ IGNACIO DA SILVEIRA

VILLA DOMINGOS LOPES

TELEPHONE, 94

**CATAGAUZES -- MINAS**

# ATENÇÃO

V. S.—Poderá gastar bem o seu dinheiro comprando na CASA PREDILETA recentemente inaugurada. Esta casa poderá fornecer a V. S. as maiores vantagens possíveis, não só nos seus preços, como também na qualidade dos seus artigos.

**Unicos especialistas:**

Em ferragens, tintas, oléos, louças, vidros, cristaes, artigos para presentes  
:: :: :: :: :: :: perfumarias, artigos sanitarios, etc. :: :: :: :: :: ::

**APRIGIO GUERRA & CIA.**

**35 -- RUA CEL. JOÃO DUARTE FERREIRA -- 35**

**:: :: PHONE, 81 :: ::**

**Cataguazes — Minas**

**CASA VILLELA**

== == DE == ==

**VILLELA & FILHOS**

NEGOCIANTES DE MANTIMENTOS, MOLHADOS E MIUDEZAS

**TELEPHONE, 148**

PRAÇA RUY BARBOSA Ns. 3 E 5 — CATAGUAZES

**BEAU GESTE**



Um film de alta qualidade com todas as emoções do odio, da afeição, da coragem do sacrificio. Um grupo de interpretes notaveis, RONALD COLMAN, NEIL HAMILTON, ALICE JOYCE, MAY BRIEN, NOAH BERRY, RALPH FORBES E NORMAN TREVOR. Um film que celebrará a programação do Recreio no dia 6 de Outubro.

**ALFAIATARIA SUCASAS**

**JOSE' F SUCASAS**

TEM SEMPRE UM VARIADO

:: :: SORTIMENTO DE CASEMIRA NACIONAL E EXTRANGEIRA :: ::

**Não teme rivalidade pela elegancia do corte  
e pontualidade nos serviços**

**Praça Ruy Barbosa, 10 -- Tel. n. 73**

**CATAGUAZES -- MINAS**

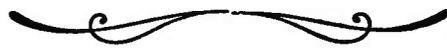
# CASA RAMA

A MAIS BARATEIRA DA ZONA

FAZENDAS, ARMARINHO,

CHAPÉOS. CALÇADOS, ETC.

Ferragens e louças



SECCOS E MOLHADOS

*Rama & Comp.*

ATACADISTAS



Rua Rebello Horta, 33 a 45

Caixa Postal, 27 ... Telephone, 21

**CATAGUAZES -- E. DE MINAS**

# CASA CARCACENA

:: :: DE :: ::

Domingues, Côrtes & C.

PHONE N. 1

**E' a que melhor serve e mais**

**: : : barato vende : : :**

# Gymnasio Municipal de Cataguazes

DIRECTOR — ANTONIO AMARO M. COSTA

**Internato — Pensionato — Externato**

Anno lectivo — 15 de fevereiro a 15 de novembro

**CATAGUAZES -- E. F. L. -- MINAS**

:: :: :: Phone, 13 :: :: ::

Pedidos de estatutos e demais informações ao Director-Secretario — Martins Mendes

# A CASA PEIXOTO

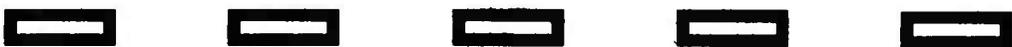
bate o record em preços e na qualidade de todos os artigos de seu vastissimo sortimento



Comprar na Casa Peixoto é ter certeza absoluta de comprar barato.



Brins e riscados vendem-se pelo custo.



CATAGUAZES -- E. DE MINAS

**POLAR** o elegante sapato para Homem

**VICTOR** A MAIS LINDA VICTROLA

**VELOX** o delicado sapato para Senhoras

**RADIO** A SEDA MAIS MODERNA

**L'HEURE BLEU** O PERFUME DA MODA

PODEM SER ENCONTRADOS

NA CASA

**Henriques Felippe & C.**

# CASA LIGEIRO

**E' INCONTESTAVELMENTE A MELHOR E A MAIOR  
CASA DESTA CIDADE**

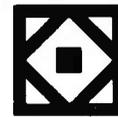
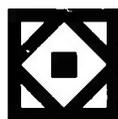
DIARIAMENTE GRANDES EXPOSIÇÕES DE SEDAS  
E NOVIDADES RECEBIDAS DIRECTAMENTE

**TODOS À CASA LIGEIRO**

(Em frente ao Banco do Brasil)

## Antonio da Silva Ligeiro

**Cataguazes — teleph. 60 — Minas**



**::: JOSÉ :::**

Interessante filhinho do sr. João Ferreira Vargas e d. Maria das Dôres Lisbôa Vargas, residentes em Leopoldina, no Estado de Minas.

Com uma dóse do **Vermicida Cesar**, que é o melhor de todos os lombrigueiros, expelliu mais de 500 lombrigas, ficando alegresinho, sadio e forte como se vê.

# A' BRASILEIRA

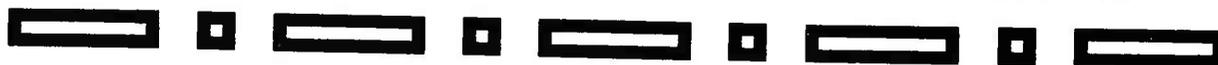
Esta casa tem tudo o que V. S. precisar  
e os seus preços não têm competidores.



Rua Cel. João Duarte Ferreira, 16 a 22

**PHONES** } 55 BALÇAO  
55-A TYPOGRAPHIA

**CATAGUAZES -- E. DE MINAS**



## MANTEIGA DE 1<sup>A</sup>.

SEMPRE NOVA E GELADA

**P**ARA serem bem servidos neste genero exijam as  
caixas da LEITERIA evitando assim pagarem o colossal  
peso das latinhas, que levam menos 30 grammas.



**Entrega-se a domicilio**

**PHONE, 122**

**Cataguazes — Estado de Minas**

**NOTA — A LEITERIA DÁ COPOS DE CRISTAL AOS FRE-  
GUEZES DE SORVETE, A TITULO DE RECLAME.**

# VERDE

ANNO 1

CATAGUAZES — SETEMBRO 1927

NUMERO 1

## SUMMARIO

Signal de Apito — Carlos D. de Andrade.  
Viagem Sentimental — Edmundo Lys.  
Blóco — T. de Miranda Santos.  
Serão-do Menino Pobre — Ascanio Lopes.  
Inquietação — Emilio Moura.  
Funcção — Martins de Oliveira.  
Samba — Roberto Theodoro.  
Santinha da Encarnação (Conto) e Nocturno  
(Poema) — Guilhermino Cesar.  
O Estranho caso de Matias — Camillo Soares.  
A Cidade e Alguns Poetas e Preludios — Henrique de Resende.  
Ternura — Francisco I. Peixoto  
Paradoxo — Martins Mendes.  
Um Poema — Oswaldo Abritta.  
Um Poema — Fonte Bôa.  
É Preciso Paz na Arte Moderna — Rosario Fusco.  
Notas de Arte e Outras Notas.

## APRESENTAÇÃO

**R**EMY DE GOURMONT costumava dizer que se as discussões literarias interessassem ao povo, haveria tantas guerras mortíferas — entre intellectuaes, quanto as guerras civis e religiosas. Interessante, não acha você? Pois é. A principio parece paradoxo. Mas não é paradoxo nem cousa nenhuma. É, simplesmente, uma verdade. Sim, senhor, uma grande verdade!

\* \* \*

Esse negocio occorreu-nos á memoria a proposito do apparecimento deste primeiro numero da nossa revista, VERDE.

«Apparecemos para um publico que não existe». Vamos ser incompreendidos e criticados. E' certo. Mas, que esse publico ainda virá a existir, é certo tambem. É certo e é um consolo... Portanto, conversar muito é bobagem!

Somos novos. E viemos pregar as ideias-novas da Nova-Arte.

E só.

E está acabado.

E não precisa mais.

\* \* \*

Abrasileirar o Brasil—é o nosso risco.  
P'ra isso é que a VERDE nasceu.  
Por isso é que a VERDE vae viver.  
E por isso, ainda, é que a VERDE vae morrer.

\* \* \*

Ponto. Leitor camarada: muita honra e muito prazer em conhecê-lo. Disponha.

## A CIDADE E ALGUNS POETAS

Eis aqui uma coisa velhissima: nós, os poetas brasileiros, com excepção minima de alguns senhores de avariado gosto, já nos cançámos de receber o que nos tem chegado, em materia de arte, pelo correio de Paris.

Mas, apesar dessa coisa velhissima, até agora poeta nacional ainda não houve, sobretudo de ha uns vinte annos para cá, que não imitasse, decalcasse ou mesmo copiasse o sr. Albert Samain — este melancolico francez que vem regando ininterruptamente, com os seus inevitaveis repuxos, os desolados jardins da poesia brasileira.

Se não foi Samain, com os seus repuxos e respectivos tanques, quase sempre de marmore polido, foi Rodenbach, debruçado, a choramingar, sobre os canaes de Bruges, ou Mallarmé, com o bimbalar dos seus carrilhões de bronze antigo.

E quando saíssemos de Mallarmé, Rodenbach, ou de Samain, esbarrar-nos-íamos, por força, com o sr. Paulo Verlaine, a desfiar o seu rosario nos fundos de uma igreja qualquer de Paris.

Todo mundo sabe disso, mas convem repisar.

Passada e repassada a dita turma, sem falarmos sequer nos respeitaveis macetões do parnasianismo, tão do agrado do sr. aca-

demico pharmaceutico Alberto de Oliveira, veio a wildemania.

Sim.

Oscar Wilde abriu na feira literaria do Brasil um sortido armazem de Salomé. O maravilhoso autor de *De Profundis* e tantas outras obras de inconcebivel relevo, não poderia nunca imaginar que profundo sentimento de belleza viria despertar no coração dos jovens brasileiros o seu immortal poema hebraico da Salomé.

Mas desse profundo sentimento de belleza nasceu — para desgraça nossa — uma deploravel preocupação de decalque.

Todos nós sonhámos com Salomé.

Todos nós tentámos crear a nossa Salomé.

E a cabeça de Yokanaan rolou, por varias vezes, decepada pelo gume fino de nossa penna.

E não houve joven da geração citada que não contemplasse a Lua — essa pobre e indefesa victima dos nossos abusos líricos — dansando a dansa magica dos sete véos no tablado xadrez da abobada celeste.

Ahi estavamos quando veio a modernissima geração.

E com ella vieram os legitimos, os verdadeiros reacionarios.

Oswald, a acreditamos em Paulo Prado, «numa viagem a Paris, do alto de um atelier da Place Clichy — umbigo do mundo — descobriu, deslumbrado, a sua propria terra».

Voltou e aqui fundou esta coisa engraçada que se chama *poesia modernista brasileira*.

E enquanto, depois d'elle, recebiamos Blaise Cendrars no Rio e em S. Paulo, Oswald, Mario, Graça, Ronald, Guilherme, Ribeiro Couto e outros confirmaram a existencia dessa nova literatura, artigo nacionalissimo, e pediram a Cendrars que berrasse, em Paris, do alto do mesmo atelier da Place Clichy, para que toda a França ouvisse, que tambem nós já temos materia prima para a fabricação de uma literatura *nossa*, completamente *libertada* do pesado jugo de outras literaturas.

De como se vê, a reação brasileira nasceu de um remorso: — o remorso de haver-mos imitado, copiado e decalcado sem precisão, durante tantos annos, quando deveramos ser o modelo novo de uma literatura nova.

De entre os muitos bens que nos trouxe o modernismo, sobresáe, é certo, a liberdade com que sonhavamos.

Dahi o abandonarmos tudo que pudes-se subjugar-nos o espirito, — como são os canones de toda especie.

E com a liberdade veio o amor a todas as coisas bellas.

E tudo que é nosso irrompeu no rithmo novo de uma geração nova.

Já não pensamos em Bruges-la-Morte com os seus carrilhões e os seus canaes.

Já não sonhamos Veneza com as suas gondolas e os seus passadiços. Já não cobicamos a nudez de Salomé. E nem tampouco — oh Deus misericordioso! — já não nos embebeda o macetissimo luar de Verona.

Hoje contamos o que é nosso com palavras nossas. O verde das nossas mattas e o mysterio das nossas selvas. O esplendor dos nossos campos e a força bruta das nossas aguas. A fartura das nossas lavouras e o ouro dos nossos garimpos. O brilho metálico das nossas montanhas e o trabalho das nossas fabricas rangendo.

Os modernistas vivem, não ha duvida, numa desordem ensurdecadora.

Mas não importa.

O que importa é o triumpho da reação, que se faz patente em todos os recantos do paiz.

Entre nós, em Bello-Horizonte, ahi estão João Alphonsus, Abgar Renault, Emilio Moura, Pedro Nava, Carlos Drummond de Andrade e outros — líderes de um movimento surpreendente — e, em Juiz de Fóra, Lage Filho, Edmundo Lys, Theobaldo de Miranda, Rubem Moreyra etc.

Minas acompanha S. Paulo e Rio em todas as suas modernas manifestações estheticas, não desmentindo, assim, que sempre foi, é, e ha de sempre ser o berço dos que se degladiam pelas supremas aspirações, — hontem, a liberdade politica, hoje, a liberdade de pensamento.

Mas o movimento modernista em Minas não se limita ao de Bello-Horizonte e Juiz de Fóra.

Tambem aqui, nesta pequenina cidade de algumas milalmas, cresce a flôr maravilhosa do espirito moderno.

Vindo de um centro de intellectuaes aqui vivi dois annos e meio na mais completa ignorancia de que em Cataguazes, minha cidade natal, tambem se cultivava «a vagabundagem lirica do espirito...»

E eis que uma bella tarde me appareceu Rosario Fusco — poeta de uma sensibilidade estranhissima, cujos versos cheirando ás mais profundas raizes que se afinam no seio moreno da terra brasileira, souberam abrir na minha sympathia um lugar que é hoje bem seu.

Depois, pelas mãos de Fusco, veio Camillo Soares Filho — intelligencia revoltada,

espírito desalinhavado, cheio de grandes exageros, é certo, mais não menos brilhante que o primeiro.

E agora, pelas mãos de Camillo, veio vindo Francisco Ignacio Peixoto — poeta dos poemas simples, que naturalmente escreveria a *Costureirinha* se Ribeiro Couto já a não houvesse escripto.

Formado este pequeno grupo, a que se juntou, uma bella noite, Renato Gama — joven de requintados talentos pianisticos — outros mais apareceram, dois delles conhecedissimos entre nós: Antonio Martins Mendes e Guilherme Cesar.

Finalizando a citação juntaremos os nomes de Fonte Bôa e Oswaldo Abritta, creadores de coisas commoventes e bellas, que e

completam o quadrado luminoso dos que hoje apparecem em VERDE, a mostrar á intellectualidade do Brasil que tambem em Cataguazes, pequenina cidade do interior de Minas, o espirito moderno içou a bandeira verdamarella do reacionismo, formando ao lado daquelles que se esforçam pelo triumpho da mais linda cruzada intellectual de nossa terra.

E foi para falar sobre estes poetas novos, literatos de literatura essencialmente brasileira, que alinharei tanta coisa velha, com estylo passadista e ridicula citação de alguns francezes sovadissimos...

HENRIQUE DE RESENDE.

## E' PRECISO PAZ NA ARTE MODERNA

Começo por confessar que não entendo nada desse banzé damnado que a gente de peso na Arte Moderna vem fazendo actualmente.

Por exemplo: o sr. Prudente de Moraes, neto, escancha com o sr. Plinio Salgado — o maravilhoso romancista de *O Estrangeiro*. O sr. Augusto F. Schmith, de outro lado, escancha com o sr. Prudente, neto, porque elle escanchou com o Plinio Salgado! O sr. Buarque de Hollanda, por sua vez, estrilla com o trio Renato Almeida—Graça Aranha—Ronald de Carvalho! O sr. Esmeraldino Olympio—sabendo disso—dada a admiração que elle tem pelo trio, escancha com o sr. Sergio Buarque de Hollanda, com o Prudente Neto, e até com o coitado do Alcantara Machado que nada tem com isso! Por ahi se vê que a gente está navegando numa incerteza damnada. Ninguem sabe o que quer! Mas todo mundo quer uma coisa. E dahi é que nasce esse banzé de cuia.

\* \* \*

E' preciso acabar com isso. Preciso mesmo! Na Arte Moderna não ha *escolas*, nem nada. Portanto, cada um prá si. Cada um é o lider de si mesmo (conforme me disse numa carta a intelligencia magnifica de Martins de Almeida.) Tem que ser assim e está acabado! Esse negocio de torcida é só no futebol. Nada de politica! Nada de partidos! Nada de polemicas! Nada. Nada. Nada!

Na Arte Moderna criticar outro moderno é besteira. Besteira e da grande. A gente

dizer que o gajo parece com o poeta tal, que está influenciado por esse poeta—ainda vá... Mas chamar o outro de bobo, isso é que não! Quem chamar outro de bobo é mais bobo do que elle (o outro...) Porque na Arte Moderna a gente segue a emoção pura e espontanea de cada um. Se o poeta Affonso Arinos, sobrinho, por exemplo, não faz versos tão bons como os do sr. Ribeiro Couto, é porque a sensibilidade delle não dá prá isso. Ou por outra, não é igual a do sr. Ribeiro Couto. Portanto, nos versos de cada um está á amostra a sensibilidade do poeta. Si elle escreve mal, acompanha a emoção que sentio quando escreveu. Portanto, foi livre. Foi expontaneo. Fez o que sentio. E, se escreve bem—a mesmissa coisa! Por isso combater os outros é besteira. Principalmente besteira.

\* \* \*

Nada de encrencas. E' preciso acabar com isso! Mas acabar de verdade mesmo!

\* \* \*

Cada um que rompa o mattagal com o seu machado!—,como disse num grito de entusiasmo o sr. Austen Amaro. Esse é o melhor processo de paz na Arte Moderna. Bom. Sincero. E pratico, por enquanto. E' o que eu adopto... até que appareça outro melhor.

ROSARIO FUSCO

## FUNÇÃO

ROYALINO é o sapo humano.

Salta, espantado, galga a mēsa.

A multidão do vasto circo está silenciosa, mastigan-  
do apenas.

Espanto num momento.

O bombo explode, surdo, em surdo som.

ROYALINO rola.

E ri.

E se desloca em movimentos rapidos.

(As pernas estão voltadas para o ar, e as  
mãos curvadas para baixo.)

ROYALINO vê o mundo então virado para cima.

Depois... muda de posição, e vira finalmente

num montão de membros tortos sobre o peito.

A multidão, como se fosse um olho só, move-se contente.

Vem o palhaço, dá uma gargalhada, e leva aquillo  
tudo para a barraquinha.

A musica rebenta num dobrado chula, e o povo diz que  
tudo é velho, sim, senhor.

MARTINS DE OLIVEIRA.

Do livro *Pátria Morena*, a sahir.

## SERÃO DO MENINO POBRE

Na sala pobre da casa da roça  
Papae lia os jornaes atrazados.  
Mamãe cerzia minhas meias rasgadas.  
A luz fraca do lampeão illuminava a mesa  
e deixava nas paredes um bordado de sombras.  
Eu ficava a ler um livro de historias impossiveis  
—desde creança fascinou-me o maravilhoso.  
A's veses, Mamãe parava de costurar  
—a vista estava cansada, a luz era fraca,  
e passava de leve a mão pelos meus cabellos,  
numa caricia muda e silenciosa.

Quando Mamãe morreu  
o serão ficou triste, a sala vazia.  
Papae já não lia os jornaes  
e ficava a olhar-nos silencioso.  
A luz do lampeão ficou mais fraca  
e havia muito mais sombra pelas paredes.

E, dentro em nós, uma sombra infinitamente maior...

ASCANIO LOPES

## INQUIETAÇÃO

As horas passam lentas como beijos,  
ou rapidas como settas.

Nem desejo de continuar, nem vontade de parar.  
Eu só queria que minha vida fosse uma pagina em branco,  
sem dizeres que não dizem nada,  
porque sempre é a mesma inutilidade,  
é sempre o mesmo espectáculo.

(Não é covardia, não: covardia é fingir um estado de alma que não existe,  
só para dizer que se libertou pela intelligencia... ou pela burrice.)  
Eu só me liberto pela sinceridade.

Quando estou alegre—canto;  
si estou triste, a minha voz tem outro rythmo:  
vem molhada de sereno,  
do sereno da minha agonia, do meu extase, do meu tedio!...

Mas o tempo não para:  
As horas passam lentas como beijos,  
ou rapidas como settas...

## SIGNAL DE APITO

Um silvo breve: Attenção, siga.

Dois silvos breves: Pare.

Um silvo breve á noite: Accenda a lanterna.

Um silvo longo: Diminúa a marcha.

Um silvo longo e breve: Transito impedido em  
todas as direcções.

Tres silvos longos: Motoristas a postos.

(A este signal todos os conductores tomam logar  
nos seus vehiculos para movimen-  
tal-os immediatamente.)

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE.

## SANTINHA DA ENCARNAÇÃO

Como os jornaes macetissimos da minha terra, a mocidade de Tancredo Celestino passou quasi despercebida. (E' que a existencia de muita gente não passa, ás vezes, de um folhetim de jornal. De um artigo que se não lê.)

Assim como o *orgão litterario. politico e noticioso. collaborador efficiente do progresso municipal.* o Tancredo considerava-se turuna e tinha uns ares de *conquérant* irresistivel. A *folha* era caprichada. Columnas abertas por qualquer coisa. Titulos pomposos. — Apparencias...

Ao hebdomadario, a politica emprestou uma vida logar-commum. Ao Tancredo, a mulher deu a subserviencia de um titere.

—No meu tempo... ah! no meu tempo...

Via-se capaz de concentrar, num gesto, toda a sua sympathia. Era uma attitude mal photographada. Uma attitude que nem todos comprehendem.

Acreditava no tempo longinquo da mocidade.

Inteirava-se, ainda mais, desta coisa perigosa: soubera viver os seus momentos. Amara. Fôra amado. E figurão nos bailes.

Com que enternecimento Tancredo recordava!

A mulher — que o destino collocara, como um conductor impertinente, no bonde rotineiro da sua vida—não era, por certo, a companheira entresonhada.

Gorda. Quasi redonda. Feições masculinizadas.

Entretanto, gostava da Santinha da Encarnação. Apesar das rugas, das briguinhas—que eram como que o pão nosso de cada dia... Apesar da mulher ter sido um

cartaz enganador. Os olhos della—annuncio luminoso promettendo mil caricias. Caricias que duraram, tão somente, os três annos de noivado.

Depois...

E Tancredo, tendo nas mãos seu antigo rosario de contas grossas, rezava e maldizia a sina. Em casa, só rezando conseguia analysar socegradamente as trabalheiras da vida. Fôra disto, vinham os filhos. E as filhas queixosas. E a mulher—aquella Santinha que discutia e gesticulava como um italiano.

As meninas do cel. Mottinha (a *folha* chamava a todo o mundo de coronel) andavam bem vestidas. Por quê razão o Tancredo, que trouxera algumas pillas de dote, não dava o mesmo conforto aos filhos?

—Lerdeza! Jogo de bicho!

E vinha sobre o inoffensivo escriptuario uma série de descomposturas...

Tambem, elle remoia em silencio o seu odio. Não era senhor de pensar em voz alta. Si dava um passo, vinha em seguida —com a frequencia das listas para isto assim-assim—a critica impiedosa da esposa.

Entretanto, gostava da Santinha da Encarnação. Apesar das rugas, das briguinhas—que eram como que o pão nosso de cada dia...

Agora, a Santinha apparecia bem vestida.

Tancredo, absorvido pela azafama do escriptorio, passava a maior parte do dia fóra de casa. Não soube explicar a proce-

dencia daquelle vestido de *crepon* de sêda. Temeu indagal-o da mulher.

Engoliu o almoço ás pressas. Para ficar livre daquelle inferno. Lá dentro, no quarto da filha mais velha, o Paulinho—ultimo rebento daquelle casal—fazia um berreiro dos diabos.

Queria um *tomovinho* como aquelle do Ignacio do dr. Domingos.

Tancredo Celestino não se despediu das filhas com o té logo costumeiro. Desceu a ladeira sem se voltar. Carregando uma revolta e os callos. Os callos fieis que o não deixavam.

—Mulher infiel!

—E você? Um pamonha, um desavergonhado que não cuida dos filhos! Que deixa a mulher em casa trabalhando e sofrendo!

Todo aquelle destampatorio por causa do chôfer que conduzia a baratinha do doutor. Aquelle encontro arruinou ainda mais a infelicidade do marido.

—A Santinha... Ora, a Santinha era deshonesto, além de ter um coração damnado de jararaca!

Pensou em deixar a mulher. Assumitou. Commetteu o ridiculo de consultar as

contas do rosario: sim, não, sim, não... sim! O rosario respondeu que sim.

Entretanto, deixou-se vencer pela esposa: Pela criatura violenta que era um rotulo falso—doirado de meiguice—dissimulando a intensidade do veneno.

12 horas estafantes. Um carrinho de sorvete passa ringindo... O negro que o conduz faz lembrar a enxada. Alto. Gordo. Suando pelos sete póros, transporta a sorveteira naquelle *navio* que é a alegria da criançada. O *Minas Geraes* vende sorvete tão barato!

—Dá um tostão ao menino.

—Não tenho trocado.

—*Um tufão só, Papae.*

Tancredo Celestino consulta, de novo, as algibeiras. Nem um nickel. O diabo!

É a mulher:

—Coitado do Paulinho... Você, Tancredo, é um pae pamonha!...

Entretanto, elle gostava da mulher. Apesar das rugas, das briguinhas—que eram como que o pão nosso de cada dia...

GUILHERMINO CESAR.

VERDE

Publicará no proximo numero collaboração inédita de: ABGAR RENAULT, ANTONIO DE ALCANTARA MACHADO, RIBEIRO COUTO e outros :: :: nomes em evidencia na Moderna Literatura Brasileira :: ::

## VIAGEM SENTIMENTAL

Tremzinho de brinquedo  
brincando de viagem no meio da paisagem  
Pastos collinas roças collinas collinas MINAS  
choças de sapé beirando os brejos  
choças de sapé na ponta dos trilhos  
moleques nús trepados nos barrancos  
samambaias cafés bananas milhos

—  
Cachorros magros correm atraz do trem  
—

Caixa dagua  
café com brôa  
laranjas  
bananas  
pasteis queentinhos um por um tostão

—  
O trem remexe atrapalhando os trôcos  
estrala os truques  
range a engrenagem e sai chiando des-  
filando serra abaixo pega a  
reta desganhado até que chega  
guinchando na estação

Ella entra no trem de repente  
ella talvez nunca tenha estado num soneto  
contudo é  
ELLA  
Traz uma valise  
um sujeito de perneiras  
um perfume e uma cestinha de laranjas  
O sujeito arranja o banco e dá o fóra  
por ellipse  
o trem tambem

—  
A paisagem continúa como um filme em serie  
Monotonia de eschola literaria  
Tem outras estações  
e não parece  
parecem com as outras  
cafesinho de rapadura  
a venda amarella  
a moça na janella

E ella fica sendo uma oportunidade  
e a paisagem vai ficando fechada na valise della

e debaixo do banco  
e debaixo do banco  
e debaixo do banco  
como diz a machambomba estralando os trilhos na chispada

—  
Meias de sêda muito finas esculpem pernas cinzentas  
o chapéo importantifica os cabellos louros  
os olhos verdes ficam muito bem  
bem bonitinha

pequeninha  
toda em inha  
todinha  
e devia ter pregado nella o aviso FRAGIL  
fragilima é que é

—  
Vê todos os olhares pendurados aos seus gestos  
Não tem nenhuma cara de gatuno no carro  
e as perolas do collar são falsas mesmo  
tambem o conductor pôz os bigodes de Mefistofeles atôa  
e ella não acredita no diabo e elle picôta os bilhetes

O que sabe é que uma aventura talvez banal  
cabe em toda parte e naquelle trem  
que o desejo dos homens viaja tambem

Annuncios derivantes da tentação  
distracção  
Gets-it Urudonal Kafy Tosse Bromil  
o Brasil é um vasto hospital

Não se pôde ter certeza si é fidelidade ou fraqueza  
quando ella se debruça na vertigem da paysagem  
porque tem um tenente bem decente no banco em frente  
parecido com a vizinha da modinha  
e uma gentileza unanime de emprestas canivetes  
si ella fôr chupar uma laranja

—  
Ella vê tudo isso num olhar  
e nos taes olhares pendurados  
melhor pregados  
aparafusados  
da estróphe lá de cima  
vai não chupa laranja nenhuma  
evita a occasião da sabedoria popular

tira uma alliança das luvas  
e foge prum livro amarello cheirando pó-de-arroz  
A respeito dos outros  
só faltava citar a raposa das uvas

—  
Mr. Paul Bourget é que faz ella innocente  
ninguem diria mas é  
O Idyllo Tragico  
traducção livre  
tapando as greladas dos conquistadores ferro-viarios  
impedindo flêrte em cadernetas kilometricas

—  
Na ultima estação do ramal  
entre carregadores hoteis taxis jornaes  
ella desembarca casta e pula depressa  
Chavinha GOLDFILLED  
pro beijo e pro FORD onde o marido espera  
dentro do CODIGO CIVIL

## O 7 DE SETEMBRO E O CORONEL JOSÉ VIEIRA DE RESENDE E SILVA

Commemorou-se, nesta cidade, no dia 7 do corrente mez, a passagem do quinquagesimo anniversario do Municipio de Cataguazes—fundado pelo saudoso e eminente Coronel José Vieira de Resende e Silva.

Algumas palavras sobre a alta personalidade do creador e fundador da Villa de Cataguazes é encargo que se nos impõe, na data de hoje, ao sair o primeiro numero de *Verde*.

Tanto mais quanto neste longo decurso de tempo ainda não surgiu homem, entre nós, cataguazenses, que eguaes serviços nos prestasse—seja no terreno politico, seja no terreno administrativo propriamente dito, dada a especialissima circumstancia de haver sido o cel. Vieira de Resende o alicerçador da grande obra realisada, que é hoje o Municipio de Cataguazes. Homem igual ainda não surgiu, na verdade.

Não que nos tenham faltado espiritos do alevantamento moral do de José Vieira de Resende e Silva,—filhos de nossa terra ou estranhos que a ella veem servir. E' que, desses poucos, alguns se recolheram desde cedo á vida privada, por inconfessaveis motivos superiores, e outros buscaram maiores centros onde mais facil e brilhantemente poderiam vencer a contra-corrente da luta pela vida. Nenhum, porém, dos homens publicos de nossa terra siquer se aproximou desse varão illustre que encheu de luzidos galardãos o nosso passado, descontinando-nos o mais claro dos futuros.

A' geração de hoje, que é a nossa geração, incumbe conhecer um pouco mais de perto essa attrahente e singular figura de hontem. Sim. Faz-se mistér, agora, quando soffremos de um modo geral a bancarrota dos caracteres, o conhecimento de homens da estatura do cel. José Vieira de Resende e Silva.

Provinndo dos campos de Lagôa Dourada aqui aportou em 1842 uma estranha figura de homem. Sabedor da fertilidade de nossas terras, e talvez já aborrecendo a sua vida instavel e andeja, consumida durante alguns annos pelos sertões de Minas e Goyaz, na aquisição de gado, o major José Vieira da Silva Pinto, pae do cel. Vieira, rumou para Santa Rita do Meio Pataca, adquirindo aqui immensas propriedades territoriaes. Homem rico, senhor de grande leva de escravos e três mil alqueires de terra, o major José Vieira da Silva Pinto installou-se desde logo, como um antigo feudal, a duas e meia leguas do povoado, construindo ali a tradicional Fazenda da Gloria, hoje, em ruinas, na estação do mesmo nome, da Estrada de Ferro Leopoldina.

De elevada estatura, trazendo inteiramente rapalos a barba e o bigode, o olhar duro, affeito ao dominio e ao mando,—a esse verdadeiro typo varonil, a essa mascula e sorprendente figura de bandeirante audaz, que penetrou os nossos sertões abrindo picadas no seio verde e hostil da matta virgem, deve o rico e florescente municipio de Cataguazes o inicio da sua éra de louros e prosperidades.

Não foi, porém, tão sómente, o seu typo phisico, altamente dominador, ou a sua fortuna, a causa do illimitado prestigio exercido desde logo pelo major Vieira em toda a extensa zona da matta. Mais do que isso, o que o tornava esse invejavel conductor de homens era a rija tempera de seu character inquebrantavel, e, bem assim, a notavel agudeza da sua intelligencia, embora lhe não sobrasse a necessaria cultura para maiores realces desses seus attributos.

Aqui creou-se e cresceu a numerosa familia do major Vieira e com ella o pres-

tigioso poder de seu chefe, cognominado mais tarde o *Leão da Matta*.

\* \* \*

E de entre os seus filhos illustres, um, sobretudo, se destacou, herdando plenamente os dotes moraes de seu progenitor, mas crescendo-se-lhe ainda mais largos conhecimentos culturaes, e, talvez oriunda dessa mesma razão, maior affabilidade no trato e uma mais facil compreensão dos direitos de conquista no terreno social...

Era o Coronel José Vieira de Resende e Silva.

Considerada a sua filiação, e, bem assim, a integral herança dos attributos moraes de seu illustre ascendente, não poderia deixar de caber, porisso mesmo, ao cel. José Vieira de Resende e Silva o desempenho das mais altas funções na administração e na politica de sua terra.

E assim foi.

Aos 33 annos de idade ingressou na politica, militando nas fileiras do Partido Conservador. Eleito deputado provincial em 1861, em substituição ao barão de Ayuruoca, deu brilhante desempenho ao mandato, cabendo-lhe no biennio seguinte, com a sua reeleição, a secretaria da Mesa.

Dentro ou fóra da Assembléa teve sempre em mente, o cel. Vieira, a grandeza e a prosperidade de sua terra. Mais tarde, em 1875, taes e tantos fôram os seus esforços, o Governo da Provincia, com a promulgação da lei nº 2180 de 25 de Novembro, creou o Municipio de Cataguazes. Entretanto, sómente a 7 de Setembro de 1877 era solennemente installada a Villa. Com a presença de pessoas de alta representação, entre as quaes os eminentes brasileiros drs. Carlos Peixoto de Mello e Diogo de Vasconcellos, ficou, tambem, nesse mesmo dia, constituída a primeira Camara, da qual foi eleito presidente o Coronel José Vieira de Resende e Silva.

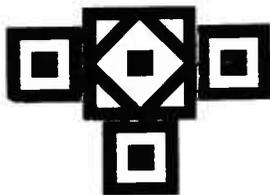
Como administrador, o cel. Vieira, primeiro presidente da Camara Municipal, completou a fundação, consolidando o terreno onde se construíram os solidos alicerces desse edificio maravilhoso, que é hoje o municipio de Cataguazes. Facil seria, depois de assentados os alicerces, o levantamento da obra,—cabendo, porisso mesmo, ao seu iniciador o melhor quinhão de glorias, pois que a elle se devem, na verdade, a estabilidade das bases, delineado ainda por estas o plano geral do monumento em perspectiva. Presidente da Camara em dois quadriennios successivos, ahí veio encontrá-lo a morte aos 12 de Setembro de 1881.

Comtudo Cataguazes venceu a sua caminhada esplendida. Teve, é certo, a sua *idade media*, conforme ficou patenteado na obra altamente meritoria de Arthur e Astolpho de Resende. Noite escura de duas decadas approximadamente, sob a direcção politica do sr. Astolpho Dutra Nicacio. Nada fez o eminente politico pelo desenvolvimento de sua terra, apparecendo apenas, em todo esse decurso,—diga-se a verdade sem resentimentos ou paixões—o que ficou do patriótico esforço de João Duarte Ferreira.

Actualmente encontra-se á frente do executivo municipal o dr. Antonio Lobo de Resende Filho. Moço culto e empreendedor, o dr. Lobo Filho vem remodelando a cidade, melhorando as condições geraes do municipio, que é hoje, sem favor, um dos mais florescentes do Estado.

De entre as homenagens prestadas pela Camara Mnnicipal, no dia 7 do corrente, ao cel. José Vieira de Resende e Silva, cumpre salientar a do levantamento de uma herma, que perpeturá a memoria do fundador do municipio,—feliz lembrança do sr. Luiz Soares dos Santos, redactor do nosso presado collega "Cataguazes"

A todas essas homenagens, embora tardiamente, *Verde* se associa—saudando os grandes vultos que enobreceram e ainda hoje enobrecem as nossas velhas tradições de gente culta e progressista.



## BLÓCO

Então aparéce o balisa  
Moleque sestroso vestido de rei  
De léque em punho  
Dansando faceiro  
Rodeiando o estandarte de seios agudos  
Depois a baiana batuta de chinélo e meia  
Com os braços nuszinhos da silva  
Sacudindo colares de 500 réis  
Girandóla os quadris esféricos  
Só prá pôr buscapés nos sentidos dagente  
E o Chico da Venda todo de principe  
Cabra sarado no samba  
Súrge num passo dengoso  
E um bando de mulatas caso-sério  
Numa geometria gostosa  
Vem vindo cantando  
Tocando tambôr

Filho da lira é o meu amô  
Branco encarnado é o vencedô

THEOBALDO DE MIRANDA SANTOS.

## NOCTURNO

A Henrique de Resende.

Noite de maio.  
Noite fina de gaze e de legenda.  
As arvores têm recortes macabros  
na téla escura da treva.

Anda no espaço um cheiro bom de angelica,  
um cheiro forte de cravos e glycineas.

E nessas noites de maio enquanto a gente réza baixinho,  
o silencio conta muita historia,  
muita coisa linda para adormecer...

E' quando a gente fecha os olhos.  
E' quando a gente sorri e fecha os olhos a sonhar ..

GUILHERMINO CESAR.

## PARADOXO

Quanta alegria veio trazer-me  
a tristeza da tua ausencia..

Longe de mim,  
longe dos outros  
que sempre julguei  
mais pertos do teu coração...

Tenho certeza que de longe  
longe estás do coração dos outros  
e perto do meu coração.

Alegria de seres esquecida...  
Alegria de pensar  
na tristeza da tua ausencia...

MARTINS MENDES.

## O ESTRANHO CASO DE MATIAS QUALQUER

Pequeno.  
Magro.  
Feio.  
Olhos grandes cinzentos.  
Boca rasgada.  
Dentes de rato.  
Nariz a la creoula.  
Cabello quasi castanho.  
Quasi russo.  
Cara chata.  
Um terno preto.  
Um chapéo preto.  
Uma gravata preta.  
Uns oculos sem gráo:  
MATIAS-QUALQUER

\* \* \*

Vae o tio major chefe politico arran-  
jou pro Matias com o compadre senador  
uma mamata em um ministerio qualquer.  
E lá se foi o Matias pra aquelle peda-  
ço de terra sem dono—o Rio de Janeiro.

Uma pensão.  
A viuva de quarenta annos com uma  
cara de bons amigos.  
E camarada.

Xixi.  
Quinze annos morenos de vestidos cur-  
tos pernas a mostra e olhar de convite.  
Uma carioca.  
Mãe viuva.  
Mamata no ministerio.  
O pae de Xixi mandára pro inferno  
meia duzia de ladrões de cavallo.  
Vae:  
Uma medalha de folha-de-Flandres.  
Honra ao merito.  
A viuva do bravo capitão Estacio No-  
ronha Machado Alves de Andrade vivia e  
mais a filha e mais um filho duma mamata  
que lhe deixára a valentia do marido.

Xixi tinha um irmão.  
O irmão de Xixi—secretario de qual-  
quer coisa.  
Com promessas de subir.  
Tranzição entre o moço do Rio e o  
cangaceiro do Ceará.  
Bam—Bam—Bam.

Matias achou que Xixi devia ser uma  
noite bem dormida acordada.

Olhou pra Xixi.  
Olhou mais.  
Xixi ficou danada da vida.

Coitado do Matias!  
Vae a gente ser feio!

Xixi.  
Xixi.  
Xixi.  
Coitado do Matias!

Xixi foi pra uma pensão da rua Ria-  
chuelo.  
Lá se foi seu Matias acompanhando.  
Xixi xingou elle.  
Chamou elle de feio.  
Bobo.  
Mineiro.

—Intervallo para o autor pensar no fim  
que ha de dar ao Matias có a Xixi etc.—

Xixi adoeceu.  
Um quinto annista de medicina ban-  
cou o medico.  
Veio o dr. lá da esquina.  
Não teve geito.  
Xixi morreu serenamente com a mes-  
ma calma com que divertia os namorados  
nos cantos escuros dos cinemas.  
Mudou de mundo como mudava de na-  
morado.

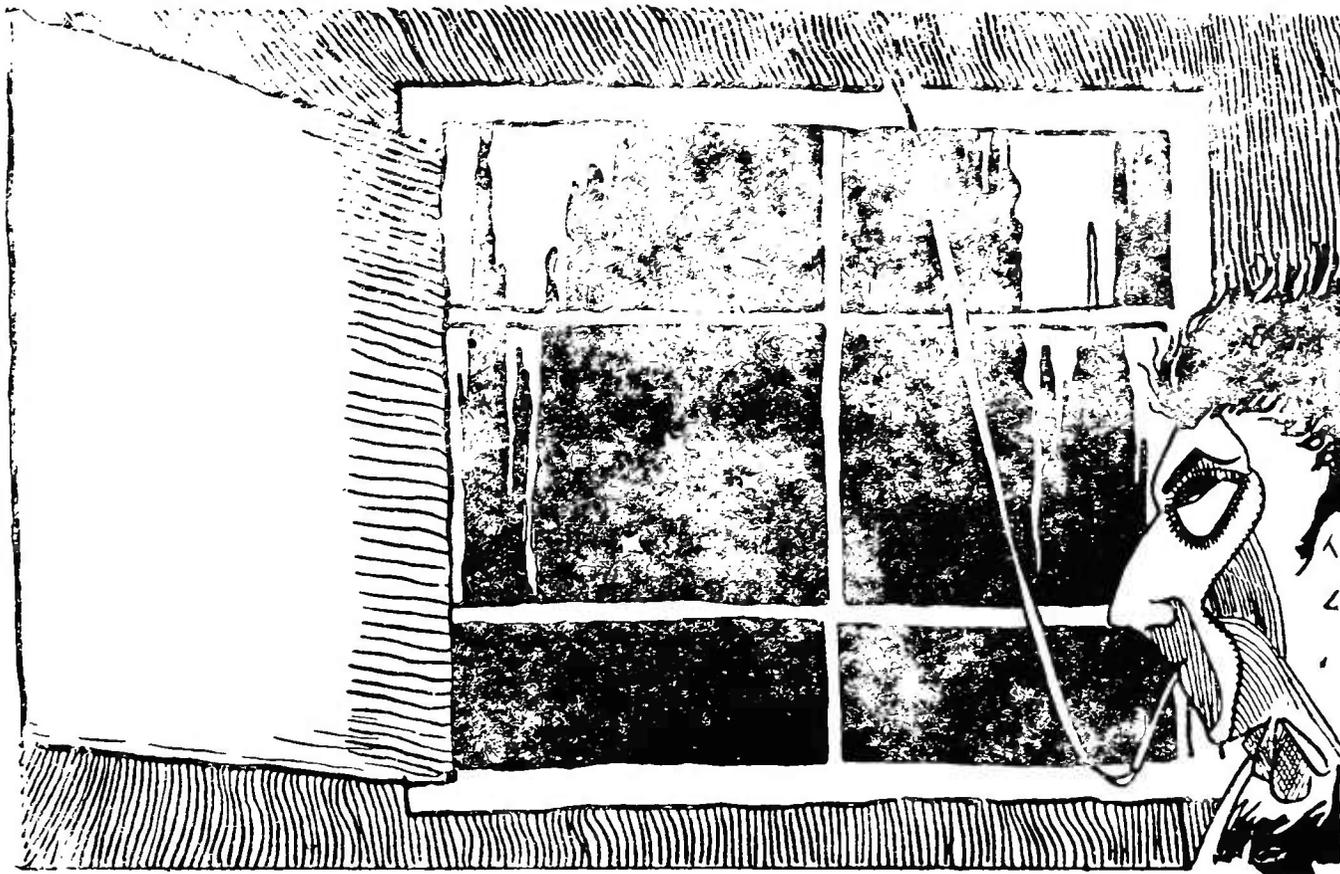
—Esse negocio da gente vigiar os  
mortos!  
—Eu é que não sou besta.  
Vou dormir.

Xixi ficou dormindo só-zinha lá na me-  
sa rodeada de velas e de seus pecados.

O irmão da Xixi veio duma farra e en-  
contra seu Matias numa cena de amor com  
o cadaver da Xixi.  
Tava armado.

E um fio de sangue sinuoso e delica-  
do manchava o collarinho delle como se ti-  
vesse a pretensão de escrever a historia de  
um Matias Qualquer.

CAMILLO SOARES.



## TERNURA

Para o João Martins de Oliveira.

No silencio do meu quarto vasio  
ha um momento irreparavel  
De lassidão.

A noite cáe sobre a tristeza das coisas,  
e eu sinto que ella cáe sobre mim tambem!

E eu a esperar, á esperar inutilmente...

Quando você morreu, mamãesinha, todos me diziam  
que eu não chorasse porque você viria todas as noites  
lá do outro—mundo  
acalantar o somno do seu filhinho.

E até hoje você não veio...

Será porque eu deixo sempre accessa a luz do meu quarto?

Olhe: vou apagal-a e irei depois ficar na janella  
para ver si vejo você chegar.

Mas os meus olhos não vêm nada...  
Elles estão cançados de chorar!  
Não encontrar na paisagem distante  
um motivo de alegria para os meus olhos.  
Sómente lá longe aquellas luzinhas veladas.  
—Serão luzes do quarto de um doente?

De repente  
uma apagou-se:  
é a Morte que faz ronda na solidão da noite.

FRANCISCO IGNACIO PEIXOTO.

FRANCISCO  
IGNACIO  
PEIXOTO.  
E/CREVEU.



RO/ARIO.  
FU/CO.  
DES  
ENHOU

## SAMBA

Gyram e regyram corpos pretos á luz das chamas...

Longe...

Vozes murmurejantes, vozes raseantes rondam a preta

Arriba—arriba—seri—ganguê!

O cabinda: bate—bate—bate

o caxambú redondo que estronda e regonga tonto.

O ventre impinando todo  
estica o umbigo um corpo  
—bumba!

Em volteios de serpente

rouco

louco

bole—bole—bole.

E se desconjunta,

e se desengonça,

e se desarticula..

Cajueiro—cajuá!

... na sombra da sanzala onde faúlhas são estrelas...

O caxambú redondo, estoando zabumba e rola

re—tum—ban—te...

(seri—ganguê)

longe, na sombra da sanzala...

ROBERTO THEODORO.

## PRELUDIOS

### DE HENRIQUE DE RESENDE

Para Abgar Renault

#### Um

Escreve pouco.  
Mas sempre tenha um ritmo de belleza o teu trabalho.

Olha:

Cáe um pingo de orvalho numa petala de rosa.  
E, no entretanto, um céu-de-inverno, inteiro, se reflecte  
nessa gôtta de orvalho...

#### Dois

Enguirlandas teus versos com as papoulas e as framboezas  
com que Samain corôara as suas illusões.

Poeta Americano!

Porque esquecer o verde-claro  
que ha nas fôlhas polidas dos inhames brabos,  
e a ardencia tropical dos tinhorões?

#### Três

Todo-mundo fala mal de você.  
Das mulheres que você tem, dos automoveis  
que você collecciona sem saber para que.

—Um perdulario, um sem-moral, um quase louco...

E eu fico pensando no desejo que todo-mundo tem  
de ser você..

## LITERATURA

SÃO FRANCISCO DE ASSIS E AS AVES.  
MARIO CASASANTA.

«Gazeta de Pouso Alegre» — 1926.

Não sei si o sr. Mario Casasanta seria capaz de seguir o exemplo daquelle torturado inglez D. H. Lavrence, que se foi metter entre os indios mexicanos para fugir á civilisação. A idéa é extravagante, mas não é absurda. O sr. Mario Casasanta achou a solução para o seu caso refugiando-se no interior de Minas. Fugindo tambem á civilisação? Acho pouco provavel essa hypothese. Não vejo de onde possa vir o motivo dessa repulsa dos temperamentos religiosos para com os meios intensos de civilisação. O proprio sr. D. H. Lavrence havia de chegar á conclusão de que isso de viver entre creaturas de um detestavel primitivismo é muito bom para os reporters e para os *inglezs*. Só.

Parece existir, mesmo, uma necessidade absoluta desse contacto do nosso espirito religioso com a humanidade em synthese, com a humanidade, viva, absurda e contradictoria, que é a humanidade das grandes urbs. Só ha vida interior, vida dymnica e necessaria, nesse vae-vem eterno de appellos e de repulsas entre o nosso espirito e a realidade. Nessa reacção e acceitação permanente, em que as camadas mais fundas do nosso ser constroem as bases humanas de sua estructura espiritual.

De onde nasceram as grandes e avasadoras correntes de reacção espiritual dos nossos dias—o espiritualismo catholico, e o revolucionario, spinozista desabusado, sinão desse contacto desesperado entre o tumulto e a febre, a ansia e as inconsequencias de uma civilisação extrema e o espirito doloroso e vigilante de uma élite do seculo?

Mas, falo aqui quanto a um certo espirito religioso o inquieto e especulativo. O que vive em acção. O que não se fixou ainda, nem ainda adormeceu, tranquillo e solido, sobre os dados puros com que o sentimento, em estado de imperativo cathogorico, abafa a nossa necessidade especulativa. Porque ha espirito religioso, e espirito religioso—Maritain e Claudel. Inquietação, tortura, duvida; e posse absoluta, serenidade. Um é caminho; o outro fim, repouso. Si no primeiro se resolve a tragedia de todos os grandes espiritos, no segundo se desenvolve aquella religiosidade evangelica, que a gente vae encontrar nos mysticos abandonados. Entre esses ultimos,—aquellas

creaturas que se localisaram entre um amoroso bucolismo e uma beatitude lyrica no isolamento.

Não será este ultimo o caso do sr. Mario Casasanta? Parece que sim. No autor dessa conferencia sobre aquelle que foi a maior figura do seculo XIII, não se verificam aquelles conflictos intimos entre razão e sentimento, conflictos que provocavam em Pascal, por exemplo, verdadeiros *estados* de relampagos em sua tragedia espiritual. O sr. Casasanta é um seguro espirito de religiosidade. Um seguro e suave espirito. Crê sem complicações e sem exigencias. E' um feliz, portanto. Nelle o espirito religioso é o proprio fundo de sua intelligencia. Com que graça amorosa e com que fundo sentimento de lyrismo a sua alma se desenvolve, atira-se e borboleteia em torno de seus *motivos*, a que elle empresta a doçura mansa de seu estylo!

Si a gente fosse procurar nas literaturas de todos os paizes um irmão mais velho do sr. Mario Casasanta, é bem possivel que o nome de Francis James se apresentasse logo ao nosso espirito critico. O Francis James do "Le denil des Primevères". E do "Les Géorgiques Chrétiennes". Um Francis James que houvesse voltado do convivio disciplinador, mas tambem asfixiante dos classicos. Porque o sr. M. Casasanta, que é senhor incontestavel de sua lingua, *soffre* um convivio longo com os velhos escriptores da lingua, convivio de onde elle trouxe uma riqueza luxuosa de recursos expressionaes, se bem que ainda não se tenha libertado bem dos peccados e prejuizos desse convivio.

Nós preferiamos ver menos ordem, menos syntaxe lusa na sua linguagem. Sentir, ali, em um estylo mais *nosso*, a sua força intellectual, a força de sua alma e de sua intelligencia brasileiras, palpitanes de vida e de verdade psychologica.

Si eu me occupo mais demoradamente e a proposito dessa conferencia do sr. Mario Casasanta, não é só pelo que ella me suggeriu ou me fez pensar. E' pelo que me faz pensar e me suggere a figura curiosa desse beneditino de Pouso Alegre, grande alma e grande intelligencia, de quem as letras patrias muito têm a esperar. Porque o sr. Mario Casasanta é uma expressão moral e intellectual com quem se deve contar.

EMILIO MOURA.

«VERDE»

ROSARIO FUSCO.

Rosario Fusco vae publicar 20 e 4 poemas modernos. Vae publicar o "VERDE" Livro bom, verdadeiramente bom. O poeta delicado do "VERDE", de uma sensibilidade extranha e fina, vae apparecer. Cataguazes ainda não o conhece intellectualmente. Sabe que o poeta é pobre. Nada mais sabe. Pobre! que pobre-rico o extraordinario poeta-verde!

Seus versos teem a caricia do vento leve, a tepidez do sol-poente, o colorido bizarro das flores-tropicaes, o sabor dos fructos maduros. São brasileiros da gemma, "*brasileiros de Minas Geraes*"

O "VERDE" não é verde — é amarello porque é todo pó-de-ouro, ouro que a batea da sensibilidade do poeta-garimpeiro tirou da terra das minas geraes.

Do "VERDE" este delicado poema:

## JANEIRO

Na transpiração abrazadora dos caminhos  
—onde as arvores são como gestos cançados, cançados,  
frutos caem amarellecidos de sol...

No velludo eriçado das cabelludas,  
no vermelho brunido dos joás,  
na adstringencia morena das mangueiras,  
e na eterna pallidez das goiabeiras,  
e na vibração dos frutos que balangam,  
dos frutos que balangam como missangas penduradas...

Ha em tudo um desejo que treme...  
Um desejo de agua que molhe as folhagens asperas,  
nas arvores rispidas...

—Os teus labios são frutos brabos  
amarellecidos de sol..

E ha uma longa promessa de beijos,  
uma longa promessa de beijos acidos  
em teu olhar..

(Quando virá a chuva que molhe, a chuva que satisfaça o desejo  
dos frutos que tombam das arvores rispidas?!)

—O meu beijo é como a chuva em que os teus labios vão molhar..

Este poema basta. Elle define bem o poeta que ainda é creança. 10 e 7 annos apenas. Já é muita cousa. Promette muito. Esperamos o "VERDE" que é cheio de

fructos maduros e saborosos. Fructos brasileiros.

MARTINS MENDES.

Cataguazes—Agosto—1927.

## SONIA

A noite caiu lenta e lenta  
como um enorme pano de bôca,  
fechando o palco do dia...

E o meu quarto ficou cheio da tristeza  
de tua ausencia.  
De tua longa ausencia  
que desenrolou na minha vida  
o silencio pesado dos homens lyricos...

(No meu quarto  
a lampada, ha pouco accesa  
e agora apagada,  
era a lagrima de oiro suspensa  
no vazio.)

O silencio é um beijo longo, molle, silencioso..

FONTE BOA.

## O POEMA DO MEU PRIMEIRO AMOR

Ha um sussurro vago dentro da tarde vaga.  
Um sussurro leve como um sonho  
e breve como a felicidade...

Ao longe  
vae se accendendo aos poucos a cidade..  
a cidade pequenina do meu sonho,  
do meu sonho de Poeta...

A cidade pequenina onde ella vive..

E esse sussurro vago  
Vem me trazer a lembrança della  
que ficou do outro lado do meu desejo...  
A lembrança della  
que vive no meu pensamento..

E eu nunca poderei esquecel-a  
porque se eu a esquecer  
eu terei um grande remorso...  
e eu não me quero afastar  
da felicidade...

Ao longe  
Vae se accendendo aos poucos a cidade...  
e ella está tão distante! tão distante!..

OSWALDO ABRITTA.

# NTOAS DE ARTE

## MUSICA E CINEMA

### THESOIRO PERDIDO

Quando o sr. Humberto Mauro abandonou tudo pra explorar a industria cinematographica,—todo o mundo rio do sr. Humberto Mauro. Agora quem póde rir de todo mundo é o sr. Humberto Mauro.

THESOIRO PERDIDO a segunda producção da PHEBO-FILM de Cataguazes é—sem exagero algum—uma pellicula maravilhosa.

O sr. Humberto Mauro demonstrou nessa fita que entende mesmo da difficil arte de filmar.

A photographia é boa. O enrêdo bom. A direcção magnifica!

Gostei formidavelmente!

Pena que os interiores sejam tão mal filmados. Os trucs são bons tambem. E onde o sr. Humberto Mauro salientou-se de facto profundo conhecedor desse negocio é na visualização. Esse trabalho tá perfeito! E não tem nada a desejar em comparação com o que vemos nos *films* americanos.

Não gostei—no film—da escolha dos tipos. Aquelle gajo de bigodinho, por exemplo. Em todo o film a gente toma uma raiva damnada do vilão. Nessa fita o negocio é differente: o sujeito tem uma cara tão bôba que a gente tem dó d'ele...

Bruno Mauro vae bem. Bem Nil revelou-se um artistazinho interessante.

O sr. Humberto com esse *film* cataguazense-brasileiro-mineiro retratou quasi fielmente as coisas de nossa terra. Já é actuar pela brasilidade! (coisa rarissima entre os brasileiros!) Aquella scena do sapo e das garruchinhas, por exemplo, tá boa pra burro! Aquelle negro tá gozadissimo! E outras coisas mais que só a gente assistindo a fita mesmo.

E' a primeira fita nacional! Fita genuinamente cataguazense-brasileira-mineira. O sr. Humberto Mauro tá de parabens!

\* \* \*

O Brasil é dos brasileiros. E todo o *fan* que acompanha com interesse o progresso da nossa ci-

nematographia deve assistir a este *film* onde o sr. Humberto Mauro revelou-se um *director* de peso! Talvez o melhor do Brasil!

### CONCERTO RENATO GAMA

O pianista mineiro sr. Renato Gama realizará brevemente no salão nobre do *Commercial Club* um recital interessantissimo (novidade pra essa terra atrazadissima em coisas de arte!) de musicas classicas escolhidas.

Assim é que ouviremos, dentre outras composições de autores consagrados—o CARNAVAL de Schumann—peça predilecta da phantastica pianista patriicia Senhora Guiomar Novaes.

Pena que o sr. Renato Gama, moderno e moço como êle é—não execute musicas brasileiras, tipicamente brasileiras, como—A JANGADA de Nepumuceno e a melodia sobre versos de Olegario Mariano—ZE' REIMUNDINHO,—de Jayme Ovalle,—compositor moderno queridissimo nos centros musicas do Rio de Janeiro,

Tah! uma coisa: este é o unico defeito do sr. Renato Gama!

Porque execução êle tem.

Expressão êle tem.

Tudo quanto é preciso pra um bom tocador de piano—êle tem! (Ah! descobri outro gravissimo defeito em Renato:—ser modesto...)

Esse negocio de Modestia já tá fóra de móda. E si o sr. Renato Gama continuar assim tá ruim...

Eu como admirador e amigo da sua arte luzsombra (perdoe o passadismo da imagem...) aconselho-o pra que largue esse negocio de banda.—Se não não vae.

\* \* \*

Olha aqui:

—no proximo numero o programa do concerto.

R. F.

# VERDE

Publicará no proximo numero trabalhos inéditos de: Carlos Drumond de Andrade, João Alphonsus, Lage Filho, Edmundo Lys, Theobaldo de Miranda Santos, Roberto Theodoro, Ascanio Lopes, Martins de Oliveira, Emilio Moura, Martins de Almeida, Pedro Nava, Sergio Milliet e outros :: :: tros nomes em evidencia na Moderna Literatura Brasileira. :: ::

## PIRAMIDAL !



Parece mentira mas é verdade  
que a JARDINEIRA vende de tudo e a  
preços sem competidores.

Ver para crêr !

**PEIXOTO, SILVEIRA & CIA.**

Rua Cel. João Duarte -- Cataguazes

**Agencia Chevrolet e Oakland**

**Mechanica e officina de concertos**

Gazolina, óleo e graxa. Pneumaticos, camaras de ar e outros artigos

**Carregam-se acumuladores**

SORTIMENTO COMPLETO DE PEÇAS PARA AUTO EM GERAL

**CIODARO & FILHO**

**Avenida Astolpho Dutra -- Phone, 95**

**CATAGUAZES -- MINAS**

# BANCO HYPOTHECARIO E AGRICOLA DO ESTADO DE MINAS GERAES

FUNDADO EM 1911

(FISCALIZADO PELO GOVERNO DO ESTADO DE MINAS)

Séde Central: BELLO HORIZONTE — Succursaes: RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO

**AGENCIAS:** Alfenas, Araguay, Aymorés, Barbacena, Campos, Cataguazes, Conquista, Curvello, Dolores de Indayá, Formiga, Guaxupé, Juiz de Fôra, Lavras, Manhuassú, Mar de Hespanha, Montes Claros, Oliveira, Palmyra, Passa Quatro, Passos, Ponte Nova, Porto Novo do Cunha, Pouso Alegre, Santa Luzia do Carangola, Santo Antonio do Jacutinga, Santos, São Paulo do Muriaé, São Sebastião de Paraiso, Ubá, Uberabinha, Varginha e Victoria.

Dispõe o BANCO HYPOTHECARIO E AGRICOLA DO ESTADO DE MINAS GERAES de uma completa e bem organizada rede de correspondentes, quer no paiz, quer no Extrangeiro, estando portanto, habilitado a attender com toda a presteza os seus clientes, mediante uma comissão modica.

**Paga Juros:** Em c/c LIMITADA — limite de rs. 20:000\$000 6 % ao anno, capitalizados de 6 em 6 mezes. Esta conta pode ser iniciada com rs. 20\$000 e começa a render juros de rs. 50\$000 para cima. Em c/c Movimento—sem limite— 3 % ao anno, capitalizados de 6 em 6 mezes.

### Deposito a prazo ou letras a prazo

Em 3 mezes 6 % ao anno; em 6 mezes 7 % ao anno; em 12 mezes ou mais 8 % ao anno.

(Estes depositos só são acceitos de reis 100\$000 para cima.)

O Banco não cobra Cadernetus, nem os sellos de depositos. — Faz todas as operações bancarias.

Para melhores informações, que serão prestadas com o maior prazer e devida attenção,

dirigir-se a agencia desta cidade, á

**Praça Ruy Barbosa — Edifício da Cia. Força e Luz**

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: — MINASBANK — CODIGO MASCOTTE E RIBEIRO

**CATAGUAZES -- MINAS**

# SALGADO & COMP.

A HONROSA CARTA DO «INSTITUTO TECHNICO INDUSTRIAL»

Rio de Janeiro, 13 / 8 / 1927.

Illmos. Srs. Salgado & Cia.

Saudações.

Sem resposta ao nosso officio proclamatorio remetido em Maio de 1927, tomamos a liberdade de voltar ao assumpto, para saber si auctorisae a remessa do «GRANDE DIPLOMA DE HONRA DE PRIMEIRA CLASSE E A MEDALHA DE OURO DO MERITO», com que foi vossa firma premiada, por este Instituto, ante o brillantismo com que vos houvestes na EXPOSIÇÃO DE AGRICULTURA, INDUSTRIA E COMMERCIO DE BELLO HORIZONTE.

Vossos mostruarios deixaram entrever a excellencia da elaboração dos productos nelle contidos. RESULTANTE DO RIGOROSO CRITERIO TECHNICO QUE A DIRECÇÃO DE VOSSO ESTABELECIMENTO MANTEM.

No Patrimonio industrial de nossa Patria, vossa empreza acha-se em posição destacada, e, por tal merece todo o apoio das classes consumidoras.

Alem da homenagem acima referida, este Instituto houve por bem : —acclamar vossa firma MEMBRO TITULAR deste Instituto, (vide art. 8 de nossos Estatutos) ante os serviços extraordinarios que tendes prestado ao progresso fabril brasileiro.

Aguardamos vossa resposta para a sequente remessa dos laureis, bastando para tal o retorno do BOLETIM DE ADHESÃO PREENCHIDO.

INSTITUTO TECHNICO INDUSTRIAL

Eng. Julio A Barboza

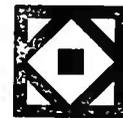
Director Secretario

# Casa Fenelon

(FUNDADA EM 1910)

## AGENCIA GERAL DE LOTERIAS

Jornaes, Revistas, Figurinos e Musicas



## VITROLAS E DISCOS

Sempre novidades -- Preços baratissimos

FORNECEM-SE CATALOGOS MENSAES

## FENELON BARBOSA

CATAGUAZES - ESTADO DE MINAS

TELEPHONE, 181

: : DIRECTOR : :

HENRIQUE DE RESENDE

.....

: REDACTORES :

MARTINS MENDES

: : : : E : : : :

ROSARIO FUSCO

# VERDE

REVISTA MENSAL  
DE ARTE E  
CULTURA

NUMERO . 2

ANNO . . . 1

.....

:: : REDACÇÃO :: :

:: : : E : : : :

ADMINISTRAÇÃO

RUA CEL. VIEIRA, 53

CATAGUAZES - MINAS

## NESTE NUMERO DA "VERDE":

ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO	O AVENTUREIRO ULISSES
MARIO DE ANDRADE	RONDÓ DO BRIGADEIRO
A. C. COUTO DE BARROS	A PROPOSITO DO BRÁS, BEXIGA E BARRA FUNDA
SERGIO MILLIET	ELEGIA
ASCANIO LOPES	A HORA PRESENTE
HENRIQUE DE RESENDE	O CANTO DA TERRA VERDE
RIBEIRO COUTO	DELICIA DA CONFUSÃO
OSWALDO ABRITTA	JARDIM
ABGAR RENAULT	FELICIDADE
ROSARIO FUSCO	POEMAS CODAQUE
CAMILLO SOARES	PEDROMALAZARTE
ROBERTO THEODORO	POEMAS DE BELLO-HORIZONTE
MARTINS DE OLIVEIRA	MELANCOLIA
EMILIO MOURA	SERENIDADE NO BAIRRO POBRE
FRANCISCO IGNACIO PEIXOTO	BERCEUSE
MARTINS MENDES	INSOMNIA

**NOTAS POR:** YAN DE ALMEIDA PRADO, HENRIQUE DE RESENDE,  
CAMILLO SOARES, EDMUNDO LYS E ROSARIO FUSCO.

NUMERO — 1\$000

ASSIGNATURA — 11\$000

# FABRICA DE MACARRÃO

**MASSAS ALIMENTICIAS**

**: : E : :**

**REFINAÇÃO DE ASSUCAR**

## SALGADO & C.

Premiada na grande Exposição Internacional do Centenario de 1922 e com Medalha de Ouro pelo Instituto Agricola Brasileiro.

### Massa refinada de puro trigo escolhido

Esta massa sendo fabricada com semolina de superior qualidade, constitue um alimento são e nutritivo, possui um gosto agradável e apresenta tal augmento ao consinhar-se, que se póde usar um terço menos das de outras semelhantes.

Premiada com medaha de ouro na  
Exposição de Bello Horizonte em 1927

Recommenda-se aos Srs. consumidores a preferencia sobre as outras massas  
:: :: não só pela confecção como pelo systema de acondicionamento :: ::  
N. B. — Para a conservação da massa é necessario guardal-a em lugar enxuto:



CAIXA DO CORREIO, 6 -- E. F. L.

**CATAGUAZES - E. MINAS**

# João Duarte Ferreira & Cia.

CATAGUAZES -- MINAS GERAES -- TELEPHONE, 10

## BANCO DE CATAGUAZES

Descontos — Cobranças e outras operações

Remessa de numerario para o Rio — isenta de despesas

### Tabella de depositos

C/C AVISO PREVIO	6 % AO ANNO
C/C MOVIMENTO (retiradas livres)	4 % AO ANNO

#### Depositos a praso fixo

EM 3 MEZES	6 % AO ANNO
EM 6 MEZES	7 % AO ANNO
EM 12 MEZES	8 % AO ANNO

Fornece cadernetas e talão de cheques—Não cobra sellos de depositos

O cheque proporciona um meio de pagamento seguro, facil e intelligente

### SECÇÃO INDUSTRIAL

Grande deposito de madeiras de todas as qualidades. Esquadrias e quaesquer outros trabalhos pelos menores preços. Grande e bem aparelhada officina mechanica e de fundição. Deposito de ferragens, fogões e artigos de electricidade: motores electricos de 3 a 25 H. P., ferros de engommar, aparelhos para aquecer agua, café, chá, etc. Grande deposito de correias de sóla e bor-  
 :: :: :: :: racha, para machinas, de 1/2 a 20 :: :: :: ::

Unicos representantes nesta zona da

Cia. Brasileira de Electricidade Siemens Schuckert S. A. e  
**UNITED STATES RUBBER EXPORT COMPANY**

### Secção de Café

Perfeito beneficiamento deste artigo por meio das machinas mais modernas.

COMPRAM QUALQUER QUANTIDADE POR PREÇOS VANTAJOSOS

### Grande Usina Assucareira em Ubá

VENDEM QUALQUER QUANTIDADE DE ASSUCAR DA MELHOR QUALIDADE

**Produção em 10 horas — 120 saccos**

**POLAR** o elegante sapato para Homem

**VICTOR** A MAIS LINDA VICTROLA

**VELOX** o delicado sapato para Senhoras

**RADIO** A SEDA MAIS MODERNA

**L'HEURE BLEU** O PERFUME DA MODA

PODEM SER ENCONTRADOS

NA CASA

**Henriques Felippe & C.**

**PHARMACIA POPULAR**

Aviam-se receitas a qualquer hora, com promptidão, zelo e modicidade em preços

Neste estabelecimento encontra-se  
variado sortimento de Drogas e Productos Pharmaceuticos

**J. V. de Souza & C.**

Cataguazes — Praça Ruy Barbosa — Tel. n. 12 — Estado de Minas

**CASA DAS MEIAS**

**MIGUEL JORGE NUNES**

VENDAS POR ATACADO E A VAREJO

Grande deposito de meias dos melhores fabricantes nacionaes e estrangeiros

**Cataguazes -- E. F. L. -- Minas**

E' apreciador da farinha de milho ?

:: :: Procure a :: ::

**"Farinha Araujo"**

**Que é a melhor**

Não contém azêdo e é feita com todo asseio

**OFFICINA XAVIER**

:: :: DE :: ::

**Adeodato de Souza Xavier**

Concertam-se automoveis, motocicletes, bicycle-  
tas, victrolas, gramophones, machinas de escrever, de costura, armas, etc.

TRABALHOS PERFEITOS E GARANTIDOS

**Cataguazes — Rua Cel. Vieira, 73 — Minas**

# A' BRASILEIRA

Esta casa tem tudo o que V S. precisar  
e os seus preços não têm competidores.



Rua Cel. João Duarte Ferreira, 16 a 22

**PHONES** } 55 BALÇÃO  
55-A TYPOGRAPHIA

**CATAGUAZES -- E. DE MINAS**



## MANTEIGA DE

SEMPRE NOVA E GELADA

**P**ARA serem bem servidos neste genero exijam as  
caixas da LEITERIA evitando assim pagarem o colossal  
peso das latinhas, que levam menos 30 grammas.



**Entrega-se a domicilio**

**PHONE, 122**

**Cataguazes — Estado de Minas**

**NOTA — A LEITERIA DÁ COPOS DE CRISTAL AOS FRE-  
GUEZES DE SORVETE, A TITULO DE RECLAME.**

## LITERATURA DE BRINQUEDO

*Verde* constituiu um delicioso escandalo na sua cidadezinha—de—interior. E não era para menos. Ninguém esperava que a anunciada revista surgisse como surgiu. Que! Revista sem photographias dos politicos da terra. Sem instantaneos das melindrosas, á saída da missa, ou melancolicamente espalhadas pelos jardins da urbs. Sem uma vista siquer do Novo Hospital. Sem isto. Sem aquillo. Qual revista qual coisa nenhuma! Um mero folheto com sonetos futuristas, como o do sr. Carlos Drummond de Andrade, que não passa de um ridiculo plagio do Regulamento Interno da Inspectoria de Vehiculos.

E a *Viagem Sentimental* do sr. Edmundo Lys? Uma bambochata, com mistura de canivetes, Codigo Civil, tenentes e laranjas. Depois o sr. Martins de Oliveira, com uns negocios complicados de palhaço de circo,— tudo sem rima e de pé quebrado.

E o sr. Theobaldo! Cruz credo! Um verdadeiro escandalo é que é. Todos malucos. Todos com macaquinhos no sóto. E' o sr. Fusco fingindo que não sabe graphar direito. O sr. Camillo com um Xixi incompreensivel. O sr. Peixoto, o sr. Ascanio. Etc. Etc. Uma bôa côrja com tendencias para o 70 Sul.

E triumphantemente o respeitavel publico se delicia: ora, os futuristas...

Outros leitores, um pouco mais condescendentes, limitam-se a dizer que o sr. Henrique de Resende vem fazendo blague. Nada mais. Não é crível que um moço casado, pae de um pimpolhinho de seis mezes, autor de um livro passadista, perfeitamente equilibrado, com bonita epigraphe latina, se associasse aos srs. Rosario Fusco e Martins Mendes para a realização de semelhante absurdo literario.

E a cidadezinha *culta e progressista*—como o são, no geral, as cidadellas do interior, segundo os seus hebdomadarios,—enrubeceu todinha com a publicação de *Verde*.

Mas depois vieram as noticias dos grandes jornaes do paiz. *Verde* recebida com altas honorarias. Outros nomes, que ha muito si impuzeram no mundo das letras, offerecem hoje a *Verde* o labor da sua penna. Todos se admiram, boquiabertos. Ha um natural embaraço. O commentario affrouxa. Por vezes se modifica.

Já somos nós agora que sorrimos.

E que fazer? Não será este ainda o nosso publico. A mordacidade, resultante, no caso, de um principio rotineiro e bolorento, passará. Virá o silencio condescendente. Mas o applauso ainda não. Talvez mesmo nunca.

E' que nós não precisamos apenas de Theatro de Brinquedo. Necessitamos tambem de Literatura de Brinquedo. Literatura infantil. Sim. Urge começar tudo de novo. Ao publico incumbe esquecer o que já aprendeu. Esquecer sobretudo os classicos, esses cacetissimos senhores de antanho, e toda a sua verbosa descendencia, até chegar mais ou menos ahi pela altura dos srs. Alberto de Oliveira e Coelho Netto. E recomeçar a aprender. Mas recomeçar pela Literatura de Brinquedo. Desta é que nascerão os primeiros escriptores do Brasil, como do Theatro de Brinquedo ha-de nascer um dia o primeiro autor do mundo contemporaneo, na phrase do sr. Renato Vianna.

E porque?

O sr. Renato explica: "Da tradição é que não poderemos esperar mais nada, absolutamente nada mais."

Ora, já que é assim, é enveredarmo-nos por outros atalhos.

Mas para tal é mister que se aprenda a esquecer a tradição e a amar um pouco mais a renovação das coisas.

E' o que tentamos. E se isso não se dér o publico continuará a ter esta mesma pena de nós e nós continuaremos a ter esta mesma immensa piedade pela ignorancia do publico.

## O AVENTUREIRO ULISSES

Ainda tinha duzentos réis. E como eram sua única fortuna meteu a mão no bolso e segurou a moeda. Ficou com ela na mão fechada.

Nesse instante estava na avenida Celso Garcia. E sentia no peito todo o frio da manhã.

Duzentão. Quer dizer: dois sorvetes de casquinha. Pouco.

Ah! muito sofre quem padece. Muito sofre quem padece? E' uma canção de Sorocaba. Não. Não é. Então o que é? Mui-to so-fre quem pa-de-ce. Alguém dizia isso sempre. Etelvina? Seu Cosme? Um dos dois. Com certeza Etelvina que vivia amando toda a gente. Até êle. Sujeitinha impossível. Só vendo o geito de olhar dela.

Bobagens. O melhor é ir andando.

Foi.

Pé no chão é bom na roça. Na cidade é uma porcaria. Toda a gente estranha. E' verdade. Agora é que êle reparava direito: ninguém andava descalço. Sentiu um mal estar horrível. As mãos a gente ainda esconde nos bolsos. Mas os pés? Causa horrorosa. Desafogou a cintura. Puxou as calças para baixo. Encolheu os artelhos. Deu dez passos assim. Pipocas. Não dava geito mesmo. Pipocas. A gente da cidade que vá bugiar no inferno. Ajustou a cintura. Levantou as calças acima dos tornozelos. Acintosamente. E muito vermelho foi jogando os pés na calçada. Andando duro. Como se estivesse calçado.

—ESTADO! COME'RCIO! A FOLHA!

Sem querer procurou o vendedor. Olhou de um lado. Olhou de outro.

—FANFULLA! A FOLHA!

Virou-se para trás.

—ESTADO! COME'RCIO!

Olhou para cima Olhou longe. Olhou perto.

Diacho. Parece impossível.

—S. PAULO-JORNAL!

Quási derrubou o homem na esquina. O italiano perguntou logo:

—Qual é?

Atrapalhou-se todo:

—Eu não sei não senhor.

—Estão leva O ESTADO!

Pegou o jornal. Ficou com êle na mão feito bobo.

—Duzentos réis!

Quási chorou. O homem arrancou-lhe a moeda dos dedos que tremiam. E êle continuou a andar. Com o jornal debaixo do braço. Mas sua vontade era voltar, chamar o homem, devolver o jornal, readquirir o duzentão. Mas não podia. Porque não podia? Não sabia. Continuou andando. Mas sua vontade era voltar. Mas não podia. Não podia. Não podia. Continuou andando.

Que remédio senão se conformar? Não tomava o sorvete. Dois sorvetes. Dois. Mas tinha O ESTADO. O ESTADO DE S. PAULO. Pois é. O jornal ficava com êle. Mas para quê, meu Deus? Enguliu um soluço e sentiu vergonha.

Nesse instante já estava em frente do Instituto Disciplinar.

Abaixou-se. Catou uma pedra. Pá! Na árvore. Bem no meio do tronco. Catou outra. Pá! No cachorro. Bem no meio da barriga. Direcção assim nem a do cabo Zulmiro. Ficou muito, mas muito satisfeito consigo mesmo. Cabra bom. E isso não era nada. Há dois anos na Fazenda Sinhá Moça depois de cinco pedradas certas o doutor delegado (o que bebia) lhe dissera: Dêsse geito você poderá fazer bonito até no estrangeiro!

Eta topada. A gente vai assim pensando em cousas e nem repara onde mete o pé. E' topada na certa. Eh! Eh! Topada certa também. Puxa. Tudo certo.

Agora não é nada mau descansar aqui á sombra do muro.

O automóvel passou com poeira atrás. Diabo. Pegou num pauzinho e dezenhou um quadrado no chão vermelho. Depois escreveu dentro do quadrado em diagonal: SAUDADE-1927. Desmanchou tudo com o pé. Traçou um círculo. Dentro do círculo outro menor. Mais outro. Outro. Ainda outro bem pequetito. Ainda outro: um pontinho só. Não achou mais geito. Ficou pensando, pensando, pensando. Com a ponta do cavaco furando o pontinho. Deu um risco nervoso cortando os círculos e escreveu fora deles sem levantar a ponta: FIM. Só que escreveu com n. E afundou numa tristeza sem conta.

Cinco minutos banzados.

E abriu o jornal. Pulou de coluna em coluna. Até os olhos da Teda Bara nos anúncios de cinema. Boniteza de olhos. Com o fura-bolos rasgou a bôca, rasgou a testa. Ficaram só os olhos. Deu um sôco: não ficou nada. Jogou o jornal. Ergueu-o novamente. Abriu na quarta página. E leu logo de cara: *ULISSES SERAPIÃO RODRIGUES—No dia 13 do corrente desapareceu do Sítio Capivara, município de Sorocaba, um rapás de nome Ulisses Serapião Rodrigues tomando rumo ignorado. Tem 22 anos, é baixo, moreno carregado e magro. Pode ser reconhecido facilmente por uma cicatriz que tem no queixo em forma de estrela. Na ocasião de seu desaparecimento estava descalço, sem colarinho e vestia um terno de brim azul-pavão. Quem souber de seu paradeiro queira ter a bondade de escrever para a Caixa Postal 00 naquela cidade que será bem gratificado*

Cousas assim a gente lê duas vezes. Leu. Depois arrancou a notícia do jornal. E foi picando, picando, picando até não poder mais. O vento correu com os pedacinhos.

Então êle levou a mão ao queixo. Esfregou. Esfregou bastante. Levantou-se. Foi andando devagarinho. Viu um sujeito a cincoenta metros. Começou a tremer. O sujeito veio vindo. Sempre na sua direcção. Quiz assobiar. Não pôde. Nunca se viu ninguém assobiar de mão no queixo. O sujeito estava pertinho já. Pensou: Quando êle for se chegando eu cuspo de lado e pronto. Começou a preparar a saliva. Mas cuspir é ofensa. Engoliu a saliva. O sujeito passou com o dedo no nariz. Arre. Tirou a mão do queixo. Endireitou o corpo. Apressou o passo. Foi ficando mais calmo. Até corajoso.

Parou bem juntinho dos operários da Ligth.

O mulato segurava no pedaço de ferro. O português descia o malho: pan! pan! pan! E o ferro ia afundando no dormente. Nem o mulato nem o português levantaram os olhos. Ele ficou ali guardando as pancadas nos ouvidos.

O mulato cuspiu o cigarro e começou:

*Mulher, a Penha está aí,*

*Eu lá não posso ..*

Que é que deu nêle de repente?

—Seu moço! Seu moço!

A canção parou.

—Faz favor de dizer onde é que fica a Penha?

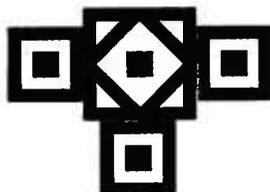
O mulato ergueu a mão:

—Siga os trilhos do bonde!

Então êle deu um puxão nos músculos. E seguiu firme com os olhos bem abertos e mão no peito apertando os bentinhos.

—S. Paulo, agosto de 927—

ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO.



## FELICIDADE

A HENRIQUE DE RESENDE.

Felicidade — o titulo tão comprido deste poema tão  
pequeno!

Felicidade — substantivo commum, feminino, singular,  
polysyllabico.

Tão polysyllabico. Tão singular. Tão feminino. E  
tão pouco commum.

Substantivo complicado, metaphysico,  
que cabe todinho  
na bondade simples de alguem que eu sei  
e no sorriso sem dentes de meu filho.

1927.

ABGAR RENAULT.

## **RONDÓ DO BRIGADEIRO**

(dos Poemas de Campos do Jordão)

O brigadeiro Jordão  
Possuiu êstes latifúndios  
Dos quais o metro quadrado  
Vale hoje uns nove mil reis...  
Puxa! que homem felizardo  
O brigadeiro Jordão...  
Tinha casa tinha pão  
Roupa lavada e engomada  
E terras... Qual terras! Mundos  
De pastos e pinheirais!...  
Que troças em perspectiva...  
Nem pensava em serrarias  
Nem fundava sanatórios  
Nem gado apascentaria!  
Vendia tudo por oito  
E com a bolada no bolso  
Ia no largo do Arouche  
Comprar aquelas pequenas  
Que moram numa pensão...

Mas não são minhas as terras  
Do brigadeiro Jordão..

MARIO DE ANDRADE

## A PROPOSITO DO “BRÁS, BEXIGA E BARRA FUNDA”

S. Paulo, 22 de março de 1927.

Alcântara:

Li seu livro com immenso prazer. De uma só vez. Um homem está num plano inclinado e, num dado momento, quer deter-se. Não pode. E escorrega até o fim. Seu livro igual ao plano inclinado.

Domingo, em casa de Paulo Prado, eu dizia para os da roda que só quem conhece S. Paulo podia compreender integralmente *Brás, Bexiga e Barra Funda*. Nesse sentido, era uma obra regionalista. Houve protestos.— Não, disse Mario de Andrade.— Não, disse Paulo Prado. Chegou-se mesmo a afirmar que era preciso acabar com essa “historia de regionalismo” Si os animos estivessem um pouco mais exaltados e Mr. Bacharach entrasse na discussão, acabava-se concluindo que o regionalismo não existe.

Não era possível demonstrar a minha these. Por mais bem educados que sejam os interlocutores, ha sempre tanto barulho e tanta cousa alheia em volta de uma discussão, que ninguém pode distinguir o ponto essencial, que está no meio, como ninguém vê o poste de parada, quando a multidão se acotovela em volta. Entretanto, o poste está lá, visível: é só levantar a vista para o céu...

Mas, alli, naquella terraço em que estávamos reunidos, uma for.niga no corrimão da escada; o suicidio de uma nuvem no céu; a côr do licor; o mercurio do thermometro; a frase latina na parede; um pouco de estatueta e aquella enorme figa preta, que parece um punho de boxeur ameaçador contra o azar, tudo atrapalhava, tudo desviava, tudo perturbava o pensamento. Mas, agora, a você eu faço questão.

Um livro mathematicamente falando é um X. Para o autor, X tem um valor definido, digamos 100. Só o autor sabe intimamente o livro. Dentro das suas paginas, tudo

tem uma significação especial, um valor proprio. E’ um todo. Para o leitor é differente. Para o leitor, raramente acontece coincidir o valor que elle dá com o valor 100 presupposto. Ou não chega a 100, ou ultrapassa. E tanto num, como noutro caso, o livro *perde*. Anatole France disse que um dia se surpreendeu descobrindo profundidades que nunca existiram não sei mais em que autor grego. Estava “ultrapassando...”

Essa cousa pode acontecer mesmo nos livros descriptivos. Todo o mundo “comprende” uma descripção do Japão, sem nunca ter ido lá, lendo Loti, Lafcadio Hearn ou Horacio Scrosoppi. Entretanto, essa descripção tem muito mais interesse para aquelle que viu. Mas, mesmo para “aquelle que viu”, o livro já é differente, em relação á idea que delle faz o proprio autor. Sim, porque foi debaixo de certo estado psychico, sob certa pressão emocional que o actor presenciou certas scenas, annotou certos aspectos, fixou certos typos. E é impossivel transplantar para o espirito do leitor esse ambiente psychologico, que é por assim dizer uma invenção do autor, propriedade sua e que só elle pode usufruir. Sob este ponto de vista, todo livro é hermetico. O regionalismo é uma especie de hermetismo. Hermetismo objectivo.

Você conhece o caso domestico da receita de doce. A receita está alli escripta, direitinha, não falta nada. Mas vá alguém tentar fazer! Doce é magica. Precisa geito. Lêr, o mesmo. As palavras estão alli, o sentido gramatical tambem. Mas que dê o outro sentido, o sentido que “vale”?

Em arte, a questão não está tanto em comprehender, mas em reconhecer. A função do reconhecimento é tão importante que, exagerada, deu naquella theoria de

“imitação da natureza”. William Blake protestou energicamente: “a man puts a model before him and he paints it so neat as to make it a deception. Now I ask any man of sense is that art?”

Todos gostam de reconhecer, porque reconhecer é viver de novo, é bisar a vida, é tornar reversível o tempo linha recta de Bergson.

Eu citei o exemplo da receita de doce. Vou citar o do mappa. Mappa, criança comprehende. Mas um mappa da cidade de S. Paulo para quem reside aqui tem outra significação. Além do simples valor utilitário, topographico, o mappa torna-se uma cousa rica, cresce por alluvião de ideas e sentimentos. Esparrama-se. Innunda, principalmente si o paulista está fora no estrangeiro. Tem a Estação da Luz, tem a rua onde elle mora, tem a casa da namorada.

Eu podia em vez de mappa falar em retrato, falar em bandeira, falar em tudo que implique reconhecimento e produza atropelo de representações mentaes. Mas você está farto de saber tudo isso. E' ou não é?

Estou dizendo todas essas cousas para mostrar que um livro só é comprehendido integralmente quando é “sentido”, e só pode ser sentido quando o leitor começa a refazer as experiencias vitaes que constituem a materia prima do livro, quer essas experiencias sejam objectivas (como na descrição), quer subjectivas (como num caso de amor, por exemplo).

As analyses de Sthendal ou de Proust só interessam quando a gente diz “é isso mesmo” ou “tal e qual” Ora, “isso mesmo” ou “tal e qual” que é senão o proprio “reconhecimento”?

Quanto ao *Brás, Bexiga e Parra Funda* (co-

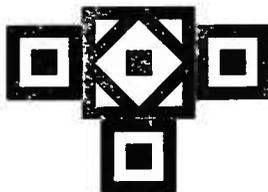
mo você gosta dos bês, seu Alcântara, desde o *Pathé-Baby!*), eu digo que aquelle que não conhece S. Paulo, como nós conhecemos, não pode gostar delle como nós gostamos. Um estranho estará muito longe daquelle valor 100 convencional. Seu livro exige, pelo menos nos contos mais caracteristicos, como *Gaetaninho, Carmela, Lisetta, O Monstro de Rodas* etc., uma bagagem de conhecimentos empiricos sobre o nosso meio, usos e costumes para poder ser apreciado. Quem não tiver essa bagagem não passa. Fica nos “humbrases” do livro. Poderá apreciar as *Notas biographicas do novo deputado*, mas nunca poderá penetrar o valor de um conto como os acima citados. E' que falta a esse leitor a “função do reconhecimento” Será para sempre um livro secco. Dry. Extra-dry, como você. Depois, ha muito dialogo no *Brás, Bexiga e Parra Funda*, o que agrava o seu hermetismo.

Si fizessem um concurso entre os escriptores nacionaes e propuzessem como thema os enredos dos seus contos, você ganharia o premio. Ganharia longe.

Agora, escute. Lembra-se do jogo do “diavolo”?

E' preciso saber imprimir uma certa velocidade ao carretel, para que elle, atirado ao ar, volte direitinho ao barbante que o equilibra. Sem essa velocidade, não vae. Ora, muitos livros não “vão” por falta dessa velocidade espiritual, por parte do leitor. Falta-lhe a experiencia objectiva ou subjectiva e, faltando isso, falta tudo. Você pode contar a mais bella historia de amor a um homem que nunca soffreu casos amorosos, e elle chamará você de bobo. Com toda a razão.

A. C. COUTO DE BARROS.



## POEMAS DE BELLO HORIZONTE

Pra Rosario Fusco.

### I

Coração de jardins.  
Flores em festa.  
— Poema.

### II

Calma azul.  
Desfile de magnolias.  
Mangueiras.  
Manacás.  
Frescura de folhagens.  
Sombras.  
— Romance.

### III

Crepusculo.  
Festa de côres.  
Fascinação.  
Cidade  
do ouro  
do verde  
do azul.  
— Ballada.

ROBERTO THEODORO.

## DELICIA DA CONFUSÃO

Ninguém disse ainda, a respeito do movimento vanguardista em nossa literatura, uma coisa mais saborosa que o sr. Annibal Machado: por enquanto, não sabemos ainda o que queremos—sabemos tão só o que não queremos.

Tão saborosa e tão verdadeira. Porque, apesar de ensaios, de polemicas, de livros, ainda não se definiram de modo inilludível as grandes linhas de um systema. Nem nunca se definirão talvez. A liberdade de meio expressivo e a definição da terra são duas características, ou talvez duas preocupações, porém não podem constituir uma esthetica. O symbolismo francez, no ultimo quartel do seculo XX, foi uma reacção do subjectivismo contra o objectivismo. Era portanto um movimento nitido na sua estrutura. Entre nós, isto a que todos chamamos (e realmente existe) poesia modernista, não se pode dizer que tenha uma tendencia para um polo ou para outro. Ha poetas modernistas de construcção objectiva, como os ha de construcção subjectiva. Sentimos que todos são modernos, apesar das oppostas attitudes interiores.

Essa tendencia para explicar, que faz a gloria dos caixeiros viajantes nos hoteis do interior, fica perplexa diante do problema. Em que consiste a modernidade?

A confusão mais salubre se estabeleceu. Emfim, basta que saibamos todos o que não queremos. O sr. Annibal Machado, por exemplo, é dos que sabem. Mas nem todos sabemos ...

Ao fim de sete ou oito annos de reacção combativa, estamos na situação do soldado em guerra: vai marchando porque o commando geral (força invisivel) manda marchar.

Para onde? Insisto: não tem importancia conhecer.

Façamos a campanha. E' delicioso caminhar. Escrevamos os nossos livros.

De tudo ficará alguma coisa. Essa alguma coisa ninguem é capaz de saber qual seja. Muito livro que hoje faz o nosso respeito pode desaparecer, residuo insignificante que a mão do tempo (critica Filtro Fiel) irá deixando sumir nas vallas communs do silencio.

Filhos de um seculo esportivo, sabemos bem que não é essencial ganhar o pareo, mas fortificar os musculos.

E gosamos com a confusão, uma confusão maior do que a outra, a terrivel, aquella que reina no estylo do senhor... (Aos maliciosos concluir.)

RIBEIRO COUTO.

# VERDE

publicará nos seus proximos numeros  
collaborações inéditas de: ALCANTARA MACHADO, CARLOS DRUMMOND, PRUDENTE, neto, ABGAR RENAULT, ASCANIO LOPES, ROBERTO THEODORO, MARIO DE ANDRADE, SERGIO MILLIET, YAN DE ALMEIDA PRADO, EDMUNDO LYS, MARTINS DE OLIVEIRA, PIMENTA VELOSO, GASTÃO DE ALMEIDA e outros.

## POEMAS CODAQUE

### Juiz de Fóra

Pro António de Alcântara Machado.

Manchester das minas gerais.  
O crepusculo escorrega violentamente  
e cai  
na paisagem de cartão-postal  
e nos olhos espantados do Christo-do-Môrro.

### Paisagem n. 2

Pro Carlos Drummond de Andrade.

Uma hora.  
O dia parou com o meu relógio.

Nem uma folha só planta ruidos.  
Nada.

E eu fico pensando na ingenuidade daquelle homem alto  
que falla muito rúco  
tosse  
tosse  
tosse  
e vive a vida átôa  
quentando sol o dia inteiro.

### Rio de Janeiro

Pro Roberto Theodoro

Os meus sentidos são um menino  
que veste um vestido novo.

972

ROSARIO FUSCO.

## A HORA PRESENTE

A palavra estrangeiro, na sua origem, significava o inimigo. E essa significação não se perdêra, estava latente em todos os espiritos. A grande guerra, despertando os sentimentos nativistas dos povos, acordando as forças que prendem o homem á sua terra e á sua gente, reviveu o velho sentido do vocabulo; creou uma athmosphera de revolta contra o estrangeiro, contra as instituições e costumes alheios; creou, enfim, um estado de rebellião permanente contra as outras nacionalidades. Mais, ainda: fez com que todos voltassem os olhos para sua terra e sua gente. Não para um idealismo romantico, porque o momento era de acção; não para um pessimismo doentio, porque o momento, que era de exaltação de cada nacionalidade, não o comportava. Mas, para um exame melhor das coisas, para a nacionalização das instituições, para a formação dum espirito nacional, para a criação, apuração ou consolidação de uma nacionalidade, isenta e fóra do circulo da influencia directa dos elementos estrangeiros. E nos paizes novos e de immigração, como o Brasil, onde o espirito e as coisas nacionaes não estão estabilizadas, passado o primeiro instante de choque com essa corrente de ideas de nacionalização, que foi de um combate violento, mais de barulho que de resultado, trata-se, na hora presente, de formar um espirito nacional, um criterio nacional, para a solução dos problemas nacionaes; luta-se pela formação da nacionalidade, pela conservação em estado de pureza ou pela criação dos elementos que são indispensaveis a ella; trata-se de absorver o estrangeiro, sem ser absorvido por elle.

Entre nós, para que exista de facto a nação brasileira, trata-se de formar o povo dentro da unidade de raça, para que seja possivel a coesão dos elementos dispersos na vastidão do territorio, quer encaminhando intelligentemente a immigração, quer estudando os nossos nucleos raciaes e as pre-

tuberancias que, como Canudos, assomam á pelle da nacionalidade. Porque uma nação só o é de facto, sem medo de separatismos e desuniões, quando ha uma affinidade profunda ou uma egualdade de raça entre os elementos que formam o povo; quando a lingua, os costumes, a literatura, o passado, o ideal futuro, prendem, enlaçam esses elementos para um destino commum.

Trata-se, pois, da unificação da raça; da unificação da lingua, já differenciada da portuguesa por uma força subconsciente, incorporando-se ao patrimonio della os legitimos modismos e palavras da generalidade do povo brasileiro; tenta-se a formação duma literatura propria, quer quanto ás fontes de inspiração, quer quanto á forma; trata-se da criação duma legislação brasileira, que proteja mais os nacionaes e melhor se accomode ao nosso meio e á nossa gente; procura-se entrelaçar as diversas unidades da federação pelas rodovias, que são outro tantos elos de união entre ellas; prende-se o interesse de um ao interesse de todos, para que todos se interessem pela conservação da collectividade.

Hora de analyse profunda das coisas a hora presente, em que a ansia de brasilidade invade todos os corações, preocupa todos os cerebros, porque todos que sentem e pensam compreenderam que o problema, longe de encerrar um mesquinho sentimento bairrista, é o problema mesmo da nossa existencia e duração, como povo e como nação.

Hora de inquietação, de estudo, de luta, de plasmação, em que a congerie dos problemas diversos é separada systematicamente e systematicamente estudada, sobre o fito de um ideal commum a abrasilização, a perduração do Brasil.

Hora momento—brasileiro, a mais bella da nossa gente; hora incerta, obscura, nebulosa, em que se trata da eternidade, no espaço e no tempo, de uma sociedade.

ASCANIO LOPES.

## ELEGIA

(Encontrada no Leão da Estrada,  
espetada na almofada.

Desde do instante que te vi  
fiquei loucamente apaixonada.  
Não me desprezes  
Amo-te és meu, ou serás?  
O numero de meu telephone é cid.  
3584, chamando pelo a Odette, que  
tanto te ama.

Uns beijinho  
Ao jovem dus bigodinho.

Copiada por SERGIO MILLIET.

## O CANTO DA TERRA VERDE

Léva de negros.

Fuzila o sol tinindo nas cacundas núas.

No ar o lampejo metalico das enxadas e das picaretas.

(A quando e quando  
estrala a dynamite, estrondando e rebom-  
bando no seio bruto  
da pedreira bruta.)

E as estradas de rodagem, a custo, lentamente,  
se entrelaçam,  
como um cordame de veias,  
no corpo adusto  
da terra inhospita.

HENRIQUE DE RESENDE.

## BERCEUSE

Ha uma caricia subtil  
no meu quarto...

A chuva indiscreta  
vae contando  
na melancolia ingenua de uma goteira  
a tristeza que ha lá fóra.

—Alegria de pensar que a vida é bôa!

FRANCISCO IGNACIO PEIXOTO.

## PEDROMALAZARTE

Para Ribeiro Couto

A minha professôra  
magra  
magrinha  
gostava muito de mim.

E eu era o pedromalazarte  
da classe.

Um dia na hora do recreio  
eu vi a minha professôra  
magra  
magrinha  
tossir  
tossir  
tossir  
e tingir o seu lencinho branco  
de vermelho.

Hoje Deus levou a minha professôra  
e eu sinto um remorso danado  
de ter sido  
o pedromalazarte da minha classe.

CAMILLO SOARES

## RICARDO PINTO E UM LIVRO

Ha na ironia canalha de Ricardo Pinto essa atrevida sinceridade que nos faz reconhecer os seus escritos, mesmo sem assinatura.

Tem uma personalidade definida, um modo muito seu, de espessar o seu profundo desprezo pelos industriaes pansudos da politicagem rasteira.

E' na vida como na literatura: um sincero. Hão de chamal-o de escandaloso, é certo, porem os seus livros são e hão de sempre ser lidos com interesse, porque falam livremente á alma desse povo tão moço e tão sem coragem de reprimir a miseria geral que os politiqueiros safados provocam.

A literatura desse moço não é a de um despeitado, de um fantoche.

Muito pelo contrario.

Ha nos seus livros esse traço que o caracteriza, definitivamente diferente dos outros, que fazem da pena o ganha-pão amargo de cada dia, mascarando as proprias opiniaõ, para regalo da gentinha miuda que já se acostumou aos bernardes e aos suicidios involuntarios dos *mergulhos nas calçadas*

Leio Ricardo Pinto como quem lê no campo invisivel de uma alma, a superioridade dos homens superiores.

Ricardo Pinto é um caso excepcional.

E me orgulho immensamente da amizade desse jovem escritor.

Hão de dizer que faço propaganda do meu amigo. Muito embora!

Conheci os livros de Ricardo Pinto antes de conhecer Ricardo Pinto.

Foi uma casualidade o nosso encontro.

Uma das pouquissimas boas casualidades na minha vida.

Eu fui sempre um revoltado, e encontrei em Ricardo este sentimento consolador, esse desprezo piedoso e ironico de um homem—parte—isolada—da—humanidade, uma excepção no redemoinho desenfreado da luta da vida.

Esse modo maravilhoso da sinceridade e ironia que o conteur admiravel põe nos seus escritos é a melhor recommendação para os seus livros.

Não faz essa satira pesada e enjôativa dos revoltados violentos, dos desilludidos lacrimosos.

Os seus contos agradam a todo o paladar.

A todos não!

Os paes—da—patria hão de ver nos seus livros o espelho para as suas figuras grotescas, ratazanas encasacadas, verdadeiras sanquesugas dessa caixa de maribondos que a raiva de Deus poz no caminho de um povo mais que mediocre.

\*\*\*

Mas... espera!

Ia me esquecendo do novo livro de Ricardo Pinto.

GENTE RUIM é um livro que deve ser lido.

A construcção psychica da nossa alma de caboclo e de mestiço achará nas suas paginas um verdadeiro poema de sinceridade.

E não ha negar: da sinceridade aleijada de que viemos, ficou nos esse gosto invencivel pela ironia, ironia tropical, ironia canalha, ironia de Ricardo Pinto.

Setembro de 1927.

CAMILLO SOARES

### A ESMERALDA

:: :: DE :: ::

## Aristobulo de Oliveira

é a ouviresaria e relojoaria *chic* por excellencia. Bijouterie, Relogios, brilhantes, artigos para presente, pulseiras, aneis, alianças, etc.

Esta casa é depositaria das afamadas canetas-tinteiros — ECLYPSE

RUA CORONEL JOÃO DUARTE

**CATAGUAZES == MINAS**

## MELANCOLIA

«—Bocca de forno!

—Forno!»

Ficou no fundo de minh'alma o sonho dos meus sonhos,  
uma coisa que a gente tem na vida como se fôra sombra..

«—Bocca de forno!

—Forno!»

Gritos, corridas, brincadeiras...

«—Tirae um bolo!

—Bolo!»

Chôros, brigas e luctas...

Jangadas pelo rio abaixo, e banho ás escondidas...

Tudo era alegria, era prazer.

Joanna, pobre velha, andava a rir um riso humilde,  
um riso de caricia,

e nos contava a historia do sacy cincoenta vezes..

E a meninada ria estrepitosamente...

Vinha o Maneco, o filho de Sá Rita, um caboclinho mal-  
creado e perigoso, e nos dizia:

—Vamos ao *Circo Americano*!

E' muito facil lá entrar,

porque não tem cercado em roda, e o panno é muito alto,  
e o *Pachola* um palhaço muito bom.

«—Bocca de forno!

—Forno!»

Folguedos, e fogueiras... Novenas, theatrinhos.

Curral do Judas...

Todas as tardes, pela rua Nova, e morro do Rosario, e o  
largo da Estação, ouviamos o grito altissimo  
de Osorio:

—Vamos brincar de guerra, agora!

Nós somos Japonêses e vocês são Russos...

Depois de muita lucta, vinham nossas mães a procurar-nos:

—São do sereno, gente!

«—Bocca de forno!

—Forno!»

Ficou no fundo de minh'alma o sonho dos meus sonhos,  
como o Vago indeciso da Distancia,  
como a illusão de quem perdeu na vida a propria vida...

MARTINS DE OLIVEIRA

Do livro *Patria Morena a sahir*.

## INSOMNIA

Noite de luz accesa no meu quarto...  
de espiraes do fumo do meu cigarro..  
Noite de cinza  
de luz accesa  
de inquietitude e de incerteza...

Noite perfumada  
pelas flôres mortas  
guardadas no fundo da gaveta  
de minha mēsa.

Noite de debuxo do teu perfil  
esguio e esbelto  
no meu cerebro de doente...

Noite da dansa original  
e espiritual  
da tua silhueta  
na espiral  
do fumo do meu cigarro.

Noite de leituras lidas:  
—as tuas cartas...  
os meus versos...  
(noite de luz accesa no meu quarto..

MARTINS MENDES.

## JARDIM

Monotonia estranha dentro da tarde.  
E o meu jardim?  
O meu jardim  
deixou de ser jardim  
para ser perfume...

OSWALDO ABRITTA.

## SERENIDADE NO BAIRRO POBRE

A tarde é ruído nas avenidas,  
a tarde é calma nos arrabaldes.

No céu de bronze as aves pairam.  
Depois, rápidas, num risco recto, ellas descem como  
areoplanos de briqueado,  
equilibram-se tremulas, tremulas,  
e de novo pairam no céu de bronze.

Infinita, a cidade vive...

Ha luzes florindo, correndo nas ruas,  
ha luzes paradas.

A noite é calma nos arrabaldes...

O silencio sobe da terra magoada,  
o silencio desce do céu luminoso,  
tão luminoso e tão alto que ninguem pensa nelle..

Pelos jardins de trepadeiras muito calmas,  
de eras e rosas,  
uma inutil melancolia  
planta um refugio desconsolado.

Infinita, vaga serenidade...

## LITERATURA

**Edmundo Lys a  
HENRIQUE DE RESENDE,  
O Poeta das emoções suavísimas**

Esse Henrique de Resende que sonhou, um dia isolar-se, como um príncipe de lenda, na «torre de marfim» da sua arte, fazendo versos com a piedade de um Fra Angelico, de joelhos diante da arte, como diante das illuminuras de um in fólio sagrado, a alma em transbordamentos mysticos, é, de facto, um poeta de valor.

O seu *modus* primitivo, um pouco de cada um dos symbolistas maiores, de Viéle-Griffin a Samain, caldeados na sensibilidade mágica de Alphonsus, esse que foi a primeira suggestão imperiosa na esthetica de Henrique—a sua maneira inicial, no entrecchoque das correntes, das tendencias e das fórmulas modernas, de arte, atenuou-se, perdeu os seus traços fundamentaes, modernizou-se, fez-se mais nova, de expressão, mais recente, de ritmo, na necessidade inevitavel de incluir-se no dogmatismo de Zgouridi, quando fala na «poesia galopante» da nossa época, consecuencia magnifica do NÃO HA TEMPO—que é a verdade maior da arte actual, revelada pelo estheta de *Le sable sur Vescahier*.

Qualquer de nós, lendo os versos de Henrique, vê logo esse caso seu, particular, do temperamento que se procura, da individualidade que ainda não encontrou a sua equação definitiva, que já se emancipou da «forma fixa» de Wundit, mas que ainda não está segura da sua potencialidade de expressão.

Si o symbolismo—algumas vezes levado a um mysticismo que não chega a lembrar Mallarmé—tivesse exprimido a tendencia exacta da sua poesia, Henrique teria falhado.

Felizmente, como todos os artistas que se iniciam, longe disso, esse symbolismo, accordando maravilhosamente com a sua delicadeza emocional, não foi, nunca, mais que um processo.

Em alguns dos seus poemas—a maioria, no seu livro de estréa—o traço fundamental é o symbolismo. Percebe-se, mesmo, neste caso, o quanto pesaram, na sua poesia, as impressões fortes e directas de Alphonsus de Guimarães.

Mas, mesmo nesse livro, já vemos outros poemas, onde a emancipação definitiva se delinea, auspiciosa. Nesses versos, já não ha symbolismo.

Consequindo esse facto, quer quanto á technica, quer quanto ao motivo, o poeta

manifestou-se mais livremente á nossa sympathia. Sentimo-lo mais proximo da nossa sensibilidade, ferindo, com mais segurança, a emoção experimentada, commovendo-nos com mais força, liberto do canon que Joubert inaugurou (1810), quando desejou «expressar os pensamentos por meio de signaes musicaes»—canon, aliás, muitas vezes, mais imperioso, mal grado a liberdade rithmica, que o dos parnaseanos formalistas.

Temos, até aqui, encontrado duas verdades, a proposito do primeiro livro de versos de Henrique de Resende, *Turris Eburnea*, (Monteiro Lobato & Cia., ed. 1923) onde o titulo, remanescente das tendencias primitivas do poeta, difficilmente se justifica depois que, sob eile, foram incluídos os seus poemas mais modernos.

Desse modo é que verificámos, o que é facil, que Henrique de Resende:

- a) é um poeta *modernizado* que
- b) *foi* symbolista

Ahi estão as duas verdades.

Alguns criticos (?), falando do livro de Henrique, por um prejudicial excesso dogmatico, asseguram, uns, que elle é mystico, outros, que elle é intimista (v. Gerald, Guilherme de Almeida, etc.).

Mas Henrique não tem culpa de nada disso. E, alem do mais, elle já foi chamado até de futurista!...

Positivamente, os cabraes do futurismo de Henrique nunca leram aquella deliciosa CANZONE DEL PNEU MICHELIN, de Guido Da verona, nem aquelles maravilhosos CARTÕES POSTAES, de Serge Milliet..

O symbolismo intuitivo ou cultural, de Henrique, do qual o poeta se libertou, com intelligencia, serviu-lhe, entretanto, para familiariza-lo com as imagens raras, com os entre-tons e com os smorzando, pontos de referencia precisos, dessa escola.

Henrique nunca poderá abandonar—o que vae marcar a sua individualidade, com um traço forte—essa *maneira* que lhe é familiar e é, mesmo, a sua feição definitiva: essa «poesia da penumbra», descoberta por Ronald de Carvalho na arte de Ribeiro Couto.

Apezar das modalidades que, porventura, tome o seu talento, Henrique de Resende ha de ser, sempre, o poeta das emoções suavísimas, esse poeta que fez os seus poemas mais lindos.

EDMUNDO LYS.

Abril, 925.

## ANTONIO CONSTANTINO

Este é o canto da minha terra!  
Editorial Helios. S. Paulo — 1927

Mais um moderno poeta. verdamarello.  
Bravos.

Que sirva de lição a nós, mineiros, essa coragem americanamente americana que caracteriza o homem paulista de hoje. Coragem paulista do sr. Antonio Constantino, por exemplo, mandando imprimir naquella faixa que envolve o seu livro estas mui heroicas palavras:

*Este livro é todo um poema da nova Poesia Brasileira, liberto de exóticas influencias e de forasteiros modelos. Alvorada de um Brasil intellectualmente redimido, em que vivem os anseios das nossas cousas, a belleza das nossas tradições, a tortura da nossa saudade.*

E não faltou nem a *saudade*. E nem as virgulas academicas nos logares direitinho. Muito bem. Pra outros. Pra mim foi muito mal. Não gostei disto. Como tambem não gostei daquellas *notas* explicativas no final do livro. Dá uma idéa do *Assombrações e duendes* da livraria Quaresma. Tal e qual. Complicado. Esquisito. Cheios de notas. É o diabo.

O livro do sr. Antonio Constantino ao primeiro aspecto assusta. Pelo menos eu assustei. Porque depois daquelle destampatorio todo ainda vem o classico *peliminarmente*. E basta isso, minha Nossa Senhora, e basta isso n'um livro moderno pra assustar a gente.

O sr. Antonio Constantino ainda gosta de explicações. Defeito naturalissimo em quem ainda não se libertou de facto. Aliás o mesmissimo defeito em que nós, da *Verde*, estamos enraizados.

Comtudo o sr. Antonio Constantino é um delicioso aquarellista. Imaginem um Roque Gamero na moderna poesia brasileira! Pois é assim mesmo o admiravel autor de *Este é o canto da minha terra!*

Amostra de um pedaço da estupenda ALVORADA:

No templo da gameleira umbrosa,  
na escura ábside das franças dormentes,  
óra nos oratorios de crystal dos ninhos  
o côro dos passaros cantores.

E o órgão psalmodia  
nos ramos sonorento,  
langoroso e lento,  
tocado pelo soturno monge — o vento.

Ou este quadro, AGUAPE'S:

BUBUIAM os aguapés no ventre da lagôa,  
suspiros que brotaram na epiderme  
visguenta das aguas remansosas.

E na catalepsia do crepusculo  
as crianças cirandam:

— *O cravo brigou co'a rosa,  
debaixo de uma latada...*

Na agua parada de teus olhos  
bubuiam os aguapés rutilos das lagrimas...

— *... o cravo ficou ferido,  
e a rosa, despedaçada...*

E os suspiros sóbem e veem bubuiar  
á flôr de nossos labios...

— *Roseira, minha roseira,  
roseira sem um botão...*

Lembramo-nos: na tarde quieta de maio...  
aos primeiros arrepios do frio  
que chegava... tu me prendeste  
na enredilha de teus braços...

— *Menina, minha menina...*

Somos hoje como esses aguapés que fluctuam  
na pelle elastica da lagôa,  
impellidos atôa,  
sem destino,  
pelo vento...

— *... menina do coração...*

Quê delicadeza de figura simples e envolvente! Frescura...

E seria um feio peccado mesmo—se a gente deixasse de transcrever este maravilhoso epigramma que vem de collocar o poeta á altura dos nossos maiores:

## CANÇÃO DA MINHA VIDA

Se eu te contasse a minha vida!...  
decerto chorarias commovida  
á historia da minha dôr...

Se eu te contasse a minha vida!

Mas tu bem sabes todo o meu amôr...

Pureza de linhas. Apuro de pensamento são. Delicadeza e finura de alma. Sim, senhor!

E destas coisas todas é que está cheio  
*Este é o canto da minha terra!*

Antonio Constantino veio nos proporcionar uma hora de verdadeira Belleza em contacto com a sua sensibilidade estranha e fina.

*Este é o canto da minha terra!* é um livro de verdade.

Não é pra agradar o seu autor não.

ROSARIO FUSCO.

## SERGIO MILLIET

*Poemas analogos*

São Paulo 1927

Sergio Milliet acaba de dar um baita rabo de arraia nas letras nacionaes com a publicação do seu quasi maravilhoso *Poemas-analogos*.

Alegre e vivo, como aliás aquella gente toda da Paulicéa, Sergio Milliet é um bicho na melange. (\*) Blague  $\times$  sinceridade = poesia lirica gostosa. Porque Sergio Milliet é um lirista-lirico. Digo lirista-lirico pra differencial-o de muita gente por aí que de lirico só tem o nome.

A maneira, o geito constructor de Milliet é formidavel. Formidabilissimo. *Poemas-analogos* é uma grande reviravolta na poesia moderna brasileira. Repito. Apesar de Sergio Milliet bancar a codaque-autographica de vez em quando e retratar aquellas coisas que elle viu na Estranja: moinhos de vento, hollandezes de tamanco etc. Desenhos bem coloridos e bem trabalhados mas que não agradam muito.

Porquê motivos estranhos?

Prompto. Chegou a hora das citações. Mas eu não vou citar coisa nenhuma. Quem quizer que leia os *Poemas*. Comprado ou emprestado. Não por minhas mãos.

O quasi de Sergio Milliet (dito aí pra traz) é aquelle gôsto sem gôsto de botar a macêstissima *senhora rôxa* nos seus poemas. Pra mim essa coisa insignificante é imperdoavel e significa muita coisa.

Francamente, achei pau, bem pausinho esse negocio. Hoje em dia a gente não tem mais tempo de ter saudades. Nem de ninguém nem de coisa nenhuma. E outra: não ha um só livro em lingua portugueza que não tenha a saudade mettida no meio. E notem que João de Barros foi quem disse isto. Um portuguez!

Se Sergio Milliet desse o fóra redondo nessa sujeita evitaria assim um logar-comum—COMMUNISSIMO na arte de escrever.

Os versos de Milliet são alegres. Alegres mesmo. Contraste. Em todo o caso *um pouco de melancolia de vez em quando é bom pra não perder o costume*. João Alphonsus pensou bem pensado esse negocio. Mas não dá pra convencer ainda. Pelos menos não me convenceu.

Ha poemas nos *Poemas* de uma gostosura que só vendo. Tem dois poemas até que dão uma vontade horrivel da gente os calssificar entre os melhores poemas da lingua portugueza. Não chego a tanto, porem.

Pra terminar: *Poemas analogos* é um dos melhores livros do nosso modernismo. Um livro que vem de abrir um caminho novo. Pra ser trilhado com proveito por quem o compreender. E' um livro que depois de sua leitura dá vontade da gente exclamar que só a gente deveria escrever coisa tão bôa assim.

Eu, pelo menos, tive essa vontade.

ROSARIO FUSCO.

(\*) Thioréma. Formula erradissima. No fim dá certo.



## ARTE E ARTIFICIO

Na realisação estética não sabemos traduzir ezatamente com palavras onde começa a arte e onde termina o artificio. Entretanto sentimos os valores do poema, da musica e demais elementos do que se convencionou chamar "arte productora do bello" Assim, vemos na literatura dois estrems: a literatura e a literatice. Parece subtil a diferença. Em realidade não é porque atingimos perfeitamente os mais leves matices que medeiam entre ambos. O que não raro acontece é só querermos ver o que nos convem, provindo daí as modas, moldes, escolas, etc., onde só predomina a literatice. Nem sempre todavia são nocivos os agrupamentos literarios em que os componentes se ligam pelo mesmo gosto ou genero no feitio da composição. Agrada a literatice quando bem feita, agrada e diverte autor e leitor em partes iguaes. Cansa

quando repetida porque a produção literaria está compreendida no triangulo formado pela arte, artificio e assunto. São perfeitos os triangulos que possuem os tres angulos na mesma dimensão. Em algumas regiões do mundo certo angulo é sempre mais aberto. Na França, por ezeemplo, ha ecesso de artificio na sua actual literatura, devido á imensa produção do passado que esgotou os assuntos ao alcance do francez. Na America ainda ha muito que descobrir. Serão os descobrimentos facilitados pelo americano si conseguir desviar os olhos da Europa. Conservando as qualidades e os defeitos que o Destino lhe deu, encontrará mais sabor no seu trabalho. O ezito está apenas na felicidade com que souber delinear triangulos com arte, assunto e artificio.

YAN DE ALMEIDA PRADO.

# CASA LIGEIRO

**E' INCONTESTAVELMENTE A MELHOR E A MAIOR  
CASA DESTA CIDADE**

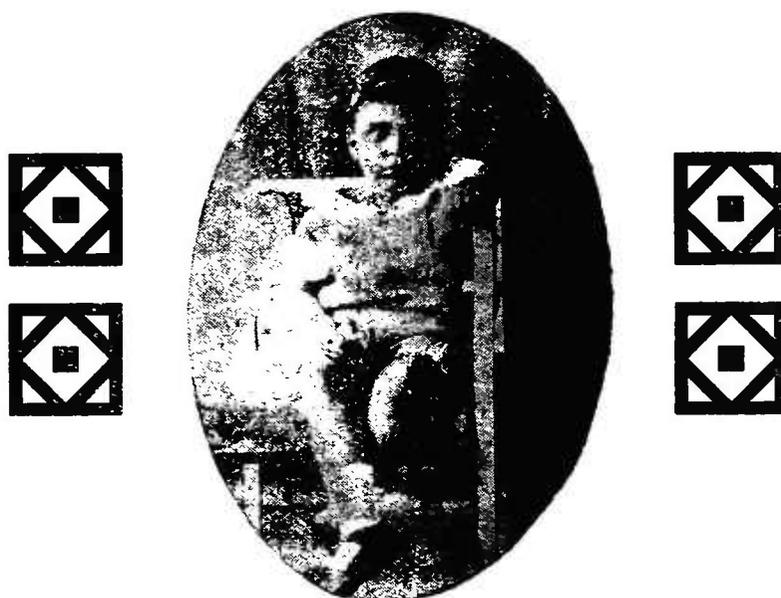
DIARIAMENTE GRANDES EXPOSIÇÕES DE SEDAS  
E NOVIDADES RECEBIDAS DIRECTAMENTE

**TODOS À CASA LIGEIRO**

(Em frente ao Banco do Brasil)

## Antonio da Silva Ligeiro

**Cataguazes — teleph. 60 — Minas**



**::: JOSÉ :::**

Interessante filhinho do sr. João Ferreira Vargas e d. Maria das Dôres Lisbôa Vargas, residentes em Leopoldina, no Estado de Minas.

Com uma dôse do **Vermicida Cesar**, que é o melhor de todos os lombrigueiros, expelliu mais de 500 lombrigas, ficando alegresinho, sadio e forte como se vê.

## AGENOR LEITE

:: :: COMMISSARIO :: ::

Acceita encomendas para o Rio de Janeiro cobrando somente 10 % de comissão. Viaja nos primeiros e terceiros domingos de cada mez, regressando ás quintas-feiras. São pagas adiantadamente as encomendas inferiores a 50\$000 e 50 % as maiores dessa quantia.

## CASA CARVALHO

**Joaquim de Souza Carvalho**

Armarinho, calçados, fazendas, etc.

Cataguazes — Rua Cel. João Duarte — Telephone, 25

## ELIXIR DE CAMBARA' MAIA

Analysado e approvedo pela Directoria Geral de Saúde Publica, sob o n.º 1223, em 7 de Janeiro de 1920. Registrado na Junta Commercial do Rio de Janeiro. — Premiado com Medalha de Prata na Exposição do "Centenario"

**Tonico geral de origem Vegetal**

Empregado com vantagem, nas tosses, defluxos, constipações, influenzas, asthma, bronchite, pneumonia e fraqueza pulmonar. Faz engordar e dá um genio alegre aos que delle uzam.

## Francisco dos Santos Loures

BARBEIRO E CABELLEIRO

ATTENDE A CHAMADOS A QUALQUER HORA

**Elegancia maxima no córte**

**Rua Cel. Vieira (defronte a Camara Municipal)**

## CASA CARCACENA

:: :: DE :: ::

Domingues, Côrtes & C.

PHONE N. 1

E' a que melhor serve e mais

: : : barato vende : : :

## ALFAIATARIA SUCASAS

JOSE' F. SUCASAS

TEM SEMPRE UM VARIADO

:: :: SORTIMENTO DE CASEMIRA NACIONAL E EXTRANGEIRA :: ::

Não teme rivalidade pela elegancia do corte  
e pontualidade nos serviços

Praça Ruy Barbosa, 10 -- Tel. n. 73

CATAGUAZES -- MINAS

# O maior valor pelo menor preço

Pense bem antes de comprar o seu automovel. Examine, primeiramente, o valor que cada um offerece. Experimente-os. Pese-os na balança da economia, pondo, de um lado, o seu dinheiro, e de outro o carro que pretende adquirir.

Prova mais eloquente do inequalavel valor de Buick não pode existir do que o seu formidavel recorde de vendas, que vem sendo galhardamente mantido nos ultimos nove annos. Experimente, pois, um Buick antes de comprar o seu automovel.

Preços em São Paulo (com pneu sobresalente)

TURISMO ESPECIAL	(5 lugares)	16:500\$000
TURISMO	(7 lugares)	17:850\$000
TURISMO MASTER	(7 lugares)	22:400\$000
TURISMO SPORT MASTER	(5 lugares)	21:400\$000

General Motors of Brazil, S. A.

Agentes autorisados nesta cidade

**AGENOR DE BARROS**

# Elixir de Gambará Maia

(IMPROVISO)

Se você tem a bronchite  
A receita é para já:  
Basta um vidro... Não hesite...  
—ELIXIR DE CAMBARA'.

Se é asthmatico não caia  
Na tolice de ingerir  
Outras drogas... Diz o Maia  
Que para a asthma é o ELIXIR.

Tambem digo: Quem tossir  
Bom remedio encontrará  
Nas pharmacias,—O ELIXIR  
DE CAMBARA'.

Deixou a asthma de existir  
E nem mais existirá,  
Se esse Maia persistir  
No ELIXIR DE CAMBARA'.

Hoje espirra só quem quer,  
Dizem todos a sorrir,  
—Tome um vidro... Uma colher,  
De hora em hora, do ELIXIR.

Outra droga está por vir,  
Mas por certo não virá,  
Emquanto aqui existir  
A botica do ELIXIR  
—Tal de Maia CAMBARA'...

Cataguazes, Novembro de 1924 H. R.

Fabrica: "Pharmacia Maia" — Cataguazes — Minas

# SALGADO & COMP.

A HONROSA CARTA DO «INSTITUTO TECHNICO INDUSTRIAL.

Rio de Janeiro, 13 / 8 / 1927.

Illmos. Srs. Salgado & Cia.

Saudações.

Sem resposta ao nosso officio proclamatório remetido em Maio de 1927, tomamos a liberdade de voltar ao assumpto, para saber si auctorisas a remessa do «GRANDE DIPLOMA DE HONRA DE PRIMEIRA CLASSE E A MEDALHA DE OURO DO MERITO, com que foi vossa firma premiada, por este Instituto, ante o brillantismo com que vos houvestes na EXPOSIÇÃO DE AGRICULTURA, INDUSTRIA E COMMERCIO DE BELLO HORIZONTE.

Vossos mostruarios deixaram entrever a excellencia da elaboração dos productos nelle contidos, RESULTANTE DO RIGOROSO CRITERIO TECHNICO QUE A DIRECÇÃO DE VOSSO ESTABELECIMENTO MANTEM.

No Patrimonio industrial de nossa Patria, vossa empreza acha-se em posição destacada, e, por tal merece todo o apoio das classes consumidoras.

Alem da homenagem acima referida, este Instituto houve por bem :  
—acclamar vossa firma MEMBRO TITULAR deste Instituto, (vide art. 8 de nossos Estatutos) ante os serviços extraordinarios que tendes prestado ao progresso fabril brasileiro.

Aguardamos vossa resposta para a sequente remessa dos laureis, bastando para tal o retorno do BOLETIM DE ADHESÃO PREENCHIDO.

INSTITUTO TECHNICO INDUSTRIAL

*Enç. Julio A Barboza*

Director Secretario

## Agencia Chevrolet e Oakland

**Mechanica e officina de concertos**

Gazolina, óleo e graxa. Pneumaticos, camaras de ar e outros artigos

**Carregam-se acumuladores**

SORTIMENTO COMPLETO DE PEÇAS PARA AUTO EM GERAL

**CIODARO & FILHO**

**Avenida Astolpho Dutra -- Phone, 95**

**CATAGUAZES -- MINAS**

# *Cutisol Reis*



**CLAREA A PELLE, FIXA O PÓ DE AR-  
ROZ E REALÇA A BELLEZA!**

Os mais notaveis professores da Faculdade de  
Medicina do Rio de Janeiro, at-  
testam a sua efficacia no tratamento da cutis



Não confundir com nomes parecidos!



**Vende-se em todas as  
pharmacias e perfumarias do Brasil**

**DEPOSITARIO NO RIO:**

**Araujo, Freitas & Companhia**

**CURIVES, 88**

: : DIRECÇÃO : :

:: :: DE :: :: ::

HENRIQUE DE RESENDE

MARTINS MENDES

:: :: E :: :: ::

ROSARIO FUSCO

# VERDE

REVISTA MENSAL  
DE ARTE E  
CULTURA

NUMERO . 3

ANNO . . . 1

.....

:: :: REDACÇÃO :: ::

:: :: E :: :: ::

ADMINISTRAÇÃO

RUA CEL. VIEIRA, 53

CATAGUAZES -- MINAS

MARIO DE ANDRADE  
OSWALDO DE ANDRADE  
PRUDENTE DE MORAES, NETO  
JOÃO ALPHONSUS  
ILDEFONSO PEREDA VALDÉS  
BLAISE CENDRARS  
MARTINS DE OLIVEIRA  
SERGIO MILLIET  
GODOFRÊDO RANGEL  
WELLINGTON BRANDÃO  
ABGAR RENAULT  
ASCENSO FERREIRA  
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE  
ASCANIO LOPES  
ROSARIO FUSCO  
EMILIO MOURA  
HENRIQUE DE RESENDE  
PEDRO NAVA  
ILDEFONSO FALCÃO  
CAMILLO SOARES

CASO DA CASCATA  
OS ESPLENDORES DO ORIENTE  
AVENTURA  
OXYCYANURETO DE MERCURIO  
A GERMANA BITTENCOURT  
AUX JEUNES GENS DE CATACAZES  
MODERNISMO  
RELIGIÃO  
A SYNCOPE  
CANTOS MUNICIPAES  
MATINAL  
CAMELOTS  
QUADRILHA  
DESCOBRIMENTO DO BRASIL  
FESTA DA BANDEIRA  
CHROMO  
CANTO DA TERRA VERDE (2)  
VENTANIA  
SINGERMAM, STOLEK E ETC.  
DESCOBERTA

“FIGURA”: ROSARIO FUSCO

NOTAS DE: YAN DE ALMEIDA PRADO, HENRIQUE DE RESENDE,  
ROSARIO FUSCO E ASCANIO LOPES

NUMERO — 1\$000

ASSIGNATURA — 11\$000

# FABRICA DE MACARRÃO

**MASSAS ALIMENTICIAS**

**: : E : :**

**REFINAÇÃO DE ASSUCAR**

## SALGADO & C.

Premiada na grande Exposição Internacional do Centenario de 1922 e com  
Médalha de Ouro pelo Instituto Agricola Brasileiro.

### Massa refinada de puro trigo escolhido

Esta massa sendo fabricada com semolina de superior qualidade, constitue um  
alimento são e nutritivo, possui um gosto agradável e apresenta tal aumento  
ao consinhar-se, que se pôde usar um terço menos das de outras semelhantes.

**Premiada com medalha de ouro na  
Exposição de Bello Horizonte em 1927**

Recommenda-se aos Srs. consumidores a preferencia sobre as outras massas  
:: :: não só pela confecção como pelo systema de acondicionamento :: ::  
N. B. — Para a conservação da massa é necessario guardal-a em logar enxuto.



**CAIXA DO CORREIO, 6 -- E. F. L.**

**CATAGUAZES - E. MINAS**

# João Duarte Ferreira & Cia.

CATAGUAZES -- MINAS GERAES -- TELEPHONE, 10

## BANCO DE CATAGUAZES

Descontos — Cobranças e outras operações

Remessa de numerario para o Rio — isenta de despesas

### Tabella de depositos

C/C AVISO PREVIO ..	6 % AO ANNO
C/C MOVIMENTO (retiradas livres)	4 % AO ANNO

#### Depositos a prazo fixo

EM 3 MEZES	6 % AO ANNO
EM 6 MEZES	7 % AO ANNO
EM 12 MEZES	8 % AO ANNO

Fornece cadernetas e talão de cheques—Não cobra sellos de depositos

O cheque proporciona um meio de pagamento seguro, facil e intelligente

## SECÇÃO INDUSTRIAL

Grande deposito de madeiras de todas as qualidades. Esquadrias e quaesquer outros trabalhos pelos menores preços. Grande e bem aparelhada officina mechanica e de fundição. Deposito de ferragens, fogões e artigos de electricidade: motores electricos de 3 a 25 H. P., ferros de engommar, aparelhos para aquecer agua, café, chá, etc. Grande deposito de correias de sóla e bor-  
 :: :: :: :: racha, para machinas, de 1/2 a 20 :: :: :: ::

Unicos representantes nesta zona da

Cia. Brasileira de Electricidade Siemens Schuckert S. A. e

**UNITED STATES RUBBER EXPORT COMPANY**

### Secção de Café

Perfeito beneficiamento deste artigo por meio das machinas mais modernas.

**COMPRAM QUALQUER QUANTIDADE POR PREÇOS VANTAJOSOS**

### Grande Usina Assucareira em Ubá

**VENDEM QUALQUER QUANTIDADE DE ASSUCAR DA MELHOR QUALIDADE**

**Produção em 10 horas — 120 saccos**

**POLAR** o elegante sapato para Homem

**VICTOR** A MAIS LINDA VICTROLA

**VELOX** o delicado sapato para Senhoras

**RADIO** A SEDA MAIS MODERNA

**L'HEURE BLEU** O PERFUME DA MODA

PODEM SER ENCONTRADOS

NA CASA

**Henriques Felippe & C.**

# Gymnasio Municipal de Cataguazes

(FUNDADO EM 1910)

Com fiscalização prévia para equiparação ao Pedro II. Exames processados pelo professorado do Gymnasio, sob a inspecção do Fiscal nomeado pelo Director Geral do Departamento Nacional do Ensino. Exames de 2ª epoca, em Março, para admissão ao 1º anno do curso seriado e para os alumnos reprovados em 1ª epoca.

## Cursos de admissão, seriado e de preparatorios.

**Internato -- Pensinato -- Externato**

*ANNO LECTIVO DE 1 DE ABRIL A 15 DE DEZEMBRO*

**Director - Antonio Amaro M. Costa.**

Pedidos de estatutos e outras informações devem ser dirigidos ao secretario ANTONIO MARTINS MENDES, que promptamente attenderá.

**CATAGUAZES - MINAS**

**E. F. L. — Telephone, 13**

# A' BRASILEIRA

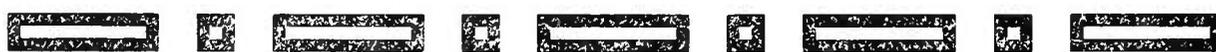
Esta casa tem tudo o que V S. precisar  
e os seus preços não têm competidores.



Rua Cel. João Duarte Ferreira, 16 e 22

PHONES } 55 BALÇÃO  
55-A TYPOGRAPHIA

CATAGUAZES -- E. DE MINAS



## MANTEIGA DE 1<sup>A</sup>

SEMPRE NOVA E GELADA

PARA serem bem servidos neste genero exijam as  
caixas da LEITERIA evitando assim pagarem o colossal  
peso das latinhas, que levam menos 30 grammas.



**Entrega-se a domicilio**

**PHONE, 122**

**Cataguazes — Estado de Minas**

NOTA — A LEITERIA DÁ COPOS DE CRISTAL AOS FRE-  
GUEZES DE SORVETE, A TITULO DE RECLAME.

# VERDE

ANNO 1

CATAGUAZES — NOVEMBRO 1927

NUMERO 3



## OXYCYANURETO DE MERCURIO

Parecia botequim de bafon londrino fabricado nos estúdios da Paramount. Parecia um pouquinho. Quasi nada. Postado num canto um homem de boné exhibia, na fachada tôrva, immensa raiva concentrada. Uma resolução perfeitamente cinemática de quem quer matar ou morrer. Mas não era cinema não. Porem verdade. A orchestra chegava de fóra, pelo cano do corredor, valsando mollenga ou foxtrotando espertinha ou maxixando cotuba. Tinha vozes, gluglús, gudes, grunhidos, até gritos de vez em quando, sonoridades escorregando no tecto gorduroso. Ondas longas de sons se quebravam contra ondas de fumos e cheiros rúins. O garçon servia o décimo duplo pro homem de cara carregada.

—O senhor bebe um pedaço.

—Bebo chôpe e cerveja e cachaça e tudo. Beber um pedaço é burrice. Não diz nada (1).

Adolescente franzino o garçon exagrou a pallidez soffredora e afastou-se castelando vinganças impossiveis. O homem bruto era um bruto homem. Se collocara no seu canto magneticamente contra os outros bebedores. Os outros eram um boche com duas bochas lourissimas, trez silencios prá ingestão mais gostada dos chôpes. Caixeiros, funcionários públicos, operarios, desvios, humanidade. Tinha dois rapazes na mesa próxima do homem terrível que não tirava os olhos delles. Nem os ouvidos. Neste momento chegou o terceiro rapaz coitado. Parou na porta olhando.

—Amancio velho!

—Olá!

Veio. Teve um abraço entre elle que chegara e o rapaz que o tinha chamado festivo. E foi apresentado pro outro.

—O Amancio é um camaradão.

—Exagêro. Um creado de você.

—Creado qual o que. Manda elle fazer alguma coisa pra ver si obedece.

Era o visinho, o homem terrível, que se

intromettera na conversa. E não sorria não. Os trez se interrogaram baixinho:

—Quem é?

—Sei não.

—Nunca vi elle. Um besta qualquer.

Houve um silencio cacête. Mas o Amancio trazia nos olhos, na bocca nos 20 annos uma inquieta elegria de viver. Comtudo lívido e gordo e a gordura dando impressão de flácida na lividez doentia. E agora falava falava:

—Pois é isso, meninos. A gente ganha um baita amor prá vida depois que enxerga a morte pertinho. Vou contar pra vocês como foi. Como me curei.

—Curou-se nada. A sua cara é de doença. Não engane-se.

O homem rispido e intratavel se interpunha novamente. O falador enguliu secco a repentina amargura. Calou-se uns minutos de olhos até meio molhados. Depois murmurou pros companheiros:

—Si elle continuar, eu reajo.

—Não vale a pena.

—Teve uma outra mudez paulificante. Os allemãs depois do quinto chôpe disseram trez palavras. Deviam ser trez palavras. A loura mais moça, mocinha, tinha a bocca em forma de beijo. Minto, em forma de desejo. Tirava uma linhas internacionaes com o caixeiro mais próximo, elegante moreno. Dominando os outros ruidos começou hesitou e cresceu um ronco. Um sujeito de fraque dormia sobre o copo servindo de travesseiro. Aliás travesseiro mais do que incommodo.

—Quem é aquelle sujeito, hein?

—Sei não.

—Eu sei. E' um talento. Um talento desperdiçado coitado.

—Ah.

—Que talento que nada! Basta um sujeito qualquer ser paudagua pra virar talento. Ora essa.

O homem terrível interrompera ainda a conversa d'elles. Decididamente não podiam continuar. Não poderiam.

—Vamos dar o fóra?

—Absolutamente. Dar mostras de medo... Vamos ficar.

Amancio falou e olhou nos olhos longamente o homem terrível, desafiando. O homem pareceu não reparar no desafio d'elle e tirou do bolso o papel fuchicado. Amancio continuou:

—Vou contar como me curei. COMO ME CUREI. O Chico aqui sabe como é que eu estava, magro, anciado, dores no estomago, pernas bambas. Um caco. Fui consultar um médico. Soffri um exame prolongado paulificante. Depois ainda foi preciso raio xiz. E quando afinal de contas elle disse que era, tinha quasi certeza, uma úlcera syphilitica no estômago, vi a morte pertinho de mim. —E' a morte certa, não é, doutor? — Não. Um tratamento intenso e methodico pode talvez cural-o.

Elle se animou na narrativa. Talvez. Principiou o tratamento. Injecções intramusculares de cyanureto de mercurio combinadas com endovenosas de neosalvarsan, isto é, 914. Fastio e diéta. Magreza e tristeza. E a vida linda linda. O sol vinha sempre pintar de branco luminoso as parêdes brancas do quarto. O carroceiro passava sempre na rua entoando cebôlas com frangos. O piano da frente sonorizava sempre o crepusculo com um tango sentimental. Sempre. Entretanto elle magreza tristeza. A morte cada vez mais perto. Mais. O homem terrível guardara de novo o papel fuchicado mais nem estava ali. Erminia...

Desanimara então, pois melhor morrer duma vez do que aos boccados, não era? A idéa engenhosa veio por acaso lendo no jornal a morte de uma moça, em que um estudante de medicina injectara enganadamente oxycyanureto de mercurio. Nem ninguem saberia que elle morreria porque tinha querido não. Collocou entre as ampôlas de mercurio curativo—curativo!—o mercurio mortal. Cyanureto. Oxycyanureto. A coisa lhe dera trabalho, isso lhe dera. Cortou a pontinha da ampôla do remedio, esvasiou-a, encheu outra vez ella com o veneno, fechou a pontinha na chamma do alcool. Prompto. Ninguem botaria reparo na extremidade um pouco menor. As injecções intramusculares eram de dois em dois dias.

—Você tem melhorado? — Tenho um pouquinho...—A coisa vae devagar mas vae indo.—E'. Vae. Ha de ir... Elle não queria ver nunca a ampôla que a mão despreoccupada escolhia. Fechava os olhos, face contrafeita

parada, um desprendimento... (O homem terrível esquecera o papel fuchicado e escutava agora com um leve sorriso, meio amargura prá vida, meio deboche pra Amancio).

O ruido da agua fervendo na pequenina caixa de metal immenso era immenso. A serrinha que serrava o bico da ampôla serrava talvez a vida d'elle. A picada doía agudamente nos nervos da alma como ferro em brasa.—A morte está entrando talvez no meu corpo...

Porem a morte não entrava. Mais dois dias e o medico outra vez, risonho e sadio. Disponha a caixa sobre a mesa, accendia um phósphoro, a chamma azulava e crescia. A agua em breve borbulhava e o ruido ia enchendo o quarto, ia enchendo a casa tranquilla, ia enchendo o mundo tão bom mas que era preciso largar miseravelmente. — Você pode sahir. Passear de vez em quando. Desde que seja sem excesso. Pode até ir ao cinema. Hontem passou no Odeon uma fita batuta de Lon Chaney. Elle morreu no fim dum modo horrível. Estraçalhado.

Ouvia a morte fingida de Lon Chaney emquanto a morte real entrava talvez na carne d'elle doendo feito ferro em brasa, feito uma fogueira, feito o mais cruel dos martyrios... A morte comtudo não entrou mesmo não. Restava uma ampôla única. A última... Fechou os olhos, a face contrafeita parada, um desprendimento... O cheiro do alcool queimado era o ultimo perfume que levava da vida... A agua borbulhando era o ultimo ruido, a seringa agitada batendo contra o metal da pequenina caixa... Não, era a serra serrando o vidro... Ainda não, era a voz do médico, uma fita de Harold Lloyd... —A cabelleira do Harold arrepiou quando, ao procurar a mão da pequena, achou uma pata de leão. Imagina você...

O medico se aproximou rindo da lembrança da fita e trazendo a morte libertadora dentro da seringa. Elle estendeu o braço prompto pra morrer. Morrer... O braço como machinalmente se ergueu de arranco e a seringa se espatifou no soalho.—Que isso!—Nada não. Vou acabar com esta geringonça de tratamento. Si tenho de morrer mesmo há de ser gosando a vida.—Loucura!

Loucura ou não ali estava elle. Trez mezes e tanto já e não sentia nada. Não soffria de nada. Um sorriso victorioso de dono da vida terminou a narrativa. Bebeu meio chôpe dum gólo.

—Gostei do invento. Você tem muita imaginação. O homem terrível commentava sarcástico. Amancio mandou pra elle

um olhar rápido de cólera que já não podia conter-se.

—Imaginação é a mãe!

O homem se tornou a fera dum salto a navalha rebrilhando faiscando na mão. Amancio recuou num pavor empurrando a mesa até na parêde, quasi deitado de costas sobre ella, os braços sacudidos num desespero:

—Não deixem elle me matar! Pelo amor de Deus não deixem elle me matar!

Mas a fera forte desvencilhou-se o fio frio riscou fundo o pescoço o sangue esguichou sobre o atoalhado encardido. O assassino cambaleou como tambem ferido de morte:

—Minha Nossa Senhora, eu matei elle! Um medico pra salvar elle! Um padre pra salvar a alma delle!

As parêdes tremeram com o mesmo brado de revolta:

—Lyncha elle! Lyncha elle!

—Mas que falta de grammatica!—Disse o sujeito de fraque despertando queimado.

24—12—926.

JOÃO ALPHONSUS.

(1) Pra melhor entendimento avisamos que este personagem tinha no bolso do palitô um papel perfumado e fuchicado: "Besta Até a volta, vou sim-bora pra bem longe, nunca mais me verás! Antes não gostar da gente do que gostar como você me gosta com esta animaleza estúpida assim sem inducação nem nadas, te deixo sem Saudade! nunca mais você me beijará não, é bobagem percurar quando receberes já vou longe... Adeus de tua Erminia".



**D E S C O B E R T A**

PARA CARLOS DRUMMOND

O homem enfeitado  
chegou debaixo do sapé sêco  
e olhou lá dentro da casa.

Vio uma moça bonita  
de seios maravilha  
de carne carne.

E ficou.

E plantou na terra rôxa  
a bandeira ironica da conquista.

Tava descoberto o fim do mundo.

**C A M I L L O - S O A R E S.**

## AUX JEUNES GENS DE CATACAZES

Tango vient de tanguer  
Et jazz vient de jaser  
Qui importe l'etymologie  
Si ce petit klaxon m'amuse ?

BLAISE CENDRARS.

Rio—9—11—927.

## CASO DA CASCATA

DO LIVRO «MACUNAÍMA»

... E a cascata contou o que tinha sucedido pra ela. Assim:

Não vê que chamo Naipí e sou filha do tuxaua Mexô-Mexoitiquí nome que na minha fala quer dizer Engatinha-Engatinha. Eu era uma boniteza de cunhatã e todos os tuxauas vizinhos desejavam dormir na minha rêde e enlaçar meu corpo mais molengo que embirossú. Porém quando alguém vinha eu dava dentadas e contapês por amor de experimentar a fôrça dele. E todos não aguentavam e partiam sorumbaticos.

Minha tribu era escrava da boiúna Capêi que morava num covão em companhia das saúvas. Sempre no tempo em que os ipês de beira-rio se amarelavam de flores a boiúna vinha na taba escolher a cunhã virgem que ia dormir com ela na socava cheia de esqueletos.

Quando meu corpo chorou sangue pedindo fôrça de homem pra servir, a suinara cantou manhãzinha nas jarinas de meu tejupá, veio Capêi e me escolheu. Os ipês de beira-rio relampeavam de amarelo e todas as flores caíram nos ombros soluçando do moço Titçatê, guerreiro de meu pai. A tristura talqualmente correição de sacassaia viera na taba e devorara até o silencio.

Quando o pagé velho tirou a noite do buraco outra vez, Titçatê ajuntou as florzinhas junto dele e veio com elas prá rede da minha ultima noite livre. Então mordi Titçatê.

O sangue espirrou na munheca mordida porém o moço não fez caso não, gemeu de raiva amando, me encheu a boca de flores que não pude mais morder. Titçatê pulou na rede e Naipí serviu Titçatê.

Depois que brincâmos feito dôidos entre sangue escorrendo e as florzinhas de ipê, meu vencedor me carregou no ombro, me jogou na ipêigara abicada num esconderijo de aturiás e frechou por largo rio Zangado, fugindo da boiúna.

No outro dia quando o pagé velho guardou a noite no buraco outra vez Capêi foi me buscar e encontrou a rede sangrando vazia. Deu um urro e deitou correndo em busca nossa. Vinha vindo vinha vindo, a gente escutava urro dela perto, mais perto pertinho e afinal as aguas do rio Zangado empinaram com o corpo da boiúna ali.

Titçatê não podia mais remar desfalecido sangrando sempre com a mordida na munheca. Por isso que não pudemos fugir. Capêi me prendeu, me revirou fez a sorte do ovo em mim, deu certo e a boiúna viu que eu já servira Titçatê.

Quis acabar com o mundo de raiva tamanha, não sei... me virou nesta pedra e atirou Titçatê na praia do rio, transformado numa planta. E' aquela uma que está lá em baixo, lá! E' aquele mururé tão lindo que se enxerga bracejando nagua pra mim. As flores roxas dele são os pingos de sangue da mordida que meu frio de cascata regelou.

Capêi mora em baixo de mim, examinando sempre na gruta si fui mesmo brincada pelo moço. Fui sim e passarei chorando nesta pedra até o fim do que não tem fim, maguas de não servir mais o meu guerreiro Titçatê.

MARIO DE ANDRADE.

**Poemas cronologicos**

VERDE — EDITORA

DE HENRIQUE DE RESENDE, ROSARIO FUSCO, ASCANIO LOPES.  
A APARECER BREVEMENTE

## INÉDITOS DOS CANTOS MUNICI- PAES PARA VERDE

### ESTAÇÃO SINHA

Lá vem  
o trem  
bufando  
fumarando  
—xá—xá—xá—rrroon...  
E este porquinho  
que não sai da linha!...  
Isquê!...

TAGORE

Ó Rabindraná,  
estou olhando a lua crescente  
no ceu azul deste Brasil indiano  
com uma vontade doida de ser creança  
pra adormecer no teu carinho de Pai.

### O JORNALISTA

O jornalista  
oposicionista  
de Briquités  
pensa que o governo em Belorizonte  
lê o seu jornal de cabo a rabo.  
Quasi todos os seus artigos  
acabam mais ou menos assim:  
“Pondere o honrado governo do Estado...”

### UM SALOMÃO

O Capitão Orozimbo Candido da Silva,  
juiz municipal de Capivaras,  
me disse que, si fosse Salomão,  
teria decidido a causa das duas mães  
de modo bem mais pratico:  
poria a creança a mamar nas duas mulheres.  
Porque (teoria dele)  
filho mama com mais prazer  
na maminha da mãe.

### O AGRONOMO

Apareceu um doutor em Capivaras  
ensinando a agricultura pelos processos  
modernos.  
Reuniu os fazendeiros na sala do Paço,  
mas antes de pedir a palavra  
foi lá fóra pitar um cigarro goiano.

WELLINGTON BRANDÃO.

## AVENTURA

Aurora, voz de estranhos céos, aurora, que amargor naquêlo gesto largo das montanhas! As casas desse momento, tão isoladas, imagine que davam para uma grande pedra multiforme. Ruas e mais ruas precipitavam-se em torno do sucedido. E os ultimos acontecimentos eram de natureza principalmente calcarea como se diz. Eis que de repente o povo irrompe em entusiasmo. Foi quando silenciosamente as horas uma a uma se puseram a fugir.

Daf a uma tentativa compreende-se que havia um passo ou dois. Assim sendo a segunda hipotese reconhecidamente mais saudavel teve a audacia de desaparecer por um caminho desses que a gente não percorrerá jamais. A um certo signal, e como si todos estivessem ligados a uma idéa fixa todos os homens tremeram, enquanto as mulheres e as palavras mais habeis riam riam perdidamente. A scena se repetiu tres vezes. E por absurdo que pareça, nem todo mundo desistiu de conciliar o sôno. O sôno ao contrario é que tomou maior numero de iniciativas. Percebendo a manobra atre-

vida não tive duvida em contemplar pessoalmente as nuvens face a face. De todos os lados protestos intrinsecos faziam que sim com as mãos, os pés e algumas orelhas.

Isso porem nunca seria motivo bastante para eu não florir ou amortecer.

Ao contrario. Bem me parecia que a intransigencia daquêla pobre gente significava alguma coisa mais do que um simples compasso. Compasso? Desses assim eu vi muitos. Quantas vezes calaram-se os gansos, não, pergunte só quantas vezes calaram-se antes dêle ser isso. Azul marinho, dirão vocês. Mas nem sempre. Outrora sim, reconheço e como negar que assim fosse por um espaço superior ao capitão? Franqueza das franquezas e que melhor coisa ha que não dure o tempo necessario a tais emanações? Não. Eu vi. Depois de mim que vieram as estrêlas. Oh! sem aquêlo sabor de antigamente, que as fazia tão altas e vacilantes nos seus cantares. Assim como quem diz que a vida está fóra de discussão.

PRUDENTE DE MORAES, NETO.



## OS ESPLENDORES DO ORIENTE

“Amar sem gemer”

do Diario nocturno de Caridad Claridad

Na madrugada pé—de nimpha, o bino-culo desenhou a testa do céu amarello no esquadro fumegante da esquadra abandonada pelos persas nas usinas do Pireu.

De volta das noites bogarins, o porteiro de Ali-Babá fixou o cadeado do orquestrão gordo que costumava electrocutar os silencios de Pera.

O bar Bristol entre cindros e cadeiras syrias era um paralytico innocente atravessado de um cão policial onde um principe negro preparava o crenel nomade dos cruzados globe-troters e polyglotas. Por isso os soldados kurdos negavam a essencia dos copos lithurgicos dos armenios candelabros.

As alfandegas do turismo attingiam desertos pederastas nas pyramides onde se massacravam conductores millionarios e

inglesas com chapeos da rainha Victoria. Populações envolviam-se de vermelho até o mar dictionario e no vinho dos hotéis girls colonizavam ladeando steacks de tennis nas escadas, dedilhando as ruas que esplendiam sem barulho. O Nilo ficou frente a frente com steamers e muralhas.

Ora Caridad Claridad era um tomate na cachoeira dos lençoes.

Mas ainda carretas empurraram trilhos por dezenas ageis nos espirros do rio preso e o gala-gala de olho no bolso tirou pintos vivos dos fogareus.

Camellos, espanadores, martellos, mulheres e felahs fugiam para as photographias.

OSWALD DE ANDRADE.

De “*Serafim Ponte Grande*”



## MODERNISMO

### E' PRECISO DISTINGUIR

Muita gente ha que confunde *modernismo* com *futurismo*. Ora... é preciso distinguir, *Modernismo* é uma coisa, e *futurismo*—outra. Ambos differem, fundamentalmente. Conferem, apenas, no sentido da renovação. Modernismo no Brasil é um movimento largo e fecundo de idéas novas. *Futurismo* foi a fantasia ingénua do ingénuo Marinetti, que, afinal, andou um seculo atrasado nas proprias idéas, e acabou por desistir.

*Modernismo brasileiro* tem significação profunda: abrange todos os ramos da actividade humana. Quer a renovação em tudo: renovação lenta, gradual, persistente. Nada fixou ainda, é verdade. Mas a grita tem sido tão grande que muita gente agora já presta a devida attenção ao seu programma. O insulto que ouve a cada instante, a risada ascarninha, o remogue solerte, tudo tem grande significação para a corrente.

### OS TRES P P P

E' formidavel o nosso ideal: queremos ser nós mesmos. Queremos a lingua brasileira, a raça brasileira, a substancia brasileira, a vida brasileira, em summa. Nada de improvisação, de copia, de arremêdo. Combatemos os tres P P P, de que falava Remy de Gourmont. Para que plagio? Para que parodia? Para que *pastiche*? O modernismo tem agora mais do que nunca uma lucta cruenta: lucta de vida, ou de morte.

Quem fez a Italia, isto é, quem creou o *sentimento italiano*? Não foram os proprios habitantes da peninsula do Mediterraneo? Claro. E Portugal? Não foram os portuguezes? E a França? Ora... porque é que nós agora, a pretexto de crearmos a civilisação brasileira, havemos de decorar D'Annunzio, ou reler Eça de Queiroz, ou mastigar Anatole France? Podemos, é evidente, conhecer a fundo a litteratura portugueza, ou italiana, ou franceza.

Não se conclue, porem, que devamos deformar a nossa, plasmando-a pelo modelo estranho. E' um contrasenso. Um absurdo. Seria engraçado que fizéssemos, por exemplo, dançar a *Carmen*, typo rigorosamente espanhol, ao som da chorada modinha brasileira... Cada qual no seu logar...

### MOVIMENTO DE ASPIRAÇÃO

Nós, que nunca tivemos livros-padrões, livros da raça; que não temos forma nem figura de civilisação propria, e por isso vivemos á mercê da influencia estrangeira, devemos reagir. Dahi o sentido brasileiro de nossa corrente. Movimento de aspiração, entre a inquietude improductiva dos passadistas e o pasmo dos ultimos abencerragens de classicismo.

O modernismo ha de ser qualquer coisa, por que tem a sua historia, desde o grito do snr. Graça Aranha (a quem não conhecemos pessoalmente e a cujo admiravel talento sempre rendemos o nosso apreço, embora em certa epoca tivéssemos combatido algumas de suas idéas), desde o famoso apparecimento dos *Epigrammas* do fulgurante Ronald, até o movimento indisciplinado da Paulicéa e dos a quem chamamos, um dia, *horizontinos*. com Martins de Almeida á frente.

O movimento persiste. Ha um zum-zum na colmeia, zum-zum crescente, insopitavel.

### OS COMBATENTES DA HORA

Nomes? Vejam se não ha brilhos estonteantes num Ronald de Carvalho, num Manuel Bandeira, num Graça Aranha, num Mario de Andrade, num Ribeiro Couto, num Menotti del Picchia, num Cassiano Ricardo, num Oswaldo de Andrade, num Martins de Almeida, num Buarque de Hollanda, num Edmundo Lys, num Raul Bopp, num Henrique de Resende, num Sergio Milliet, num Alcantara Machado, num Affonso Arinos Sobrinho,

num Prudente Netto, num Paulo Prado, num Yan de Almeida. Vejam, mais, se não ha fulgores nas tendencias modernizantes de um Guilherme de Almeida, um Wellington Brandão, de um Abgar Renault, de um Murillo de Araujo, de um Couto de Barros! E os *novissimos*? Que constellação ruidosa de artistas brabos, cheios de experanças e alegrias? Um Rosario Fusco, um Carlos Drummond de Andrade, um Camillo Soares, um Francisco Ignacio Peixoto, um Tostes Malta, um Emilio Moura, um Ary Gonçalves, um Antonio Constantino, um Martins Mendes, um Corrêa Filho, um Caio de Freitas, um Evagrio Rodrigues, um Guilhermino Cesar, um Ascanio Lopes, um Roberto Theodoro. E quantos não conhecemos, quantas formosissimas intelligencias escondidas no silencio de si mesmas?

Os criticos da corrente... São poucos ainda, mas são grandes. Quem não conhece o magistral Tristão de Athayde? E o vigoroso e inexcédível Aggripino Grieco? E o forte Rodrigo M. Franco de Andrade. E os que se vão revelando aos poucos? Um Gastão de Almeida, cheio de modestia e cheio de talento? Um Augusto Schmidt?

Quem nunca ouvi falar no historiador de nossa musica, o vibrante Renato Almeida? E que se ha de dizer da maravilhante cerebração artistica de Vila-Lobos?

A GRANDE TOLICE

Ora... negar o modernismo por meio de gargalhadas e palavrazinhas ôcas é uma grande tolice. O modernismo existe: está ahi, á vista de todos. Será como têm sido os

variados movimentos estheticos em todos os tempos: uma coisa a ser contada amanhã pela historia. Os livros estão apparecendo. A discussão augmenta. Ha gritos, ha chifrins. Tudo é combate. O que é certissimo é que, amanhã, pelas cartilhas de historia da literatura, leremos qualquer coisa parecida com o capitulo que segue: «O Brasil commemorou seu centenario com grandes e extraordinarias festa. Emquanto as grandes associações litero — scientificas tormavam champanha francêsa e o legitimo e capitoso Burgogne, entre leituras insipidas, fastidiosas de interminaveis monographias e relatorios,—os modernos humildes á roda das mêsas, no *Tavares*, no *Lamas*, do Rio, e *Bar do Ponto*, em Bello Horizonte, discutiam, entre goles\*de café e guaraná-espumante, as possibilidades de um Brasil grandioso, desse Brasil posição que anda a querer enxugar o nariz no lenço d'alcobaça de Camillo e repetir os motivos de Lamartine ou de Flaubert.»

Não! O Brasil está sendo descoberto aos poucos. Havemos de levar directamente ao sentimento brasileiro, que se vae adensando, o contingente do nosso esforço. E toda a nossa lucta não ha de consistir em *discursos—hymno nacional e poemas—patria amada-gêntil*. Tudo o que fizermos será substancia verdadeira, material legitimo para a formação de nossos ideaes de brasilidade.

MARTINS DE OLIVEIRA.

(Especial para *Verde*.)



A SYNCOPE

E elle de repente sentiu-se mal. Na rua refervia a multidão dos transeuntes.

Tinham todos expressão de indifferença, egoismo, quasi hostilidade.

Elle estacou, em agonia, sentindo no cerebro como um esguicho gelado.

Torvellinhou-lhe a razão.

Tacteou o espaço num desespero de naufrago, rodopiou sobre si mesmo e estirrou-se na calçada.

A humanidade vibrou no coração dos homens que passavam indifferentes, hostis e todos, piedosos, acudiram.

Cercaram o homem cahido.

Cem braços procuravam reanimal-o... Passado algum tempo o rythmo desfallecido do coração do enfermo voltou a normalizar-se.

Abriu os olhos, procurou comprehender. Compreendeu.

E vendo a piedade dos homens encheu-se de terror e soltou um grito rouco:

—A carteira!

Levou, num gesto insano, a mão ao bolso...

Mas era tarde. A carteira havia desaparecido.

GODOFREDO RANGEL



## BILHETES

### PRO ANTÔNIO DE ALCANTARA MACHADO — SÃO PAULO

Depois de ter lido a carta do Couto pra você—Alcântara—resolvi reler bem devagarinho o BRÁS BEXIGA E BARRA FUNDA. Como v. deve saber, pois já lhe escrevi a esse respeito, não gostei nada de certas coisinhas daquela carta.

O que notei no BRÁS BEXIGA—e que também o Couto devia ter notado—é a baita “visão cinematográfica” de que v. é dono, uma baita falta de movimento. Estou pra dizer até que os seus contos são “cinéticos”.

Você é *deshumano* quasi. Sua sensibilidade é fortíssima, sem duvida, mas v. não se preocupa e acho mesmo que nem se incomoda de transmitil-a.

O seu “caso” é narrado tal como foi. E’ documento. V. abandona aqueles detalhes liricos todos que só servem pra aporrinhar. Não é isso?—Pois é.

A gente “sente” o seu conto. Mas porém não sente o contacto de sua sensibilidade que declancharia (1) um bruto lirismo no leitor. E essa, talvez, seja a sua maior virtude. Ou o seu maior defeito. V comove sem artificialismo.

Se Ribeiro Couto—por ezemplo, que é sem duvida o nosso Casimiro de Abreu, o poeta POETA, o homem mais sentimental que eu conheço, pois bem—se Ribeiro Couto contasse aquela historia do GAETANINHO você até chorava! Aposto. Com v. o caso é diferente. Você vai contando. Quem quiser que se comôva... Você não tem nada com isso!

Bem. Cheguei onde eu queria chegar. Está o miôlo do meu bilhete. Coisa atôa.

Mas a coisa mais interessante que encontrei em sua obra.

E’ isso o que Couto de Barros deveria ter frisado bem—num estudinho tão bonito como aquele. Isso é o que ha de mais importante na “separação” de sua personalidade.

*Carmela e Liseta*—puxa! são as coisas mais bonitas que eu já li na minha vida. Estas sim. São comoventes de fato. Não pelo sentimentalismo lirico—repito!—que v. se tem não parece ter (basta dizer que v. não é fazedor de versos) mas pela escandalosa simplicidade espontânea que brôta do seu geito de contar.

E v. é isso tudo—Alcântara—bom e máu, humano e deshumano, discutido e pastichado—porquê v. é UNICO!

No mundo não ha outro Alcântara Machado. Não ha um sujeito que escreva como você.

Juro que não ha!

Espera lá, estou pregando mentira: tem o Mario...

ROSARIO FUSCO.

Lembranças ao Couto, Yan e Milliet. Um abraço do tamanho dum bonde—no Mario, por minha conta.

**Nota** — Este bilhete já estava escrito quando o Ascanio apareceu na redacção da VERDE com o seu bilhete delle pro Couto. Nem o Ascanio conhecia minhas ideas. Nem eu conhecia as dele.

Ele hontem veio da fazenda (estava profundamente lirico por causa da namorada) e ha muito tempo não conversavamos. Este aviso é pra evitar possiveis encrencas.

(1) Perdão Mario...

### PARA COUTO DE BARROS — SÃO PAULO

V. disse na “Verde” que só quem conhece S. Paulo compreenderia integralmente Bras, Bexiga e Barra Funda. Demonstrou isso com theorema e receita de doce.

Mas me parece que v. está enganado.

Ninguém percebeu ainda hermetismo no livro tão claro do Alcântara. Este é puramente um sujeito de scenas seguidas gostosas. Nenhuma apreciação. Nenhuma sensibilidade. Aquillo que o Alcântara escreveu sobre a roupa vermelha do italianinho dava um poema para chorar de Ribeiro Couto; mas por elle a gente gosta, apenas; ninguém

fica penalizado. O livro do Alcântara é uma fita sem letreiros e sem apreciações de propaganda da vida paulista: scenas! Ora, para entender uma fita desse geito, não é preciso nem ter visto S. Paulo. A gente fica é conhecendo S. Paulo atravez do livro do Alcântara. E’ ou não é?

Entretanto, quem sabe se o livro tem mesmo o tal valor 100 de que fala v.?

Eu então fiquei no 1. Mas, mesmo assim gostei immenso. Calcula si eu não tivesse ficado na unidade, cá na superficie.

ASCANIO LOPES.

## RELIGIÃO

Você sabe meu Deus  
o que são essas cousas...

A gente fica sem geito depois de tanto tempo!

Ja não sei mais rezar...

Quando eu passava por frente de sua casa  
eu ouvia sua queixa em mim  
e fugia...

Eu não queria te encontrar!

Hoje

não sei o que me impelliu  
para dentro de sua igreja

ENTREI

Teria rezado se soubesse

Teria me confessado

Teria dito assim

como pr'um amigo de peito

"Eu sou um sujeito muito safado!"

E si você insistisse um pouquinho

eu teria contado tudo

até essa cousa que eu não conto pr'a ninguem...

SERGIO MILLIET

■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■

## CANTOS DA TERRA VERDE

(2)

Desce o rio, lento, pesadão, mollengo.

Mas, de repente,  
se despenha no desespero do despenhadeiro.

E' a cachoeira, a acachoar, zoando e retum-  
bando, no seio vir-  
jem da floresta virjem.

E, além, são as aguas, que se refreiam, que se  
represam,  
e é a luta esplendida de mil cavallos imaginarios  
nos canos grossos,  
nos tubos longos,  
pelas turbinas a dentro — num turbilhão.

E, então, lá no alto, á luz do dia, apotheticamente,  
as fabricas gemem,  
os teares cantam,  
a serras guincham,

— e, á noite, como que num milagre, é a cidadella  
toda esplendente de alampadarios.

HENRIQUE DE RESENDE.

## A GERMANA BITTENCOURT

Todo el Brasil en tu sonrisa cabocla.  
Todo el Brasil en tu amistad clara.  
Las noches del Brasil con luna sobre el Corcovado  
el reflector que ilumina el lomo del gigante dormido.  
RIO JANEIRO — SAN PAULO — RECIFE  
El norte — el sur — el sertão de Euclides.  
Todo el Brasil que yo he soñado para mis noches sin tropicalismo.  
Una naturaleza de aduanero Rousseau.  
Piraguas cruzando el Amazonas  
y Matto Grosso inexplorado y hondo.  
Tu me diste el Brasil anticipadamente,  
Bandeira y los amigos que estrecharán mi mano,  
los buenos amigos brasileños olorosos a café tostado,  
con esa sonrisa tuya de niña enferma,  
tan magrinha, tan magrinha,  
en la boca pequeña y fruncida  
que sabe cantar el tremendo canto de los negros.

ILDEFONSO PEREDA VALDÉS.



## CHROMO

A neblina roeu a paisagem.  
Mas o sol, com cuidado  
pintou ella de novo—

e ficou—todo—importante !...

EMILIO MOURA.

■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■

## VENTANIA

PRO MARIO

O vento veio malúco lá do alto do Bomfim  
e veio chorando da tristura do cimiterio.

Zunio na praça do mercado  
assuviou as mulatas avenida do comércio  
e mexeu na saia délas.  
Arrancou fôlha das arvores  
poeira assungou do chão  
depois virou

soprou

correu

danou

e entrou feito uma carga na avenida afonso pena,

O obelisco cortou êle pelo meio  
mas êle foi avuando  
e os fios da C. E. V. U. como cordas de viólas  
vibraram dum som longo que cobrio Bêlorizonte feito um lamento.

O vento passou desmandado no Cruzeiro  
saío pro campo dobrou a mata  
mas de repente  
sua disparada para na parede serra do curral  
e o bicho stópa mas sapéca no morro um supapo  
que estrála que nem jinipapo  
que mão raivoza  
chispasse num muro duro.

Co — nhe — ceu papudo?

1926

PEDRO NAVA.

## LITERATURA

### ERÓES DE CINEMA

Reina crise no cinema, ou melhor, entre as estrelas e os estrelos. Figuras que tiveram extraordinário êxito na estréa, hoje decaíram e aborrecem o publico. Ninguem mais suporta Thomas Meighan que teve momento devéras glorioso com "Macho e Femea". Igualmente Barthlemess que nos enlevou no "Lyrio Partido" e no (\*) "Chaile de Manilha", agora não mais consegue entusiasmar. O mesmo acontece com John Barrymore, Milton Sills, e com todos figurões ou figurinos que antecederam ou succederam a Rodolfo Valentino. Outros nomes nunca justificaram o resplendor que desfrutam, por ezemplo, o insuportavel Menjou. Nunca pude compreender a causa da fama deste insignificante francez. Podemos estender ás damas o mesmo defeito, que aflige os homens do cinema, não cito nomes porque seria impertinencia, porém o leitor facilmente suprirá a falta com seu esclarecido criterio e bom gosto.

A origem deste enfado geral, provém da monotonia dos astros na expressão dos seus olhos e labios e nos gestos que fazem. Dão o que têm no primeiro film, depois é repetição do que veio a principio. Há eceções naturalmente, Carlito, o grande, é uma, mas não basta para compensar a multidão que fica no lado oposto. O peor da crise, é que até os filmes comicos passaram a sofrer do mesmo mal. Fujo de Harold Lloid, Buster Keaton, e principalmente de certos individuos genero Reginald Denny, como si fossem escritos do sr. Renato de Almeida. Conclusão, chegará o dia em que iremos ao cinema sómente para ver films em que não houver eróes de cinema.

### YAN DE ALMEIDA PRADO

(\*) O famoso filme de Barthlemess, eze-cutado em Cuba, poderia também significar um episodio brasileiro pela semelhança no senario. Designei-o sob o titulo "Chaile de Manilha" porque ignoro como foi batizado nos cinemas nacionaes.

### AUSTÉM AMARO—«Juiz de Fóra»

Um poema lirico—moderno cheio de rastros parnasianos e uma bruta influencia do Mario.

Acho até que se Austém Amaro não lesse o *Noturno de Belo Horizonte* não escreve-

ria aquilo. Comtudo o livro é moço, vivo, inteligente. E, como em geral acontece: bom e ruím.

*Juiz de Fóra* não é uma coisa difinitiva. Austém se quizesse poderia dar pra gente lêr coisa muito melhor.

Desenhos bonitos de Nava sujam os olhos da gente de preto.—R. F

### O HOMEM INQUIETO

Na geração moderna brasileira Wellington Brandão é um NOME. O cinzelador de *Deslumbramento de um triste*, *Séara da Emoção*, *Bonecos de Pano* e outras paginas bonitas e centilantes é o autor de *O homem inquieto*.

O livro todo é uma farandola de assonancias admiraveis e imagens bellissimas, repassadas, não raro—de acentuado fundo filósófico. Cocteau: a influencia é um contagio. E é mesmo. E acho que é porisso, talvez, que a gente encontre pontos de contacto entre Welligton e Tasso. Principalmente o Tasso desses ultimos tempos. Leiam, por ezemplo, os poemas: *O homem sobrenatural*, *A Verdade Inutil* e o *Pregador*. Isso pra citar os mais fortes

*O Homem Inquieto* é um livro cheio de altos e baixos, não ha negar. Um livro quasi antigo. Mas agrada e comóve bem.

O que achei interessante—e coisa rarissima!—o titulo justifica brilhantemente os poemas contidos no pequenino volume.

Todo o livro canta, vibra, grita de entusiasmo e de vida—cheio da alegria contagiosa do poeta moço que fez da inteligencia "um trapo inutil de sêda sobre a chama mais alta do coração"

### FUSCO.

### OSWALDO ABRITTA—«Crepusculares.

Só o titulo já é uma coisa lamentavel. Livro fóra de época é melhor calar. Em todo o caso, no tempo dêle—pra falar a verdade—o livro não é muito mau não.

Os seus defeitos são justificados com a pouca idade do poeta que vive até agora—enterrado no fundo de um quarto com figuras de Bilac e Raimundo Corrêa, pelas paredes, quarto de gasiano farrista...

Vamos a vêr que tal o seu novo livro modernissimo, anunciado pra breve.

R. F.

**A ILLUMINAÇÃO DA VIDA**

MURILLO ARAUJO

Rio 927.

Murillo Araujo tem pra mim duas boas qualidades: a de haver creado um ritmo proprio e a de haver conseguido a rara victoria de ser imitado por algum tempo. Crear na epoca de hoje não é das peores coisas—e, ainda mais, crear coisa que mereça cópia. Na *A Cidade de Ouro*, livro de amplo successo, editado em 1922, Murillo Araujo deixou bem frisada a sua maneira, a sua expressão poetica—e o seu ritmo passou a ser pastichado por muita gente boa. Creou vulto, em seguida, a renovação literaria. O brilhante autor da *A Cidade de Ouro*, embora mais moço que os velhos passadistas e um tanto mais velho que os primeiros iniciadores, continuou a literatejar pelas revistas, esquecido do movimento, com aquelle seu mesmo ritmo, a sua mesma maneira. Resultado: foi ficando pra trás. Os modernos, avançando sempre, largaram um dia de lado o sr. Graça e o sr. Ronald, dois admiraveis dos grandes precusores. Desembestaram uns tempos sem um cabeça, sempre mais novos, mais outros, mais differentes, se bem que mais desorientados. Depois aceitaram a verdadeira expressão: Mario de Andrade, que é, no dizer de não sei quem, “a receita que não falha nunca”. Por essa epoca o ritmo de Murillo Araujo já não interessava tanto.

Uns preferiram novos ritmos. Outros não preferiram coisa nenhuma. Mas todos fôram-se renovando. E distanciaram-se muito de Murillo. Eis quando aparece *A Iluminação da Vida*. Livro novo, não ha negar. Conservação dos mesmos processos, porém, com maior liberdade, maior alegria creadora. E Murillo reconquista, com a nova publicação, o seu antigo lugar. E’ novamente um bom poeta no eito claro dos modernistas. Não ha duvida que Murillo, no eito dos poetas modernos, é bem differente de todos os poetas modernos do Brasil. Mas isto longe de ser um defeito é uma terceira qualidade que lhe reconheço. Ninguem tem obrigação de ser igual aos outros. De afinar a sua viola pela prima dos demais violeiros. Aliás o Grupo Escolar do Modernismo é a sala mais democrata e camarada de todas as salas: não se excluem sexos nem raças nem classes. Venham todos. Mulheres ou homens Pretos ou brancos. Ricos ou pobres.

A unica ferramenta que se exige é o tal machado pra cortar o mato. Aquelle que o não tiver bem afiadinho e bem encabado

vae ficando pra trás até se perder de vista e ás vezes de memoria. E Murillo Araujo, com a *Iluminação da Vida*, tem o seu machado conforme. Mas uma coisa elle tem tambem: é muito mato pra cortar.

HENRIQUE DE RESENDE.

**BONÉCOS DE PANO**

WELLINGTON BRANDÃO

Ed. Helios — S. Paulo — 1926.

Wellington Brandão é um triste e um descontente que não chega a ser um revoltado. No seu livro—*Bonécocos de Pano*—não ha odio, ha pesar e muita ternura desconfiada e disfarçada. Sem intenção de satyra. Porque a satyra tem o fim de corrigir apontando defeitos e Wellington não expõe a crú as magellas e nem ensina pomadas ou emplastros.

Seu processo é outro, o de envolver o facto numa rede de acontecimento taes que o facto quasi desaparece. Só quem tiver a intenção de ver, verá.

Wellington crê, possivelmente, no aperfeiçoamento das instituições, na regeneração dos homens. Não pela moralização e melhoramento evolutivo dos dirigentes e das coisas. Mas pelo cansaço do proibido, pelo exagerado emprego da força e da astucia, acredita no obsoletismo futuro dellas, pelo abuso do uso. Quanto a elle, contenta-se em narrar os factos, reclamando como bom brasileiro. Pena é isso, que estraga suas melhores coisas: reclamar e discutir não traz proveito, sobre ser inutil. A discussão não convence ninguem. A reclamação só serve pra irritar.

Estou a aconselhar ao Wellington que se refugie naquella deliciosa ironia de que já nos deu amostra no poema “Emboscada” (v. “Diario de Minas”) e no ingenuo primitivismo dos “Cantos Municipaes”.

Evite as discussões dialogadas, as reclamações cansativas, as explicações pessoais e geraes. E então nos dará tudo aquillo que esperamos de seu talento.

ASCANIO.

**LEIAM:**

PATRIA MORENA — versos brasileiros  
 :: :: de Martins de Oliveira :: ::  
 A SAÍR EM DEZEMBRO PROXIMO

**FESTA**

(Rio — n.º 2)

Tasso da Silveira concorre com boas coisas para o n.º 2 dessa revista.

Abre até um concurso afim de se escolher o melhor simbolo para o movimento nacionalista. Combate o carrapato e a anta. Estou apostando como Fusco vae ganhar o pareo com a araponga.

Lacerda Pinto apresenta-se com um poema excellente, prejudicado com a proximidade dum outro intitulado "Sinceridade".

Di Cavalcanti—um desenho que não dá para commover, apesar do titulo.

Barreto Filho continúa a ter 14 annos incompletos.

Abgar Renault—um poema velho, distanciado do delicioso "Felicidade" (v. "Verde", n.º 2).

O melhor da revista é o titulo que occupa uma pagina inteirinha, livrando-nos de muita prosa macête do snr. Andrade Muricy.

A. L.

\* \* \*

No proximo numero daremos noticias sobre os seguintes livros, revistas e jornais recebidos:

Ildefonso Pereda Valdes

*Antologia de la moderna poesia Uruguava.*

Ed. El Ateneo—Buenos Ayres—1927.

Ildefonso Pereda Valdes

*Cinq poemes nègres*—Cruz del Sur—1927

Ildefonso Pereda Valdes

*La Guitarra de los negros*—Cruz del Sur—1926

Atlantico — (jornal) director Marques Rebello

Carátula—(jornal) ed. Cruz del Sur—Buenos Ayres

Martin Fierro (jornal) ed. Cruz del Sur—Buenos Ayres

\* \* \*

Por absoluta falta de espaço deixamos de publicar poemas de: Murillo Araujo, Pimenta Velloso, Francisco Peixoto, Oswaldo Abritta, Roberto Theodóro, Guilhermino Cesar, Albano de Moraes, Martins de Oliveira e outros.

No proximo numero, além de outras collaborações e notas—publicaremos trabalhos ineditos de: Mario de Andrade, Alcântara Machado, Ildefonso Pereda Valdes, Prudente de Moraes, neto, Oswaldo de Andrade, Marques Rebello, Sergio Milliet, Couto de Barros, Yan de Almeida, Godofrêdo Rangel, Carlos Drummond, Pedro Nava, Ildefonso Falcão, Emilio Moura, Abgar Renault, Wellington Brandão, Martins de Oliveira, João Alphonsus, Ascenso Ferreira, Affonso Arinos Sobrinho, Paulo Prado e muitos outros.

\* \* \*

Os dois gostosissimos poemas de Ildefonso Pereda Valdes e Blaise Cendrars que offerecemos hoje aos leitores de VERDE, foram escriptos especialmente para esta revista e constituem o inicio duma serie de collaborações ineditas dos maiores artistas estrangeiros da actualidade—que iremos publicar, e que constituirá, decerto, uma das partes mais interessantes de VERDE.

**ESMERALDA**

:: DE ::

**Aristobulo de Oliveira**

é a ouviresaria e relojoaria *chic* por excellencia. Bijouterie, Relogios, brilhantes, artigos para presente, pulseiras, aneis, alianças, etc.

Esta casa é depositaria das afamadas canetas-tinteiros — ECLYPSE

RUA CORONEL JOÃO DUARTE

**CATAGUAZES — MINAS**

**ALFAIATARIA SUCASAS**

**JOSE' F. SUCASAS**

Tem sempre um variado  
 :: :: :: sortimento de casemira nacional e estrangeira :: :: ::

Não teme rivalidade pela elegancia do corte  
 e pontualidade nos serviços

**Praça Ruy Barbosa, 10 -- Tel. n. 73**

**CATAGUAZES -- MINAS**

**ELIXIR DE CAMBARA' MAIA**

Analysado e approvedo pela Directoria Geral de Saúde Publica, sob o n.º 1223, em 7 de Janeiro de 1920. Registrado na Junta Commercial do Rio de Janeiro. — Premiado com Medalha de Prata na Exposição do "Centenario".

**Tonico geral de origem vegetal**

Empregado com vantagem, nas tosses, defluxos, constipações, influenzas, asthma, bronchite, pneumonia e fraqueza pulmonar. Faz engordar e dá um genio alegre aos que delle uzam.

**PHARMACIA POPULAR**

Aviam-se receitas a qualquer hora, com promptidão, zelo e modicidade em preços

Neste estabelecimento encontra-se  
 variado sortimento de Drogas e Productos Pharmaceuticos

**J. V. de Souza & C.**

Cataguazes — Praça Ruy Barbosa — Tel. n. 2 — Estado de Minas

## VERDE RECOMMENDA :

### ADVOGADOS :

Drs. Affonso H. Vieira de Resende

— E —

Affonso Vieira de Resende Junior  
Av. Astolpho Dutra — Tel. 170

Dr. Abilio Cesar de Novaes  
Rua Coronel Vieira — Tel. 86

Dr. Dionysio Silveira  
Praça Ruy Barbosa — Tel. 61 — J

Dr. Pedro Dutra Nicacio, neto  
Rua Coronel Vieira — Tel. 128

Dr. Merolino Corrêa  
Praça Santa Rita

Dr. Sandoval de Azevêdo  
Rua Coronel Vieira — Tel. 107

Dr. João Martins de Oliveira  
Hotel Brasil — 133  
Praça Ruy Barbosa

Dr. Antonio Lobo de Resende Filho  
Av. Astolpho Dutra — Tel. 66

### DENTISTAS :

Alberto Rocha  
Rua Coronel Vieira — Tel. 125

José de Carvalho Drummond  
Rua dos Passos — Tel. 105

Servulo José Abranches  
Rua Coronel Vieira — Tel. 174

André Pagano  
Rua dos Passos

Alfredo G. Baptista  
Rua Rebello Horta

Balduino Silva  
Villa Arabella

### MEDICOS :

Dr. Francisco José Cardoso Junior  
Rua Major Vieira — Tel. 31

Dr. Mario Cardoso  
Trav. 7 de Setembro — Tel. 114

Dr. Armando de Almeida  
Praça Santa Rita — Tel. 167

Dr. Nelson Pinto Coelho  
Rua Coronel Vieira — Tel. 125

Dr. Augusto Penna  
Rua Coronel Vieira — Tel. 78

Dr. Ribeiro de Sá  
Av. Astolpho Dutra — Tel. 180

Dr. Octaviano Costa  
Praça Santa Rita — Tel. 34

Dr. Alpheu Cavalcanti  
Rua Coronel Vieira, — Tel. 11

Dr. José Mendonça  
Av. Astolpho Dutra — Tel. 66

## REIS & COMP.

COMPRADORES DE CAFE'

Séde: Mirahy — ENGENHO CENTRAL IDEAL ✕ Filial: Cataguazes — ENGENHO CENTRAL IDEAL

CORRESPONDENTES DO BANCO DO BRASIL

Mirahy, tel. 12 — End. Telegraphico, "REIS" — Cataguazes, tel. 108

# CASA LIGEIRO

**E' INCONTESTAVELMENTE A MELHOR E A MAIOR  
CASA DESTA CIDADE**

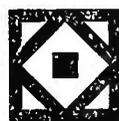
DIARIAMENTE GRANDES EXPOSIÇÕES DE SEDAS  
E NOVIDADES RECEBIDAS DIRECTAMENTE

**TODOS À CASA LIGEIRO**

(Em frente ao Banco do Brasil)

## Antonio da Silva Ligeiro

**Cataguazes — teleph. 60 — Minas**



**::: JOSÉ :::**

Interessante filhinho do sr. João Ferreira Vargas e d. Maria das Dôres Lisboa Vargas, residentes em Leopoldina, no Estado de Minas.

Com uma dóse do **Vermicida Cesar**, que é o melhor de todos os lombrigueiros, expelliu mais de 500 lombrigas, ficando alegresinho, sadio e forte como se vê.

# COLLEGIO N. S. DO CARMO

— E —

## Escola Normal de Cataguazes

Installados no mesmo predio espaçoso, que reúne todas as condições de hygiene e conforto, ambos os educandarios estão sob a direcção das Irmãs Carmelitas da Divina Providencia

*O COLLEGIO N. S. DO CARMO comprehende:  
Internato e Externato Primario e Escola Materna,  
para alumnos de 3 a 7 annos*

### CONTRIBUIÇÕES:

As Internas do Curso Normal	1:000\$000\$000	por	anno	lectivo
« « « « Fundamental	1:000\$000\$000	«	«	«
« « « « Primario	1:000\$000\$000	«	«	«
Externas do Curso Normal	300\$000	«	«	«
« « « Fundamental	200\$000	«	«	«
« « « Primario 3º e 4º	100\$000	«	«	«
« « « « 2º e 1º	80\$000	«	«	«

Joia de entrada para alumnos internos	40\$000
Curso de dactylographia	25\$000 mensaes

As pensões serão pagas em 3 prestações adeantadas, sendo a 1ª no acto da matricula, a 2ª a 15 de Junho e a 3ª em Setembro.

A lavagem de roupa sendo feita no Collegio 60\$000 annuaes.

As aulas do Curso Primario começam a 3 de Fevereiro e as do Curso Normal em Março.

O Corpo Docente que é da maxima competencia, conta elementos conspicuos entre os intellectuaes da sociedade Cataguazense.

Para informações sobre tudo o que se refere a admissão de alumnos dirijam-se a Irmã Directora.

**Telephone 85 - Cataguazes**

**MIDAS GERAES**

# SALGADO & COMP.

A HONROSA CARTA DO «INSTITUTO TECHNICO INDUSTRIAL.

Rio de Janeiro, 13 / 8 / 1927.

Illmos. Srs. Salgado & Cia.

Saudações.

Sem resposta ao nosso officio proclamatorio remettido em Maio de 1927, tomamos a liberdade de voltar ao assumpto, para saber si auctorisae a remessa do «GRANDE DIPLOMA DE HONRA DE PRIMAIRA CLASSE E A MEDALHA DE OURO DO MRITO, com que foi vossa firma premiada, por este Instituto, ante o brillantismo com que vos houvestes na EXPOSIÇÃO DE AGRICULTURA, INDUSTRIA E COMMERCIO DE BELLO HORIZONTE.

Vossos mostruarios deixaram entrever a excellencia da elaboração dos productos nelle contidos, RESULTANTE DO RIGOROSO CRITERIO TECHNICO QUE A DIRECÇÃO DE VOSSO ESTABELECIMENTO MANTEM.

No Patrimonio industrial de nossa Patria, vossa empresa acha-se em posição destacada, e, por tal merece todo o apoio das classes consumidoras.

Alem da homenagem acima referida, este Instituto houve por bem :  
—acclamar vossa firma MEMBRO TITULAR deste Instituto, (vide art. 8 de nossos Estatutos) ante os serviços extraordinarios que tendes prestado ao progresso fabril brasileiro.

Aguardamos vossa resposta para a sequente remessa dos laureis, bastando para tal o retorno do BOLETIM DE ADHESÃO PREENCHIDO.

INSTITUTO TECHNICO INDUSTRIAL

*Eng. Julio A Barboza*

Director Secretario

## Agencia Chevrolet e Oakland

### Mechanica e officina de concertos

Gazolina, óleo e graxa. Pneumaticos, camaras de ar e outros artigos

Carregam-se acumuladores

SORTIMENTO COMPLETO DE PEÇAS PARA AUTO EM GERAL

## CIODARO & FILHO

Avenida Astolpho Dutra -- Phone, 95

CATAGUAZES -- MINAS

# Livros que os leitores de VERDE devem lêr.

## APARECIDOS :

PRIMEIRO ANDAR, AMAR, VERBO INTRANSITIVO, CLAN  
DO JABOTÍ—de Mario de Andrade.

BRÁS, BEXIGA E BARRA-FUNDA—de António de Alcân-  
tara Machado.

PRIMEIRO CADERNO DE POESIAS—de Oswaldo de Andrade

## A SAÍR :

O DIREITO DA FAMILIA SOBRE O CADAVER—de Ascanio  
Lopes (no prélo).

CATIMBÓ—poemas de Ascenso Ferreira.

POEMAS CRONOLOGICOS—de Henrique de Resende, As-  
canio Lopes, Rosario Fusco.

CODAQUE—livro de vistas—de Rosario Fusco.

BAMBÚ IMPERIAL—de Achilles Vivacqua

DIRECÇÃO  
de  
HENRIQUE DE RESENDE  
MARTINS MENDES  
e  
ROSARIO FUSCO

# VERDE

REVISTA MENSAL  
DE ARTE E  
CULTURA

NUMERO . 4  
ANNO . . . 1  
REDACÇÃO  
e  
ADMINISTRAÇÃO  
RUA CEL. VIEIRA, 53  
CATAGUAZES - MINAS

## S U M M A R I O

MARCOS FINGERIT

MARIOSWALD

MARIO DE ANDRADE

MARQUES REBELLO

FRANCISCO I. PEIXOTO

ROSARIO FUSCO

ASCANIO LOPES

AFFONSO ARINOS (sobrinho)

PIMENTA VELOSO

ANTONIO DE ALCANTARA MACHADO

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

ILDEFONSO FALCÃO

ALBANO DE MORAES

GUILHERME DE ALMEIDA

HENRIQUE DE RESENDE

GUILHERMINO CESAR

A. FONSECA LOBO

EDMUNDO LYS

JOSEFINA BAKER

HOMENAGEM AOS HOMENS QUE AGEM  
APRESENTAÇÃO

INTERIOR NUMERO UM

PEDREIRA

MADRIGAL

PEDRO ALVARES CABRAL

TRÊS ESTANCIAS OPTIMISTAS

HISTORIA SEM PALAVRAS

O FILÓSOFO PLATÃO

CONVITE AO SUICIDIO

SINGERMAN STOLEK, ETC. (II)

PATRIOTISMO

L'OISEAU BLEU

SENZALA

CRONICA QUASI POLICIAL

AUTORIA DA ARTE DE FURTAR

TEORIA ARTISTICA DA FARINHA

### APONTAMENTOS DE

ROSARIO FUSCO, FRANCISCO PEIXOTO, ASCANIO LOPES, HENRIQUE DE RESENDE

Já chegaram detalhes e  
especificações

**Dos novos carros e caminhões**

**□ □ F O R D □ □**

**Venham conhecê-los com os agentes autorizados neste município**

**SERPA, RIBEIRO & C.**

**AVENIDA ASTOLPHO DUTRA**

**CATAGUAZES**

## CENTRO INDUSTRIAL

Serraria, Carpintaria e Officina  
Mechanica

JOSÉ IGNACIO DA SILVEIRA

VILLA DOMINGOS LOPES

TELEPHONE, 94

CATAGUAZES - - MINAS

## MANTEIGA DE 1<sup>A</sup>

SEMPRE NOVA E GELADA

PARA serem bem servidos neste genero exijam as  
caixas da LEITERIA evitando assim pagarem o colossal  
peso das latinhas, que levam menos 30 grammas.

**Entrega-se a domicilio**

**PHONE, 122**

**Cataguazes - - Estado de Minas**

**NOTA**—A LETTERIA DÁ COPOS DE CRISTAL AOS FRE-  
GUEZES DE SORVETE, A TITULO DE RECLAME.

**POLAR** o elegante sapato para Homem

**VICTOR** A MAIS LINDA VICTROLA

**VELOX** o delicado sapato para Senhoras

**RADIO** A SEDA MAIS MODERNA

**L'HEURE BLEU** O PERFUME DA MODA

PODEM SER ENCONTRADOS

NA CASA

**Henriques Felippe & C.**

**“SUL AMERICA”**

**Cia. Nacional de Seguros de Vida**

**Representante nesta cidade**

*Henrique J. Urso*

**CREME LEVASSEUR**

---

**O melhor creme para a pelle**

**Tira manchas de quaesquer especies**

**Amacia e formoseia a cutis**

**Licenciado pelo Departamento Na-  
cional de Saúde Publica**

## VERDE RECOMMENDA :

### ADVOGADOS:

- Drs. Affonso H. Vieira de Resende  
— E —  
Affonso Vieira de Resende Junior  
Av. Astolpho Dutra — Tel. 170  
—  
Dr. Abilio Cesar de Novaes  
Rua Coronel Vieira — Tel. 86  
—  
Dr. Dionysio Silveira  
Praça Ruy Barbosa — Tel. 61 — J  
—  
Dr. Pedro Dutra Nicacio, neto  
Rua Coronel Vieira — Tel. 123  
—  
Dr. Merolino Corrêa  
Praça Santa Rita  
—  
Dr. Sandoval de Azevêdo  
Rua Coronel Vieira — Tel. 107  
—  
Dr. João Martins de Oliveira  
Hotel Brasil — 133  
Praça Ruy Barbosa  
—  
Dr. Antonio Lobo de Resende Filho  
Av. Astolpho Dutra — Tel. 66

### DENTISTAS :

- Alberto Rocha  
Rua Coronel Vieira — Tel. 125  
—  
Celso Dutra  
Gabinete Pharmacia Ciribelli  
—  
José de Carvalho Drummond  
Rua dos Passos — Tel. 105  
—  
Servulo José Abranches  
Rua Coronel Vieira — Tel. 174  
—

### MEDICOS :

- Dr. Francisco José Cardoso Junior  
Rua Major Vieira — Tel. 31  
—  
Dr. Nelson Pinto Coelho  
Rua Coronel Vieira — Tel. 125  
—  
Dr. Augusto Penna  
Rua Coronel Vieira — Tel. 78  
—  
Dr. Octaviano Costa  
Praça Rita Santa — Tel. 34  
—  
Dr. José Mendonça  
Av. Astolpho Dutra — Tel. 66

## ESMERALDA

:: :: DE :: ::

## Aristobulo de Oliveira

é a ourivesaria e relojoaria *chic* por excellencia. Bijouterie, Relogios, brilhantes, artigos para presente, pulseiras, anéis, alianças, etc.  
Esta casa é depositaria das afamadas canetas-tinteiros — ECLYPSE

RUA CORONEL JOÃO DUARTE

CATAGUAZES == MINAS

# VERDE

ANNO 1

CATAGUAZES — DEZEMBRO 1927

NUMERO 4

## VERDE, POEMAS CRONOLOGICOS E OUTROS POEMAS

Foi em maio deste ano que conheci Rosario Fusco, e, logo em seguida, todos aqueles que hoje fazem parte do grupo verde. Autor, que sou, de um livro de poemas (Turris eburnea, M. Lobato & Comp. 1923 — edição esquecida) entendeu Rosario de mandar-me, porisso, alguns versos seus, acompanhados de uma carta interessantissima.

Sai imediatamente á procura do poeta pelas poucas ruas da cidade pequenina, a perguntar a uns e a outros onde era a sua casa, onde trabalhava, etc. Não trabalhava nem tinha casa. Mesmo assim, com pouco sacrificio, topámos logo. Depois desse dia vieram outras cartas de Rosario e outros poetas. Resultado: em Junho eramos nove, dos quaes oito escritores e o pianista Renato Gama.

Foi um pasmo.

Rosario levantou a idéa do *Jazz band*. jornaleco safado e inelegivel. Propuz então uma revista. Quatorze dias depois saía o primeiro numero da *Verde*. Saíu porque não pensámos na responsabilidade. Nem programa. Nem dinheiro. Nem colaboração. Nem nada. Juntámos umas coisas e mandámos imprimir. Colaboração, dinheiro, programa e responsabilidade viriam depois.

Bôas noticias. De jornaes que não esperavamos. Resolvemos então a pedir colaboração, mas na quasi certeza de que tudo ia ser negado. Pois quê! Colaborar, gente grossa de S. Paulo, Rio, Belo Horizonte e Juiz de Fôra, numa revista de Cataguazes, cafundó dos diabos?

Mas, com surpresa nossa, vieram vindo as comidas. E no dia em que chegaram as do Mario e do Alcântara, o rondó do brigadeiro e o aventureiro Ulysses, foi um sarilho na redação emprestada da *Verde*. E veio vindo a canalha grossa.

Eis que um dia, porém, houve uma desconfiança. Foi quando recebemos coisa de Blaise Cendrars e um bilhetinho sujo do Milliet. Eu falei pro Fusco: isto é tróte. Tróte do Alcântara, do Mario, de todos. O Cendrars não está no Rio, e, mesmo que estivesse, não nos mandaria verso. Quanto ao Milliet é um safadão de marca. Eles querem

é ridicularisar a gente. E danamos a procurar o nome do Cendrars nos jornais. Estavamos abatidos com a desconfiança. Seria uma vergonha. No dia seguinte veio o Rosario, com as suas pernas quilometricas, trazendo uma pagina do Correio da Manhã, onde vermelhava um traço marcando a noticia. Cendrars no Rio! Que alivio! Acreditámos então na autenticidade do verso do francez, no bilhete do Sergio e retirámos em seguida o adjetivo com que ultrajámos este ultimo.

Sai o terceiro numero. Alguns criticos, o que ainda mais nos embaraçou, consideram *Verde* a melhor revista literaria moderna no Brasil, pelo facto de haver congregado num só grupo todos os grupos modernistas de valor do Paiz.

Cataguazes, a pobre cidadela, que tem sido vitima da pena de muitas pennas, sem intuito nenhum de trocadilho, é promovida a centro intelectual. Mario e Alcântara, os bichões, escrevem-nos pedindo para que *Verde* não môrra.

Aí por esta altura ficámos importantes...

Pensámos mesmo num livro. Ascanio, Fusco e eu. Chamámos á parte o Daniel, chefe das oficinas emprestadas da *Verde*. Tudo combinado. Coisa barata e bôa. E em breve, ou melhor, por estes dias, os leitores terão os *Poemas Cronologicos*. Depois virá o livro de Francisco Peixoto. E logo em seguida Martins Mendes e Guilhermino César, conjuntamente, editarão vinte poemas. E' que em Minas o espirito moderno se tem demonstrado apenas por meio de revistas efemerias e jornaes de diminuta procura. Embora partindo de nós, achamos que o ezemplo merece consideração especial.

Belo Horisonte, com um grupo brilhantissimo, sem jornal e sem revista, precisa lançar mão do livro. E Juiz de Fôra tambem. E esses intellectuaes levarão sobre nós uma grande vantagem: a vantagem de haver entre êles bons prosadores—coisa que anda em crise por cá.

HENRIQUE DE RESENDE.

## JOSEFINA BAKER

De tanto arder  
te volviste negra,  
Josefina Baker.

Aprendiste a bailar  
para quitarte  
la pereza sensual  
de tus noches africanas.

Insurreccionaste  
los tablados  
del cansancio occidental  
con el dinamismo  
de tu cuerpo mercurial.

Toda tú, eres  
la cálida metáfora  
de los charlestones magicos.

MARCOS FINGERIT

(Do livro inedito Antena)

Poeta da moderna geração argentina, com 23 anos, Marcos Fingerit com as Canciones Minimas, alcançou um posto singular na literatura viva da Argentina. Diante do tumulto espaventado da época moderna de primeiro a mocidade dêle reagiu. O moço se voltou e se protegeu. Provêm d'aí as Canciones Minimas, livro de lar, delicioso, duma doçura excepcional. Agora, mais fortificado êle se pôs respirando a vida moderna das ruas. Surgiu então o livro Antena, já no prélo e que trará ilustrações do universalmente conhecido pintor moderno argentino, Pettoruti. «Verde» se sente feliz de unir ao canto brasileiro uma nota pura da Argentina.

# HOMENAGEM

aos Homens que Agem

Tarsila não pinta mais  
Com verde Paris  
Pinta com Verde  
Cataguazes

Os Andrades  
Não escrevem mais  
Com terra roxa  
NÃO!  
Escrevem  
Com tinta Verde  
Cataguazes

Brecheret  
Não esculpe mais  
Com plastilina  
Modela o Brasil  
Com barro Verde  
Cataguazes

Villa Lobos  
Não compõe mais  
Com dissonancias  
De estravinsquí  
NUNCA!  
Ele é a mina Verde  
Cataguazes

Todos nós  
Somos rapazes  
Muito capazes  
De ir ver de  
Forde Verde  
Os azes  
De Cataguazes

Poema de MARIOSWALD

(do livro inedito "Oswaldario dos Andrades")

## APRESENTAÇÃO

que Mario de Andrade escreveu pro livro de Rosario Fusco — CODAQUE — a sair brevemente.

O costume de mais velho apresentar mais moço é uma das tais organizações pernósticas da sociedade. Não se acomoda bem com a minha curiosidade religiosa da vida pela qual pra mim é só o futuro que pode melhorar o presente. Não sei de nenhuma religião que se baseie no presente ou no passado... É é por isso que toda esperança possui muito de redenção e é um estado franco de religiosidade.

Me sugitando por pedido de Rosario Fusco, mineirinho de 17 annos, a essa praxe de apresentar o livro dêle, confesso que isso me deslumbra como a chegada da velhice. Hoje aliás não tenho medo mais não da velhice e acho bobagem tudo o que andâmos falando mal dela por aí. Um tempo isso até virou cacoete: tudo o que a gente não gostava punha na velhice e tudo o que era boniteza punha na mocidade. Foi uma especie de despeito pela aurora com que a gente, os iniciadores da nossa literatura moderna, procurâmos escapolar daquela companhia de passado que pagara absinto pra nós nos primeiros tempos de literatura. Pra mim tudo isso tem valor mais não e já pus reparo que a boca-da-noite com menos vibração e mais serenidade é talequal a arraiada.

Não tenho duvida em apresentar êstes instantaneos de Rosario Fusco embora não seja livro que marque. E' o defeito das fotografias de codaque mandadas revelar na cidade... Só quinhentos reis cada filme, cada cópia duzentão. Sucede que o pessoal lá

do negocio não sofrendo amor pelo que a gente fez, revela afobado e não deixa secar direito. Nem bem passam oito meses a foto vai descolorindo, as imagens ficam desmerecidas, perdem a força no papel.

Ou por outra: O livro de Rosario Fusco marca sim mas tem dois geitos dum livro marcar. Uma obra-de-arte marca feito viagem ou feito mapa geografico. Si a gente vai numa cidade e ela é batuta nunca mais esquece a tal. Si a gente assunta uma carta geografica feito eu antes de ir no Amazonas, já se comove bem imaginando nos gostos que terá na viagem. O livro de Rosario Fusco é assim um mapa caridoso e sugestivo. Que gostosura! que iluminações que a gente vai ter passeando por êsses rincões nomeados no papel de cores vivas!... Muita gostosura.

Isso já se percebe principalmente porque o mapa de Rosario Fusco não é que nem os de agora, só linhas, só cores, só nomes de pagos não. E' que nem aqueles mapas de dantes. Dum lado ou mesmo no meio da geografia está vivendo um elefante uma palmeirinha um templo illustre. Poemas como Rio de Janeiro, Madrigal, Jornal de Interior, Baía, não indicam apenas ideologicamente a margem que o futuro reserva pros nossos prazeres. Já é principio de viagem. O que se enxerga inda não é coisa propriamente nova não. Mas é fecunda e já comove bem.

MARIO DE ANDRADE.

## I N T E R I O R N U M E R O 1

Sob a lampada cariciosa...  
Sob a paz adormecida e amiga..

o bom sorriso

a ceia do Senhor

o socego...

e o sapo jururú  
para adormecer a criança.

M a r q u e s R e b e l l o.

## PEDREIRA

PRA ROSARIO FUSCO

Dependurados no espaço  
êles ficam ali o dia inteiro  
arrancando faiscas  
furando buracos na pedreira enorme  
que reflete como um espelho  
as suas sombras primitivas.

A' tarde ouve-se um estrondo  
e o éco repete a gargalhada das pedras  
que vieram rolando da montanha.

Os homens de pele tostada  
descem então dos seus esconderijos  
e caminham pras suas casas  
vagarosamente  
decepcionados  
segurando com as mãos cheias de calos  
as ferramentas com que procuram  
ha uma porção de anos  
o segredo que lhes dê uma nova revelação da vida

FRANCISCO IGNACIO PEIXOTO

## MADRIGAL

Vista n. 8 do CODAQUE—a sair

Meu brinquedinho de papel DENNISON  
lindo brinquedinho inglez  
brasileiramente fabricado  
em Cataguazes mesmo

Lindo brinquedinho de dois mil reis  
que a gente compra por uns minutos  
e acha bem bom ainda

Você não fica muito caro não  
Duas chispadas é pouco  
e não gasta 1 litro de gasolina!

A Bébé Daniels, a Pola Negri,  
A Nita Naldi, a Margarida Max (êta patriotismo!)  
êlas todas, todas êlas moram dentro de você...

A questão é a gente querer  
Meu amorzinho barato meu carro Forde  
ultimo modelo

Minha linda francezinha, ingleza, americana ou suissa  
segundo a luz quebrada do abajúr...

ROSARIO FUSCO.

## PEDRO ALVARES CABRAL DESCOBRIDOR

Depois calças compridas cortei definitivamente relações infancia. Uzei gravatas berrantemente panorâmicas. Mas nunca pensara olhar pra mim mesmo. Lirismo espanhjava meus vertiginosos 17 anos.

Porém soube ela disera feios são sempre rapazes modelos. Presentimento brutal nunca ser Brummel branqueou minha cara quando olhando espelho choquei de frente perto minha barbara fotografia.

Arquitetei vinganças tremendas descompuz natureza em berros intimos que frisonavam pele e cabelos aterrorizados. Procurei outra solução admitindo como falhado outra forma aparecer bancando o Cezar venci. Primeiro ezame introspequitivo me dera certeza pozar com suceso pintor caras idiotas sujeitos musculozos. Segundo ezame me deu pretensão ser artista. Ideiei coizas profundas livros profundos 12 15 tomos empilhados profeticamente convidando inteligencias repastos fartos. Ambicionei meu nome citado jornais pezados chamando atenção ela que me tornara Pedro Alvares Cabral sim senhor com descoberta minha intima tendencia.

Impetos eroicos cruzaram meu cerebro mas cantei poetamente fealdade superes depois comer teorias alemães indijestamente traduzidas. Uzei oculos escandalizando tia Joaquina pacatisima.

Esqueci vida propria menino mudando fala. Declanchou nova crize lirica profunda me dizendo eles tinha jeito para filozofa quando inteirei 20 anos.

Percebi era senhor muitos sistemas mas nenhum me agradou orgulhoz nada fiz pros outros. Só gostei intimo me chamassem pensador criticando coizas profundas com citações orijinaes compridas. Dezanimos constructivos me descambaram pra poezia. Recolhido me fizera idiotamente timido pudorozo.

Mas vida tinha brotar. Brotou.

Maria Eugenia sentou perto no sofá. Idiota me deixaram sozinho.

Feio mas forte agradei com asombros musculozos gritadinhos. A carne morena asanhada bolinada cinemas bailes espreitando minha virjindade encostou caprichozamente. Minhas mãos virjens colosaes puxaram bruscas corpinho camiza por cima da carne corada quente cheiroza. Meus musculos tremeram. Meus nervos tremeram. Brazileiramente. Percebi confuzamente que eu de novo Pedro Alvares Cabral sim senhor descobrira uma delicia que devia ser o mundo FA-TAL-MEN-TE.

De Maria Eugenia (novela)

ASCANIO LOPES.

## TRES ESTANCIAS OPTIMISTAS PRA CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Você disse que esta vida não presta.  
Mas, pra firmar esse juizo,  
Carlos Drummond de Andrade,  
com que outra vida você comparou esta vida?

Você disse que ninguem tem nada.  
Mas você está enganado,  
Carlos Drummond de Andrade.  
Si eu não tenho nada, então de quem é o mundo?

Você disse que não se deve esperar nada.  
Mas eu não sigo o seu conselho,  
Carlos Drummond de Andrade.  
Eu deito de costas na terra,  
eu deito nú na terra núa  
e olho pro céu e espero,  
espero tudo que eu quero,  
espero até que desça a lua  
pra me servir de travesseiro.

**A f f o n s o   A r i n o s   ( s o b r i n h o )**

## CARTA-TELEGRAMA PRA MARTINS DE OLIVEIRA

Martins amigo meu cotuba.

Quando fiquei conhecendo você aí por meados junho julho me pareceu logo você apegado preconceitos tolos bancando verdadeira pose intelectual. E não me enganei. Mais tarde tive confirmação disso. Pela sua conversa longas cartas suas que recebiamos aqui. Notei também sua mania explicar sempre sempre o que é modernismo salientando sua diferença futurismo. Ainda numero passado VERDE você veio lenga-lenga compridissima artigo intitulado MODERNISMO. Misturando alhos com bugalhos comparei você esses meninos iniciados estudos materia nova querendo mostrar grande compreensão fazem salada batatas. Não são necessarias provas. E'las estão lá berrando referido artigo.

Agora eu nacido e criado dentro modernismo não compreendo motivo grita gente de que fala você. Porque esse "insulto que ouve a cada instante" essa "risada escarninha" esse "remoque solerte"? Porque esse sangê todo? Atôa atôa. Acho.

Em Cataguazes acontece mesma coisa. Meia duzia supostos entendidos moralizadores nossa literatura vivem mexendo com a gente. Não sabem onde têm o narís. Nós levamos nomes feios todos dias. Emquanto isso turma lá fóra pensa nacemos ambiente favoravel. Uma pilula! Deus sabe com que custo estamos fazendo meio. Mas gente criança não desanima não. Nem dá impor-

tancia bobages. Pra que viver explicando "é formidavel o nosso idéal"? Não chegam nunca compreender. Não temos também necessidade essa compreensão. Porisso inutilidade artigos explicativos tendencias modernizantes. Porisso inutilidade completissima seu artigo bocó. Só descobri nele um fim: provar você é medroso. Você pasadista inveterado que chegou quasi até publicar complicadissimas sestilhas português tempo da onça teve medo sendo moderno sua reputação literaria ficasse abaladissima pra pessoas admiradoras você pasadista. Porisso toca explicar vantagens modernismo dizendo não é como pensam. Medo puro. Tolice muita como disse.

Fusco sempre me fala grande arrependimento imensa vergonha que êle tem ter publicado certas coisas VERDE. Fala tem dias êle quasi não dorme pensando escreveu besteiras como E' PRECISO PAZ NA ARTE MODERNA e certas noticias sobre livros. Tenho também esperança danada você terá vergonha ter escrito MODERNISMO como tenho também de muitas coisas que escrevi. E' verdade sempre falo: besteiras são necessarias. Assim me desculpo muitas vezes. Porisso desculpo você também.

Aporrinhação vai longe. Preciso parar. Adeuzinho. Não fique zangado comigo não sim?

Francisco IGNACIO PEIXOTO

## HISTORIA SEM PALAVRAS

Emfim, tudo o que pensa o filisteu  
termina fatalmente em ADE.  
Não é que elle seja, afinal, pessoa  
sem posição social  
sem gravidade  
sem ideias com i grande  
pra bem da humanidade com h grande.  
Mas sempre chega á resultante  
dum conceito  
em ADE. E' fatal.  
Muita coisa e pouco effeito  
Moral:  
Ventre livre não é purgante.

P i m e n t a V e l l o s o

## O FILÓSOFO PLATÃO

Fechou a porta da rua. Deu dois passos. E se lembrou de que havia fechado com uma volta só. Voltou. Deu outra volta. Então se lembrou de que havia esquecido a carta de apresentação para o director do Serviço Sanitário de São Paulo. Deu uma volta na chave. Nada. E' verdade: deu mais uma.

—Nhana! Nhana! Nhana!

Nhana apareceu sem meias no alto da escada.

—Estou vendo tudo.

—Ora vá amolar o boi! Que é que você quer?

—Na gaveta do criado-mudo tem uma carta. Dentro de um envelope da Câmara dos Deputados. Você me traga por favor. Não. Eu mesmo vou buscar. Prefiro.

—Como queira.

E foi buscar. Saiu do quarto parou na sala de jantar.

—Ainda tem gelea aí, Nhana?

—No armário debaixo de uma folha de papel.

—Obrigado.

Escolheu cuidadosamente o cálice. Limpou a colherinha no lenço. Nhana ia passando com o ferro de engomar. Mas não se conteve.

—Platão, Platão, você não vai falar com o homem, Platão?

—Calma. Muita calma. Glorinha entregou o ordenado?

Nhana sacudiu a cabeça:

—Sim senhor!

Fingiu que não compreendeu. Raspado o fundo do cálice lavou meticulosamente as mãos. E enxugou sem pressa. Dedo por dedo. Abriu a porta. Fechou. Vinha vindo um automóvel a duzentos metros. Esperou. Agora o ônibus da Light. Esperou. Agora um bonde do lado contrário. Esperou. Olhou bem de um lado. Olhou bem de outro. Certificou-se das condições atmosféricas de nariz para o ar. Marcialmente atravessou a rua.

O poste cintado esperava os bondes com gente em volta. Platão quando ia chegando escorregou numa casca de laranja. Todos olharam. Platão equilibrou-se que nem japonês. Encarou os presentes com um gei-

to de vitória. Na cabeça, seus cretinos. Esfregou a sola do sapato na calçada e resolveu ir esperar em outro poste. Chegou com os olhos no chão.

—Boa tarde, Platão.

—O mesmo, Argemiro, como vai você?

—Aqui neste solão esperando o mal-dito 19.

Platão cavou um arzinho risonho. Acendeu um cigarro. Disse sem olhar:

—Eu espero o ônibus da Light.

—Milionario é assim.

Primeiro deu um puxão nos punhos postigos. Depois respondeu:

—Homem! Nem tanto...

O 19 passou abarrotado. Argemiro não falava de ódio. Platão sim de vez em quando:

—Esse é um dos motivos por que eu prefiro o ônibus da Light apesar do preço. É um Pateck.

Mas era só para moer.

Argemiro deu um adeuzinho e aboletou-se à larga num 19 vasio. Então Platão soltou um suspiro e pongou o 13 que vinha atrás. Ficou no estribo. Agarrado no balaustre. Imaginando desastres medonhos. Por exemplo: cabeçada no primeiro poste. Impossível escapar. Era fatal. Uma sacudidela do bonde e pronto. Miolos á mostra. E será que a Nhana casaria de novo?

—O senhor dá licença?

—Toda.

Não tinha visto o lugar vasio. Pois a mocinha viu. Que danada. Toda a gente passava na frente dele. Triste sina. Tomava cocaina. Ora bolas.

—Ó seu Platãozinho!

A voz do Argemiro. Enfiou o rosto dentro do bonde.

—Ó seu pândego!

O cavalheiro de balaustre foi amável:

—Parece que é com o senhor.

—Olá, Argemiro, como vai você?

—Te gozando, Platãozinho!

Resolveu a situação apeando.

—Não tem nada de extraordinário, Argemiro. Não precisava fazer tanto escândalo. Homessa! Então eu sou obrigado a andar de ônibus só? E ainda por cima da

Light? E não tendo dinheiro trocado no bolso? Homessa agora! Homessa agora!

—Até outra vez, seu bocó!

—Hein?

Profunda humilhação com o sol assando as costas.

Mas não é que tinha de descer ali mesmo? Praça da República, rua do Ipiranga, Serviço Sanitário. E' muitissimo bôa: Arge-miro fez um favor. Um grande? Um grandérrimo.

Para a satisfação consigo mesmo ser completa só faltava abrir o guarda-sol. Porcaria de guardasol. Você não quer abrir, desgraçado? Você abre, desgraçado, amaldiçoado, excomungado. Abre nada. Nunca viu, seu italianinho de borra? Guardasol, guardasol, não me provoque que é peor. Desgraçado, amaldiçoado, excomungado. Platão heroicamente fez mais três tentativas. Qual o quê. Foi caminhando. Batia duro com a ponteira na calçada de quadrados. De vingança. Se duvidarem muito as costas já estão fumegando. Depois asfalto foi feito ES-PE-CI-AL-MEN-TE para aumentar o calor da gente. Platão parou. Concentrou toda a sua habilidade na ponta dos dedos. É agora. Não é não. Vamos ver se vai com geito. Guardasolzinho de meu coração, abra, sim meu bem? Com delicadeza se faz tudo. Você não quer mesmo abrir, meu amorzinho? Está bem. Está bem. Fica para outra vez. Você volta pro cabide. Cabide é o braço. Que cousa mais engraçada.

Rua do Ipiranga. Eta zona perigosa. Platão não tirava os olhos das venezianas. Só mulatas. Eta zona estragada.

—Entra, cheiroso!

—Sai, fedida!

Que resposta mais na hora, Nossa Senhora. É longe como o diabo êsse tal de Serviço Sanitário. Pensando bem.

—Boa tarde, seu Platão, como vai o senhor?

—Ó dona Euridice, como está passando a senho...ora que se fomente!

Olhou para trás. Não ouviu. Que ouviu. Parou deante da placa dourada. Sem saber se entrava ou não. Não será melhor não? Tanta escada para subir, meu Deus.

O tição fardado chegou na porta contando dinheiro.

—O doutor director já terá chegado?

—Parece que ainda não chegou, não senhor.

Aí resolveu subir.

—O doutor director ainda não chegou?

O cabeça-chata custou para responder.

--Chegou, sim senhor. Quer falar com êle?

--Ah, chegou?

O cabeça-chata papou uma pastilha de hortelã-pimenta para depois exclamar:

—Agora é que eu estou reparando... o seu Platão Soares... Sim senhor, seu Platão. Desta vez o senhor teve sorte mesmo: encontrou o homem. Vá se sentando que o bicho hoje atende.

Platão deu uma espiada na sala.

—Chi! Tem uns dez antes de mim.

—Paciência, não é?

Platão se abanava com o chapéu côco. Triste. Triste. Triste.

—Que é que você está chupando?

—Eu? Nãoestouchupandonadanãose-nhor!

Platão deu um balanço na cabeça.

—Sabe de uma cousa? Aai!... Eu volto amanhã...

—O senhor dá licença de um aparte, seu Platão? Eu se fosse o senhor não deixava pra amanhã não. O senhor já não veio aqui uma dez vezes?

—Não tem importância. Eu volto amanhã.

—Admiro o senhor, seu Platão. O senhor é um FI-LÓ-SO-FO, seu Platão, um grande FI-LÓ-SO-FO!

—Até amanhã.

—Se Deus quizer.

Desceu a escada devagarzinho. Tirando a sorte. Pé direito: volto. Pé esquerdo: não volto. Foi descendo. Volta, não volto, volto, não volto, vol...to, não vol...to, VOL...TO! Parou. Virou-se. Mediu a escada. Virou-se. Olhou a rua. E' verdade: e o degrau da soleira da porta? Mais um não-volto. Mais um. Porém para chegar até êle justamente um passo: não-volto. Depois o último: volto. Aí está. Azar. O que se chama azar. Platão retezou os músculos armando o pulo. Deu. De costas na calçada. A mocinha que ia chegando com a velhinha suspendeu o chapéu côco. A velhinha suspendeu o guardasol. O chôfer do outro lado da rua suspendeu o olhar. Platão Soares finalmente suspendeu o corpo. Ficou tudo suspenso. Até que Platão muito digno pegou o chapéu côco. Agradeceu. Ia pegando o guardasol. A velhinha quiz fecha-lo primeiro.

—Não, minha senhora! Prefiro assim mesmo aberto, por favor. Muito obrigado. Muito obrigado.

De guardasol em punho deu uns tapinhas nas calças. Depois atravessou a rua. Parou deante do chôfer. Cousa mais interessante ver mudar um pneumático.

E não demorou muito:

—Eu se fosse o senhor levantava um pouquinho mais o macaco. Não acredita?

(do *Laranja da China*.)

ANTÔNIO DE ALCANTARA MACHADO.

# C O N V I T E A O S U I C I D I O

A MARIO DE ANDRADE

Vamos dar o tiro no ouvido,  
 Vamos?  
 Largar essa vida  
 largar esse mundo  
 comprar o ultimo bilhete  
 e desembarcar na estação central do Infinito pe-  
                   rante a comissão importante de archan-  
                   jos bem-aventurados prophetas—vivôôô!

Vamos acabar com isso,  
 dar o fóra nas aporrinhações.  
 Adeus contrariedades.  
 Nunca mais desastres  
 nem callos  
 nem desejos  
 nem percevejos nem nada.

Só um gesto  
 PUM PUM  
 Acabou-se.

Já estou cansado da Metro, da Paramount,  
 de todas as marcas inclusive a barbante.  
 O fita pau.  
 Repetir é casar dobrado.  
 Me dá o braço,  
 vamos s'embora.

A vida foi feita pros trouxas  
 que esperdiçam as riquezas do coração  
 nessa lenga lenga infindavel  
 e depois vão dormir o somno abençoado dos burros  
                   justos pra recomeçar no dia  
                   seguinte cedinho.

Vida que não é vida...

(Suspirei  
 foi pra abrir o peito,  
 soltar o ultimo desgosto.)

Estou prompto pra sahir.  
 Vamos sahir juntos?  
 E' mais divertido  
 e enche mais os jornaes: um suicidio duplo, hein?  
                   que mina pros reporteres e pros  
                   cidadãos que gostam de misturar  
                   o café matinal com historias  
                   de Smith and Wess.

A noite está fria.  
Noite indiferente.  
Vamos morrer daqui a um minuto  
(si você não roer a corda)  
e no entanto o Cruzeiro do Sul parece dizer: que m'importa,  
E astros aguas e terras repetem machinalmente: que  
m'importa.

Elles têm razão.  
Nós também temos.  
Dois contribuintes de menos,  
que perderá o Brasil com isso.  
No frio da noite os amorosos multiplicam a especie.  
O Brasil é tão grande.  
Mais grande que o mundo inteiro.  
Estamos caceteados, vamos s'embora

Adeus minha terra  
terra bonita  
pintada de verde  
com bichos exquesitos e moleques treteiros,  
abençoada pelo Deus brasileiro das felicidades e descarrilamentos.  
Meu povo  
amigos inimigos  
canalha miuda  
me despêço de todos sem excepção.  
Apezar de ser inutil,  
se lembrem de mim nas suas orações.

Está na hora.  
Agora vamos.  
Me acompanhe nesse passo  
tão complicado.  
Me ajude a morrer,  
morre com a gente,  
irmãosinho.

Vamos fazer a grande besteira:  
rebenatar os miolos  
e ir receber no céu o castigo de nossos amores  
e o premio de nossas devassidões.

## Carlos Drummond de Andrade

ALBUM DE VISTAS DA CIDADE DE CATAGUAZES — de Francisco Peixoto — a sair  
POEMAS CRONOLOGICOS—de Henrique de Resende, Ascanio Lopes e Rosario Fusco—a sair  
CODAQUE — livro de vistas — de Rosario Fusco — muito breve.

## SINGERMAN, STOLEK, ETC. ETC.

(CONTINÚAÇÃO)

Mas, ao caso: transmitti-lhe o convite, roguei-lhe que emprestasse o seu concurso á festa do Ateneo, declamando uns poucos versos de poetas brasileiros. A sra. Singerman, como eu ingenuamente cuidava, não me respondeu de prompto que accederia com satisfação. Prometteu. Que não sabia, que aguardava telegrammas do seu empresario, etc, etc. Achei razoavel toda essa cantilena, tanto que, no dia immediato, pela manhã, escrevi a chroniqueta para "Para todos" Logo, tomou a palavra o seu marido que depois de muita parolagem sem futuro, disse responder-me-ia em tempo. O dialogo telephonico foi o que repeti na explicação já publicada. A sra. Singerman, como concluíra, aliás, desde o primeiro momento, recusava-se a collaborar na homenagem ao Brazil. Estaria em Buenos-Aires a 7 de Setembro, declamaria ás 5 1/2 no "Cervantes" (o que foi uma rotunda mentira) mas não ás 9 1/2 da noite não poderia preencher um numero sequer do programma da festa do Ateneo. Esse foi o facto, nú e crú. Se houvesse accedido, que desejaria eu mais para ficar satisfeito? Assombrei-me, pois, do desplante com que se mentiu em torno disso, na ansia de rehabilitar-se a sra. Singerman perante o nosso publico.

A recusa que me surprehendeu, como as frageis razões apresentadas e que, como me cumpria, communiquei aos directores do

Ateneo, foi que determinou a minha attitude, isto é, de levar esse caso ao conhecimento dos amigos—"camelots" da Empresa Singerman no Brazil para que elles, ao menos, applicassem barbicaches ao gongorismo de suas tiradas ridiculas. A acquiescencia, o "enthusiasmo brasileiro" e a "boa vontade" da declamadora russa e do seu marido derivaram da noticia que lealmente lhes dei: de que ia narrar o occorrido aos meus amigos de imprensa no Rio e em S. Paulo. E assim o fiz, com a responsabilidade do meu nome. Uns, não puzeram em duvida a minha palavra de homem que não mente; outros, semvergonhamente, teimaram em proclamar "genial" "unica", "sobrenatural" e disparates do mesmo jaez a sra. Singerman.

Repontaram os commentarios na imprensa do Rio, alguns realmente adulterados. O sr. Stolek não teve, por exemplo, o cynismo de confessar-me as razões "poderosas" da recusa. Eu é que as adivinhei porque, graças a Deus, não sou imbecil. A recusa não foi tampouco de declamar versos de poetas brasileiros, que isso quasi nada significaria, mas de collaborar na homenagem, dizendo versos russos, chinezes ou turcos. A recusa foi, assim, fundamental.

ILDEFONSO FALCÃO

(Continúa)

## P A T R I O T I S M O

Pro Achilles Vivaqua:

O inspector escolar mulato e pernóstico tomou a palavra.

Fez despregar da parede um retrato a carvão do marechal Floriano Peixoto, e o depoz em uma cadeira de palhinha. Deitou a falação pra creançada.

Disse isto, isso e aquillo.

(a creançada quasi que chorava com medo de perder a hora do recreio.) quando elle acabou

o Zézé se riu de alegria e ficou preso na sala.

Mas quando a turma voltou

o Marechal Floriano Peixoto tinha dois pares de bigodes.

A l b a n o d e M o r a e s

# «L' OISEAU BLEU»

A Henrique de Resende e Rosario Fusco

Este retrato velho...

(Oh! os dias de roupa nova na cidade pequenininha do Interior!)

...deste menino gordo e sério...

(Roupas de Pariz: cheiro de Louvre no domingo brasileiro moreno de calor!)

...de pé, segurando a bengalinha de junco...

(Tudo vinha de Pariz, porque a gente ainda tinha uns tios solteirões...)

...olhando a objectiva e a familia junto...

(«Faça uma cara alegre!» De roupa nova e sapato apertado? Pinhões!)

...com uns olhos de quem não está sósinho...

(«Atenção! VAE SAHIR DAQUI DE DENTRO UM PASSARINHO! Atenção!»)

Este retrato...

Até agora estou esperando o passarinho...

(Que bom! Como eu acredito naquelle photographo—philosopho allemão!)

GUILHERME DE ALMEIDA

S. Paulo, 26—11—926.

# SENZALA

A MARIO DE ANDRADE

Senzala da fazenda dos meus avós...  
Vão-se desmoronando pouco a pouco  
as tuas paredes de pau-a-pique e os teus telhados seculares.

Mas ainda és, no teu desmoronamento,  
a lembrança angustiada das atrocidades dos meus avós.

Senzala da fazenda...  
As tuas ruínas ainda estão impregnadas do sangue machucado  
dos negros que generam nos teus troncos,  
sob o chicote ameaçador dos homens brancos—feitores da fazenda.

Mas tudo isso ha de desaparecer um dia.

As tuas paredes de pau-a-pique e os teus telhados seculares,  
—ruínas ainda impregnadas do sangue e do suor dos escravos—  
lembram os gemidos que se perderam pelos teus cubiculos de tabique;  
e as lágrimas que rolaram pelo teu chão de terra socada;  
e o relho de três tranças dos algozes feitores da fazenda;  
e os gritos lancinantes que vararam o horror das tuas trevas;  
e a mancha apagada que ficou na braúna dos teus troncos.

Mas—bendito seja Deus!—as tuas ruínas desaparecerão um dia  
na bruma longinqua da historia dos tempos.

E então se apagará também, esse dia, na minha memoria  
a lembrança angustiada das atrocidades dos meus avós...

(Poemas cronologicos)

HENRIQUE DE RESENDE

## AUTORIA DA ARTE DE FURTAR

Sendo-nos obtemperado darmos a lume desvaliosa contribuição nossa com o fito de esclarecer a debatida questão preza á autoria da «Arte de Furtar» desta feita hemos por avisado abordar tão relevante assumpto.

Dá-se que, por novo, o erudito philologo e professor, Dr. João Ribeiro, á baila traz a supra mencionada obra apocrypha, originando o feito memoravel perlenga que, aos leigos parecer podendo mera questiunculad e *lana caprina*, a nós se nos afigura de importancia não pequena tal a benemerencia da empresa. Nosso obscuro alvitre sempre ha sido por considerar falaz a autoria do Padre Vieira na «Arte de Furtar», o que nem nos apraz assacar por dictionario, que não de alviçaras tão pouco, certeza havendo não nos arrogarmos prioridade revelatriz, mas tão sómente obrando fieis e rigoroso apodo da obra dicta á face daquella pelo magno orador sacro mui lavorada e opima.

Para poupar de audaces arguidos sermos ante o que nos presa relato, exame e julgado, buscaremos justificar este comesinho e parco arrazoado servindo-nos no que o saber sózinho sóe autorizar.

*Ab initio* nos não parece de preceito opinar pela autoria do reverendo Padre Antonio Vieira Ravasco na «Arte de Furtar», obra classica attribuida de muitos ao notavel servo da «Companhia de Jesus», do que prova cabal se não ha feito. Assalta-nos dès logo a sem razão do dislate, ao superficial cotejo que se opere entre a «Arte» e o venerando acer-

vo das vieireanas peças. A seguir se nos depara precaria tal magna pretensão, ao aspecto só do despauterio nella conteúdo e ingente.

Para pouparmo-nos delongas estereis em materia que demanda esclarecida apenas, que não recursos superfluos de inflamada dialectica, abordamos afoitos o seu theor, calando nosso animo, á authenticidade da «Arte», contrario e averso.

Fôra de certo repudiar o saber humano não nos ser outorgado, á luz das doutrinas trabalhadas secularmente, deixarmos de indenticaveis os classicos labores e os monumentos da lingua. Tal devêra ser o opprobio e o desaire dos fecundos mestres eternos, contra elles pelos posteros arvorados. Tal seria o tentamen vesanico de deslembrar o estylo, estalão seguro, dedo do gigante ao qual auferir se póde sua herculea força!

Jorge Luiz Leclerc, o notavel conde de Buffon, autor da «Historia natural» e doutras primorosas obras do humano e intellectual penhor, no seu celebrado «Discurso sobre o estylo», em primeiro assegurou que «o estylo é o homem».

O famoso escriptor Hypolito Taine, por seu turno, abonou a mesma immortal verdade, facto que, si bem alguns conduza tomar por Juno a nuvem, imputando a esse o quanto áquelle se deveu, em nada lhe diminue o merito, que mais l'ho avigora e acerta.

(Continúa),

A. FONSECA LOBO.

## CRONICA QUASI POLICIAL DA BARRÓCA

Maria de Jesus fecha a janella sem taramela indo pra tarimba descançar.

Mas é noite de lua e caboclos malandros gemem nos pinhos.

O Joaquim da Raymunda é mulato escovado e começa cantando modinhas sentimentaes debaixo da janella da Maria.

Ella vae abre de-vagar e fica debruçada ouvindo o Catullo de arrabalde.

Elle fez um pedido singular porque Maria de Jesus mexe com os hombros e diz toda dengosa quasi querendo

—Tem graça! o que os outro ha de dizer!

(Do Cronicas sentimentaes e outras cronicas)

**G u i l h e r m i n o C e s a r .**

# TEORIA ARTISTICA DA FARINHA

"Vivit sub pectore  
vulnus"—Virgilio

Fiz o menininho pobre  
pobrinho  
de gravura  
pé no chão calça rasgada na bunda manga  
de camisa etc.

colorido á vontade

Peguei elle mandei vender empadinha  
associações  
discussões sobre papagaios pipas combucas  
pra mãe viuva  
gorda originalmente

Levei elle pra rua gritando  
não precisam incomodar-se porque elle não fica  
tísico

sou incapaz de fazer isso  
tambem não adiantava nada mais essa desgraça  
e não gósto de atribular as minhas personagens  
com muitos infortúnios  
de uma vez

deixa o garoto apregoar as empadinhas

Construcção  
montagem de um poeira na esquina  
esquina—atenção ao empresario abstracto  
pendurei o cartaz  
litographia em inglez safada de difficil  
e um bruto buquejonis soccando  
convem não esquecer do lenço vermelho no  
pescoço delle  
porque é um detalhe imprescindivel

Segue-se a compra das empadinhas  
2\$000  
o menino chispa pra casa delle  
de existencia necessaria

Ghega o menino  
levanta 2 dedos  
contentamento igual fita mais dinheiro  
dá 2 pulos  
questão de predileção toda particular minha  
pelo 2 mas po-  
dem pôr outro  
numero

e gritou  
DOIS PILA  
Sem S e a bandeja vasia da logica  
que não erra nem  
que a banana rache

Demonstracção absoluta  
não tinha farinha pro jantar  
sem tempo pra reflectir sobre o caso  
interroga  
SERA' VAIDADE de invenção  
 vaidade minha  
Não tinha farinha  
não tenho certeza si era pro jantar mesmo

fui fiquei arrependidissimo de ter posto  
logo hoje  
fita de buquejonis

EDMUNDO LYS

## NOTÍCIAS SOBRE LIVROS E OUTRAS NOTÍCIAS

### ASCENSO FERREIRA — Catimbó

Off. da «Revista do Norte» — Recife — 1927

Ascenso Ferreira deve ter sido um apaixonado cantador de desafios. E porisso mesmo que êle trouxe pra sua nova tendencia poetica aquela melodia gostosa que ha nas trovas populares sertanejas, aquilo que Tristão de Athayde costuma chamar «a ilusão do poeta--canario», a monotonia ritmica dos versos por meio de metricas artificiais e rimas mais ou menos premeditadas.

Raramente o poeta se esquece da rima. Ou muito me engano ou sómente um poema do livro (*Genio da Raça*) escapuliu, ficou livre dêsse truque passadista.

Livro brabo, movimentado, de um pronunciado sentimento nativista de brasileiro, *Catimbó* vem concorrer magnificamente pra o maior desenvolvimento de nosso *folklore*. A poesia inteira de Ascenso é uma toada cabocla.

Suas poesias foram feitas pro ouvido. Cantantes. Pena que assim, toda igualzinha, toda direitinha, se torne monotona, ás vezes, caindo numa vulgaridade intoleravel. Ascenso é um poeta simples que felizmente não se deixou levar ainda pela luminosidade falsa do fraseado bombastico, paulificante. Muito terno, muito delicado—e sobretudo—como todo bom pernambucano que se presa —um vivo pintor de côres berrantes—, falando de sua terra.

Rico de imagens nota-se no seu estilo claro, limpo, uma baita espontaneidade criadora.

Poeta quasi desconhecido hontem—Ascenso Ferreira, com a publicação de *Catimbó*—ficará sendo, de hoje em diante, uma das figuras mais representativas do actual «partido», cabra batuta de quem a gente deve esperar muita coisa boa que marque difinitivamente.

F.

### DECLAMAÇÃO

A febre de declamação que tem grassado nesses ultimos tempos no Rio é um facto.

Não ha um só dia em que não vemos espalhadas pelos jornais as noticias de que

dona fulaninha ou dona sicraninha realisou ou vai realizar alguns desses lamentaveis espetaculos da arte de dizer.

Me parece até que essas vindas de Berta Singerman ao Brasil só servem pra assanhar mais as nossas dazedoras de versos alheios. Todas élas querem ficar iguaezi-nhas á Berta. Declamar como a Berta. Ter a mesma voz de Berta. Pra isso se colocam diante de espelhos e tocam a estudar gestos. A vêr si são perfeitas as contrações dos labios e das faces. Si interpretam com mais *alma* os versos. Esperimentam enrolar no pescoço com a maxima elegancia o véu indispensavel a toda mocinha que se presa ser boa declamadora. Não se esquecem nem de aprender a cruzar as mãos retorcendo antes os braços e estendendo êles abandonadamente pra baixo.

Depois que já ezeutam tudo isso com muita perfeição pegam a fazer ezibições publicas de contorcionismo barato com esplosões assustadoras de tremeliques vocaes. E' assim que interpretam pessimos versos ou tornam pessimos os bons versos.

Essas mocinhas sem que fazer deviam escolher uma profissão que não espuzessem élas a um ridiculo tamanho. E' verdade que si procedessem assim não ganhariam tanto dinheiro. E' verdade tambem que deixariam de fazer jús á amizade de meia duzia de poetas descabelados. Mas em compensação não seriam tão ridicularizadas. Porque por ezeuplo não ficam em casa cerzindo meias do papai? Garanto que lucrariam mais.

Não posso negar que não temos boas declamadoras. Entre élas posso até citar Francesca Noziéres. Tem uma outra tambem que não é de todo má. De facto Nenê Barrouquel — embora principiante ainda — não declama mal não. E' até uma das que tem um pouquinho de sensibilidade.

Em Zita Coelho Netto só se encontra muito boa vontade em agradar os outros e o desejo de patentear que é filha de Coelho Netto. E a gente perdôa a mania que éla tem em querer ser declamadora. E'la é tão boasinha... Basta dizer que eu fico até com raiva quando tópo com éla em meio de salões dizendo versos. Fazendo papel chato.

De dona Angela Vargas nem é bom falar E' lamentabilissima. Bilac diísse ou por

ironia ou num desses momentos de bom humor ecepcionaes que éla era a propria poesia—a má poesia talvez.

Eterna assassina do «Corvo» de Põe e da «Marcha triumphal» de Ruben Dario—éla não contente com isso—fundou uma escola de declamação dando de vez em quando—a dez mil reis a cadeira pessimas demonstraões do bom aproveitamento das suas alunas. Ai então é que é pena se ver essas pobrezinhas inconcientes orgulho de seus pais a berrar e a gesticular palidas de comoção os mais horriveis versos. Em todo caso ainda se contentam por emquanto com as palmas que lhes dão algumas pessoas de coração bem formado.

Pra que falar mais ?

F. PEIXOTO.

### MARTIM FIERRO

Buenos Ayres — ano IV — n° 43

Além de algumas notas ligeiras sobre Irene Lagut, Marinetti e Dona Berta Singermam, este n°. da conhecidissima revista moderna argentina publica um esplendido artigo de Eduardo Gomez Lanuza—estudando as revoluções, ou por outra, a politica na literatura.

Nota de critica sobre a esposição «Amigos del arte: Ildefonso Pereda Valdes.

Reprodução de alguns admiraveis baixos relevos de Fioravanti.

Paul Eluard publica uns poeminhos forçados (ua imagem e um titulo...) coisa que o Mario tem uma raiva danada. E eu tambem... Poesia, estudos, notas de arte e outras notas bem interessantes.

F.

### PAULO PRADO, PAULISTICA E VARIAS COISAS

Martins de Oliveira chamou Paulo Prado de moderno. Não concordo. Para mim Paulo Prado não tem esa ansia do novo, esa procura e esas tendencias gerais que caracterizam o moderno. E' apenas um espirito equilibrado, um obiservador curioso do movimento geral das ideas novas. O sujeito simpatico e inteligente que observa elegantemente a grita contemporanea, sem entrar nela, sem combate-la. Uma inteligencia á parte, uma cultura, uma pena que ainda não fixou a sua maneira de ser, nem ainda se decidiu por uma afirmação ou por uma negativa. Alguem que pouco escreve por ser

instavel. Instabilidade originada da cultura.

O tipo do homem que podendo explorar qualquer assunto, fala discretamente sobre poucos. Modestamente. Um deses João Ribeiro que se não entram no gosto da gente pelo que escreveu, entram pelo lado da simpatia, pelo que pensam.

E quanto um espirito como Paulo Prado resolve enfrentar um assunto, uma questão, não sai nunca coisa igual a dos outros. Paulistica é a prova. Paulo Prado estudando nossa ístoria não o fez á moda dos colecionadores de datas e de nomes, nem a maneira dos que procuram atrair com o escandalo de teorias e descobertas novissimas (Asis Antra) nem como os romanceadores dos fatos (Paulo Setubal). obiservador frio e imparcial que muitas vezes espõe o fato, sem dar sua apreciação. Paulo Prado não avança ideas violentamente Mas discretia com elegancia. Mas espõe coisas para que nós mesmos sejamos forçados á conclusão. Sem atacar as ideas constituídas. Sem o fetichismo por elas. Em Paulistica é felicissimo, sobretudo nos pontos em que estuda o despejo das povoações paulistas motivadas pelo caça ao indio.

Piratininga despovoada em 1626 “pelos moradores serem ido ao Sertão”. E quando fala na grandeza, decadencia e rejeneração de São Paulo. E sobria, um pouco discreta a descrição do movimento bandeirante. Influencia de Capistrano? Não creio que Paulo Prado acompanhe seu mestre nese ponto. Mesmo porque os documentos e os fatos provam que o caso das descidas de gentio foi uma consequencia do espirito do seculo. Era o tempo em que a escravidão chegara á perfeição.

A África já circumnavegada. E as correrias do proprio gentio e a sua indomabilidade. E a falta de braços. E o ezemplo alemão na Venezuela. E o ezemplo espanhol no Mexico. E os sabios e os justos da epoca que julgaram a força a unica coisa deciziva. Anchieta dizendo que para os indigenas melhor pregação não havia que a espada e a vara de ferro. Mas nos paulistas, ececionalmente, predominou o espirito da aventura, a inquietude, a procura. Nos espanhois a ambição. Garbolion: Los paulistas no hacen mucho caso del oro, y preferem maloquear indios. O fato é que as bandeiras—preadoras de indios, descobridas de ouro devasaram o Brasil, aumentaram prodigiosamente os sertões.

Eu continúo por iso a admirar os bandeirantes. E pelo que passaram tambem.

As bandeiras diversas, de caça dos indios, de procura de ouro e pedras, de aventura

devasamento. O movimento de prosperidade que marca os logares de mineração. A aristocracia de então. A contradança da civilização que brilha momentaneamente nos logares ricos, e onde chega o café. Rezende. Paraíba. As grandes famílias cafezistas. Os Breves. Os Teixeira Leite. O período de civilização Olandeza. Ese bruxolear de civilizações que nace e morrem com a prosperidade dos logares. Tudo demonstra que nosa história não está cheia de frases e frases bonitas só. Nos fugimos nese ponto ao gosto latino de declamação nas oras solenes. Somos diversos. Temos muita coiza feita, muita coiza nobre mesmo, pouca palavra. E será com estudos bonitos como Paulistica sobre escs e outros pontos de nosa história que perderemos a cisma com a pobreza e pouco interese de noso pasado. E ficaremos sabendo que somos grandes porque decendemos de gigantes. E porque os egualamos e porque os superamos. E nos olhos inquietos do homem dagora brilhará a certeza do proprio valor.

ASCANIO LOPES

### FESTA N. 3

Rio—Novembro 927.

Nota importante: este terceiro numero é dedicado a José de Alencar.

Nota sem importancia: este nº é dedicado a José de Alencar, o admiravel romancista brasileiro.

Palavra como eu nunca fui a missa do senhor Brasilio Itiberê. Agora, não sei por quê, fiquei gostando dêle. Quem escreve coisas como «Oh! os meninos!» merece mais do que a nossa admiração. Merece a amizade da gente também.

Andrade Muricy assina umas notinhas bem interessantes. Dona Cecilia Meirelles publica *Canto da Jandaia* admiravel como documento de emotividade criadora.

Gostei dos *carvões* de Tasso.

*Festa* veio bem milhorsinha desta vez. Noto porem nos escrivinhadores da revista aquela preocupação velhissima de mostrar que já leram muitos senhores de nomes encercados. A eterna mania de arrotar cultura, com citações paulificantes de sujeitos mais paulificantes ainda.

A melhor coisa do nº. é aquele gostosissimo interior de Carlos Drummond de Andrade, SWEET HOME.

F.

### Cinq Poèmes Nègres—Ildefonso Pereda Valdés-Cruz del Sur-927-Buenos Ayres

Ildefonso Pereda Valdés veiu até *Verde* numa quadrilha. Mas é preciso não confundir: numa quadrilha-dança, essa montoeira de gente que foi o gozo ingenuo dos nossos avós.

Explicação: O Fusco escreveu pro Ildefonso (consul). O consul escreveu pro Ildefonso (Pereda). E nesse vae-vem o Pereda mandou os tróços pro consul, e, num passo directo, o consul mandou pra *Verde* os referidos. Entre os volumes da bagagem chegou também o *Cinq Poèmes Nègres*. Os poemas, segundo uma nota constante do livro, fôram traduzidos por Maria Clemência, que é além de escriptora uma admiravel desenhista, e por Eduardo Debrenil.

Sempre tive uma grande inclinação pelos livros pequenos. Dahi talvez a minha simpatia pelos *Cinq Poèmes Nègres*. E é tão grande essa minha inclinação que resumi os cinco poemas de Valdés em tres apenas: *Le candombe*, *Le bateau nègrier*, *Le tambour des nègres*. Não é que eu não tenha gostado dos outros dois. E' que gostei mais dos outros tres.

Ildefonso, muito mais normal e equilibrado, em comparação com os modernistas brasileiros, não deixa porisso de ser encantador na sua modernidade. Ha nos *Cinq Poèmes Nègres*, tal como num outro livro seu —*La guitarra de los negros* toda a relembração dos tempos barbaros da escravatura. E' um livro evocativo das senzalas, com os seus brocotós e os seus gingos de sensualidade africana. A brutalidade do comercio e consequente péga dos negros. O sofrimento inaudito das travessias. O trabalho forçado nas lavouras. O chicóte trançado dos verdugos. A pena é que Ildefonso tenha parado aí. O tema bem que merece maior assuntação. Mas, na verdade, tudo o que o poeta assuntou ficou bem assuntado. Com felicidade de pensamento e tecnica. E basta isto para que se registre o *Cinq Poèmes Nègres*. E *Verde* o faz com a mesma alegria intelectual com que tem recebido—e naturalmente continuará a receber—a colaboração de Ildefonso Pereda Valdés.

H. R.

ATLANTICO — director Marques Rebello

(Rio)

Pena que Marques Rebello deixe fulanos como o autor de *Fevereiro* figurarem na lista dos colaboradores do *Atlantico*.

Charles Lucifer e Manoel Bandeira apresentam bôa coisas.

Dos trabalhos saídos nos n.ºs. chegados ultimamente, destaco: Cunhatã — de Manoel Bandeira e *A estrelinha Mentirosa* (claro poema de Marques Rebello). Também é só! Parece mentira. Mas não é mentira não.

Ila Macêdo: *Kangerê*. Um desenho muito vivo e muito interessante.

Notas mundanas, notas de critica (Walter Benevides) e outras notas de interesse geral.

F.

#### ASCENSO FERREIRA — Catimbó

Officinas da "Revista do Norte"—Recife 1927.

A' primeira vista o livro causa má impressão na gente com aquêla chusma de florinhas roxas no lado de fóra da capa. Parece até que êle esconde dentro versos de sexta-feira-da-paixão. Ficaria bem melhor si o autor em vez da roxura das flores botasse bem estampadinha pra todo mundo vêr a negrura daquele negro tão preto que está fumarando gostosamente o seu cachimbo escondidinho dentro do livro.

Ascenso Ferreira—de Pernambuco—fez em *Catimbó* uma poesia que por um triz que eu chamo de original. Não se serviu déla pra falar em jaboticabas. Nem em maracujás. Nem tão pouco parou bestificado diante de pomares cheios de arvores carregadinhas de frutos vermelhos. Não teve sofrimento pra isso. Fez coisa muito melhor. Pegou e foi para o meio das ruas de Recife espiar a passagem do *Maracatú*. do *Bumba-meu-boi*. se entusiasmando infantilmente em cavalhadas onde ha sempre uma porção de fitas e de bandeirinhas de todas as côres que bolem no vento.

Quando chegou o carnaval êle quiz lá saber de acompanhar o corso? De jogar lança-perfume? De dansar em salões alinhados? Qual! Preferiu dansar «de barriguinha» no meio da poeira dando umbigadas gostosas nas mulatas e se espantando quando viu

«...aquela mulatinha chocolate  
fazendo o passo do sirycongado  
na 3ª feira de carnaval.»

afirmando que éla era o genio da raça. Por tudo isso é que êle não teve medo de declarar bem alto que o carnaval de Recife é o carnaval melhor do mundo. E é mesmo! Sem ser um poeta interior Ascenso Ferreira cõe algumas vezes num pieguismo que fica até bem pra variar num livro como o seu sadio e alegre. *Minha escola* realisa esse mi-lagre de contraste.

Tem horas que o poeta descamba para um terreno perigoso. Torna-se ridiculamente intoleravel. Intoleravelmente ridiculo. O poema *Bebados* é um ezemplo.

Aí êle arranca a todo momento *ais* profundos do fundo do peito.

Faz até pena quando ouvimos êle es-clamar compungido:

«Ai! que saudades dos bebados de fim de feira.»

Um trecho pra ser cantado com o «Fado português»:

«Ai! que melancolia nas vendas fechadas!  
Que tristeza scientifica nas vendas fechadas!  
Que saudades dos bebados de fim de feira!»

Tristeza scientifica nas vendas fechadas? Isso está desfrutavel. Contra-a-mão. Infantil. Bocó.

Apezar desses e de outros deslises é a poesia de Ascenso forte. Cheia de onomatopeias. De aliteraões. De brilhos. Com vogaes que estrondam nos nossos ouvidos.

Poesia entremeiada de cantigas populares que tornam éla mais orquestrada. Uma prova disto? Basta citar um pedaço só do admiravel SERTÃO:

Sertão!—Jatobá!  
Sertão!—Cabrobó!  
—Cabrobó!  
—Ouricury!  
—Exú!  
—Exú!

Lá vem o vaqueiro, pelos atalhos.  
tangendo as rezes para os curraes...

Blem... Blem... Blem... Cantam os chocalhos  
dos tristes bódes patriarchaes.

E os guizos fininhos das ovelhinhas ternas:  
dlin... dlin... dlin...

E o sino da Igreja velha:  
bão... bão... bão...

—O Sol é vermelho como um tição.

Acho que não era preciso aquêla nota no final do livro ensinando a musica em que devem ser cantados certos trechos de alguns poemas. Por ezemplo neste

«E' lamp... é lamp... é lamp...  
é Virgulino Lampeão...»

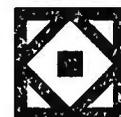
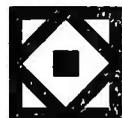
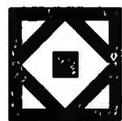
a musica está entrando pelos ouvidos da gente a dentro. Sôa como uma lambada. E' intuitiva.

*Catimbó* com pequenos reparos pôde figurar como um dos melhores livros da moderna literatura brasileira. Ilustram o livro belissimos desenhos de Joaquim Cardozo.

F. PEIXOTO

#### LIVROS RECEBIDOS:

Tristão de Athayde:  
*Estudos*. Ed. Terra de Sol—Rio—927  
Mario de Andrade:  
*Amar, verbo intransitivo*—1927—S. Paulo  
*Clan do Jaboti*—1927—S. Paulo  
*A Escrava que não é Izaura*—1925—S. Paulo  
*Losango Cáqui*—1926—S. Paulo  
*Ha uma gôta de sangue em cada poema*—1917  
*Feira Literaria*—Novembro (n.º. XI) 1927—S. Paulo



::: JOSÉ :::

Interessante filhinho do sr. João Ferreira Vargas e d. Maria das Dôres Lisbôa Vargas, residentes em Leopoldina, no Estado de Minas.

Com uma dóse do **Vermicida Cesar**, que é o melhor de todos os lombrigueiros, expelliu mais de 500 lombrigas, ficando alegresinho, sadio e forte como se vê.

*Reis & Comp.*

COMPRADORES DE CAFE'

Séde: Mirahy — ENGENHO CENTRAL IDEAL — Filial: Cataguazes — ENGENHO CENTRAL IDEAL

Correspondentes do Banco do Brasil

MIRAHY, TELEPHONE 12 — — END. TELEGRAPHICO «REIS.

**CATAGUAZES, TEL. 108**

## ELIXIR DE CAMBARA' MAIA

Analysado e approvedo pela Directoria Geral de Saúde Publica, sob o nº 123, em 7 de Janeiro de 1920. Registrado na Junta Commercial do Rio de Janeiro. premiado com Medalha de Prata na exposição do "Centenario"

### Tonico geral de origem vegetal

Empregado com vantagem, nas tosses, defluxos, constipações, influenzas, asthma, bronchite, pneumonia e fraqueza pulmonar. Faz engordar e dá um genio alegre aos que delle uzam.

FABRICA — CATAGUAZES — MINAS

## PHARMACIA POPULAR

Aviam-se receitas a qualquer hora, com promptidão, zelo e modicidade em preços

Neste estabelecimento encontra-se  
variado sortimento de Drogas e Productos Pharmaceuticos

### J. V. de Souza & C.

Catgauzaes—Praça Ruy Barbosa—Tel. n. 2—Estado de Minas

## VERDE

é a melhor revista literaria moderna de Brasil

ASSIGNATURA	11\$000
NUMERO	1\$000

### ANNUNCIOS

POR VEZ:

Capa (lada de fóra)	100\$000
Capa (lado de dentro)	80\$000
Texto—1 pagina	60\$000
1/2 «	40\$000
1/4 «	30\$000

Por 3 vezes: abatimento de 10 % — O pagamento deverá ser feito no acto da entrega do original.

# Gymnasio Municipal de Cataguazes

(FUNDADO EM 1910)

Com fiscalização prévia para equiparação ao Pedro II. Exames processados pelo professorado do Gymnasio, sob a inspecção do Fiscal nomeado pelo Director Geral do Departamento Nacional do Ensino. Exames de 2ª epoca, em Março, para admissão ao 1º anno do curso seriado e para os alumnos reprovados em 1ª epoca.

Cursos de admissão, seriado e de preparatorios.

Internato -- Pensinato -- Externato

*ANNO LECTIVO DE 1 DE ABRIL A 15 DE DEZEMBRO*

Director - Antonio Amaro M. Costa.

Pedidos de estatutos e outras informações devem ser dirigidos ao secretario ANTONIO MARTINS MENDES, que promptamente attenderá.

**CATAGUAZES - MINAS**

**E. F. L. — Telephone, 13**

## ULTRA FORMIDAVEL

### DISTRIBUIÇÃO DE DINHEIRO

A Loteria do Ceará acaba de lançar os seus novos planos com extracções as Segundas, Quintas e Sabbados respectivamente 15, 50 e 100 contos por semana

BILHETE INTEIRO	15	CONTOS	POR	5\$000
«	«	50	«	« 15\$000
«	«	100	«	« 25\$000

===== **HABILITEM-SE** =====

## ALFAIATARIA CRUZEIRO DO SUL

**Elegancia maxima no corte — Preços modicos**

### Sebastião Pedro da Silva

CATAGUAZES — PRAÇA SANTA RITA — E. F. L. — MINAS

“Cantando espalharei por toda a parte”

A Casa Peixoto é a unica que vende barato e tem sempre artigos novos

### J. Peixoto Ramos

Cataguazes — Rua Cel. João Duarte Ferreira — Minas

## Rosario Fusco

# C O D A Q U E

### Livro de Vistas

# COLLEGIO N. S. DO CARMO

— E —

## Escola Normal de Cataguazes

Installados no mesmo predio espaçoso, que reúne todas as condições de hygiene e conforto, ambos os educandarios estão sob a direcção das Irmãs Carmelitas da Divina Providencia

*O COLLEGIO N. S. DO CARMO comprehende:  
Internato e Externato Primario e Escola Materna,  
para alumnos de 3 a 7 annos*

### CONTRIBUIÇÕES:

As Internas do Curso Normal	1:000\$000\$000	por	anno	lectivo
« « « « Fundamental	1:000\$000\$000	«	«	«
« « « « Primario	1:000\$000\$000	«	«	«
Externas do Curso Normal	300\$000	«	«	«
« « « Fundamental	200\$000	«	«	«
« « « Primario 3º e 4º	100\$000	«	«	«
« « « « 2º e 1º	80\$000	«	«	«

Joia de entrada para alumnos internos 40\$000  
Curso de dactylographia . 25\$000 mensaes

As pensões serão pagas em 3 prestações adeantadas, sendo a 1ª no acto da matricula, a 2ª a 15 de Junho e a 3ª em Setembro.

A lavagem de roupa sendo feita no Collegio 60\$000 annuaes.

As aulas do Curso Primario começam a 3 de Fevereiro e as do Curso Normal em Março.

O Corpo Docente que é da maxima competencia, conta elementos conspicuos entre os intellectuaes da sociedade Cataguazense.

Para informações sobre tudo o que se refere a admissão de alumnos dirijam-se a Irmã Directora.

**Telephone, 85 - Cataguazes**

**MIDAS GERAES**

# Livros que os leitores de VERDE devem lêr

## APARECIDOS

ESTE E' O CANTO DA MINHA TERRA — de Antonio Constantino.

POEMAS ANALOGOS — de Sergio Milliet.

PRIMEIRO ANDAR, AMAR—VERBO INTRANZITIVO, CLAN DO JABOTÍ — de Mario de Andrade.

BRÁS BEXIGA E BARRA FUNDA, PATHÉ BABY — de António de Alcântara Machado.

PRIMEIRO CADERNO DE POESIAS — de Oswaldo de Andrade  
FEIRA LITERARIA—o mensario de maior circulação no Brasil. Colaborado pelos melhores escritores modernos em evidencia.

CATIMBÓ—poemas de Ascenso Ferreira.

## A SAÍR

O DIREITO DA FAMILIA SOBRE O CADAVER — de Ascanio Lopes (no prélo).

POEMAS CRONOLOGICOS — de Henrique de Resende, Ascanio Lopes, Rosario Fusco (no prélo).

CODAQUE livro de vistas — de Rosario Fusco.

LARANJA DA CHINA—contos brasileiros de—António de Alcântara Machado.

BAMBÚ IMPERIAL, SERENIDADE — de Achilles Vivaqua.

ALBUM DE VISTAS DA CIDADE DE CATAGUAZES de Francisco Ignacio Peixoto.

DIREÇÃO

de

HENRIQUE DE RESENDE

MARTINS MENDES

e

ROSARIO FUSCO

# VERDE

REVISTA MENSAL  
DE ARTE E  
CULTURA

NUMERO . 5

ANNO . . . 1

REDAÇÃO

e

ADMINISTRAÇÃO

RUA CEL. VIEIRA, 53

CATAGUAZES -- MINAS

## S U M A R I O

NICOLÁS FUSCO SANSONE

ASCENSÓ FERREIRA

RIBEIRO COUTO

GUILHERMINO CESAR

MARIO DE ANDRADE

ASCANIO LOPES

A. FONSECA LOBO

JÃO DORNAS FILHO

PEREGRINO JUNIOR

ILDEFONSO FALCÃO

JORGE FERNANDES

FRANCISCO INACIO PEIXOTO

EL NOCTURNO DE LOS CUERPOS  
MULA-DE-PADRE

A DESCOBERTA DE CATAGUAZES

BALÁDA DO ARCO-IRIS DA GENTE

PRÉSENTATION DE LA JEUNE FILLE  
(DOLOUR)

PAPEL DO INSTINTO NO MUNDO ATUAL

AUTORIA DA ARTE DE FURTAR (CONC.)

MEUS OITO ANNOS

EL VANGUARDISMO EM EL BRASIL

SINGERMAN, STOLEK, ETC. (CONCLUSÃO)

CANÇÃO AO SOL

MARIA LAVADEIRA

MARIA CLEMENCIA: **FIGURA**

### APONTAMENTOS DE

UBYRATAN VALMONT, FRANCISCO INACIO PEIXOTO, AFFONSO ARINOS SOBRINHO,  
F., GUILHERMINO CESAR, PEIXOTO e R. F.

**Numero especial:** com um suplemento relativo aos  
mezes de Fev., Março, Abril e Maio

ESTE NUMERO — 1\$500

ASSINATURA — 11\$000

# VERDE

é a melhor revista literaria moderna de Brasil

ASSIGNATURA	11\$000
NUMERO	1\$000

## ANNUNCIOS POR VEZ:

Capa (lada de fóra)	100\$000
Capa (lado de dentro)	80\$000
Texto—1 pagina	60\$000
1/2 «	40\$000
1/4 «	30\$000

Por 3 vezes: abatimento de 10 % — O pagamento deverá ser feito no acto da entrega do original.

## ELIXIR DE CAMBARA' MAIA

Analysado e approved pela Directoria Geral de Saúde Publica, sob o n° 123, em 7 de Janeiro de 1920. Registrado na Junta Commercial do Rio de Janeiro. premiado com Medalha de Prata na exposição do "Centenario".

### Tonico geral de origem vegetal

Empregado com vantagem, nas tosses, defluxos, constipações, influenzas, asthma, bronchite, pneumonia e fraqueza pulmonar. Faz engordar e dá um genio alegre aos que delle uzam.

FABRICA — Pharm. Maia — CATAGUAZES

Rosario Fusco

# CODAQUE

Livro de vistas

O garoto de um anno de idade

O Escoteiro ou o atirador

A senhorita mais elegante

A senhora mais exigente

O cavalheiro mais distinto

O ancião mais commodista

U  
Z  
A  
  
C  
A  
L  
Ç  
A  
D  
O  
  
P  
O  
L  
A  
R

UNICOS VENDEDORES DESTA PRAÇA

Henriques Felippe & C.

MARIO DE ANDRADE



# “SUL AMERICA”

Cia. Nacional de Seguros de Vida

Representante nesta cidade

*Henrique J. Urso*

## CREME LEVASSEUR

O melhor creme para a pelle

Tira manchas de quaesquer especies

Amacia e formoseia a cutis

**Licenciado pelo Departamento Na-  
cional de Saúde Publica**

**OFFICINA DE**  
**Galdeireiro, Funileiro, Bombeiro**  
**(Casa fundada em 1901)**

**Francisco Rossi**

**Instalações d'agua e esgoto pelo systema moderno. Serviço garantido. Pessoal competente  
: : : e preços modicos : : :**

**Deposito de materiaes de primeira qualidade**  
**Cannos de ferro, chumbo e de barro**

**RAPIDEZ E SEGURANÇA**

**Telephone numero 4**

**Rua Coronel Vieira, ns. 32 e 34,**

**Cataguazes - Minas**

# CENTRO INDUSTRIAL

Serraria, Carpintaria e Officina  
Mechanica

JOSÉ IGNACIO DA SILVEIRA

VILLA DOMINGOS LOPES

TELEPHONE, 94

CATAGUAZES - - MINAS

# MANTEIGA DE 1<sup>A</sup>

SEMPRE NOVA E GELADA

PARA serem bem servidos neste genero exijam as  
caixas da LEITERIA evitando assim pagarem o colossal  
peso das lathas, que levam menos 30 grammas.

**Entrega-se a domicilio**

**PHONE, 122**

Cataguazes - - Estado de Minas

NOTA—A LEITERIA DÁ COPOS DE CRISTAL AOS FRE-  
GUEZES DE SORVETE, A TITULO DE RECLAME.

# VERDE

ANNO 1

CATAGUAZES — JANEIRO 1928

NUMERO 5



## MARIA CLEMENCIA

gente, é a pintora do sol, dos pampas e das palmeiras, por écelencia. Dona dum dos mais bélos lapis da férvida Argentina dagora. Pra nós, verdes, é uma baita felicidade iniciarmos com este interessantissimo *dibujo* uma serie de colaborações de pequeninos motivos de Maria Clemencia, fixados e marcados com aquelle seu geitinho de simplicidade admiravel.

Brevemente publicamos duas evocações biblicas de sua autoria: *Los Reys Magos* e *Moysés salvado de las aguas*. Desenhos magnificos duma encantadora, profunda penetração psicologica do motivo impresso.

# EL NOCTURNO DE LOS CUERPOS ANHELANTES

Del próximo libro EL VIENTO DEL MAR

Hasta el silencio de tu frente  
llegaron mis labios con sus besos.

En la vida de tus ojos  
estaba tendido el camino de los sueños.

(La noche de tu cuerpo anhelante  
sentía la solitaria maravilla  
de mi corazón abierto  
en los cantos del mar)

En el reposo de tus pechos  
mi cabeza tuvo un refugio sereno.

¡ Me esperaba tu cuerpo anhelante!

(El llamado de las aguas lejanas  
quería quitarnos  
el camino de los sueños)

Nuestros cuerpos habían desplegado  
el gritos de los viajes largos!

Tu agitaste sobre el afan del mar  
la solitaria maravilla de mi corazón.

Yo elevé hasta las estrellas del cielo  
el silencio de tu frente.

¡ Entonces la noche tuvo  
dos cuerpos anhelantes  
corriendo  
en el camino de los sueños!

NICOLÁS Fusco Sansone

Nicolás Fusco Sansone—jovem poeta uruguayo é o autor de *La Trompeta de las voces alegres*—poemas 1925. Um delicioso livro de estréa que foi uma revelação e um ezito.—(*Antologia de la moderna poesia uruguya* — I. Pereda Valdés). Fundou em 1920 a revista de combate *El camino*. Colabora em *Martin Fierro*, *Prôa*, *Carátula* e etc. Tem vinte anos apenas e reside actualmente em Montevideo, sua cidade natal.

## MULA - DE - PADRE

PRA MARIO DE ANDRADE

Um dia no engenho  
Já tarde da noite,  
Que estava tão prêta  
Como carvão...

A gente falava de assombração:

—O tio de Pinga-Fogo appareceu morto na matta com o peito  
varado pela canella de Pé-de-Espeto!

—O cachorro de Brabo-Manso levou na sexta-feira uma surra das  
Caiporas!

—A Mula-de-Padre quiz beber o sangue da mulher de Chico Lolão:

Na noite tão preta como carvão

A gente falava de assombração!

Lá em baixo a almanjarra,

A rara almajarra,

Gemia e rangia

Que o engenho Alegria

E' bom moedor...

—Êh Andorinha!

—Êh Moça branca!

—Êh Beija Flôr!

Pela bagaceira

Os bois ruminavam

E as eguas pastavam

Esperando a vez

De entrar no rojão...

E a gente falava de assombração!

Foi quando se deu a coisa esquesita:

Mordendo, rinchando, ás pôpas e aos pulos

Se pondo de pé com artes do Cão,

Surgiu uma Bêsta sem ser dali não..,

—Atalha a bicha, Barauna!

—Sustenta o laço, Maracanã!

E a Bêsta agarrada

Entrou na Almanjarra

Tocou-se-lhe a peia

Até de manhã...

E depois que ella foi solta entupiu no ôco do mundo!

Num abrir e fechar d'olhos a maldita se encantou!

De tardinha,

Gente vinda

Da cidade

Trouxe a nova

De que a Ama

De seu Padre

Serrador

Amanhecera tão surrada

Que causava compaixão...

Na noite tão preta como carvão

A gente falava de assombração!

Do «Canna Caiana».

ASCENSO FERREIRA.

## A DESCOBERTA DE CATAGUAZES

Todo o Brasil está surpreso: existe Cataguazes!

A contingencia das enormissimas distancias criou entre nós o habito dandy, de uma pose um pouco Anatole France (um pouco 1910), de duvidarmos mutuamente da existencia das nossas cidades. Podemos ir a Petrogado e voltar em menos tempo do que um habitante de Porto Alegre terá de gastar para ir a Manaus. (Sem fallar em que a viagem á Russia é mais commoda). Por isso o brasileiro da rua do Ouvidor (principalmente o brasileiro da rua do Ouvidor), diante do mal irremediavel, criou esta defensiva para a sua indiferença: Manaus não existe, Cuyabá não existe, Goyaz não existe, etc. João do Rio tem numa comedia um personagem que duvida da existencia real de Goyaz. Parece que é na «Eva». E esse personagem, que habilmente preparara um madrigal atacante, exclama num rasgo para a moça bonita da peça: «—O' meu Goyaz és tu!» Entretanto, o exagero, na razão directa das nossas descuidosas indiferenças patrias, chega ao ponto de, em pleno Districto Federal, haver quem duvide de Cascadura. Apesar dos bondes com as taboletas insophismaveis: «Cascadura» Apesar da minha prezada amiga d. Gilka Machado já ter morado lá e garantir que Cascadura existe. E' atrevimento duvidar da palavra de uma pessoa tão seductora.

Assim, Cataguazes. Em vão Astolpho Dutra foi presidente da Camara dos Deputados Federaes. Em vão Astolpho Resende é uma das figuras mais formosas do direito brasileiro: a par da bondade pessoal, a luz clarissima da cultura e da intelligencia rica. Nasceram em Cataguazes? Mas onde é Cataguazes?

Subitamente, "Verde": um bofetão na atonia literaria nacional. Poesia. Escrevem prosa tambem, mas tudo aquillo (a capa, os annuncios de sapatarias, a provavel divida crescente para com o typographo, umas photographias muito cheias de borrões, uns rapazes a escrever para todo mundo que não conhece «tu prá cá», tu prá lá»), tudo aquil-

lo é poesia. Como é bom ter vinte annos!—digo-lhes eu que faço 30 no proximo 12 de março. Essa fé, esse impulso, essa virgindade de criança de todos os appetites!

—«O Brasil tem que saber de nós. E' urgente».

O' *jeunes gens de Catacazes*! O grande poeta Blaise Cendrars, evidentemente, não podia escrever certo: Cataguazes.

Não se trata de um cidadão francez? Aliás, como ficou saborosa aquella corrupção cacophonica da palavra!

E todo mundo ficou acreditando. Todo mundo foi ao mappa, roçou o dêdo pela superficie, procurando, apertando os olhos, até achar: Cataguazes. E todo mundo sentiu ternura. Os jornaes falam. O sr. Tristão de Athayde escreve. O sr. Blaise Cendrars provavelmente estará compondo um poema:

*Catacazes*  
*Je voudrais bien y aller.*  
*Ce n'est pas tres loin, peut-être.*  
*Ma petite ronde insouciant e et*  
*lêgere de jeunes poètes*  
*Que j'aime*  
*Comme j'aimerais un ananas!*

A commoção nacional augmenta, chega ao desespero, descabella-se, quando se verificou esta coisa grande: «Verde» appareceu quando não existia nenhuma revista exclusivamente de literatura no Brasil! (Aqui, é inadiavel intercalar um poema:

### POLITICA (\*)

*Trinta e cinco milhões*  
*O maior paiz do mundo em recur-*  
*sos naturaes na opinião*  
*de diversos viajantes*  
*não subvencionados pelo*  
*Governo*

*A estatistica do sr. Bulhões Carvalho*  
*Me enche de fundas melancolias ci-*  
*vicas.*

*Deixa estar jacaré que a lagôa ha*  
*de seccar)*

Ah! Cataguazes! que sensibilidade, que doçura, que cheiro bom de matto humido de manhã cedo!

Como ha vida nessas paginas da tua revista! Não sei qual é a opinião do teu presidente da Camara Municipal, nem sei tambem si as outras pessoas sensatas da localidade acreditam em «Verde»! Talvez lhes succeda como com a neblina: não a vemos quando estamos dentro della. Nós, porém, que vivemos pela vastidão annexa do paiz (residindo em outros ramaes ferroviarios) nós sabemos—em segredo—que «Verde» in-

tegrou Cataguazes na realidade nacional attingivel.

E jamais—oh! jamais!—um comedio-grapho petulante poderá pôr agora na bocca de um personagem esta declaração de amor:

«—O' meu Cataguazes és tu!»

RIBEIRO COUTO

(\*) Este poema, apesar do sarcasmo ácido, não é do meu amigo Carlos Drummond de Andrade, nem de nenhum outro membro do Partido Democratico da Poesia Nacional.

## BALÁDA DO ARCO - IRIS DA GENTE

PARA ROSARIO FUSCO

Sempre que vejo o arco-iris  
me vêm á lembrança muitas coisas passadas  
—muitas coisas lindas e muitas coisas tristes  
que eu tenho gravadas dentro de mim.

Vermelho da minha ira  
Anilado da minha infantilidade  
Rôxo do meu pezar  
Laranja do meu desejo  
Azul do meu ideal  
Amarélo da minha desesperança.

Fica faltando a côr verde  
no meu arco-iris interior.

Eu quizéra ter o meu arco-iris completo  
mas você me tirou a côr verde  
e eu fiquei com as outras côres todas  
dansando confusas  
dentro de mim.

**Guilhermino**  
**C e s a r**  
**1 9 2 8**

## PRÉSENTATION DE LA JEUNE FILLE

En introduisant dans notre boîte-à-surprise les primeurs d'un chansonnier inédit je tiens à affirmer d'abord que je n'invite personne à faire le voyage de cette jeune-fille. Il y a dans certaines manifestations de notre époque un médiévalisme subtil. Plaisons nous à imaginer les femmes enfermées toute leur vie dans une chambre. Ou bien ces barons qu'ayant raté le loup, s'amputaient la main coupable. Dans la parade des sports humains il faut faire place à l'équipe des gestes d'orgueil dont la secrète beauté n'est qu'une reconnaissance de lumière. Est-ce que l'ombre peut bifurquer les êtres verticaux sans la prémisse du soleil? Et je plains les homens dont l'amour est tellement matrimonial qu'ils croient à l'inutilité de l'ombre.

J'ai choisi pour vous révéler la musique raffinée de Dolour, deux morceaux extraits de l'Exercice ou Prétexte Surréaliste ou Surtexte Réaliste. Surtexte Réaliste... Voici des mots qui ont des valeurs de trompette. Ils sont si métalliques qu'ils me donnent la saveur de l'exactitude. Dolour a frappé juste. Son Exercice, d'une si psychologique intensité, d'un si haut lyrisme, d'une homogénéité qu'on ne peut comparer qu'à celle de la banane, est un monoplan fidèle dans lequel Dolour survole ses passés imaginaires. Il lui fallait choisir entre le ruisseau et le confessionnal... Dolour choisit le ruisseau. Même si l'on écarte Wagner de la route, peut-on nier les murmures de la forêt?

Après ses dernières vacances, Dolour muscla son visage dans les traits d'une Minerve et se mit à écrire. Je n'attends pas le second acte. Je ne crois même pas à sa possibilité. Dès que le passé commence réellement d'exister la musique se tait à la cruche des violons rimbaldiens.

Car j'insiste sur la musicalité de ces morceaux. Essayez de les qualifier. Ils peuvent se festonner seulement de ces vagues qualificatifs psychologiques propres à l'art musical. On peut dire qu'ils sont intenses, ou gracieux, ou calms, ou dramatiques. Mais personne n'arrivera à déceler la réalité intellectuelle qui se cache, ou n'existe même pas, derrière les vagues d'harmonie.

Mais faut-il bien savoir qu'un inconnu commanda à Mozart son Requiem? N'épin-

glez jamais les chevelures! Vous resterez entomologiste. Rêves, larmes, courages, révoltes, Dolour les a réalisés dans un surtexte ailé. C'est de la poussière. Mais une poussière d'or.

MARIO DE ANDRADE

### I

Faire le canton en extase, faire le centaure en Chamounix, faire le quasi en évantail cache tout, une seule loupe augmentera l'eau de Javel comme fortin de tes fonctions d'amadou. La douche d'automne a fait sa carrière presque veuve d'une amare sure et délicate. C'est presque mieux de glisser, de picoter, de réduire, rotir, protester, clamer la futilité diminutive, que d'annihiler les conventions célestines. Sans intervention des ciseaux rithmiques, se plonger sans fatuité dans l'horloge à concurrence concentrique. Pour les roses de midi on doit s'efforcer à une conclusion liberticide.

À l'aliquot pour toujours!

### II

Les ballets font fureur, ainsi les hippocampes sautent comme des rames en attendant l'ondine iris. Tout un monde de radio-laires viendra s'exercer dans un triomphe quinconce. Les valérianes feront cent à l'heure espérant un calme absolu pour surprendre les ballets des syngnathes. Hippocampes—vous qui fûtes la lutte des flots et qui maintenant maintenez une revolution agenda, semez les argonautes qui comptent parmi vous en m'envoyent quelques cypri-nes en coquille. Laissez les littorines sommeiller sept années rampantes. Hippocampes—vous qui attendez les étoiles astéries des cieux lointains, qui supplantent les madrépores féroces, qui maintenez une amitié absolue avec les syngnathes compagnes d'enfance, vous qui jusqu'à présent avez soutenu votre race intacte sans évolution, cherchez maintenant à soutenir cette dance hippique dont vous connaissez si bien les vérités au fond d'une mer de légumes.

DOLOUR (D. A.)

## PAPEL DO INSTINTO NO MUNDO ATUAL. FREUD.

### I

Antes de entrar no estudo da importante teze que epigrafa este artigo, será necessaria uma analize do papel do instinto na formação da sociedade e na organização do Estado. A simples observação do mundo, na sua situação politica atual, força-nos a concluir que o estado de organização vigente foi producto duma elaboração demorada.

Por outro lado, a historia da humanidade nos ensina que o mundo, como o vemos, assim não foi sempre.

Os Estados, como os entendemos modernamente e sob o ponto de vista juridico, não existiram desde o inicio da vida no planeta.

A' sua formação antecedeu o periodo da vida coletiva, sem o vinculo juridico do Estado, o periodo da sociedade, enfim, tomando-se esa palavra no seu sentido em direito.

Não tendo veriguado a teoria de Rousseau, não podemos crer na existencia dum periodo de estado natural, antecedente á sociedade.

A' razão repugna a idéa do contrato social e seria inutil argumentar contra uma teoria que, como a de Savigny referente á posse, deveria ser relegada ao sol das curiosidades arcaicas, no dizer de Meulenaere.

Donde, concluimos: os omens sempre viveram em estado de sociedade.

Esa vida coletiva pode ser dividida em dois periodos: o periodo da sociedade e o periodo do Estado.

**A sociedade primitiva** O omem, o zoon politicus de Aristoteles, é o animal essencialmente gregario.

Donde nasceu, porém, esse sentimento de sociabilidade?

Vejo no instinto a força giradora. Sinão, examinemos. Si acaso dissermos que, no inicio, só existiam um omem e uma mulher (e temos de admitir a coexistencia dos dois sexos, em face da reprodução), teremos de, ipso facto, admitir a doutrina de que a sua reunião nasceu, primariamente, da força do instinto sexual.

A imperioza necessidade de satisfação dos instintos os reuniu. No principio, a obediencia do omem ás forças da natureza era cega e abisoluta.

Mas, si dissermos que simultaneamente apareceram no planeta varios ou muitos omens e mulheres, teremos de admitir a vida de eles em estado de sociedade, pela força do instinto de conservação. E porquê, no planeta, no principio da vida, as condições de existencia assim o exigiam. Basta um simples raciocinio, ou antes, as ousadas dos mastodontes diso nos convencem...

**Periodo do Estado.** Os omens, reunidos em sociedade, pelos instintos, e imperioza necessidade de satisfação deles, pela necessidade de defesa contra o meio ambiente, envolveram-se então em lutas em si. A satisfação integral dos instintos os levou a iso. As paixões nacidias deles, os atirou em conflito. Daí a organização do Estado, resultante da necessidade de limitação dos direitos e dos deveres de cada um, na coletividade, para a possibilidade da coexistencia deles. O omem, não por livre vontade, mas forçado, deixa o periodo de cega obediencia aos instintos para entrar no periodo das limitações ás forças da natureza. Os instintos querem ser satisfeitos integralmente; na impossibilidade diso, por causa da vida em comum, e não devendo ser dissolvida a sociedade, pelos perigos que a todos iso acarretaria, resolvem os omens limitar as raias de ação dos instintos, para garantia da satisfação deles, ao menos em parte.

Donde poderemos concluir que os instintos foram as forças giradoras do espirito associativo humano.

Mas tarde cream eles a necessidade de sua limitação, para que posam ser satisfeitos, ao menos em parte; estabelecem-se então as regras nas sociedades, surti o Estado.

Mas, o embrião, a força geradora das mudanças sucesivas da sociedade humana é e será sempre a mesma: a satisfação dos instintos.

ASCANIO LOPES

(*Continúa*).

## AUTORIA DA ARTE DE FURTAR

(Continuação)

Aliás, como disse o real senhor e filho do David: *nihil novi sub sole*; pois si ao grande Seneca articular já approuvera e bastos seculos antes do letrado francez aristocrata: «*oratio vultus animi est*»—e tales hominibus fuit oratis, qualis vita»

Faz-se mister aqui ligeira esplanatoria digressão: querem alguns eruditos que com sua sentença:—«o estylo é o homem—haja aventado o conde a hypothese de as idéas serem um património da humanidade, emquanto que o estylo, só, seria privada propriedade do autor, do «homem». Com maior copia de augmentos, somos pela doutrina da equivalente entre o aureo conceito de Seneca e aquelle, não de menor quilate; pelo fidalgo proferido.

Outras autoridades outrosim, acataveis quanto as procedentes, cabem ser invocadas no mesmo proposito. Entre tantas, inclusivé as mais illustres, a senhora marquezeta Maria de Rabution-Chantal (mme. de Sevigne, chamada) que com elevado saber e descortino amplissimo brindou-nos do lapidar conceito: «Cada um possui seu estylo». Demais, o notavel coryoheu do romantismo, vinconde de Chateaubriand, do qual se diz em justiça haver enchido o seculo de seu nome, algures assevera, com autoridade de que se não ouaria diminuir em tão elevado engenho: «Não se vive senão pelo estylo.

(Continúa)

A. FONSECA LOBO

# MEUS OITO ANNOS

## I

A lua branda e redonda  
Surge atraz do cruseiro e vae abrindo  
O cofre de joias das estrellas...

No Largo as creanças rodam em roda  
e vão abrindo o porta-joias da garganta:

O' ciranda, cirandinha,  
Vamos todos cirandá...  
Vamos dá a meia volta,  
Volta e meia vamos dá...

## II

Sob o olhar pisca-pisca das estrellas,  
Na velha e tórta rua Direita,  
Onde mora o Chico Franco e o padre João..

—Bico será!  
—Será pegá!  
—Si não pegá!  
—Arrume-se lá!  
—Tatú tá no munho?  
—Moendo fubá!  
—Fininho ou grosso?  
—Fininho só!

—Fiau! Ajunta no pé, negrada!...

J o ã o D o r n a s F i l h o

## EL VANGUARDISMO EN EL BRASIL

El movimiento moderno en el Brasil, fue un grito de alegría y entusiasmo. Fue el grito fuerte de la gente nueva. Un grito necesario, que encontró repercusión en todos los rincones de la tierra brasileña.

La reacción modernista, entre nosotros, nació de una fatiga unánime. La gente moza de esta tierra libre y joven estaba cansada de contemplar el espectáculo inmutable de la literatura parnasiana. El señor Alberto de Oliveira, con la perpétua parada de gala de sus alejandrinos disciplinados, comenzaba a poner bostezos de tedio en los espíritus nuevos. Y la gente moza del Brasil, teniendo al frente a los Sres. Graça Aranha, Mario de Andrade, Ronald de Carvalho, Villa Lobos, Guillermo de Almeida, Osvaldo de Andrade y otros veinte, deliberó un día, de repente, para implantar la indisciplina entre los irreprochables soldados de los batallones parnasianos de la Academia Brasileña.

La conspiración se hizo en Río, pero la sublevación estalló en San Paulo, con la «Semana de Arte Moderna».

Nuestros poetas jóvenes, que siempre habían tenido el grado 10 en comportamiento, subitamente silvaron a los ceremoniosos maestros de la Academia, colocándose con resuelto coraje al lado de los revolucionarios de la liberación.

Em seguida, vino el segundo episodio sensacional de la campaña: la conferencia del señor Graça Aranha en la Academia, contra la Academia.

Fue la victoria definitiva. En la confusión incitante del combate se definieron las actitudes. Y en todos los Estados del Brasil el movimiento tuvo eco. Aparecieron focos metastásicos de vanguardia en todo el organismo brasileño. En Pará, en Pernambuco, en Bahía, en San Paulo, en Rio Grande del Sur, etc...

Después, el bloch moderno se diferenció: Grupo de Río, grupo de San Paulo. Más tarde nuevas escisiones y el grupo de San Paulo se subdividió: «verde amarillo», «revolución de Anta», «paubrasil». En Minas surgió otro grupo el de los muchachos de la «Revista» de Bello Horizonte. La muchachada de Río, a su vez, se escindió. Per esta fragmentación, que en verdad era apenas aparente, en lugar de debilitar el movimiento, lo consolidó. No hubo propiamente divisiones: hubo multiplicaciones. Hoy, en el Brasil, nadie quiere estar ya del «otro lado». Toda la gente quiere formar en la «vanguardia». Y la vanguardia registra la indisciplina de todas las gentes jóvenes y libres, sin jefes, sin comandantes, sin gerarquías inútiles.

La hora actual, en el Brasil, es de inquietud renovadora inquietud de todos los espíritus. Como dice muy bien el señor Aníbal Machado, «nosotros tal vez no sabemos todavía lo que queremos, pero sabemos perfectamente lo que no queremos». Y se inauguró así un ritmo nuevo en la vida intelectual del Brasil.

### La Crítica de la Vanguardia Brasileña.

La vanguardia literaria del Brasil encontró en los señores Agripino Grieco y Tristán de Athayde, sus críticos más considerados.

El señor Grieco, uno de los espíritus más interesantes del momento brasileño, estilista de una vibración sorprendente, esgrimiendo, con agilidad de malabarista las chispeantes armas de una contundente ironía, no quiso todavía escribir un libro sobre los modernos escritores brasileños. Después de haber publicado dos excelentes obras—«Fetiches y Fantoques» y «Cazadores de símbolos», entregóse de lleno a las dispersas actividades de la prensa, publicando en

«O Jornal» y en la «Manhã», con asidua regularidad, sus ensayos literarios.

Habiendo comentado en estudios de notable agudeza crítica, las figuras más curiosas de la vanguardia brasileña, no quiso hasta ahora transformar en libro esa páginas fragmentarias de historia de nuestra literatura.

### Estudios del señor Tristán de Athayde.

Diferente en todo y por todo del Sr. Agripino Grieco, mas no menos interesante, el señor Tristán de Athayde, (cuyo nombre verdadeiro es Alceu de Amoroso Lima), acaba de publicar un volumen de «Estudios», (segunda serie en el que se encuentra por así decirlo, toda la historia de las últimas reacciones de vanguardia del Brasil.

Dotado de seria y compleja cultura, el señor Tristán de Athayde, es un crítico de agudas cualidades. Estudiando los individuos y las obras en un sentido vertical, él penetra hondo en el alma de nuestros movimientos literarios, agitándolos, discutiéndolos, comentándolos con una clarividencia que desconcierta.

Espíritu grave, reflexivo, de indole conservadora, tuvo, empero, el paradójal coraje de colocarse con simpatía, sino con entusiasmo en el «frente» de la literatura brasileña, entrando resueltamente en las filas de los vanguardistas más extremos, para comprenderlos mejor, para jugarlos con más acierto.

Esto no impidió, todavía, que su actitud haya sido tildada de insincera, pues hay muchos que duden, aún entre las gentes de vanguardia, de los sentimientos modernistas del señor Tristán de Athayde...

En todo caso, no se puede negar que él es uno de los críticos y ensayistas más notable que el Brasil tuvo en todos los tiempos.

Por otra parte, los vanguardistas brasileños, le deben un servicio inestimable: la crítica del movimiento.

En la segunda serie de los «Estudios» del señor Tristán de Athayde, están incontestablemente los mejores ensayos y los más serios que se han publicado entre nosotros sobre la gente de vanguardia del Brasil. Quien quiera conocer la curva del movimiento moderno brasileño no podrá desechar este libro, que es un bello y gran libro.

### La tercera corriente

Hubo, también, un joven crítico brasileño, el señor Tasso da Silveira, que escribió sobre los «Estudios del señor Tristán de Athayde, un palpitante artículo, lleno de graves restricciones, de comentarios recriminatorios, de irreverentes censuras. Expliquemos el origen de la actitud de este crítico con respecto del libro del señor Tristán de Athayde.

El señor Tasso da Silveira, poeta ensayista de ideas modernas, fundó recientemente en Río, con el Sr. Andrade Muricy y otros camaradas literarios, una curiosa revista de pensamiento y arte FIE-TA.

Este semanario de vanguardia, fue recibido con natural simpatía en los principales centros de cultura del país, vino a integrar en el movimiento moderno algunas interesantes figuras.

Aunque hecho con mucna gravedad y sin la alegría que marca el ritmo de todos los gestos de vanguardia en el Brasil, FIE-TA representaba una actitud altamente simpática, incorporando al movimiento de liberación que se operaba en todo el país algunas inteligencias vivas, curiosas, llenas de vibración, llenas de entusiasmo.

Y el señor Tasso da Silveira, se disgustó con el señor Tristan de Athayde exactamente porque este crítico en sus «Estudios», (segunda serie), haciendo la historia de nuestro movimiento de vanguardia, olvidó el grupo de FIESTA.

El grupo de FIESTA, que el señor Tasso da Silveira convino llamar «la tercera corriente», (la primera sería la de Rio, con los señores Ronald de Carvalho, Renato Almeida, Graça Aranha, etc., y la segunda la de San Paulo, con los señores Osvaldo e Mario de Andrade, Prudente Moraes Netto, Sergio Buarque, Alcântara Machado, etc., o vice versa,) no podía conformarse con el olvido del señor Tristan de Athayde. Realmente el olvido del señor de Athayde fue injusto, mas fue hasta cierto punto explicable, por cuanto sólo ahora los muchachos de la tercera corriente se diferencian con nitidez e se organizan, constituyendo um grupo aparte, com programas e ideas propias.

### El «Grupo Verde»

Empero, quien quisiera aceptar la «tercera corriente del señor Tasso da Silveira, para ser justo, tendrá que incorporar a nuestro movimiento de vanguardia una corriente más: la «cuarta corriente», que estaría constituida por el grupo de la VERDE, de Cataguazes (Minas).

Este grupo es, de suyo, interesantísimo, y surge con una de las revistas mejores que el modernismo ha conocido en el Brasil.

El personal de la VERDE está dotado de más alegría, de más vivacidad, de más entusiasmo que el grupo de la FIESTA.

Habiendo nacido en una remota ciudad del interior del Estado de Minas, esta revista es una deliciosa revelación, poniendo a gente moderna del país en contacto con una generación sorprendente de poetas y prosadores de vanguardia.

Después de esto, los muchachos de Cataguazes tienen, sobre los de la FIESTA, una ventaja apreciable: se encuentran menos atados a los prejuicios partidarios.

En tanto que en la FIESTA se siente nítidamente la preocupación partidaria del «grupo», los muchachos de la VERDE hacen cuestión de proclamar su independencia, garantizando que no tienen ligazón de especie alguna con otras ruedas literarias del país o del extranjero.

Sin embargo, ya hubo quien observase, - y no sin alguna razón,—que los muchachos de Cataguazes son tributarios de los modernistas de San Paulo, (grupo del señor Mario de Andrade).

El grupo «verde», sin embargo en su manifiesto declara con gravedad y convicción:

1°—Trabajamos independientemente de cualquier otro grupo literario.

2°—Tenemos perfectamente demarcada la línea divisoria que nos separa de los demás modernistas brasileños y extranjeros.

3°—Nuestros procedimientos literarios son perfectamente definidos.

4°—Somos objetivistas pero diversísimos unos de los otros.

5°—No tenemos ligazón de especie ninguna con el estilo y el modo literario de otras ruedas.

6°—Queremos dejar bien sentada nuestra independencia en el sentido «escolástico».

7°—No damos la más mínima importancia a la crítica de los que no nos comprenden y es sólo eso.

Ahí está, en esa rápida noticia, una síntesis clara del actual movimiento de las ideas en el Brasil.

Después hablaremos más detenidamente sobre esas diversas corrientes en que la actualidad literaria de nuestra gente de vanguardia, mostrando la significación de sus ideas, de sus programmas y de sus obras. Desde ya, por otra parte, debo decir, para ser exacto y honesto, que ninguna generación, en ningún tiempo, realizó en el Brasil una obra tan bella y tan fascinante, como la que están realizando en esta hora los modernistas.

PEREGRINO JUNIOR

(Artigo a sair em *Martin-Fierro*).

## SÃO PAULO NA FEDERAÇÃO, de SOUSA LOBO

Da phrase primeira de seu estudo sociológico genial inicia Sousa Lobo o fio lógico de suas ideas fundamentadas em profusa, autorisada, preciosa documentação estatística.

Dissecador de phenomenos nos expõe o cyclo, a marcha seguida no caldeamento de nossa nacionalidade. Depois de sentir de perto o borbulhar daquellas energias determinantes da evolução factorando-se, scindindo-se, eliminando-se, reunindo-se, para a synthese final—Brasil,—convença-se a gente que depois de Sousa Lobo nada mais se pode dizer sinão asneira.

Defeitos, falhas, inferioridade de novo Brasil nos são expostos irretorquivelmente. O autor justifica sua invensibilidade científica: «são verdades duras mas não são do numero das que se não devem dizer».

E' sua idéa fundamental: como entre os individuos, as desigualdades economicas estabelecem jerarchias entre nações e povos. Haja depois procurar nessa collocação nessa jerarchia da potencialidade. E em seguida qual deveriamos ter ante o vulto de reservas dynamicas da natureza fornecida e qual que teremos no futuro, attenta nossa deficiente actividade e energia.

Culpa disso tudo?—a mestiçagem desordenada da raça, sem criterio scientifico algum. Não vou discutir o problema: discutam-no com Sousa Lobo, mas leiam antes do protesto sua obra, exijo eu. Se depois tiverem coragem falem.

Souza Lobo não é o demolidor. Não se limita a diagnosticar. Tampouco nos medica panacéas. Equacionado o problema basico—crise racial—a analyse regida so-

**Suplemento relativo aos  
meses de Fevereiro, Mar-  
ço, Abril e Maio do ano  
de 1928**

**COM POEMAS DE:**

SERGIO MILLIET, AUGUSTO FREDERICO SCHIMIDT,  
MARQUES REBELLO, MARTINS MENDES, HENRIQUE DE  
RESENDE, SAÚL DE NAVARRO E ROSARIO FUSCO.

**PRÓSA DE:**

**P A U L O P R A D O**

**O grupo VERDE e os outros**

NOTÍCIAS SOBRE LIVROS E OUTRAS NOTÍCIAS

O artigo S. PAULO NA FEDERA-  
ÇÃO continúa depois do suplemento

## DO "RETRATO DO BRASIL"

«ENSAIO SOBRE A TRISTEZA BRASILEIRA»

(Especial para VERDE)

... Ao findar o seculo do ouro Minas era uma ruina. O viajante que se aventurava por essas regiões devia levar provisões porque em parte alguma as poderia comprar: ao contrario, o proprio habitante da casa a cuja porta batesse, talvez lhe supplicasse, pelo amor de Deus, a esmola de um punhado de farinha.

Hoje, após o deslumbramento e o bulicio afanoso de tanta ambição e loucura—e como para attestar a perennidade do espirito creador libertado dos interesses e accidentes humanos — de todo esse passado apenas resta uma quasi ruina que é uma obra-de-arte, a obra do Aleijadinho, esculptor e architecto. Nasceu em Ouro-Preto em 1730; era pardo escuro, filho de um portuguez e de uma africana; sabia ler e escrever, mas parece não ter frequentado outra aula alem da de primeiras lettras. Padecia de uma terrivel molestia incuravel, em que perdeu todos os dedos dos pés, só andando de joelhos; das mãos apenas lhe restavam os pollegares e os indices. Atormentado por dôres cruciantes, narravam que elle proprio, servindo-se do formão, cortava com uma pancada de macete o membro que o fazia soffrer. Esse monstro physico, asqueroso, de face atormentada e disforme, de palpebras cahidas e bocca estuporada, escondia-se debaixo de uma tolda para trabalhar nas igrejas. Não lhe perturbava o genio inculto nenhum ensinamento de academias ou de mestres. A sua obra surgiu e viveu na espontaneidade da imaginação creadora, sem nenhuma deformação. Trabalhou nas capellas de S. Francisco de Assis, de Nossa Senhora do Carmo e nas das Almas, em Ouro Preto; nas matrizes de S. João do Morro Grande e de Sabará; nas de Marianna e Santa Luzia. Destacam-se na sua obra a matriz e capella de S. Francisco, em São João d'Elrei, e os templos e estatuas de Congonhas do Campo.

Foi o maior artista que durante seculos produziu o Brasil. E é o que resta do maravilhoso potosi das Minas Geraes que por tanto tempo assombraram o mundo.

janeiro de 1928.

**PAULO PRADO**

# POEMAS BRASILEIROS

## I.

Para António de Alcântara Machado

A serra é toda um clarão dentro da noite.

Tranquilo,  
no alto,  
o bambual assiste aos destróços da queimada  
crepitando perto.

E eis que uma labareda, ainda tremula e indecisa,  
vem dansar em torno dele—e dança  
entre as taquaras sêcas que o circundam...

Outras mais vão se erguendo...

Ora avançam,  
ora recúam,  
—sarabanda  
de salamandras rútilas e vivas,  
dentro da noite enluarada,  
em torno ao emaranhado da touceira.

Depois,  
vertiginosamente,  
é um fogaréu que sóbe,  
e se avoluma,  
e cresce,  
e, numa furia, ganha  
o circulo em cheio do bambual tranquilo.

(Amanhã, com certeza,  
um poeta qualquer, um poeta simbolista,  
irá dizer que aquela fumarada,  
dentro da noite enluarada,  
—sem ter visto, sequer, o espetáculo di-  
nâmico do fogo  
estralando os gomos verdes dos bambús  
recurvos—  
é simplesmente  
a alma sofredora e ingenua das queimadas...)

HENRIQUE DE RESENDE

---

## NESTA REDAÇÃO:

POEMAS CRONOLÓGICOS, de Henrique de Resende, Rosario Fusco e Ascânio Lopes. Preço (livre de porte) 5\$000. — Em São Paulo na **LIVRARIA GARRAUX.**

## Cataguazes, o cinema, a Phebo, a lei de menores, etc.

Outrora não se compreendia a vida em qualquer cidadezinha do interior, por mais novo que fosse, sem uma banda de musica e sem fogueteiro. Qualquer acontecimento no lugar: a chegada do *seu* vigario, o anniversario do *coroné* Trindade, a festa do Divino, tudo era motivo para que o fogueteiro espocasse nos ares e se ouvisse o tara-tchim-, tara-tchim-bum d'«Os Amantes da Lyra». Festa sem musica e sem foguetes, só no meio da semana santa, Hoje. ha uma cousa imprescindivel, que veio substituir o circo de cavallinhos. Este só apparecia de tempos em tempos. E, quando apparecia, era mathematica e astronomicamente certo: S. Pedro mandava chuva. Agora veio o cinema. O caboclo que estava acostumado a assistir, boquiaberto, ás scenas estapafurdias do «O bandido da Serra Morena,» já conhece o Rolleaux e o Tom Mix. E, alem disso, o predio onde funciona o cinema, de vez em quando, serve para uma representação do grupo dramatico local. E' um «sucesso»...

Este progresso nas cidadezinhas, nos arraiaes, é reflexo do que se passa nas grandes cidades. Nestas, o *jazz-band* e o automovel são as instituições novas. Muito breve, encontraremos nas villazinhas a victoria do *jazz*. O Ford já vem chegando, aos poucos.

\* \*

Em Cataguazes, hoje centro adiantado, não mais soffremos o pipocar dos foguetes, nem o pam-pam-pam-pum, das bandas de musica.

Tudo passou, e ha muito tempo. Ficou nos o cinema. Mas um cinema de verdade, onde se exhibem os melhores trabalhos da industria americana. Ali, esparecendo o cerebro, a gente encontra lenitivo para muita magoa.

Emquanto na tela os factos se desenrolam, inverosimeis ou não, cada um de nós fica pensando que o mundo tambem não passa de uma tela, onde cada qual, como boneco, representa uma farça, e prompto.

Digam os moralistas o que quizerem. Que o cinema não presta; que o cinema corrompe; que o cinema traz a sedução do luxo; que o cinema ensina o mal junto com o bem. O cinema é como o mundo: tem de tudo um pouquinho. Cada um que tire o bom pedaço.

Depois, a fita sempre tem um castigo para os mãos. E faz uma grande defesa da familia. Haja vista que todo enredo termina com o casamento, como si nisto estivesse a maior felicidade que o homem pode conquistar neste mundo terraqueo...

Pois bem. Porque o cinema é um indice de civilização, applaudimos muito gostosamente os nossos conterraneos, que se empenham na vantagem de uma grande fabrica cinematographica em nossa terra.

Entre parenthesis: Não estou fazendo propaganda da Phebo. Nem ella precisa disso. Sou muito camarada do Humberto, mais isso não vem ao caso.

Continuemos. Não esmoreçam os actuaes organizadores da promissora fabrica. Terão que lutar muito contra a rotina, contra a má vontade. Mas não se importem com isso. Mãos à obra. E' preciso explorar motivos outros, que o genio latino possui, sem cahir no lugar commum das scenas indecentes, que nos chegam do país de Tio Sam.

A lei de menores poderá ficar, até, inapplicavel. E' só produzir com o que é nosso, sem ir buscar na irresistivel attracção da malicia o enredo das scenas.

Mais tarde, quando Cataguazes se transformar em uma Holywood-mirim, as recompensas virão. E podem ficar certos que irão obter muito mais do que—triumphos, glorias, honrarias, titulos, elogios, etc., etc. Alem destas cousas vasiaas, que não enchem a barriga da gente, virão as moedas, os cruzeiros, as pelegas.

E, destas, que boladas...

J. MARTINS

---

## I M P O R T A N T E

VERDE é a revista mais livre de preconceitos, do mundo. VERDE nada tem que vêr com as ideias de seus colaboradores, esteriorizados em artigos devidamente assinados. VERDE é uma alegre revista, divulgadora de valores novos. Está bem satisfeita com isso. E mais não deseja não, podem crêr.

## O QUE SOU

para MARIA CLEMENCIA

Sou bohemio,  
Sou vagabundo,  
Sonhador e apaixonado  
eu sou.

Sou quasi um louco.  
Tudo por causa do meu amor...

(Assim dizem aquelles que não sabem  
que, por causa do meu amor,  
eu sou  
—simplesmente feliz).

Janeiro 1928.

MARTINS MENDES.

Duas amostras do "Mela-Pataca", a sair

## Tio Santâna

a ROSARIO FUSCO

No fim do espigão abanquei-me cansado.  
A roça mofina  
com mêdo do sol  
estava amaréla da gente ter dó.

Ouvi vozerío pros lados da gróta  
«Anda nêgo! pra riba.  
Diabo! você não comeu?  
Olha o máto ficando pra traz!  
Anda nêgo! que falta de força»

Tio Santâna falava sosinho no eito.  
Se assustando ao me vêr derepente  
esplicou na linguagem cabinda  
que a perna vergava  
o braço pedia descanso...  
então tio velho espantava a fraqueza  
lembrando direito  
a fála do antigo feitor.

GUILHERMINO CESAR.

## UIÁRA

Si você visse os olhos de'la  
Tão bonitos brilhando  
Você tinha coragem  
Fernão Dias Paes Leme  
De manda-los examinar  
Pelo ourives d'El-Rey D. Afonso,  
Tinha Fernão Dias?  
Tinha não...

FRANCISCO I. PEIXOTO

## MOVIMENTO

Recebemos uma coleçãozinha de Proa (di-  
reção de Jorge Luis Borges, Pablo Rojas  
Paz, Brandán Carrafa e Ricardo Güiraldes).

Proa é uma magnífica publicação mo-  
dernista argentina que, infelizmente—a ezem-  
plo de nossas revistas de arte nóva, não lo-  
grou alcançar o seu terceiro âno de ezis-  
tencia. Comtudo foi brilhantissima. Como  
prova aí estão seus 24 volumes—primorosa-  
mente impressos—e recheiados de coisas ma-  
gnificas que muito contribuirão, decerto, pra  
um estudinho mais ou menos completo e per-  
feito sobre a interessante literatura do paiz  
visinho.

Na primeira oportunidade falaremos so-  
bre os valiosos exemplares recebidos, cari-  
nhosa homenagem de Norah Borges—á gente  
de «verde.»

\* \*

Próximo número: um desenho de Norah Bor-  
ges—feito especialmente pra nossa revis-  
ta, poemas de Jayme Griz, Willy Levin, As-  
censo Ferreira e Sebastião Lopes.

\* \*

Por causa da grande prêssa que nós tinha-  
mos de botar prá fóra VERDE n. 5, que por  
sinal já anda vermelhinha de vergonha, nos  
esquecemos de incluir os nomes de Willy Le-  
vin e J. Martins na capa da revista e do su-  
plemento, respectivamente.

—S. Paulo na Federação, de Sousa Lôbo.  
Na revisão deste artigo escaparam-nos os se-  
guintes erros:

...*«vulto de reservas dynamicas de naturezas pos-  
suidas»—em vez de «fornecida».*

...*«Não me consta que França entenda Gallia»—  
em vez de «Italia».*

...*«em mãos de povos que delles não carecem  
nem os utilizam para o bem commum»—em vez de  
«não carecem nem assiste ligam» etc.*

\* \*

Ildefonso Pereda Valdés, o poeta de «La  
Guitarra de los negros», disse em Monte-  
vidéo duas conferencias: uma na Universi-  
dade (em homenagem á Embaixada dos es-  
tudentes brasileiros que estava lá), outra no  
«Curso Vigil».

Estudando os nossos poetas, desde o  
Brasil colonia até agora, Ildefonso incluiu  
entre êles o nome dos rapazes que fizeram  
«Poemas cronologicos».

## Bailado Russo

Para ROSARIO FUSCO

Núa,  
deserta,  
indefinida,  
silenciosamente,  
se estende, alonga-se a estépe...

E' noite de luar  
e de inverno bravio, branco e bronco,  
agasalhando o somno e os amores das fêras.  
A neve, crescendo, crescendo,  
como treva branca,  
vae, fria e fantasmal,  
apagando a paisagem tristonha  
e nivelando tudo,  
de modo que só ha lua e gelo, neve e céu...  
Mas, de subito,  
um ritmo bárbaro  
salta, galopa, ziguezagueia,  
desloca o ar, tudo anima e estremece,  
numa lufada de asas e de sons!

SAÚL DE NAVARRO

## COMIDA

Ha gente que trabalha para comer  
Ha gente que se levanta cedo para ir trabalhar  
Ha gente que come nas pensões tristes  
Ha gente que come sosinha nas mesas dos  
[hoteis  
até no dia de anno bom  
Ha gente que as vezes não come.

### COMER COMIDA PÃO ALIMENTO

Ha gente que toma media na hora do almoço  
Elle tomava leite porque tinha os cobres  
[curtos.  
E tinha rugas na testa.

Minha avó me disse que era máo coração  
botar bolachas caras fóra, porque tinha muitos  
meninos com vontade de comer e eram po-  
[bres.  
Mas eu tinha bons sentimentos e então fiquei  
chorando.

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

(do livro «Poemas ao portador» a saír)

## Passa Quatro

de RICARDO MARTINS

Eu sempre ouvia falar deste moço de  
Passa Quatro com muita simpatia, carinho-  
samente.

Porquê Ricardo Martins já possuía minha  
admiração de ha muito tempo. Desde quê  
li—si não me engano—alguns poeminhos seus  
transcritos numa crônica bonita de Heitor  
Alves. Portanto não foi mais pra mim uma  
surpresa a sua poesia que é que nem uma  
anunciação...

(«Sabbado,  
no caixote de lixo á porta da rua,  
cascas de fructas, flores apodrecidas,  
sujeira amontoada,  
moscas voejando gulosas  
e um retalho de carta bem visivel:  
mil beijinhos de tua  
Adelaide.

—INTIMIDADE»)

Aliás toda a rapaziada nova de Itanhan-  
dú, tendo a frente o entusiasmo contagioso  
de Heitor Alves, já não era pra nós sómente  
uma promessa não—depois do vitorioso apa-  
recimento de ELETRICA—porém sim uma  
realidade moça na qual a gente poderia bô-  
tar—sem susto nenhum—a maior das con-  
fianças.

«(Dizem que foram os bandeirantes  
que a descobriram.  
Verdade ou não,  
bandeirantes ou outra pessoa qualquer,  
quem a descobriu  
teve bom gosto.

O DESCOBRIMENTO»)

Ricardo Martins me deu a ideia de ser  
um rapazinho muito simples, magrinho—de  
óculos—macambuzio dentro do seu terno prê-  
to e do seu geito moleque de gôsador calado,  
não sei... Só sei que êle é o melhor poeta de  
minas gerais. E que sou seu admirador e sou  
seu amigo.

R. F.

### LIVROS RECEBIDOS:

Bruno de Martino:  
*Brazas* ed. do autor—1926.  
*Pedaços de Jornal*—Paulo Pongetti & Cia.  
Rio 1928.  
Ruy Cirne Lima:  
*Colonia Z e outros poemas*. Liv. do Globo.  
Porto Alegre—1928.  
*Elétrica* direção de Heitor Alves (n. 2 se-  
gunda serie).  
*A Época* (dos rapazes da Faculdade de  
Direito—Rio—maio 1928).

## Noticia sobre os "estudos"

de TRISTÃO DE ATHAYDE

Depois da barulhada, desse grande rebo-  
liço, que foi até ha pouco o movimento mo-  
dernista no Brasil, estamos passando agora  
por uma fase de decantação. Vão-se assen-  
tando pouco a pouco os valores que rodopi-  
avam nos circulos da peleja, e procurando  
adquirir, no seu começo de equilibrio, esse  
traço de serenidade tão característico da-  
queles que já encontraram a sua directriz.  
Até ha pouco ao movimento literario mo-  
derno do Brasil muito bem se enquadrava  
aquela conhecida frase com que um critico  
mordaz definiu o nosso Paiz: «o Brasil é uma  
nação onde todo mundo manda, ninguem obe-  
dece e vae tudo muito bem».

Essa desordem, essa falta de orientação,  
contudo, já vae desaparecendo. Era a luta  
sem meditação. Agora que está se dando  
justamente o inverso, vamos entrando numa  
época verdadeiramente frutuosa de realiza-  
ções. Obras de vulto vem aparecendo, não  
só na poesia, como no romance e na critica,  
em que o Brasil novo já se entremostra  
bem diverso do Brasil de antes da guerra.

E um dos grandes seleccionadores, um  
dos que vêm assistindo a essa lenta mais be-  
nèfica decantação dos nossos valores, com a  
argucia do verdadeiro critico e os cuidados  
do verdadeiro patriota, é inquestionavelmen-  
te o sr. Tristão de Athayde.

Colecionando em volume alguns dos seus  
estudos publicados no *O Jornal* o sr. Tristão  
de Athayde vem de trazer sobretudo á lite-  
ratura moderna do Brasil um livro, de clara  
orientação que, não só demonstra a solida  
cultura de um estudioso, mas tambem a am-  
pla visão critica de um moço, que se guin-  
dou, de um momento para outro, ao primado  
da critica nacional.

Comenta o sr. Tristão de Athayde que o  
grande mal que foi a guerra nos trouxe  
esse grande bem—que é o espanejamento da  
inerçia, do anacrônismo, da mediocridade  
em que já se iam afundando os nossos me-  
lhores espiritos. Aliás, todas as grandes re-  
formas mundiaes—intellectuaes ou não—têm  
sido oriundas das grandes guerras. A catás-  
trofe de 1914 golpeou o mundo civilizado nas  
suas raizes mais profundas, sacudiu violenta-  
mente nos seus galhos e nos seus troncos ca-  
runchosos a velha arvore gasta da civilização  
européa—e d'aí os novos frutos de que nos  
fala o sr. Tristão de Athayde. Chamando o  
homem á realidade, a guerra deu cabo dos  
canones, das convenções, dos formalismos,  
diz o autor. E acrescenta que muito se tem

escrito nestes oito anos para cá. Preferimos  
dizer nestes cinco ou seis anos. Pois que  
houve naturalmente um periodo de incuba-  
ção desse germe transformador da nossa psi-  
ché. Só em 1921 foi que se iniciou de facto,  
entre nós, o traçado da curva representativa  
do movimento moderno brasileiro.

E é discorrendo sobre as resultantes da  
guerra em face do novo periodo das letras  
nacionaes que o sr. Tristão de Athayde abre  
a primeira série dos seus *Estudos* com as ma-  
gnificas paginas das *Tendencias*—o dinamismo  
do Sr. Graça e o primitivismo do famoso gru-  
po de S. Paulo.

E o critico, sob esses aspectos, vae co-  
mentando, com penetrante agudeza, as obras  
mais interessantes dos ultimos tempos. Mas o  
sr. Tristão de Athayde não se limita ao estu-  
do das tendencias modernas da intelligencia  
brasileira. Critico, na mais clara acepção da  
palavra, o autor dos *Estudos*, com a mesma  
facilidade com que trata a inactualidade dos  
romances da sra. Albertina Bertha, com to-  
dos os seus danunzianismos, artificialismos e  
gongorismos, comenta, com erudição e gra-  
vidade, os quarenta volumes de Hilaire  
Belloc.

Passa da literatura infantil para as mais  
sêcas e sensaboronas questões sociaes, reli-  
giosas ou politicas.

E finalmente escreve dois magnificos es-  
tudos sobre Tobias Barreto e a estética de  
Farias Brito, tudo isso naquela linguagem  
esplendida que só êle possui.

«Estudo» é um livro que envaidece a  
gente como brasileiro consciente do papel  
do Brasil moderno, dentro do mundo.

H. de R.

## Este verso vai molhado

a ASCANIO LOPES

Aquella nuvem grandona lá é um pedaço do céu  
que caíu na montanha. É.

O vento sópra brábo no môrro  
e os gados, com mêdo, correm berrando.

Todo mundo ja fechou as janelas  
—depréssa

porquê vento de Deus não é brinquêdo.

Lá em cima avuando—a nuvem grandona num átimo  
vira *chóve-chúva chóverá pra quando papai chegá...*

Frescura...

Da varandinha da casa a gente gósa tudo, na fólga.  
Agóra abrí a bôca

—suspirei fundo...

O côrpo meu pesando

—homem que gósta suspira assim...

Essa góteira pingando

—sôdades de você...

Êta frio!

LEÃO DE VASCONCELOS—Parmi le soir indéfini, poèmes.

Traduction et préface de Charles Lucifer. Chez Elbehnon et Sœurs. Paris. MCMXXVII.

Por causa dessa tradução pro francês de alguns versos do livro de Leão de Vasconcellos apareceram algumas dúvidas. Uns dizem que o tradutor é o proprio autor dos POEMAS PARA ESQUECER... Já Tristão de Athayde numa de suas crônicas publicadas no O JORNAL, afirma que Charles Lucifer nada mais é que o pseudônimo de um outro poeta nosso: Tavares Bastos. Sobre esse assunto me escreveu ha tempos um amigo, desmentindo taes asserções e provand-me com muita convicção que Charles Lucifer é mesmo pessoa real distinta verdadeira. Com quem a razão?

Embora Tristão de Athayde tenha visto influencia pronunciada (efeito da tradução?) do autor de CHARIOT D'OR e de mais dois poetas, nos versos de Leão de Vasconcellos sente-se perfeitamente que PARMIL LE SOIR INDEFINI tem todo ele um sabor especial, que é por assim dizer o *trade marck*: o *factor brasilicus*.

«Monotone  
la brume descend le long du ciel d'automne.  
Un étrange souvenir ému  
qui s'est épanou dans l'ambiant  
vient ajouter encore plus á la tristesse de  
[vivre  
et á mon dégoût de convalescent.  
(Pourquoi m'a-t-il Dieu fait un poète malade?)»

Poesia assim toda leve, cheia de uma sensibilidade muitas vezes doentia e que porisso mesmo quando péga a gente de geito faz tanto bem...

Como ficaram bem no francês os titulos dos poeminhas!

*Rêve final Pourquoi?. Désespoir. A la louange de tes mains brumales..* Nos dão até a impressão de que são nomes de valsas zingaras, molengas feitas pra se adormecer...

«Las de silence et de tristesse  
je me rapelle ta voix et ta caresse  
à l'exaltation enfiévrée de mes sens.  
Et je subis en peine ce long désespoir  
de ne pas pouvoir reprendre dans ton souvenir  
tous ces mots de tendresse, de foi et de  
[croyance,  
—ces mots d'amour que je t'ai dits jour.»

Essa tradução tão bonita que Charles Lucifer fez dos POEMAS PARA ESQUECER

ficou sendo um livro—e um livro bom pra se ler baixinho *quand la nuit baisse la paupière lentement et l'on ferme les yeux pour ne pas pleurer.*

PEIXOTO.

#### GENTE:

porquê VERDE já passou pelo susto de morrer, e nós porisso quasi que morremos de susto, resolvemos que, deste numero em diante, a nossa revistinha ficasse menor, mais barata prá gente e pra vocês também.

Aproveitando a ocasião, lembramos a vocês que VERDE precisa de assinantes. Sem isso éla morrerá NECESSARIAMENTE!

VERDE quer também correspondentes representantes em todas as cidades do Brasil. Sem isso éla morrerá NECESSARIAMENTE!

VERDE precisa também da camaradagem de toda a gente moça. Sem isso éla morrerá NECESSARIAMENTE!

VERDE quer, quando nada, ser uma revista de divulgação.

\* \* \*

VERDE custará daqui por diante:  
Numero avulso—500 reis  
Numero atrasado—800 reis  
Assinatura anual 6000 reis

\* \* \*

Seja, desde já, um assinante de VERDE:  
(Pedidos, acompanhados da respectiva importancia, prá nossa direção).

## Casa Fenelon

BATE O RECORD NA DISTRIBUIÇÃO DE  
SORTES GRANDES

### Só nestes ultimos dias

Mais de 50:000\$000 contos distribuidos com  
seus freguezes.

BILHETES DE TODAS AS LOTERIAS DO  
BRASIL!

Diariamente planos magníficos!

**HABILITAE-VOS!**

## Segunda conversa

Você está muito enganado

E' verdade que eu vou ás vezes ao cabaret  
que bebo bem e como melhor  
que gosto de jogar  
que a volupia quente de certa bocca  
me traz prazer e alegria...

E' verdade que eu dou demasiada importancia  
a essa vida material  
que você condemna

Tenho automovel  
Vou ao cinema  
Leio livros immoraes

Tenho gana de infringir todos os manda-  
mentos...

Mas no fundo meu Deus  
eu sou familia.

SERGIO MILLIET

## Poema Primitivo

De vez em quando eu sinto  
cousas inexplicaveis.

Esqueço a côr dos teus cabellos...

Não me lembro da tua voz...

Procuro tolamente a razão  
porque os teus cabellos  
são cortados  
ou a tua bocca é quente...

De vez em quando eu fico  
perguntado a mim mesmo:

«—Porque tu te chamas Maria?...»

MARQUES REBELLO

## SERENIDADE

de ACHILLES VIVACQUA

Os versos são do principio da vida  
literaria do poeta e quasi que a gente já  
conhecia todos.

Um punhado de criticos (?) escreveram  
sobre uma tal de *influencias flagrantes* de que  
se resente encharcado (dizem êles) o livrinho  
*Serenidade*. Graças a Deus não entendo  
critica, nem criticos—e não dou valor ne-  
nhum mesmo pra alguns dêles. Porisso é  
quêu acho que falar em *influencias* é boba-  
gem. Esplicar porquê seria cansar.

Achilles Vivacqua (Roberto Theodoro)  
é o mesmíssimo que escreveu aqueles boni-  
tísimos versos do *Samba* que esta revistinha  
de vocês publicou no seu numero de estréa.  
Pra mim este poeminho só marcou bem  
Achilles Vivacqua enchendo a gente de con-  
fiança bastante prás suas coisas futuras.

Por emquanto já se pode falar que *Se-  
renidade* é um livro de POËTA. Mais, acho que  
o Achilles não deseja não.

## Martim Cererê

de CASSIANO RICARDO

O mesmo Cassiano Ricardo de dantes,  
do tempo do *vamos caçar papagaios* Simpati-  
co como quê. O homem ao que parece não  
demudou não porém não piorou nada graças  
a Deus—e a gente continúa gôstando bem  
dêle.

*Martim Cererê* (o Brasil dos meninos, dos  
poetas e dos heroes): titulo pamparra, enqui-  
silativo. Francamente isso fala muito grôso  
e você acaba assuntando mesmo antes de  
abrir o livrão dessa idade cheinho de boni-  
tos desenhos verdes de Di Cavalcanti...

Muita coisa boa. Muita coisa que poderia  
ser ótima. Muita coisa regular e muita coisa  
ruízinha até.

Das coisas boas pra mostrar que guar-  
dei, destaco: *a minha chicara de café* (já minha  
conhecida do *vamos caçar*), *os tres brinquedos  
com a lua*, *a uíara de cabelos vermelhos*, *piraquêra*,  
*o manduca e a giuseppina* (dum sabôr de terra  
braba muito nosso) e *o matuto*, que transcrevo  
pra vocês:

«Disseram pra ele  
que beijo de mulher era fruto escondido  
Êle andou muito tempo pensando  
que beijo de mulherfaz ia mal...

não fez não.

Lhe disseram tambem que quando a gente  
morde a uivaia é doce mas depois é amarga,  
não é não.

Lhe disseram tambem que todo amor é tempe-  
rado com veneno e mel pra refrescar o  
coração mas que depois...

diz—que perde a razão.  
Não perde não».

Acho isto simplesmente gôstoso. Aliás  
todo o livro é mais ou menos assim impre-  
gnado dum sentimento de brasilidade muito  
profundo.

*Martim Cererê* é uma festa de poesia bra-  
sileira dentro do Brasil dos meninos, dos  
poetas e dos heroes.

R. F.

## O GRUPO DE "VERDE" E OS OUTROS

De Alvaro Moreyra:

«Rosario Fusco, Henrique de Resende, Ascânio Lopes. Tenho aqui os três poetas de Cataguazes num livro só: *Poemas Chronologicos*. Chronologicos é horrivel. Os poemas são lindos. Os três amigos vivem dentro da mesma paisagem. Não é por escola que escrevem parecido. Quasi meninos, perderam a fé no soneto. Descobriram que não precisava rimar e medir syllabas. Ficaram poetas simplesmente. E simplesmente contam realidades ou lembranças, cada qual com a sua musica, com as palavras que pertencem a todos e que vêm delles como os passaros das arvores quando o sól acorda...

A differença entre a poesia de hoje e a de antes-de-hontem, eu vêjo, todas as noites, em Copacabana. Uma é a Avenida Atlantica, aclarada pelos fôcos electricos, postos em distancias eguaes desde o Leme até á Igreja. A outra é o céu de Nosso Senhor, esparramado de estrellas e a lua cae-não-cea por sobre o mar.

Estas coisas não são faceis de explicar. Porque ha pessoas que acham sublime a illusão da Avenida Atlantica e nunca olharam para o céu.

O mal do movimento chamado modernista foi o desafôro do começo. Numa terra que usa tanto de revoluções, ninguem sabe para que, um motim intelligente, de fins esclarecidos, provocou repulsa...

Graça Aranha quasi que destruiu a Academia. Protestos quasi geraes. O general Isidoro quasi destruiu S. Paulo. Applausos quasi geraes. Negam Oswaldo de Andrade que botou lança-perfume nos olhos de varios inimigos. Affirmam tenentes que deram tiros contra muitos cidadãos inoffensivos. Luis Carlos Prestes atravessou o Brasil. Mario de Andrade tambem. Entretanto, Luis Carlos Prestes tem maior prestigio nacional do que Mario de Andrade.

O livro e a espada...

Anedocta... A espada aqui está por cima. Mas o livro corta muito mais. Vocês vão vêr...

(*Aquario*—Para todos de 14—4—928.)

BREVEMENTE:

### MEIA-PATAÇA

POESIA de Guilhermino Cesar e Francisco I. Peixoto

De Mario de Andrade.

«Os rapazes da "Verde" tiveram o bom gosto de se fazerem em livro.

Hoje quem quizer pôde atacal-os, elogi-al-os, etc., e citar por onde.

Essa historia da gente ficar poeta bom nas revistas é tão vago, tão diluido, tão sem corpo!... E um beneficio enorme de exemplo já veio dos «*Poemas Chronologicos*» pois outros poetas mineiros do grupo de Bello Horizonte já estão annunciando uma Antologia tambem.

Uma coisa em que não sei se já puzeram reparo... Hoje eu cito um livro do Paraná, outro de Minas, outro do Rio Grande do Norte. D'uns tempos pra cá o desprestigio literario do Rio de Janeiro está se tornando muito grande. Já o modernismo nasceu em São Paulo, agora os livros apparecem por ahi tudo sem baptismo da Côrte... Não me parece que o symptoma seja bom não. sob o ponto de vista da nossa unidade politica porem como essa unidade pouco me incomoda nas minhas idéas e sentimentos humanos, essa decentralisação me dá o gosto alegre d'uma batalha de flores: recebo manacás, flores de ipé, de mumurê, de maracujá, de todos os lados. E isso é bom que dóe.

E' extraordinario como o livro define uma pessoa. Embora a maioria das peças de «*Poemas Chronologicos*» já fosse conhecida minha, assim unidas essas poesias me deram uma impressão de fôrça actual maior das que eu pensava. Sei bem que sobretudo Rosario Fusco e Ascânio Lopes são ainda esperanças, porem é incontestavel que já sahiram da sombra materna do viveiro, já espi-garam pra cima da cóva e já sustentam nas folhas o bafejo bravo do sól. Isso não parecia quando a gente topava com elles virando a esquina das revistas. Essa apresentação de fôrça actual seria me parece a melhor grandeza dos «*Poemas Chronologicos*».

Dos tres poetas do livro, o mais completo, o mais poeta é incontestavelmente Henrique de Resende. Tambem esse, embora novo, já tem passado. Os outros dois ainda são mais liricos que poetas, quero dizer, ainda não estão igualados, não. E a impulsão lirica vale mais que a factura.

Henrique de Resende ex-parnasiano, já tem mais arte. E tambem mais artificio. Quando se não quando lhe escapam da au-

to critica certos processos faceis de sonoridade e de expressão:

“no seio *bruto* da pedreira *bruta*”

ou

“se despenha no desespero do despenhadeiro”

Tambem pela seriação dos poetas a gente percebe que a poesia delle sae um bocado encomendada. Assim como quem diz: Acho que devo fazer uns poemas sobre os symptomas do progresso de Minas.

Então escreve sobre as Estradas de Rodagem, as Minas, as Lavouras, as Cidades. Isso me enquizila como um despeito. Desejei damnadamente fazer uma «Meditação no Amazonas» pra contrabalançar com o Nocturno e o Carnaval no «Clan». Não houve meios de sair. Parecia... Mas empregando os processos de Henrique de Resende, palavra que saía.

Só que Henrique de Resende não só pratica bem os processos delle como vae além delles. No “Solar que foi dos meus avós” principalmente, a nobreza ondulante dos versos, uma simplicidade objectiva muito discreta e até energica (“a lembrança angustiosa das atrocidades dos meus avós”) na descrição na evocação dá por vezes uma força impressionante pra os versos. Reunindo todas as qualidades em “Senzala”, Henrique de Resende apresenta o melhor poema do livro.

Quanto a Ascanio Lopes e Rosario Fusco, estão seus vinte annos na experiencia. A experiencia delles é a infancia de que os desintocou a inquietação do lirismo. Vivem machinando com a infancia e com o passado. Aliás carece dizer de passagem por emquanto que esses poetas mineiros em geral estão adquirindo um cacoete que por ser cacoete fatiga bem: a evocação da infancia. Um saudosismo desses é perigoso, gente. A banalidade infantil é muito importante pra o individuo já feito não tem duvida. Nós todos teremos que *sollrer* nossas infancias por toda a vida. Só que essa formalidade, que cada um soffre por si, difficilmente comove os outros em arte quando é assim discripta objectivamente. Ou a gente inventa lorotas tragicas que nem as de Copperfield ou por sistema de claro-escuro disfarça a banalidade do real e deforma que nem no Aténeu, no João Miramar ou no Dedalus. Em todo caso o Poema de Minha Tristeza de Rosario Fusco tem notações que por serem verdadeiras me commovem muito. “Nunca mais vi vovô lendo jornaes na varanda... Só elle, coitado, trabalhava...”

E tambem o «Ambiente de Infancia» de Ascanio Lopes é um banal burguez quasi subtil e bem apanhado na notação final:

“Mamãe quasi deixou que eu brincasse de navio,

Mas a titia velha e rabujenta

Disse que eu não estava chorando

E que a vidraça estava pingada d’agua da chuva”

Os tres poetas manifestam as tendencias tão variadas com que está se inriquecendo a literatura moderna do Brasil. Não tem nenhum que manifeste porêm imitação servil, graças a Deus. Seguem preferencias, provam que possuem poetas de cabeceira. Coisas que não ha razão que me faça considerar defeito embora eu considere que de cabeceira só possam se legitimar Hermes Fontes, Ruy Barbosa e o «Secretario dos Amantes

Henrique de Resende mais tradicional, Ascanio Lopes, mais familiar, Rosario Fusco, mais desabusado, inquieto, botando o pé na fogueira pra poder afirmar depois que fogo queima de verdade. Nessa mão de tres dedos dos «Poemas Chronologicos», Henrique de Resende é o pai-de-todos, Ascanio Lopes é o mata-piolhos, Rosario Fusco é o fura-bolos. Os tres: gente que subirão muito si quando a força do homem chegar, não barganharem o lirismo disponivel da flor pelos caraminguás da vida curta nossa”.

(“Diario Nacional”—S. Paulo—15-4-928).

\* \*

De Tasso da Silveira.

«Tres poetas unidos num mesmo abraço fraterno. Cada um differente dos outros, não obstante. Valores desiguaes (aliás tão difficil, por emquanto, apreciar o que propriamente se chama “valor” em poetas modernistas, tanto mais aos que ainda estão encordoando a lyra nova...)

Poemas cronologicos, não sei bem porque. Alguns são poemas da «realidade presente», e são os que mais me satisfazem: a capacidade de sentir a “realidade presente” marca o poeta. Outros são cantigas de saudade. E de saudade saudosista: não me agradam.

Henrique de Resende é o que vem com mais virilidade espiritual. Tem visões fortes e traços de buril. E a complexidade tão característica do poeta de hoje, que não é mais só instincto, mas tambem intelligencia. Gosto do reflexo metalico das suas gravuras em

cobre: "as estradas de rodagem" as "lavou-  
ras" as "minas"...

Rosario Fusco é mais lyrico. Não são as linhas firmes, os volumes, as expressões de energia que o impressionam no ambiente em torno. São os silêncios e os perfumes evocativos, as sombras, as côres perdidas na distancia. O seu poema da "rua do porão" já representa uma victoria.

Ascanio Lopes é mais um penumbrista que um modernista. Dá-me a impressão de ser o mais moço dos tres, e o menos experiente. Efeito da collocação no volume?

Sertão Mineiro e Cataguazes comtudo, são mais do que simples indícios. Reli-os com prazer."

(Festa nº 8-15 de Março de 1928-Rio)

\* \* \*

De António de Alcântara Machado :

É a gente simpática da verde de Cataguazes.

Livro naturalmente desigual puxado para tres lados.

Henrique de Resende é o mais velho da turma. Engenheiro rodoviario vai anotando nas margens do caderno de medições e calculos os aspetos dos caminhos que êle abre

*como um cordame de veias  
no corpo adusto  
da terra inhospita*

Não sei si como engenheiro é bom poeta. Mas sei que como poeta é bom engenheiro. Seus versos são solidamente construidos sobre leito bem empedrado. Nem falta o rôlo compressor de uma auto-critica severa.

E esses caminhos têm sombras para a gente repousar a vista tonta da luz das paisagens. A "ermida" por exemplo: tão comvente e tão bonita.

Rosario Fusco é um menino. Está dito tudo: mistura timidez com audacia, brutalidade com ternura, larga o estilingue para choramingar no colo de um affecto bom. Tem talento. Quanto a isso não pôde haver duvida. Tem talento, vontade de acertar e uma desenvoltura ótima na qual a gente não pode deixar de por a maior das confianças. Eu gosto muito deste poeminha SALA DE GENTE POBRE do qual tomo a liberdade de suprimir o ultimo verso:

*Um banco  
Uma mesa  
Um quadro: Nossa Senhora ..  
Outro quadro: São José...  
Um lampeão.  
Nem ambição de mais coisas*

Os defeitos de Rosario Fusco são defeitos de quem tem dezeseite anos. Em geral porque há alguns mais graves que podem virar crônicos se não forem curados logo: linguagem meio cá meio lá, quedazinha para o logar comum, imagem de efeito, final arrandinho. E outros mais. Porem eu já disse e repito: que em Rosario Fusco a gente pode ter sem medo muitissima confiança.

Ascanio Lopes também é menino: menino malicioso, gozador, cheio de subentendidos. O principal defeito dele é o mesmo de Rosario Fusco: a idade que tem.

Dáí apesar dele ser brincalhão, certas puerilidades sentimentais, o desejo criança de ser acarinhado e o tema tristeza soando falso nas poesias dêle.

A MATA É GRANDE DEMAIS PARA O FOGO QUEIMAR caracteriza bem a sua maneira bôa:

*Na modorra enorme do sertão  
os empregados trabalhavam no eito da roça  
cantando cantigas ingenuas  
Mas do lado da serra lá longe, começou a subir a  
[fumaça  
e as chamas tamparam as arvores da mata.  
O leitor disse que era uma queimada que saltara o  
aceiro.*

*Ninguém pensou em apagar o fogo  
No ceu os gaviões gritavam assustados.*

Ascanio Lopes não deve abandonar o seu feitio de gozador a sêco.

O pessoal de «verde» é portanto uma surpresa excelente, e cuja excelencia de hoje em diante não mais surpreenderá ninguém.»

(Revista de Antropofagia—maio de 1928—S. Paulo).

## Dr Edison Resende

Diplomado pela Faculdade de Medicina do Rio, com longa pratica.

Cirurgia geral — Doenças do aparelho genito-urinario no homem e na mulher.

Diathermia—Alta frequencia e Raios ultra-violeta. Endoscopia exploradora de operatoria das vias urinarias — Cura radical da Blenorragia pela diathermia.

CONSULTORIO:

**AV. ASTOLPHO DUTRA**

(Proximo ao Grupo Escolar)

TELEPHONE 110 — CATAGUAZES

luciona o X: sangue novo, moral nova, vida em rumo novo.

Graça Aranha objectar-nos-ia: «o futuro não entenderá o passado». E eu lhe retrucarei: pois que não entenda,—entendamos-nos o presente, entendam os vindouros seu presente. Não me consta que França entenda Italia nem Italia commungue com etruscos ou ligurios. Brasil não compreende Confederação Tymbirica. Nação é lingua, arte, civilização, riqueza, força. Nada tem com povo e raça.

O destino geographico do Brasil, maximo no globo, será cumprido por gente forte de mãos ferreas e almas graníticas. Boas armas só valem á braços robustos, almas intrpidas.

Soffremos pouco e não compreendemos a vida. Não chegamos ainda ao nivel do dia. O banho lustral sangue faltou no berço. A

guerra, renovação de valores, da ordem archaica das coisas, nos esqueceu.

No quinhão da lucta vital não nos couberam duros combates nem duras victorias, apanagio dos fortes. No repouso destemperare a alma bellica dos luctadores. Para sermos grandes precisamos muito luctar, sermos hercules, athletisar-nos. Ou então: rua.

O Salisbury, aquelle velhaco lorde inglez foi camarada e prevenio: «tempo virá que as nações cultas da terra não poderão permittir que vastas zonas do globo permaneçam inaproveitadas em mãos de povos que dellas não careceu nem assiste ligam para o bem commum».

Ouçamos pois Souza Lobo o propheta dynamico da nossa verde nacionalidade.

UBYRATAN VALMONT.

## MOVIMENTO

Do proximo numero em diante «Verde» jogará suas paginas quadradas pra riba do Brasil inteirinho vestidas noutro formato, melhormente\* impressa, melhormente colaborada e com menos anuncios que tanto enfeiam as edições anteriores.

\* \*

A sensível demora do aparecimento do presente numero foi devida especialmente a uma completa transformação nas oficinas em que verde é impressa.

\* \*

Deverá se inaugurar por todo mês de junho, em Montevideo, uma elegante exposição de *grabados e debujos* de Maria Clemencia, Norah Borges, (irman do festejado poeta e escritor argentino Jorge Luiz Borges) e Xul Solar, patrocinada pelo poeta e crítico de arte uruguayo—Ildefonso Pereda Valdez, amigo de Verde e amigo do Brasil.

E' uma noticia lindamente bonita esta, prova do entusiasmo moço que anima os fogosos jovens vanguardistas do paiz irmão.

\* \*

Gimenéz Caballero e Guillermo de Torre, respectivamente director e secretario de «La Gaceta Literaria» que se publica em Madrid, promoveram em setembro deste ano, a primeira festa do livro em Espanha.

Durante mais de um mês estiveram á venda autografos de escritores vários, espanhoes e americanos.

Recebemos: *O cenaculo*, *Revista da Cidade de Recife*, Pernambuco. *Essa negra fulô* (poema) de Jorge de Lima—Maceió—Alagoas, *Kismet* (poemas) de Zolachio Diniz—Rio, *La gaceta literaria*—Madrid (oferta de Maria Clemencia), *O espirito libero americano* de Saúl de Navarro—Rio, *Festa* (mensario de arte e pensamento) numeros 7 e 8—Rio.

\* \*

Os rapazes de Belorizonte estão annunciando pra breve a Antologia de 4 (poesia).

## INFANCIA

Tu eras naquele tempo dos meus dez anos  
A malicia perturbadôra  
Da minha ingénuidade supersticiosa.

Hoje lêmbro sorrindo  
O beijo que arrancáste á força dos meus lábios inesperientes.

Surgiste na minha vida de menino amedrôn-  
tado e tímido  
como a tentação pecaminosa  
Que rouba as almas pro inferno

Recife—Pernambuco.

WILLY LEVIN

## MESTRE TASSO, OTIMISTA IMPENITENTE

MESTRE:

Me dirigindo a você neste momento, não o faço em nome dos meus 4528 colegas que foram alvos das suas inomináveis sandices. Falo, tão somente, por minha conta e risco. Faz-se mistério que eu acentue primeiramente: não quero me arvorar em professor. Não. Absolutamente não. Desejo, sim, incutir nas subterranas galerias do seu espírito de crítico joven uma ideia, sumamente perfunctoria, acerca da enxurrada de bestices empoladinhas que você, talvez sob a ação de influxos deletérios, condensou nas colunas do seu artigo, publicado no 4º numero de FESTA. Não se póde negar que, si você escreveu esse artigo foi para se colocar em evidencia, chamando sobre si a atenção dos outros, e para passar também um baratissimo elogio na gente da sua turma, na sua *panelinha literaria*.

Si você possuísse profunda e virginal sensibilidade, si fosse possível a você se habituar a distinguir melhor os valores e a meditar um pouquinho, deixando também de ser tão tolamente convencido, eu seria capaz de acreditar que cumprindo o seu destino de crítico joven, você pudesse orientar o publico ignaro e dar-lhe uma verdadeira noção de arte, para que dest'arte chegasse ele a compreender e a apreciar algum dia alguns dos genuinos cantores da realidade brasileira. Creio que a maioria (a composta dos artistas-Artistas) dispensaria de bom grado os taes revigorantes contactos com a alma popular, de que fala você. Com todo o seu pedantismo bocó, você tem coragem de deixar que o seu illustre nome figure na lista dos colaboradores de *ELECTRICA* (orgam de propaganda das lampadas Osram-Mazda) revista que tem como directôr o pomposo poeta Heitor Alves, autor da *VIDA EM MOVIMENTO*, livro que é uma maravilha de teteiazinhas. *ELECTRICA* é uma revista batuta que publica coisas assim:

### MICROSCOMO

Achilles Alves define nestas estrophes singelas e suaves, de um tom lyrico, como compreende a vida. (N. da R.)

O nosso mundo se resume  
numa esperança unicamente  
feita de sonho e de perfume.

O nosso mundo! Quanta gente  
o julga espira de fumaça,  
que se evapora de repente...

Mas que illusão! O tempo passa  
e o nosso mundo pequenino  
gyra, impellido pela graça  
do Deus Cupido-o Deus Menino.

Nota importante: o autor deste negocio é irmão do directôr Alves.

Mas deixemos isso de parte.

Em vez de ezaminar, tim-tim por tim-tim, todas as bestidadezinhas que saíram da sua penna, prefiro mostrar a você que eu também possúo notaveis qualidades *antologísticas*. Fazendo assim pouparei mais tempo e não me cançarei muito. Não sei si você atingirá o alcance desse minha attitude. Garanto, porém, que éla é eminentemente pratica.

Antes que me esqueça, quero fazer uma pergunta: é por medo ou por que é que você se mantém numa situação tão duvidosa em face do Mario?

Me lembro disto porque você, na pagina 7 de

FESTA numero 2, diz que êle não passa de um méro pastichador de coisas europeias e passadas e de um suposto renovador da nossa literatura. Entretanto, no numero 4 de sua revista, você o intitula verdadeiro renovador de nossa arte, referindo-se ainda á sua ação dinamica e á sua individualidade desbordante. Quasi a mesma coisa você disse a respeito do Oswald. Interessante tudo isso, não acha?

Como você, naturalmente, será incapaz de se esplicar, prefiro passar adiante.

Vejamos a agora a minha *antologia*, que levará sobre a sua vantagem de ser acompanhada de algumas notas elucidativas. Ficará boa. Vai ver...

### ANTOLOGIA

Ah! quem foi que passou pelo meu pomar colorido  
e arrebatou os meus frutos maduros! (1)

Ah! já vae Dedéco para os seus quarenta... (2)

Dentro do vagão, uma paizagem arida de caixeiros  
viajantes,  
devorando cousas. Orgia de bananas e ovos duros. (3)

Dentro do meu coração,  
dansou-se a dansa silenciosa da renuncia. (4)

Na noite longa-longa, florestal, demente umbrosa—  
uma virgem dourada erguia uma lanterna. (5)

Que eu fique mudo, envolto na grave sinceridade do  
meu silencio... (6)

(Torna-se necessaria uma esplicação: incluindo na minha *antologia* esses trechos em prosa e em poesia, não é meu intuito depreciar os seus autores. Pelo contrario admiro alguns deles).

Vê você, MESTRE que essa historia de ridicularizar as produções dos outros é facilima. Principalmente quando empregamos o seu processo nada decente e ainda por cima temos a ventura de encontrar leitores incautos e ingenuos.

Terminerei agora, meu insigne critico joven. De você nada mais direi. Basta que eu fale sómente isto: você é o T da FESTA. Procure no dicionario e veja quantas palavras bonitinhas começam por essa letra. Por ezemplo: tólo, trouxa, tabaréu, e edicétera.

Janeiro de 1928.

FRANCISCO I. PEIXOTO.

NOTAS—(1) Barreto Filho, poeta das vegetaes, teluricas nostalgias e das interrogações ousadas; (2) Adeline Magalhães, escritôr das adivinhações surpreendentes; (3) Brasílio Itiberê, burilador de paginas jogralescas, de uma alegria de sol amanhecendo; (4) Cecilia Meirelles, poetiza das estranhas cadencias universalísticas; (5) Murillo Araujo, poeta das iluminações *agiorno*; (6) Lacerda Pinto, vate de uma espiritualidade deli-cadissima.

## SINGERMAN. STOLEK, ETC., ETC.

A sra. Singerman poderia não declamar um só verso brasileiro e não tolerar um unico poeta nosso, pensando que todos fossem cheirozinhos engommadinhos e insupportaveizinhos como o morubixaba Osvaldo Orico, e ser muito amiga do Brasil. Não enxerguei também, em qualquer minuto, no gesto ingratisimo da sra. Singerman offensa ao Brasil. Ora bolas. Quem é a sra. Singerman, com todo o seu orgulho e mais a récuca dos que a praclamam genial, como se o genio, ao envez de ser o que é, fosse um phenomozinho vulgar? O caso limitou-se a isto: á ingratidão de quem tanto devia ser grata ao Brasil e aos brasileiros.

Pretenderam até intrigar-me com o sr. Ministro do Exterior, como se s. ex. não tivesse o que fazer. A argentividade da sra. Singerman—deixem que accentue—é só para os effeitos de bilheteria na nossa Idiotolandia. A minha intenção declarada foi esta: que se soubesse disso ahi e que os meus patricios e patricias, por castigo merecido não lhe levassem mais a contribuição do seu applauso e do seu dinheiro, que não mais se apercebessem della e de sua arte «unica»(..) que imitassem, ao menos, os argentinos que até hoje não a «llevaron el apunte». Os « exitos impercedouros » « aqui em Buenos Aires e a que se referiu o marido e empresario na carta á «A Tribuna», de Santos, ainda que fossem authenticos, seriam uma consecuencia da reclame atordoante que faz. Mas esse mesmo « exito », por effeito dessa mesma custosa reclame dependurada nos muros vadios da cidade, obtem os bichos amestrados do Parque Japonéz, os xaropes e as pillulas purgativas de qualquer boticario inexperto. A virtude está apenas no cartaz.

Os commentarios que ahi se publicaram, o sr. Viggiani, matreiramente, transmittiu-os para aqui, pelo cabo. Uma manha (e este ponto desejo aclarar bem para esmigalhar a injuria que o «Diario da Noite» e a «Folha da Manhã», de S. Paulo, acolheram) depois de ha ver rechassado systematicamente o sr. Stolek e não aceitar a sua tardia «Boa vontade», fui por elle, de novo, importunado em minha casa. Estava escrevendo a conferencia para a «noche brasileña», de 10 de Setembro, em «La Pena». Mandei que o meu criado o trouxesse até mim. Educadamente, offereci-lhe assento e perguntei-lhe a que vinha. Desentranhou do bolso, com ar de compuncção, um maço de telegrammas e alludiu aos commentarios de certos jornaes, no Rio. Falei-lhe com franqueza: que lamentava as

adulterações e, com a lisura de que sou capaz, adeantei o que fizera: que escrevera cartas a alguns amigos de imprensa, narrando-lhes o caso e pedindo-lhes que agissem como se lhes afigurasse melhor. E mais: que era desejo meu escrever, eu proprio, esses commentarios e remettel-os pelo correio, mas que, por falta absoluta de tempo, não o conseguira. Isso foi, porventura, protestar innocencia? E, por acaso, já nasceu o homem que me possa atemorizar?

Disse-lhe ainda que, assim como não me considerava culpado pelo incendio de Roma, quando Nero foi Imperador, não poderia ter a culpa daquillo que entendessem escrever taes ou quaes diarios, dentro de sua autonomia. Continuava a declarar-lhe que a snra. Singerman, ao contrario do grande violinista David Bolia e da admiravel declamadora Wally Zenner, recusára o seu concurso á festa do Ateneo. O snr. Stolek, com o seu palafrotorio de vendedor de moveis a prestações, sem entender de psychologia, não lendo o que sou na minha face mascula, insinuou, então, a remota possibilidade de desafiar-me para um duello. Ahi, esquecido de que o tinha em minha casa, approximei-me mais e gritei-lhe:

—“O snr. tem o topete de vir perturbar-me o trabalho, cuidando que me acovardo com duello?”

Sem esperar que me respondesse, prosegui, talvez um pouco exaltado pela insolencia desse individuo:

—“Duello? Acceito-o já e já, mas sob a condição de que seja á brasileira. Nada da comedia de padrinhos, phrases protocolares, medicos e... lavadeira á distancia. Homem a homem”.

Exaltação momentanea porque se reflectisse como costume reflectir, teria chamado o meu criado Francisco e ordenado:

«Ponha esse sujeito na rua com um pontapé no rabo!»

Só isso, para continuar a trabalhar.

Fil-o, porém, engulir a ameaça, mesmo longinqua, e romantizar a vóz. Os meus amigos no Rio ou na Conchinchina, os que, de facto, me conhecem, sabem que esse episodio só podia ser assim como estou contando. Eu, na vida, e na idade em que estou, apenas me arreceiei de uma coisa: de poder, um dia, chegar a ter medo. Mas esse dia não chegou, nem chegará porque, muito cedo, eduquei a minha vontade, que é inquebrantavel. Não bravateio, nem interpreto o espadachim. Eu amo é a paz que me permite

trabalhar. Em horas perfeitamente opportunas, e sempre por motivos justos, appliquei uns pares de pescoções em determinados patifes. Repetirei a dóse, se for preciso...

Como já expliquei tambem, o meu telegramma ao sr. Viggiani passei-o por generosidade, antes as supplicas do sr. Stolek. Quando esse individuo, pela centesima vez, na tarde desse dia (o do duello...) me importunou, choramingando, medroso do fracasso dos recitae de sua mulher e esporeado pelos telegrammas repetidos daquelle empresario, ainda me oppuz a qualquer remendo. Consultei, no entanto, alguns brasileiros que, no momento, estavam commigo e, um delles, o dr. Ezequiel Ubatuba, foi até quem redigiu o telegramma. Eu modifiquei o texto para «brasilieiros resentidos etc.» «resolvemos» acceitar explicações etc. Com isso quiz dizer que, «resolviamos» acceitar as explicações, não por nellas acreditarmos, mas para não

espediçarmos mais tempo com o caso, afinal sem importadcia para a rotação do planeta.

Pois bem, depois disso, dessa acção piedosa. esse sujeito, ao envez de desembarcar ahi de rabinho entre as pernas e caçar os seus nichéis, desandou a bravaterar, apoiado na poltronice criminosa de alguns patriocios meus. Pcor para elles que, em publico, se revelaram o que são.

Uns anatolezinhos de bobagem, edição Quaresma, com a sua displicenzinha pretençiosa, como o sr. Mucio Leão, que pensam que a Grecia é Cascadura, atiraram-me pedras. Achei graça na bravura. De um momento para outro, sacudirei convenientemente esses escribazinhos mediocres que se acreditam intangiveis porque, á mingua de occupação mais séria, andam a coçar a base do ventre illustre desses graves senhores do «Petit Trianon». Não perderão por esperar.

ILDEFONSO FALCÃO.

## C A N Ç Ã O A O S O L

Ergue a enxada...

Nú da cintura pra cima...

Brilham as costas recurvadas...

Não tem arado nem charrúa...

Vae trabalhando ao deus-dará...

Numa sombra balança a borracha com agua fria...

Põe na boca uma isca de fumo pra mascar...

Aperta a fome

Consulta o sol com a cara pro ar...

Ainda está cedo pra comer...

Toca de novo fazendo a limpa do roçado:

—Palitó de negro é peia,

Gravata de boi é canga...

—Chite! (sopra cansado).

Consulta de novo o sol...

De enxada ao hombro... Borracha ao lado...

Vae terminar a canção no terreiro depois da janta...

(Rio Grande do Norte)

**JORGE FERNANDES**

(Autor do LIVRO DE POEMAS)

## MARIA LAVADEIRA

Maria Lavadeira  
da beira do córgo  
estende roupa no varal  
bate roupa na pedra  
lava roupa dia inteiro  
semana inteira  
sem descansar!

Ah! vida escomungada...  
Um diluvio de filhos remelentos...  
O marido levado da bréca...  
A casa toda escorada  
com a imagem suja  
de  
Nossa  
Senhora  
do  
Perpetuo  
Socorro  
do lado de fóra da porta...

Bendita Nossa Senhora  
do  
Perpetuo Socorro  
que não deixa a casa  
da gente  
caír!

Antigamente  
Maria Lavadeira inda passava  
o tempo melhor.  
Veiu a danada da bexiga  
estragou com éla  
não dando mais gosto pros outros  
de enganar o marido déla...

Ah! Maria Lavadeira, assunga a sáia  
atola os pés  
no barro preto  
da  
beira  
do  
córgo  
estende roupa no varal  
bate roupa na pedra  
lava roupa dia inteiro  
semana inteira  
sem descansar  
sinão teu marido te xinga  
te bate  
no lombo...

FRANCISCO I. PEIXOTO.

## NOTÍCIAS SOBRE LIVROS E OUTRAS NOTÍCIAS

**TRISTÃO DA CUNHA -- "A' Beira do Styx" -- 1927.**

Ao sr. Tristão da Cunha se poderia fazer a mesma restricção que Montherlant faz a Barrés. E talvez com mais justiça. E' um homem que, voluntariamente, poz-se á margem da vida e olha a corrente que passa. Olha e sorri.

Attitude prudente e sabia. A alguns parecerá indifferença ou scepticismo. A mim, que conheço o homem, parece-me que essa posição é antes de fuga do que de observação. Antes desgosto do que indifferença. Antes certeza do que duvida.

A vida, considerada de maneira absoluta, só nos pode offerecer a sua profunda inanidade. A maior parte dos homens, por via da razão, decidem que o melhor é toma-la a sério e marcam um objectivo, para onde caminham, embora convencidos da sua inutilidade. Outros, porém, e poucos, não sentem essa necessidade de agir. Afastam-se. Os românticos soluçam. Os scepticos perdoam e sorriem.—Scepticismo não é volúpia, é destino. E, por lucido e solitario, talvez mais infeliz do que os outros.

Convencido da situação vagamente grotesca do literato na America Tropical, o sr. Tristão da Cunha escreve pouco. Mais para si do que para os outros. Constata factos, anota impressões, emite conceitos. Por isso tem fama de cultivar a preguiça.

De vez em quando reune esse material e o distribúe entre alguns amigos. Agora, por exemplo, anda passeiando «A' beira do Styx».

A paizagem, que pela localisação se esperava torturada, apparece antes amena. Existem mesmo remansos da mais umbrosa frescura. O turista trabalha para transformar o tumulto e motivo em fonte de belleza. Daquella belleza abstracta, idéa geral, conceito absoluto. Daquella que só visita os tocados pela graça divina. Os que acreditam nella...

Um amigo commum disse-me um dia que o sr. Tristão da Cunha é o unico homem que, dentro do torvelinho de uma grande cidade, consegue se preoccupar com ideias geraes entre meio dia e cinco horas da tarde. Imagina elegias na hora do drama.

E não é porque elle não sinta o drama, ou não o entenda. E' porque o teme.

Do sr. Tristão da Cunha diz o sr. Idem de Athayde: «é um espirito anterior á guerra».—Acho que é antes um sensível. Um homem que procura paz numa philosophia de adaptação á vida. Tranquillo por razão, não por indole. Um cerebral.

E é por isso que o sr. Tristão da Cunha, um dos homens mais intelligentes do Brasil, poz-se á margem da corrente que passa. E é por isso tambem que se afastou da esthetica nova, que elle apprehende com rara lucidez e perfeito sentimento, mas com que não communga. Foge do tumulto. Receia a vida e escreve coisas claras e suaves.

Melancolicamente.

AFFONSO ARINOS (sobrinho)

**AUTORIA DA ARTE DE FURTAR  
(Conclusão).**

Como si á carencia pouca suprisse e não excedera já a recolta valerosa, tambem José Maria Latino Coelho, do passo que assegura ser o genio o estylo, capaz se diz de saber Vieira ou Bernardes ou Camões, á simples audiencia em seus legados memorandos, sem que delles a autoria antes lh'a dissessem.

Mal grado tudo isso, mal grado versados na Rhetorica imperecida, ainda hoje nos arrogamos o desaire de confessarmo-nos dubios ante a autoria de certa «Arte de Furtar»! Dir-se-ia avassalado todo o classico saber pelo arremesso incontido da *futurista* cohorte! E' diante de tal sandice que asado se nos assiste o repetir com o grande Cicerro: «o tempora! o mores!»

Devéras, ao Padre Vieira em dia de hoje não cabe imputada autoria tal, sem grave literario erro, do mesmo passo que irreverente sacrilegio: «*tales hominibus fuit oratio, qualis vita*».

Vejamos alfim os mesmos sabores de estylo do escoreito seiscentista, pondo que, na classificacão ciceronica (Orator, V. 20) reportando-se ao «excessivo gosto de Vieira ás antitheses», facultamo-nos considerallo incorrido no «estylo sublime»; já nos amplos graus do inolvidavel Aristoteles (Rhetorica,

III, 12; apud. «Praxes estylisticas» do dr. João Pedro de Assis Magalhães) hemos considerarla na pratica do «estyllo sermonyco» ou estyllo pulpítico».

Ora, como de publico dominio, a «Arte de Furtar» escapa a taes generos sendo, por maior e em especie, na essencia, amago e fórma, uma daquellas cathogorias de estyllo denominadas pelo profundo Silvestre Pinheiro: seja «extravagante», pela abundancia de catachréses, seja «alambicado», ou seja «inchado», de par com ser «pesado» e «prolixo»; vez que possivel nos não é nomeal-o, a esse estyllo, de «academico», pela prioridade delle aos illustres cenaculos, mesmo ao grande Alembert, autor da designação em ultimo.

Como vêm os leitores amigos, sobram razões em nosso abono. Relevem-nos ajuntar-lhes mais as que se vão seguir, deduzidas ainda de methodico exame.

Por estyllo se tem comprehendido a maneira peculiar de exprssarem os escriptores, isto é, e attendendo ao sublime Bossuet, o modo privado porque representamos nós, da alma os movimentos. Ora, esse «privado modo» tanto se opera pela estylistica, ou syntaxe literaria, quando pela syntaxe propriamente dicta. Do primeiro caso demos anterior irretorquível argumentar e do segundo ora o intentaremos.

A. FONSECA LOBO.

### OSWALD DE ANDRADE

#### A ESTRELLA DE ABSINTHO

Ed. Helios — S. Paulo — 1927

A coisa mais caracteristica neste romance de Oswald de Andrade é a visível inteireza do homem na obra. Oswald de Andrade vive em seus bonecos. Se parece com eles. Essa constatação não é propriamente «incondicional», victoriosa. Mas é, em parte, muito verdadeira e de facil poder observativo pro leitor agudo, perspicaz. Basta tomarmos como prova a figura simpatica de Jorge d'Alvellos, moço escultor, elegante, libertino etc.

Auto-biografia? Não. Não chego a tanto. Mas a figura é escandalosamente impressionante, viva. Tão viva e tão verdadeira que a gente quasi desconfia que ela é a encarnação do proprio autor. Oswald vai seguindo, com um admiravel geito penetrativo de anotador, o desenrolar dos fatos e das coisas. Sem enfarar. Deliciosamente. Sem se preocupar muito com o final da historia. Como quem diz: «no fim dá certo...»

Pra maior documentação do que seja o «por dentro» de suas personagens Oswald de Andrade não hesita em fornecer-nos detalhes da vida passada deles. A meninice de Jorge no inesplorado Amazonas. Os bonequinhos de lama. Primeiros indicios de sua patente vocação prá escultura.

«Ele era como os rapazes da região que, estalada a puberdade, migram, deixando o mulherio ficar n'uma prévia viuvez, de coxas ardentes e semi—abertas, sonhando casamentos absurdos e substituições impossiveis.»

Temperamento ultra - sensual (Freud...) de onanista insaciavel. Etc. Decadencia moral, objectivada pelo ecesso de «caricias habituaes». Esgotamento historico. Nevrose etc, e—daí, a descoberta de um novo mundo nos seios «em pêra», pequenininhos, de Alma. Elastica. Serpentina. Flexuosa. Pequena «escolada» enfim, como se diz. Às vezes Oswald de Andrade abandona de lado o pessoal e cai, de prancha, num estado passageiro de lirismo sub-consciente. E faz poesia da bôa, quasi. Mal de prosador poeta. (Plinio Salgado, por ezemplo). Como naquelle pedaço da romaria em Pirapóra. Negros dançando. Caracaxás. Pandeiros.

Um pouquinho de tristura brasileira. Pra não perder o geito de ser triste. Poesia.

«E o coral empolgante, religioso, gritava de toda parte, por cem peitos metálicos de femeas e de machos, num desfallecido estreitamento de ancas e de sexos». Gosei á bessa com este pedaço. Oswald de Andrade não escreve por escrever, como qualquer sujeito interessante não. Escreve afirmando tudo muito direitinho. Suas ideas e conceitos emitidos. Sem titubear. Com firmeza. Porquê sempre foi assim que êle fez. Ha pedaços fertissimos no livro em que Oswald de Andrade se revela um psicologo formidavel! Puro Rafael Lopéz de Haro (com perdão dos senhores que não vão á missa do já celebre romancista hespanhol).

A linguagem empregada no *estrella de absintho* é, sem duvida, admiravel.

E aí o autor se afirma mesmo um dos milhores prosadores nacionais. Entre antigos e modernos.

Um livro como este vale por duas vezes. Pela originalidade única do seu autor. E pelo traço forte com que elle marcará, prá's gerações vindouras, a espaventada attitude de ousada independencia espiritual de Oswald de Andrade.

F.

### Baianinha e outras mulheres.

A sensibilidade do sr. Ribeiro Couto é um caso á parte nas letras brasileiras. Porque o seu caso é típico como o seu estilo.

Nesse livro de contos êle é o mesmo homem ironico e piedoso das produções anteriores. Não variou na maneira de vêr e de sentir. Felizmente. A ironía e a piedade são as tintas mais características desse grande enamorado de ambientes discretos.

Nada de quadros berrantes: todos leves e comunicativos. Nunca molhando o pincel de todo... Quando o observador principia traçando forte surge o coração do poeta e suaviza o colorido.

11 contos. Alguns publicados anteriormente. Todos sem enfase. Sem tiradas de efeito. Mas a gente percebe naquêles periodos simples e despretenciosos um profundo desencanto. Desencanto e alguma tristeza. Uma tristeza mansa que até nos faz bem...

Que delicioso recolhimento intimo tem a sua prosa! Entretanto as palavras vêm claras e precisas. Eis a sua qualidade mais simpática: sinceridade de expressão.

O fixador de *Baianinha e outras mulheres* avançou bastante. O adoravel Ribeiro Couto quasi tímido de hontem passou agora—apezar da confusão do momento — a trilhar que *O Crime do Estudante Batista* e outros livros deixaram entrevêr. Diante dêle surge uma linda clareira. E' fincar barráca e esperar a caça. Esta não faltará.

Tudo nos diz que o autor de tanta coisa béla póde trabalhar confiante. Tendo a certeza de ser o mais simpático intelectual da sua geração.

### GUILHERMINO CESAR.

#### Notas sobre *Clan do Jaboti* (poesia).

O pequeno volume que Mario de Andrade acaba de publicar não é—propriamente, um livro regionalista. Porém um livro de inspiração regional. Principalmente.

E como todo livro desse poeta, traz a sua nova marca—de—fabrica, resultado de sua constante procura. Não sabemos bem si Mario de Andrade perdeu alguma coisa. Mas... calemo-nos, por enquanto.

O «regionalismo» de Mario não é uma preocupação, tomada a palavra no seu primitivo sentido de significação verdadeira. Porém sim uma consequencia. Espanto maravilhado do poeta pelas coisas ingenuas da terra. Espanto este motivado pelo espirito terra-a-terra—e, portanto, uma consequente influencia dêle, na razão directa do geito ou sentido com que o encaro e compreendo.

Não sei quem duma feita escreveu que Guilherme de Almeida é um sujeito em cada livro. Não concordo com isso. E inda outro dia conversando com o Ascanio sobre o pessoal paulista discutimos muito a êsse respeito.

Guilherme muda de roupa, só. No fundo é o mesmo «parnasiano quebrado», o mesmo imutavel e, comtudo, delicioso—digamos (pra não haver mal entendidos), Guilherme de Almeida. Amigo da fórmula, estética, escola e tudo o mais. Mario de Andrade, muito pelo contrario, sempre novo. Sempre diferente. Sempre inédito. Sempre «desmaneirado», esquisito.

E é—justamente, essa falta de «maneira» que o caracteriza, distinguindo-o dos outros modernos como um super-espirito á parte. A mais clara intelligência da moderna geração brasileira.

O autôr de *Escrava* está ficando, a meu ver, um caso muito sério na ordem—das coisas. E é pena que não se tenha feito ainda sobre ele um pequenino ensaio de fixação. Mas um ensaio de «fixação» fixo. Como o bellissimo trabalho de Tristão de Attayde, *Allonso Arinos*.

Mario não improvisa. Não repete. Não decalca. Transforma. Brinca. Modela a substancia plastica dos motivos modificando-a, reduzindo-a, simplificando-a pra melhor adaptar-se a ela, emfim.

Si a primeira fase poetica dêle, o «tesvairismo», se terminou com a publicação de *Paulicéa*, como ele proprio o diz claramente no prefacio dessa obra, *Clan do Jaboti*—enfeixando poemas como: *Brigadeiro Jordão*, *Côco do Major*, *Toada do pai do mato*, *Lenda do ceu*, *Moda dos quatro rapazes* *Moda da cama de Gonçalo Pires* e etc., marca o inicio de sua terceira fase. Fase esta que chamaremos, mais por «comodismo» que por outra coisa, de «regionalista» mesmo.

Quem se der a um estudo balanceado nas ultimas produções do poeta, de fins de 1926 até agora, verá que ele hoje está mais seguro de si (no sentido de «firme», porque Mario de Andrade nunca andou fóra de si). mais equilibrado e que a sua nova «marca» se acomoda muito bem com o seu geito fervido-fogoso de poetar. E vai indo «tudo brasileiromente».

O «pau—brasileirismo» de *Losango cáqui* risca o traço que une sua fase primitiva á actual.

O que não ha duvida porém, apesar de tudo o que se tem tido de mau contraele, é que Mario de Andrade continua a ser contado como o sujeito mais interessante do momento. O sujeito que não acha geito na ma-

durêza, por ecelencia. E ha-de ser sempre novo. Sempre moço. Porém muito, muitissimo diferente daquela figura de Walter Scott que aos oitenta anos brincava de gude só pra dar aos outros uma aparente visão de alegria jovial. Infantilmente.

A «alegria esportiva» em Mario é uma sequencia logica da sua maneira de viver pela qual tudo pra ele é muito bom e coisa nenhuma implica «desinfelicidade».

—  
Não é da gente se espantar, portanto, que *Clan do Jaboti* seja uma coisa simplesmente admiravel, visto brótar dum espirito mais admiravel ainda.

F

## ARRAIADA MINEIRA

## A proposito de FESTA VERDE

Os poetas mineiros da moderna corrente vão aparecendo pouco a pouco. O senso de modernidade preocupa seriamente a geração moça. Essa geração que vive agora de olhos voltados para a nossa alegria criadora. E o ambiente da vida americana surge nas inteligencias de hoje como resultante logica desse instante de inquietação e procura.

Em Minas o modernismo tem sido encarado de modo mais frio. Resultado da distancia que vae das montanhas ao mar. Distancia que dificulta a ação civilizadora do homem do litoral sobre o homem do interior. Olhemos Rio e São Paulo: por lá o trabalho moço tem sido mais serio. (Convenhamos: essa distancia dá ao mineiro certa serenidade na discussão dos assuntos).

Até hontem vinhamos fazendo poesia de continuação. Sem a procura incessante do *original* que caracteriza as produções surpreendentes dos Andrades. Razões: muitas. Uma delas: o pudor natural de parecer extravagante aventurando fórmulas e concepções novas. Assim tem sido. Não sei si para fortalecer ou atrofiar as nossas letras.

Não se pode determinar ao certo a resultante de tantas forças contrarias. Pode-se dizer—todos estamos vendo—que a coisa está tomando outro caminho. Nos ultimos dois anos a corrente tem se avolumado. E por toda a parte vão brotando as idéas novas. Apoiadas em espeques de cultura variada e fragmentaria. Cultura que se metodiza vagorosamente. E que tende ao definitivo. Definitivo só admissivel para classificação.

—  
Vem-nos agora de Ponte-Nova, a «cidadezinha triste escondida entre montanhas», o livro

FESTA VERDE—Caio de Freitas—Ed. Benedito Souza—Rio, 1928.

O autor ainda não está com o barco abicado á margem de cá. Vem pondo força nos remos para chegar. Tanto assim que esse volume corresponde a um avanço consideravel. Só o que sentimos é o poeta deixar quasi sempre os remos pela beleza do poente; virar-se com olhos enomrados para a noite que vem caíndo e se esquecer do brilho inquieto da cidade nova. Cidade nova que fica perto—cheia de sons e côres vivas—e onde os novos vêm realizando o mais lindo ideal de brasilidade no espaço e no tempo. Caio de Freitas ainda fala em tanques, almada adormecida, lascivo perfume de mulher e outras espressões já muito exploradas. São versos interessantes, não ha duvida. Mas o poeta de *Festa Verde* não andou bem inserindo tanta coisa velha numa obra por um pouco essencialmente integrada no momento atual.

O fixador dos encantos de Ponte-Nova possui qualidades apreciaveis de penetração. Porém o seu *modo* resente-se do habito de rimar. O que traz certa monotonia ás suas produções, como em *A caricia da tarde*, *Minha carta friorenta* e até *Caixa de brinquedos*. Todas influenciadas pelo senhor Guilherme de Almeida. Aliás no Brasil não ha ninguem que não tenha sido influenciado—ao menos em essencia—pelo poeta paulista. E' principalmente tributo de mocidade. Da mocidade entusiasta que nasceu nos braços dos néo—parnasianos.

Temos esperança que a feição artistica de Caio de Freitas venha de hoje em diante mais original. Não é possivel que o poeta de *Minha Terra Mineira* fique satisfeito com o que até agora tem realizado. A procura constante fará dêle ecelente trabalhador dos nossos anseios de modernidade. Mesmo porque a gente percebe que a ultima parte do livro está animada dessa inclinação espontanea para os nossos motivos.

Por enquanto basta dizer que *Festa Verde*—livro de estréa e de transição—revela um legitimo poeta. E já é muito para quem, como Caio de Freitas, conta pouco mais de 18 annos.

GUILHERMINO CESAR

JORGE DE LIMA

POEMAS

Ed. casa Trigueiros—1927

Maceió—Alagoas

Em Jorge de Lima a poesia não existe somente no enfileiramento de imagens mais ou menos liricas formando parêlhas não.

Existe em «todo seu corpo». Em tudo o que é seu. Desde o arranjo do livro á justificação da tiragem. Daí José Lins do Rego escrever nas «notas sobre um caderno» que a poesia é o órgão da sua vida interior, o caminho natural de seus sentidos tomarem palavra». Pode haver um pouco de ezagêro na frase. Mas não deixa de ser verdadeira e concordo com éla.

### ORAÇÃO

—«Ave Maria cheia de graça...»

A tarde era tão bella, a vida era tão pura, as mãos de minha mãe eram tão doces, havia lá no azul um crepusculo de ouro... tão longe...

—«cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita! Bendita!

Os outros meninos, minha irmã, meus irmãos, menores, meus brinquedos, a casaria branca de minha terra, a burrinha do vigario pastando junto á capella...

—«Ave cheia de graça»  
bendita sois entre as mulheres, bendito é o fruto do vosso ventre...

E as mãos do somno sobre os meus olhos,  
e as mãos de minha mãe sobre o meu sonho.  
E as estampas do meu cathecismo  
Sabindo das paginas bonitas

para o meu sonho de ave!  
E isso tudo tão longe... tão longe...

Poesia fluída. Impalpavel. Metafisica. Jorge de Lima é, inegavelmente, um poeta de valor. É bem aquele homem que faz da realidade das coisas duras, um milagre lindo de beleza interior.

Não é um revoltado não. Mas uma alma bôa que espera. Com um sorriso ironico nos labios. Mas de desapontamento que de malicia. Forçando pra não chorar. «Fazendo de conta»...

Poeta do Norte Jorge de Lima botou muito de sua terra nos seus versos. (E essa é outra grande, granderrima qualidade que lhe reconheço). Não o sertão dos jagunços e bandoleiros safados. Não o sertão perigoso das sêcas e pragas de gafanhôtos. Mas o sertão lendario do «moço do ponche-pala». Terra de poetas batutas como êle só!

F.

ELECTRICA—2ª serie n. 1—Revista do sul de Minas. Cheia de infantilidades. E de muitos reclames. Na maior parte deles mal feitos.

Por ezemplo aquêle que Heitor Alves fez do belo livrinho de Ricardo Martins. Em todo caso tem outros bons. Como o do *Regulador Gesteira*.

No meio desses reclames se encontram algumas poesias de Ricardo Martins. De Murrillo Araujo. De Heitor Alves. Só.

Palavra de honra que fiquei gostando das duas amostras dos *Rythmos da terra encantada!*

O 1º faciculo da 2ª serie de *Electrica* ainda transcreveu uma poesia de Ribeiro Couto e um pedaço da *Enxurrada* do Tasso que annuncia o fervor claro do autor da *A vida em movimento*. Batuta!

«(?) Manuel Bandeira» vai colaborar no proximo numero. Pra quê essa interrogação nas costas do homem, gente?

O serviço tipografico de *Electrica* obriga o leitor a dar cambalhotas. Que fará o pobre do typographo?

PEIXOTO.

### CARÁTULA

Ano III n.º 114

Hebdomadario de teatro cinema, belas-artes e literatura. Muito vivo e muito bem escrito *Carátula* se impõe principalmente pela feitura grafica e capricho na colaboração.

Neste n.º. destacamos um poema de Marcelle Anclair, *Embriaguez*, muito bonito e muito bem pensado.

Notas de critica, cinema, teatro e etc.

F.

### LIVROS RECEBIDOS:

Paulo Mendes de Almeida—*Cartaz*—S. Paulo—1928.

Charles Lucifer—*Parmi le soir indefini*—Paris—1927.

Achiles Vivacqua—(Roberto Theodoro)—*Serenidade*—1928.

*Aconcagua*—revista continental—Buenos Aires n. Setembro—1927.

Heitor Alves—*Vida em movimento*—Passa Quatro—1928.

*Festa*—mensario de arte e pensamento—Rio—ns. 4/5 6.

*Raça*—revista moderna—S. Carlos—S. Paulo—Fevereiro 1928.

Nicolás Fusco Sangone—*La trompeta de las voces alegres* Montevideo—1925.

Christovão de Camargo—*O Enigma Mulher*—1927.

*La Sierra*—organo de la juventud renovadora andina, n. especial—Janeiro, Fevereiro, 1928—Perú—Lima.

*Ilustração Paranense*—Curytiba—Fevereiro 1928, etc.

# COLLEGIO N. S. DO CARMO

== E ==

## Escola Normal de Cataguazes

Installados no mesmo predio espaçoso, que reúne todas as condições de hygiene e conforto, ambos os educandarios estão sob a direcção das Irmãs Carmelitas da Divina Providencia

O COLLEGIO N. S. DO CARMO comprehende:  
Internato e Externato Primario e Escola Materna,  
para alumnos de 3 a 7 annos

### CONTRIBUIÇÕES:

As Internas do Curso Normal	1:000\$000	por	anno	lectivo.
« « « « Fundamental	1:000\$000	«	«	«
« « « « Primario	1:000\$000	«	«	«
Externas do Curso Normal	300\$000	«	«	«
• « « « Fundamental	200\$000	«	«	«
« « « Primario 3º e 4º	100\$000	«	«	«
« « « « 2º e 1º	80\$000	«	«	«

Joia de entrada para alumnos internos	40\$000
Curso de dactylographia	25\$000 mensaes

As pensões serão pagas em 3 prestações adeantadas, sendo a 1ª no acto da matricula, a 2ª a 15 de Junho e a 3ª em Setembro.

A lavagem de roupa sendo feita no Collegio 60\$000 annuaes.

As aulas do Curso Primario começam a 3 de Fevereiro e as do Curso Normal em Março.

O Corpo Docente que é da maxima competencia, conta elementos conspicuos entre os intellectuaes da sociedade Cataguazense.

Para informações sobre tudo o que se refere a admissão de alumnos dirijam-se a Irmã Directora.

Telephone, 85 - Cataguazes

MIDAS GERAES

## Estabelecimento Industrial

== DE ==

# NOGUEIRA & COMP.

Esmerada fabricação de massas alimenticias, Talharim com ovos, biscoitos, balas, doces e bombons finos, bebidas de todas as qualidades d'onde se destaca a afamada CHAMPAGNE MINEIRO, etc.

Fabrica de latas e corôas metalicas para garrafas. Deposito de Cervejas, Sabão, Farinha de Trigo e Miudezas por atacado

Telephone n. 19 — End. Teleg.: NOGUE

Rua Cel. Vieira, 44 — Cataguazes - Minas

## CASA ELECTRICA

Instalações «hydro-electricas»—Turbinas—Materiaes Electricos — Apparelhos Radio, Motores e Geradores—Lampadas, etc.—Depositarios e Representantes da casa A. E. G.

# Rezende & Machado

PRAÇA RUY BARBOSA — CATAGUAZES

## Agencia CHEVROLET

**CIODARO & FILHO** Pneumaticos, camaras de ar e outros artigos. Carregam-se acumuladores. Sortimento completo de peças para autos em geral. Gaxolina, Oleos e Graxa

MECHANICA E OFFICINA DE CONCERTOS

Avenida Astolpho Dutra -- Teleph. 95 -- Cataguazes-Minas

## VERDE RECOMMENDA :

### ADVOGADOS:

Drs. Affonso H. Vieira de Resende

— E —

Affonso Vieira de Resende Junior  
Av. Astolpho Dutra — Tel. 170

—

Dr. Abilio Cesar de Novaes  
Rua Coronel Vieira — Tel. 86

—

Dr. Dionysio Silveira  
Praça Ruy Barbosa — Tel. 61 — J

—

Dr. Merolino Corrêa  
Praça Santa Rita

—

Dr. Sandoval de Azevêdo  
Rua Coronel Vieira — Tel. 107

—

Dr. João Martins de Oliveira  
Hotel Brasil — 133  
Praça Ruy Barbosa

Dr. Antonio Lobo de Resende Filho  
Av. Astolpho Dutra — Tel. 66

### DENTISTAS :

Alberto Rocha  
Rua Coronel Vieira — Tel. 125

—

Celso Dutra  
Pharmacia Ciribelli — Phone, 87

—

José de Carvalho Drummond  
Rua dos Passos — Tel. 105

—

Servulo José Abranches  
Rua Coronel Vieira — Tel. 174

—

### MEDICOS :

Dr. Nelson Pinto Coelho  
Rua Coronel Vieira — Tel. 125

—

Dr. José Mendonça  
Av. Astolpho Dutra — Tel. 66

## ESMERALDA

:: :: DE :: ::

## Aristobulo de Oliveira

é a ourivesaria e relojoaria *chic* por excellencia. Bijouterie, Relogios, brilhan-  
tes, artigos para presente, pulseiras, aneis, alianças, etc.

Esta casa é depositaria das afamadas canetas-tinteiros — ECLYPSE

RUA CORONEL JOÃO DUARTE

CATAGUAZES — MINAS

## BAR CAPITAL DA INGLATERRA

DE

### ARIS...TIDES ROCHA

Especialidades: agua filtrada, sorvete de carne de pôrco, balas de canhão, óleo de oliva em pó, bôlinhos de cimento armado, biffes de fructas estrangeiras, salada de pasteis, café á milaneza, ovos recheados de frangos, empadas de artigos para fumantes, bozó, phosphoros em calda, etc.

**Cataguazes — E. F. Aerea — Minas**

**Praça “Agua de Haya”**

## VERMES

Dae aos vossos filhos o «VERMICIDA CESAR» que é o melhor de todos os lombrigueiros. Uma só dóse realisa effeito purgativo e faz expellir todos os vermes intestinaes.

## TRABALHOS GRAPHICOS

COM PERFEIÇÃO E PREÇOS MODICOS

**Na Typ. do Cataguazes**

TELEPH 131 — CATAGUAZES — MINAS

# João Duarte Ferreira & C.

CATAGUAZES -- MINAS GERAES -- TELEPHONE, 10

## BANCO DE CATAGUAZES

Descontos — Cobranças e outras operações

Remessa de numerario para o Rio — isenta de despesas

### Tabella de depositos

C/C AVISO PREVIO	6 % AO ANNO
C/C MOVIMENTO (retiradas livres)	4 % AO ANNO

### Depositos a prazo fixo

EM 3 MEZES	6 % AO ANNO
EM 6 MEZES	7 % AO ANNO
EM 12 MEZES	8 % AO ANNO

Fornece cadernetas e talão de cheques--Não cobra sellos de depositos

O cheque proporciona um meio de pagamento seguro, facil e intelligente

---

## SECÇÃO INDUSTRIAL

Grande deposito de madeiras de todas as qualidades. Esquadrias e quaesquer outros trabalhos pelos menores preços. Grande e bem aparelhada officina mechanica e de fundição. Deposito de ferragens, fogões e artigos de electricidade: motores electricos de 3 a 25 H. P., ferros de engomma, aparelhos para aquecer agua, café, chá, etc. Grande deposito de correias de sóla e borraça, para machinas, de 1/2 a 20

Unicos representantes nesta zona da

Cia. Brasileira de Electricidade Siemens Schuckert S. A. e

**UNITED STATES RUBBER EXPORT COMPANY**

### Secção de Café

Perfeito beneficiamento deste artigo por meio das machinas mais modernas.

COMPRAM QUALQUER QUANTIDADE POR PREÇOS VANTAJOSOS

### Grande Usina Assucareira em Ubá

VENDEM QUALQUER QUANTIDADE DE ASSUCAR DA MELHER QUALIDADE

**Produção em 10 horas — 120 saccos**

# Revista de Antropofagia

DIREÇÃO DE ANTONIO DE ALCANTARA MACHADO  
GERENCIA DE RAUL BOPP  
BENJAMIN CONSTANT, 13 — S. PAULO

**M A C U N A I M A**  
DE MARIO DE ANDRADE

**LARANJA DA CHINA**  
DE ALCANTARA MACHADO

**A Boneca vestida de Arlequim**  
DE ALVARO MOREIRA

**A ESTRELLA DE ABSINTHO**  
DE OSWALDO DE ANDRADE

**POEMAS CRONOLOGICOS**  
DE HENRIQUE, ROSARIO E ASCANIO

**C a n a C a i a n a**  
DE ASCENÇO FERREIRA

---

# verde

HENRIQUE DE RESENDE  
MARTINS MENDES  
GUILHERMINO CESAR  
F<sup>co</sup>. INACIO PEIXOTO  
ROSARIO FUSCO

## 1

### ASCÂNIO (1907-1928)

Mario de Andrade	Vitoria Regia
Maria Clemencia	Linoleum
José Americo de Almeida	Mensagem ao Grupo Verde
Carlos Drummond de Andrade	Ascânio Lopes na Rua da Bahia
Norah Borges	Desenho
Rosario Fusco	Ascanio Lopes
Antônio de Alcântara Machado	Indirecta
Peregrino Junior	O espiritado
Murillo Mendes	Canto Novo
Ascenso Ferreira	O Verde
Ildefonso Pereda Valdez	Elogio de Voronoff
Martins Mendes	Ascânio Lopes
Guilhermino Cesar	Ascânio
Ascânio Lopes	Inéditos
Francisco Inacio Peixoto	Ascânio
Walter Benevides	Aspiração
Henrique de Resende	Poema para Manoel Bandeira
Carlos Chiacchio	O mal do parnasianismo

### TOPICOS E NOTICIAS

TRISTÃO DE  
ATHAYDE

estudos

ed.  
Terra de Sol  
1928

GUILHERMINO CESAR  
E  
Feo. I. PEIXOTO

meia  
pataca  
( poesia )

verde  
1928

ALVARO  
MOREYRA

CIRCO  
( poesia )

PIMENTA  
DE MELLO E Cia.  
1929

ROSARIO  
FUSCO

fruta  
de conde  
( poesia )

verde  
1929

ANTÔNIO DE  
ALCÂNTARA MACHADO

LARANJA  
DA  
CHINA  
( contos )

S. Paulo  
1928

MARIO  
DE  
ANDRADE

ENSAIO SO-  
BRE A MUSI-  
CA BRASILEI  
RA

S. Paulo  
1928

NUMERO I

# verde

segunda

A N O I

f a s e

redação  
coronel vieira, 53  
cataguazes

## ASCANIO

**Este é o numero de Ascanio Lopes.**

**Lonje de ser um numero de tristezza plégas é de uma comovedora alegria para nós. Alegria comovedora de ainda se poder prestar ao amigo e ao poeta uma homenagem de fina intelljencia.**

**Tardia ou não aí está a homenagem.**

**Não seria o atraso de sessenta ou noventa dias que vlesse deslustrar o nosso prelo áquele que já se integrou na eternidade das cousas.**

**Ascanio sente, neste numero, em derredor do seu nome, os mais brilhantes nomes da Intelljencia nova do Brasil.**

**Todos aí estão com um grande e alto pensamento para ele, para a sua memoria — fãõ grata a quantos o podéram sentir na sua arte ingenua de menino-e-moço.**

**Ele vive nestas paginas — mais vivo do que nunca—sentindo a comovedora alegria dos seus irmãos, que, hoje, finalmente, lhe dedicam um numero da revista que ele tanto amou — a *noivinha imaginaria* do poeta distante ...**

**H E N R I Q U E   D E   R E S E N D E**



“MOYSÉS SALBADO DE LAS AGUAS”

Linóleum de MARIA CLEMENCIA

## VITORIA-REGIA

RIO NEGRO, 7 DE JUNHO

Às vezes a água do Amazonas se retira por detrás das embaúbas e nos rincões do silêncio forma lagoas tão serenas que até a bulha dos cacauês despenca do ar e afunda nela. Pois é nessas lagoas que as vitorias-regias param, calmas, tão calmas! desterradas na felicidade.

Eu vi as vitorias-regias da lagoa do Aniamium..

Feito bolas de cáucho engruvinhadas espinhentas as folhas novas chofram do espelho imóvel, porém as adultas sabidas, abrindo a placa redonda se apoiam nagua e escondem nela a malvadeza dos espinhos. Tempo chegado os botões chofram também pra fora dagua. São ouriços espinhentos em que nem inseto pousa. E assim vivem e espigam esperando a manhã de serem flor.

Afinal numa arraiada o botão da vitoria-regia arreganha os espinhos, se fende e a flor enorme principia branquejando a calma da lagoa. Petalas brancas vão aparecendo brancas brancas em porção, em pouco tempo do dia a flor enorme abre um mundo de petalas brancas, petalas brancas e perfuma os ares indolentes. Um cheiro encantado leviano balança, um cheiro chamando, que deve de enebriar sentido forte. A gente rema e pega a flor. Pois então as sepalas espinhentas mordem danadas e o sangue escorre em vossa mão. O caule também espinhento ninguem não pode pegar, carece corta-lo com a pageú e enquanto a flor boia nagua agarrar pelas petalas puras porém já estragando um bocado.

Então a gente limpa o caule dos espinhos e pode cheirar a flor. Mas aquele aroma gostoso que encantava bem, de longe, não sendo forte de perto, é fugitivo e dá nauseas, cheiro ruim.

Já então a vitoria-regia principia roseando toda. Rosea rosea fica toda cor-de-rosa, chamando de longe com o cheiro gostoso, bonita cada vez mais. E' assim. Vive o dia inteiro e sempre mudando de cor. De rosea vira encarnada e ali pela boca-da-noite ela amolece envelhecida as carreiras de petalas roxas.

Em todas essas cores a vitoria-regia, a grande flor, é a flor mais perfeita do mundo, mais bonita e mais nobre, é sublime. E' bem a forma suprema dentro do aspeto de flor.

Noite chegando a vitoria-regia roxa toda roxa já quasi no momento de fechar outra feita e morrer, abre afinal com um arranco de velha as petalas do centro, fechadas ainda, fechadinhas desde o tempo de botão. Pois abre e lá do coração nupcial da grande flor, inda estonteado pelo ar vivo, mexemexe remelento de polem, nojento, um bando repugnante de bezouros cor-de-chá.

E' a ultima contradição da flor sublime...

Os nojentos partem num zumbido mundo fora, manchando de agouro a calma da lagoa adormecida. E a grande flor da Amazonia, mais bonita que a rosa e que o lotus, encerra na noite enorme o seu destino de flor.

MARIO DE ANDRADE

## **MENSAGEM AO “GRUPO VERDE”**

**( Em prosa )**

**Eu sonhei com vocês: todo o Brasil espiando pra Cataguazes e Cataguazes dando as costas a vocês.**

**Cidade pequena é assim mesmo. Tem raiva de quem fica maior do que ella dentro della.**

**Vocês, poetas de cidade pequena ( grupo n. 4 ) fizeram de Cataguazes uma cidade grande. Porque é grande tudo que se vê de longe, inclusive certas coisas pequenas.**

**Queiram bem a Cataguazes que não quer bem a vocês. Cataguazes é pequena, mas vocês só são grandes porque são poetas de Cataguazes.**

**José Americo de Almeida**

Parahyba do Norte

# ASCANIO LOPES

## NA RUA DA BAHIA

MARIA-  
CLEMENCIA

A passagem de Ascanio Lopes pela rua da Bahia é o unico capitulo da sua vida que eu conheço e este capitulo me enche de saudade.

Uma noite Martins de Almeida contou-me que descobrira um poeta na pensão onde morava: era de Cataguazes e escrevera um poema excellente sobre a sua terra natal. Logo depois Emilio Moura levava o poema ao "Diario de Minas", publicando-o com palavras de admiração.

Foi esta a primeira coisa de Ascanio Lopes que se publicou (6 de março de 1927) e é das melhores que ha nos "Poemas Cronologicos."

Apresentado a Ascanio, elle sorriu para mim com timidez, disse duas ou tres palavras só. Fiquei gostando desse moço com quem seria incapaz de manter uma longa conversa (e daí, para que uma longa conversa) mas em quem enxergava uma alma finamente colorida, meiga, séria e encharcada de poesia. Não pretendo entender muito de almas; julgo porém ter encontrado desde o primeiro dia a chave desta, que por pudor nunca cheguei a abrir. Deste modo, distante mas realmente perto de Ascanio, eu fui dos seus amigos mais certos.

Era ainda naquelle tempo (bom tempo) em que se tomava cerveja e até mesmo café com leite na Confeitaria Estrella. Entre dez e onze horas o pessoal ia apparecendo e distribuindo-se pelas mesinhas de marmore. Discutia-se politica e literatura, contavam-se historlas pornographicas e diziam-se besteiras, puras e simples besteiras, angelicamente, até se fechar a ultima porta (você se lembra, Emilio? Almeida? Nava?). Ascanio chegou quando o Estrella já entrara em decadencia e nas melancolicas mesinhas o mosquito comia o assucar derramado sobre as ultimas caricaturas de Pedro Nava. Cada vez se bebia menos cerveja e diziam-se pouquissimas besteiras sinceras. Não chegou a conhecer alguns dos typos mais curiosos da fauna desse café historico, como por exemplo o sargento João Carlos, gordo, poeta e káki, collaborador assiduo do "Trabalho" de Espirito Santo do Pinhal, que não podia comprehender porque motivo eu nunca lhe dera boa noite (nós nunca fomos apresentados um ao outro, meu bravo sargento). Conheceu apenas os ultimos abencerragens e como não era homem de grande commercio verbal, nem sempre participava dessas farras ingenuas. O que não quer dizer que não fosse bohemio e soube depois que o era muito.

Passava tempos sem vel-o. Era esquivo e filtrava-se entre as arvores da rua. Dizem que optimo trabalhador. Na Secretaria do Interior, 6ª secção, fala-se muito bem do funcionario Ascanio Lopes. "Deve ser computado para aposentadoria o tempo em que a professora serviu como interina ou provisoria," concluiu elle numa *informação* que o chefe achou util publicar, porque bem feita e esclarecedora do assumpto. Na Inspectoria da Instrucção há a caneta com que elle escrevia, papeis que guardam a sua letra, recordações diversas de Ascanio, funcionario que deixava a poesia no cabide, com o chapéo, ao contrario de outros que só deixam o chapéo e fazem poesia na hora do expediente.



1924 - Norah Borges

MARIA CLEMENCIA, por Norah Borges

Dizem tambem que máo estudante, ou por outra, estudante displicente, mas isso só serve para augmental-o na minha estima. A nossa Escola de Direito não é melhor nem peor do que a commum das escolas, de direito ou não, que não dão gôsto nenhum de serem frequentadas. Mesmo assim Ascanio teve pachorra (ou malicia) bastante para imaginar uma these, "O direito da familia sobre o cadaver," cujo titulo suspeito dá idéa antes de uma blague juridico-literaria, um pouco funebre.

Bom funcionario, máo estudante, bom poeta... A rua da Bahia não conheceu bem Ascanio Lopes, que passou por ella como um automovel. Eu mesmo já tive occasião de dizer, ha annos, num poema que provocou geral indignação, apezar de ser perfectamente insignificante: ha os que sobem e ha os que descem a outrora famosa via publica. Os que sobem gloriosos e applaudidos e os que descem obscuros e silenciosos. O auto de Ascanio desceu com o pharol apagado, sem businar, e desceu para sempre.

18 março 1929

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

## ASCANIO LOPES

Magro e comprido. Os olhos prêtos cavados entre olheiras funereas-quasi enormes, a cabeleira crêspa e revôlta, jaquetão azul escuro, chapéu na mão, bengala e pasta, a passos lentos um môço desce a rua do Sôbe-desce, caminho da Praça de Santa Rita.

Este môço é o nôvo fiscal da Escôla Normal, Ascânio Lopes.

—Hoje estou bem triste, Fusco. Fui obrigado a reprovar duas meninas no ultimo âno do curso ! Você si o conhecesse, António de Alcântara Machado, não adivinharia melhor.

Êle era, antes de tudo, um Bom. Aliás todo mundo que dêle se aproximasse adivinhal-o-ia imediatamente.

Humilde e modesto, como os modestos e humildes, facilmente se entregava.

Porquê sua maior virtude era a sinceridade.

Sinceridade, coitadinho, até no sofrimento.

Um dia olhando prá mesinha cheia de vidros ainda por abrir, perguntei :

—Não toma remedio não ?

Não respondeu. Porém me olhou tão fundo que naquêle momento daria tudo pra não ter me olhado assim.

È que êle já sabia.

*“Eu sei... Eu sei.....”*

*Mas, não chôro.*

*—O pranto é amargo e inutil*

*e em vão nosso clamor tenta alcançar os céos.*

*Nem desespero,*

*—de nada vale o desespero ante as coisas irremediaveis.”*

Nas minhas varias visitas á sua casa onde raramente chegava um ou outro cartão de seus amigos de fóra, jamais teve uma palavra de rancor pra esses amigos. Pelo contrario.

Com estas palavras, de uma comovedora serenidade, começava o discurso que escrevêra pra parainfagem das normalistas de 1928 :

*“Feliz quem como eu tem forças para na amargura alegrar-se com a alegria alheia.”*

Mas nós tambem sofrêmos com você, Ascânio. Não acredita ?

ROSARIO FUSCO

## INDIRECTA

Vocês pode ser que não tenham medo, que estejam muito sossegados. Mas eu ? Eu tenho pavor. Eu estou vendo o perigo. Eu sinto o desastre sem remedio. Será preciso começar de novo. Começar mais uma vez. Não pela primeira ou segunda. Então a lembrança do êrro poderá ser uma lição mas será fatalmente uma carga a mais para deitar fóra. Sem contar o desânimo de quem depois de andar muito percebe que andou errado. E se o certo estava no fim de outro caminho e o principio dos caminhos é o mesmo com que cara suada e desconcertada a gente fará meia-volta ? E a vaia das galerias ? E o gôzo dos contrários ?

Por isso é que eu digo : é bom parar um

pouco e ver se a estrada não tem rastos. Eu acho que tem e bem antigos. Haverá quem discorde. Não custa ver.

A laranja é bonita, viva a laranja, a laranja amarela a árvore verde : ai Brasil, tudo isso já se disse e se repetiu tantas vezes, tantas vezes.

Bonito para nós é não discursar e chupar a laranja.

Cito palavras do meu amigo e cliente Bernardo De Bernardi :

—Meu filho está estudando pra futurista.

ANTÓNIO DE ALCÂNTARA MACHADO

## AS 7 TROMBETAS MISTERIOSAS

Aquillo foi apertando meu peito enfermo e meus pobres pulmões carunchados. O ar faltava. De repente, percebi que eu estava diminuindo, diminuindo, até que ficára apenas uma rodilha de dores.

O quarto e o leito lavrado desapareceram e eu ficára imóvel no ar, onde ia adormecer para sempre. Subito soaram sete trombetas a arrebentarem meus ouvidos com o seu clangor misterioso. Olhei para o alto e sete bruxas de mãos dadas brincavam uma ciranda infernal. E do meio da roda foi crescendo, terrivelmente, um esqueleto branco, todo branco. As bruxas asquerosas desligaram as mãos findando a ciranda e então vi perfectamente que o esqueleto era a Morte. E ela vinha vindo de foice como nas gravuras, lentamente para mim. A minha alma ficou pequenina. Gritei covardemente :

Não! não quero morrer! Não posso morrer! Tenho ainda muita coisa a escrever !

As bruxas riram grotescamente e uma delas sentenciou alvarmente : a gloria é illusão !

Eu ainda não vi a vida, covardes! gritei.

Mas a Morte inexoravel já me alcançara. E as bruxas rodeavam-me. Seus braços viscosos e nojentos ansiavam focar-me.

Mas a foice do esqueleto já ia dar-me o golpe.

Gritei no ultimo desespero :

Não! não me leves! Eu não posso deixal-A!

E gritei o nome do meu amôr. Imediatamente ùa mão branca que eu conhecia bem afugentou as bruxas que foram praguejando horripavelmente. A morte sumiu-se. Acordei tremendo. Alguem enxugava o suor frio da minha testa.

E perguntou-me :

—V. estava sonhando comigo, meu amôr ?

A S C A N I O L O P E S

# RECORDAÇÕES DA TERRA VERDE

(Rio Anabijú, Março, 28, de 1918.)

## “ O ESPRITADO ”

— P'ra donde tu vaes, Zeferino ?  
 — Vou allí já volto.  
 — Hoje não é dia de trabalho não, menino!  
 — Não vou trabalhar não, minha mãe! Vou só ao varador preparár a armadilha.  
 — Sexta-feira da paixão! Virgem Nossa Senhora!  
 — Amanhã é sabbado da Alleluia e nós precisamos quebrar o jejum...

A montaria escorregou macia no tijuco, banzou de bobuia em cima d'agua. Zeferino pulou p'ra dentro, n'um salto agil, com o leque do jacuman na mão. Deu um empurrão na calcára, afastou-se ligeiro para o perau do rio e, com remadas rapidas, sumiu-se no meio do “furo”-chua-chua-chua...

D. Marocas ficou em casa mattutando. Sexta-feira Santa não era dia de se caçar não. Era pecado matar bichos na Sexta-feira Santa. N'aquelle dia os judeus haviam matado Nosso Senhor... Quando seu Valentim chegou da matta, com caichos de assahy ás costas, estacou de espanto.

— Apóis, Zeferino teve coragem de ir caçar no dia de hoje!

— Se teve!...

— E' capaz de topar com o Curupira.

— Ainda, outro dia, nha Fulô me contou o “causo” d'um moço que foi pescar na sexta-feira da paixão e topou com a mãe d'agua.

— Abusões!

Quando a montaria abicou no tijuco, de outro lado do iguapé, Zeferino pulou para um pau grande, delatado na barranca, que servia de ponte. Subiu para a matta, atolando-se na lama, agarrando-se nos mattos, com o rifle nas costas. Entregou a Alma a Deus, e penetrou no mattão fechado.

Não estava com medo não. Mas caminhava hesitante, com sobroço. As sombras do crepusculo esmagavam a floresta. O canto sinistro das aves nocturnas povoava a solidão de assombrações e agouros.

Sem olhar para traz, com o coração aos pulos, escolheu uma boa forquilha de pau e preparou a armadilha, sapecando na espingarda uma grossa carga de “escumilha”. Ao menor estalido de folha arrepiavam-se-lhe os cabellos, e um frio estranho corria-lhe pela espinha.

Mêdo? Mas elle nunca tivera mêdo de nada!...

A luz hesitante da lua cheia escorria pelos galhos espessos da matta, sem clarear o chão. Os troncos secos,

emtraçados de cipó e embiras, erguiam-se para o

céo, no labirintho do matto verde, como esqueletos sinistros.

N'aquelle scenario aterrorador, Zeferino experimentou uma sensação estranha. Mêdo! Mas um mêdo que elle nunca sentiu, um mêdo não sabia de que. Cerrou os olhos, transido de terror. O pica-pau martelava no quiriri da noite. Uma gargalhada estraçalhante de coruja abalou tragicamente o silencio negro da floresta. Zeferino deu um grito e desembestou na carreira, n'uma allucinação, para a beira do igarapé, onde amarrou a montaria.

Na precipitação da fuga, tocou no cipó destendido da armadilha.

— Trac-pum!

Um grito damnado de dor. Um bruto baque no chão. E Zeferino cahiu, a carga de chumbo na perna direita, estrebuchando na lama viscosa da matta. Cahiu que nem palmeira torada pelo corisco.

E a noite negra, cheia de assombrações, veio enconral-o sem sentidos, atolado na lama, sob a allucinação pisca-pisca dos vagalumes.

Em casa de seu Valentim foi uma noite uovi-mentada de attribuição. Com fachos nas mãos, metteram-se todos dentro d'uma montaria e foram procurar Valentim na floresta. Rezando a “Salve Rainha” até “nos mostrai”, erraram a noite toda por “furos” e varadouros, por veredas e atoleiros, e só de madrugada, com os primeiros clarões do sol, foi que, caminhando por uma cafeperra na direcção d'um longinquo gemido, foram encontrar Zeferino n'uma poça de sangue, atolado na tijuco, ao lado do mundé.

— Castigo de Deus!

— Seu Valentim está p'ra dár café!

Desde aquelle dia Zeferino estava á morte.

Não houve mezinha que lhe dêsse geito. Nem o pagé que chamaram conseguiu curar-lhe a ferida. Não havia mais esperança. Os parentes se reuniram todos em casa de seu Valentim. Fatalistas instinctivos, quando ouviram o ferido ardendo em febre e a ferida resistir aos primeiros remedios, o abandonaram aos azares do Destino.

— Se tiver de morrer, ninguém o salva!

Resolveram então esperar. O que tivesse de acontecer, aconteceria. E com resignação e serenidade esperaram a morte de Zeferino.

Os caboclos, escorados no portál ou sentados pelos recantos da casa, “faziam quarto” ao moribundo.

Uma vez por outra, o café corria a roda. O silêncio mysterioso das solidões amazonicas apagava os ruidos tristes da casa humilde. De quando em vez, a dor de um gemido arquejante dava balanços monotonos na rêde do moribundo. Não havia mais duvida: Zeferino ia mesmo morrer.

— Xincuan já cantou no terreiro !

Ha muito o passaro presago cantava horas a fio o seu canto de alegria:—Têê-têê... No dia em que Zeferino adoeceu, porém, o bicho cantou como um agouro o seu canto de morte.

—Xi-cu-an...

—T'escunjuro !

Xicuan viera avisar. Zeferino ia morrer.

Morreu.

Entre velas de carnaúba, o morto jazia no meio da sala estreita. O velho Valentim approximou-se, com uma lentidão pesaroza, levantou o lenço de alcobaça que cobria o rosto livido do filho e articulou um palavriado

singelo de despedida. Depois, apertou a mão enregelada do defunto e exclamou a phrase classica d'aquella cerimonia cabocla :

—Adeus, Zeferino ! até á outra vida !

Os demais parentes repetiram, com exactidão lithurgica, a despedida selvagem, dizendo as mesmas phrases sacramentaes.

—Adeus, Zeferino ! Até á outra vida !

O enterro partiu.

Os que ficaram em casa, contentes de ficar!— vindo a montaria que levava o caixão sumir-se na curva verde do igarapé grande, atiravam-lhe de longe mãos cheias de terra. E a supetição de todos gritava como uma só bocca :

—Adeus, Zeferino ! fica-te por lá mil annos e deixa a gente em paz !

— E de que morreu o Zeferino, Malaquias ?

—Apois, o "muço" não sabe não ?

—Dis que... um tiro de armadilha ?

—Achi ! quá armadilha, quá nada, meu branco !

Foi mau espirito ! Zeferino desde que foi caçar na sexta-feira santa, ficou possuido d'um mau espirito ! Sabe como é ? Espiritado, patrão !

PEREGRINO JUNIOR

## CANTO NOVO

O espirito suspende a lampada do encanto  
no terraço do mundo.

Fórmias dormindo

carnes na sua verdadeira attitude

quem definirá a estrela da manhã

sem a influencia de córpos multiplicados

tapando a vista dos problemas celestiaes ?

Luz eterna sobre a materia

noite sobre o espirito

nascimento de ideias multiplas

na arquitetura do previsto,

menina que vira flôr

substancia que vira abstração

canto que vira dança

deus que morre numa cruz pra variar de essencia

tudo me invoca pra ultrapassar minhas dimensões

ó elasticidade da minha memoria

ó eternidade !

M U R I L L O M E N D E S

## O “ VERDE ”

Meu boi surubim a serra está cachimbando!  
Inda hontem de tardinha sabiá estava cantando  
Aquella moda que parece uma cantiga de ninar!

—Aquella moda que parece uma cantiga de ninar:

—Chove chuva  
pra nascer capim,  
prô Boi cumer,  
prô boi sujar,  
pra sabiá ciscar,  
pra fazer seu ninho,  
pra pôr seus ovos,  
pra crias seus filhos,  
chove chuí. .váááá!

No peito das vacas mansas o leite estava minguando!  
Os meninos lá por casa, coitados, se lastimando.  
todos elles á mãe delles só pedindo pra mamar!

—Todos elles á mãe delles só pedindo pra mamar!

O Riacho-do-Navio torrado estava ficando!  
No cercado palmatoria depressinha se acabando!  
Daqui a trez-15-dias grande era nosso penar

—Daqui a trez-15-dias grande era nosso penar!  
Porem meu boi surubim a serra está cachimbando!  
O “Verde” ja vem ali pois sabiá estava cantando  
aquella moda que parece uma cantiga de ninar!

—Aquella moda que parece uma cantiga de ninar!

—Chove chuva  
pra nascer capim,  
prô boi cumer,  
prô boi sujar,  
pra sabiá ciscar,  
pra fazer seu ninho,  
pra por seus ovos,  
pra criar seus filhos,  
chove chuí...váááá!

**A S C E N S O F E R R E I R A**

## ELOGIO DE VORONOFF

Si Voronoff y Fausto se hubieran conocido, gran amistad entre ambos naciera. Como sabios, y colegas, al principio, muy cerimoniosamente, platicarían de problemas de rejuvenecimiento; luego irían a beber unas copas juntos a la taberna de Auerbach, y allí muy melancólicamente, Fausto le contaría a Voronoff, sus apetitos insatisfechos de sabio libresco, que pasó toda su vida entre libros de magia y astrología, sin haber gozado nunca, del placer de acariciar entre sus manos unos senos frechos de muchachita en flor, Fausto, soñando con una margarita no deshojada, se asemejaría bastante a un mono melancólico y lascivo, cuyos ademanes pornográficos causan asco. Y sería, de contemplar, como el grave Doctor Fausto, iba perdiendo su seriedad doctoral para platicar, como un simple mozo de mulas, ante el apetito que le provoca unas piernas regordotas de campesina.

Hasta tanto llega la pobreza vital, del doctor Fausto, que dejó transcurrir su existencia, entre lecturas astrológicas y calculos matematicos!

Voronoff, ante el doctor Fausto se sentiría un poco Mefistofeles.

Al principio vacilaría en hacerle una proposición deshonesta. La vejez del pobre Dr Fausto,

le causaría tanta pena! No tanto la vejez, como su lascivia de viejo. Lo miraría como a un sarmiento reseco. Pero, la tentación entraría funcionar, lentamente, en el alma de Voronoff, y como quien esta seguro de su éxito le empezaría a hablar de la vejez y la juventud, en una especie de sermón, lleno de comparaciones y paralelos. Luego, de la conciliación de ambas cosas: se puede ser viejo de cuerpo, y joven de espíritu, y por último, se puede llegar a rejuvenecer el cuerpo, tratando la atrophia de las celulas, y la arterio esclorosis, con la misma terapeutica, que un simple resfrié. Al final, Voronoff, llegaría de lleno a la cuestión, le hablaría de las glándulas de mono, de sus excelencias de rejuvenecimiento, y Voronoff, que se embarca en un trasatlántico, en compañía de veinte monos, no tendría inconveniente, en embarcarlo al Dr. Fausto, para rejuvenecerle.

Momento final: el Dr Voronoff, le hace firmar un vale con su sangre al Dr. Fausto, cobran dele cien francos por cada día de vida que le proporcione.

El Dr Fausto, no es sino un banquero enriquecido.

ILDEFONSO PEREDA VALDES  
Montevideo

## ASCANIO LOPES

Nos ultimos dias do meu grande amigo eu fugia d'ele. E porque fugia? Fugia pra não chorar e pra não vê-lo chorar.

Poucas vezes fui visital-o. E como ele me recebia triste! Zangava-se comigo porque eu andava sumido. Não aparecia pra jogar o xadrez... Eu me desculpava como podia. A distancia. As minhas ocupações... Mas não era nada disso não, Ascanio, que me fazia andar sumido. Era a dôr que eu sentia vendo Você magro, ardendo em febre, deitado na sua cama branquinha como a sua alma bôa, sem poder vir comigo pra cidade, pra passear. Eu imaginava, Ascanio, que Você, intinamente, devia sofrer muito quando nós, os seus companheiros, iamos á sua casa visital-o. Depois que nós saiamos o seu pensamento vinha conosco e com Você ficava uma tristeza grande, não era assim, Ascanio? Era assim que eu pensava, e não podia deixar de ser assim. Era assim mesmo porque Você gostava muito de nós. Um dia sua mãesinha (que bôa que ela é!) reparou a minha ausencia e me censurou. E você me defendeu, não foi, Ascanio? Ela mesma foi quem me contou. E eu sei que a sua defesa foi sincera, porque Você nunca deixou de ser sincero e bom. E como eu agradeço a sua bondade, meu amigo, meu bom amigo, meu grande amigo.

MARTINS MENDES

## A S C Â N I O

Durante a caminhada eu vim pensando na ultima viagem que fizemos juntos. O meu companheiro estava alegre. Alegria sem barulho que se demorava um tempão a perceber nêle. Continuava sorrindo nas mãos da leitura.

Agora olho pro jornal azaranzado. Precisa-se de tudo. Os pequenos anuncios estão recheiados. E eu quasi gritei: careço de um amigo como você, Ascânio, pra viajar, viajar...

Este carro deve conhecer muita historia triste. Desde os que vieram procurar o clima benigno, como você fez, até os que vieram buscar reservas de serenidade, feição marcante da sua vida. Serenidade nascida em outra terra. Armou um contraste com éla pra dar tempo de se desenvolver mais cêdo, que o corpo não queria. Nesse carro Ascânio pensou amargamente um punhado de vezes. E me lembro: aqui mesmo você me contou uma enfiada de coisas bonitas, caminheiras antigas do seu espirito. Não pode levar todas até lá. Também a vida passou na ligeireza.

Iamos pro meio do mundo daquêla crônica sentida. Estranhei os versos dítos pela sua propria bôca. Desde catatauzinho tínhamos as nossas conversas. Não gostava de lêr coisa alguma pra se ouvir. Pois nesse dia leu e até com ternura. Fiquei sem compreender.

Amigo: sua viagem se não foi demorada como esta ao menos deixou na gente imagens bem vivas.

Não quero me lembrar dessas coisas agora. Tenho mêdo. E aquêles olhos de além vida, como você me viu no dia da sua ultima viagem, não me largaram até hoje. Pouco antes de amortecer a expressão dêles você me falou:

—Tenho muita coisa pra te dizer... mas não posso.

Eu não posso também. Vou lêr devagarinho como você gostava um pedaço do *Sanatorio* escrito com a mão cançada.

*“Estes olhos angustiados que me rodeam  
--olhos de pae, de mãe, de irmão,  
estão cansados da vigilia noturna  
e anseiam pela manhã que tarde...”*

*...pela manhã que tarda como o milagre  
que êles esperam, mas não virá...”*

A gente adivinha que éla foi obrigada a obedecer.

G u i l h e r m i n o      C e s a r

**I N É D****SANATORIO**

**Logo, quando os corredores ficarem vazios,  
e todo o Sanatório adormecer,  
a febre dos físicos entrará no meu quarto  
trazida de manso pela mão da noite.**

**Então minha festa começará a arder,  
todo meu corpo magro sofrerá.  
E eu rolarei ansiado no leito  
com o peito opresso e de garganta seca.**

**Lá fóra haverá um vento máo  
e as arvores sacudidas darão medo.  
Ah! os meus olhos brilharão, procurando  
a Morfe que quer entrar no meu quarto.**

**Os meus olhos brilharão como os da féra  
que defende a entrada de seu fôjo.**

**O M**

**Senhor, acreditei nos deus  
de bronze e descri de Vós.  
E Vossa Omnisciencia não  
Senhor, dirigi meus passos  
e minhas mãos se macularam  
E Vossa Omnipotencia não**

**Senhor, como quereis agbr**

**A S C A N I O**

# I T O S

## AS ESTRELAS

Ele enamorou-se das estrelas e quiz possuil-as.  
 E começou a construir uma torre para alcançal-as.  
 Mas quanto mais a torre crecia no ar  
 mais longe ficava o céu inatingível  
 e as estrelas cada vez brilhavam mais.  
 Um dia, quando a torre estava enorme, fina, alta  
 e o céu tão longe e as estrelas tão altas  
 elle desanimou e poz-se a chorar.  
 E debruçou-se no alto da torre alta.  
 Mas deu um grito de dor  
 porque, lá embaixo, embaixo, as estrelas brilhavam mais  
 no espelho das aguas paradas.

## MÃO

ses de ouro e

s.

me iluminou.

s para o mal

am no sangue e no furto.

me deteve.

ora condemnar-me ?

L O P E S

# A S C A N I O

Nós tínhamos precisão de levantar cêdo pra assistir às primeiras aulas. O encontro se dava quasi sempre na Avenida e então a gente ia proseando e chutando distraidamente tudo quanto era de chutar pelo caminho afóra.

Ascanio não carregava livros e ficava calado, escutando zombador as conteras ou mexendo com os outros, de vez em quando. E ria muito, que êle gostava muito de rir.

Eu tinha inveja das suas pernas ligeiramente cambotas—indício certo de notaveis qualidades futebolescas—e, sem que ninguem desse por isso, entortava um pouquinho as minhas gâmbias tambem, olhando sempre com sofreguidão prá bolinha de pano que empinava o bolso dêle. Nêsse tempo eu chocava uma partida de futeból, acho que por causa de Ascanio. Mas nem eu nem êle nunca demos direito prá coisa. Principalmente eu que sofria como uma bêsta, chegando em casa todos os dias arranhado, escalavrado, cheio de caneladas, porêm glorioso por todo mundo se admirar da minha falta de mêdo. Ninguem avançava no dono da bola, lá muito posudo na sua posição de béque. A única coisa que lhe acontecia era bater o sinal e êle entrar na aula afoqueado, passando o lenço no rosto, um pouco atrazado por causa de ter custado a parar com o joguinho.

Então Ascanio se sentava, espichando o pescoço prá acompanhar a leitura no livro do visinho.

—Seu Ascanio Lopes, adiante.

Cruzava as pernas, tirava uma linhada em volta e depois, fincando o dedão grande debaixo do queixo e alisando com os outros dedos a testa e a sombrancelha cerrada, lia com uma vóz de quem está sendo chatiado:

## *D. Diègue*

*Ô rage! ô desespoir! ô vieillesse ennemie!  
N'ai-je donc tant vécu que pour cette infamie?  
Et ne suis-je blanchi dans les travaux guerriers  
Que pour voir en un jour flétrir tant de lauriers?*

—Seu Peixoto não está prestando atenção, não é? Adiante! Já não falei que não quero conversas aqui dentro?

Ascanio lá na cadeira dêle fungava, segurando o riso com o lenço, gosando como um perdido a bruta chamada.

P E I X O T O

# A S P I R A Ç Ã O

DE tardinha, assim pelo crepusculo,  
os cotovellos esfolando o parapeito,  
o polegar direito entre as paginas rabiscadas  
do romance tão triste emprestado por elle,  
os olhos sem pupillas virados pro infinito,  
ella pensa, com mêdo de assumptar,  
que pensando bem não éra máu  
que elle, aliás tão bonzinho,  
mudasse de repente,  
e igualzinho ao Octavio do livro,  
ficasse capaz de fazer ella soffrêr  
todas aquellas desgraças dolorosas tambem.

WALTER BENEVIDES

## POEMA PARA MANOEL BANDEIRA

No terreiro daquela casa,  
daquella casa isolada, perdida no mato,  
só tem roupa preta estendida, secando:  
palitósinhos de meninos que não com-  
preenderam bem o que  
aconteceu,  
miniaturas de vestidos,  
lenços de tarja,  
e umas roupas grandes, de serviço, do  
dono da casa.

E' que um urubú, Manoel Bandeira, pou-  
sou na cumieira daque-  
la casa...

H e n r i q u e       d e       R e s e n d e

# O MAL DO PARNASIANISMO

## TRES POETAS

Bein pensado, o mal dos parnasianos, do ponto de vista psychologico, foi um mal de cansaço. Fadiga de themas explorados. Enfado de rimas selectas. Esgotamento do esforço em pról de uma belleza que, sem ser a Belleza, tinha todos os visos da approximação... Luiz Delphino, Raymundo Correia, Luiz Murat, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, sem hierarchias classificatorias, padeceram desse mal que lavrou, como escola, longo tempo, na cadeia de nossa evolução litteraria. Cansaram todos. Olavo Bilac, então, chegou, nos seus ultimos arrancos lyricos do "Tarde" a confessar, estarrecido, em frente da cidade inviolavel do perfeito.

*Nunca entrarei jámais o teu recinto :*

*E, á noite, á luz dos astros, a horas mortas,  
Rondo-te, e arquejo, e choro, ó cidadella!  
Como um barbaro uivando ás tuas portas!*

Se não era um grito sonoro de renuncia aos moldes exhaustos do parnasianismo que começava agonizar, era, tacitamente, um appello á "delicia das coisas imperfeitas", como aquelle de Ulysses, de Eça, em face de Calipos. Mais humano, portanto. De outra parte, o vizo do rebuscamento emphatico entrou por dissimular-se entre os eternos imitadores de todos os corypheus. Daquelles mestres, que marcaram época, surdiu uma familia innumeravel de perfeccionantes do verso, com tanta e tamanha furia copista, que tornou mais intoleravel, pela monotonia rithmica, o typo das estrophes equilibradas em alexandrinos solennes, com arrastamentos melodicos de realejo de cegos. Não era possivel durar a monomania da perfeição. Tinha que falhar o culto extremo da palavra rara. Tanto mais quanto, a titulo desse culto, aliás perdoavel, nos grandes, pavonearam as gralhas do parnaso, matraqueando tropos que não passavam de ecos daquellas tubas magestosas. Se alguns, por indole sincera de enamorados da arte pela arte, venceram louros, não quer isto dizer que valham ainda os processos creados pelos iniciadores, que fizeram o seu possivel, encheram o seu mundo, lavraram o seu tento. Não é mais para ser seguidos, nem imitados. Creio mesmo que não ha no momento quem escreva versos com propositos de perfeição. Está provado que a poesia não está ahi. Não está propriamente no verso. E não é verdade de hoje. Já Ramalho Ortigão, estudando Casimiro de Abreu, no afan de justificar um poeta inferior a certas razões e, por outras, superior, teve evasivas que valem verdades irrefutaveis. Dizia o critico, discernindo o capricho e a espontaneidade do trabalho mental: "A creação intellectual pôde em tal conjectura não ser rigorosamente metrica, mas poetica ha de ser, por força. É antes isso: antes a poesia sem o verso do que o verso sem a poesia; antes verdadeiramente poeta pelo coração do que eximio versejador pela cabeça." O facto é que ha poesia tambem no capricho das formas intellectuaes. E não foi outra a poesia parnasiana. Mas poesia que cêdo se esgotou, como tudo que não colhe das fontes natu-

raes do sentimento commum. Aquella é a poesia dos raros. Essa, a poesia de todos. Em nome dessa é que pleiteiam os estilizadores de assumptos populares. Sobre-tudo, os modernistas que repellem os acurados tons aristocraticos da forma parnasiana, para adoptar, mais ou menos modificadas, as formas symbolisticas, de que derivam, como em artigo mais largo, já tive oportunidade de apontar. Para exemplificação do que fica dito, tratemos, hoje, de tres poetas que, diferentes nos seus temperamentos e distanciados nas suas technicas, comprovam o estado evolucionar da poesia dos eximios versejadores para a dos simples poetas espontaneos. São elles Roberto Gil, com o "Verbo das Sombras", Ernesto de Albuquerque, com o "Intermundios", e Rosario Fusco, com o "Fruta de Conde"

ROBERTO GIL (Rio)

Com o chamar de eximio versejador a um poeta que tem os meritos intellectuaes de Roberto Gil, não desprimoro em nada a natureza dos seus cantos. Não é traçar categorias nomear os poetas por mero desejo de methodo. Bellos, pôdem ser bellos, todos os versos, a cada consideração do seu tempo. "Verbo das Sombras", por exemplo: poemas de Roberto Gil, publicados na época dos parnasianos, estudados á luz dos credos vigentes da escola, são bellos, por que não? São até perfeitos. Não ha, desse ponto de vista, que censura-los no rigor da metrica, no aprumo das linhas, na excellencia dos motivos. E, ainda, sobre trabalhados a buril, revestem côres estranhas de uma aspiração pouco achadiça entre os proprios cultores da mesma esthetica. Apenas não excedem, posto que não raro igualham, aos primores artisticos dos mestres do genero entre nós. Esta desvantagem que colloca os discipulos em situação de nunca ultrapassarem os mestres, pesa no destino dos que, por inadvertencia ou incompreensão da nossa hora, ainda queiram reviver formas extinctas da arte do verso. Tudo evoluciona. E aquellas "bellezas" pararam em attitudes de estatuaría de museu. Sobre immoveis, são inimitaveis. Sobre fixadas, são inexcediveis. Para que então insistir na copia das curvas divinas? Os grandes "achados" não se repetem. Principalmente, em arte. Ficam sós, unicos, solitarios. Roberto Gil, porém, tem uma grande hypothese a seu favor. E' que os seus versos, conquanto editados agora, não parece foram agora escriptos. O desaccordo apparente de sua sensibilidade com o gosto dominante da poesia actual, está, portanto, num retrato do tempo de publicação. Causa material. Insignificante causa, que é bem possivel desaparecer com uma nova colheita de versos feitos a moderna, o que não é improvavel pela força creadora do seu engenho poetico, certamente capaz, e com grandes vantagens da experiencia lyrica, de produções que valham os louvores coherentes da nossa época de transição. São os nossos votos.

ERNESTO DE ALBUQUERQUE  
(Pernambuco)

Ernesto de Albuquerque, figura exemplar de pen-

sador em versos, também claudica do mesmo atrazo estético de Roberto Gil. E o mesmo se disse de Roberto, quando a beleza á luz do seu tempo, se pôde dizer de Ernesto. Ambos. parnasianos. Ambos, adoradores da forma impecavel. Iguaes em escola, mas diversificados em planos de inspiração. Pois enquanto Roberto escolhe as "sombas" para os seus motivos, Ernesto prefere os "astros" para os seus vôos. Ha nisso um merito de distincção, que muito as honra. Nem as "sombas" conseguiram abafar os brilhos de talento de Roberto, nem os "astros" chegaram a cegar os sentidos de Ernesto. Sem trocadilho, podemos concluir pelò fulgor das "sombas" de um contrastando, com as sombas dos "astros" do outro. Porque Roberto é agil, é crente, é optimista, e Ernesto é moroso, melancol'co, pessimista. Não sei dos dois quem mais tem razão no paradoxo das coisas. Se Roberto, quando "sombrio" descreve alegrias, se Ernesto, quando "astral" descreve "tristezas". Sei que ambos valem como interpretes de antinomias irreconciliaveis, ora de ordem subjectiva, quanto ás preferencias de formulas anachronicas de versejar, ora de ordem objectiva quanto á escolha de rumos oppostos de plasticização poetica. Ernesto é um altanado sonhador de mundos. Chamam-se-lhes os versos de "Intermundios". Titulo bem adequado. Nem mais, nem menos que a moldura exacta de um observador do "universo astronomico", que chega a nomear, alto, num dos seus lyricos arroubos:

*Nos sidereos confins inaccessiveis  
Pervagam nebulosas verdudeiras  
E falsas nebulosas reductiveis,  
Como bando de nevoas forasteiras.*

*Mas aquem, os esphericos planetas  
Entre as alternativas dos eclipses,  
Delineiam nas orbitas secretas  
O traçado invisivel das ellipses.*

*Como um throno vasto, soberano,  
Em seu percurso natural diuturno,  
Estão Marte, Neptuno, Terra, Urano,  
Mercúrio, Venus, Júpiter, Saturno.*

Nem sempre, porém, fica a sua arte nessa singela enuñneração "astral". O poeta possui a nevrose das alturas, mas não deixa de ser introspectivo:

*Mas o meu ser nesta razão se encerra:  
— Ter vagando no espaço o pensamento  
Subordinado ao coração na terra.*

Está-se vendo que ha na poesia de Ernesto de Albuquerque intenção philosophica. E sobrasse espaço, teria gosto em demonstrar que philosophia de bom quilate. Porque inspirada da dôr humana, de que seu estro se faz interprete em varias das suas melhores produções. Sinceridade que captiva pelo sabor de pureza em que se expande existe a valer na maioria dos poemas de "Intermundios", "Phantasia", "Diva", "Scismas", "Anathema", "Do Alto", "O Problema", são titulos de honra para um poeta parnasiano. Para um modernista, não. Questões do tempo...

ROSARIO FUSCO (Minas)

Ora, vejam que alegrão confortavel de ritmos liberrimos nesses versos de Rosario Fusco, o menino de oiro da poesia nova de Cataguazes:

*De derredor os matos cochilavam no sereno  
com a madrugada de coqueiros altos abanando.  
Nem um pio de caboré. Só um ventinho do norte  
acalentava o sono dos biguás.*

E' a paisagem brasileira num traço. Cheira a folhas verdes molhadas de orvalho nocturno. Cheira bem como os recantos tranquillos de fazenda. Rosario Fusco interioriza no verso um mundo de emoções nativas. Bom, como poucos. Para evocar o mato, o rio, a serra, a gente, a villa, todo o nosso lindo bocado de terra florida, corre, salta, vôa por cima de canones estheticos, estilismos e canceiras theoricas, bolindo nas aguas que cantam, assombrando os ninhos, solapando as arvores, despencando os frutos. Sae agóra com uma "Fruta de Conde" em punho, ainda fresca e nova dos ramos piolados da selva. Um prazer essa "fruta":

*Você se lembra, Rosa,  
da casa da gente em São Geraldo?  
(o terreiro limpinho...  
a gangorra... o arará...)*

*Você se lembra, Rosa,  
dos brinquedos engraçados de nós dois?  
(eu era o marido  
você a mulher...)*

*Você se lembra, Rosa,  
do dia do casamento da boneca  
de você  
na casa de vovô, perto do rio?*

*Você se lembra, Rosa,  
do circo que fizemos no terreiro?  
Naquella noite de frio  
você vestiu meu palitô  
e desandon a rir átôa!*

*Eu sei muito bem, Rosa,  
que você se lembra disso tudo.  
Que bom — não é Rosa? —  
a gente se lembrar...*

Para que maior naturalidade em poesias evocativas da infancia? Ha, ainda, outras, como "Maria Estradeira", "Poema", "Lyrica" e as duas "Fazendas", que são trechos flagrantés da natureza em fórmula de arte moderna. Rosario Fusco, dia a dia, cresce no prestigio magico de surpreender novos aspectos da lyrica ensaiante do momento. "Fruta de Conde" é mesmo um dos melhores e mais saborosos frutos dessa renovação Typicamente brasileira. Brasileirissima.

# FEIRA DE AMOSTRAS

## POESIA

Sim, a delicia da vida, apesar de tudo, é sempre a infancia. E a infancia vive em nós, por toda a vida. Não é só aos dez annos que temos dez annos. Em todas as idades podemos ter dez annos. Porque a infancia continúa a viver em nós. Não é o tempo que a consome. Somos nós, muitas vezes, somos nós quasi sempre que a não sabemos preservar. E que matamos em nós a criança que vive na sombra. A criança que só pede um pouco de liberdade, um pouco de esquecimento do adulto, para voltar a sacudir a arvore dos frutos pêcos, com que os annos cobrem a nossa vida. A criança que deixamos viver trancada em nós, entre as quatro paredes das coisas asperas, das coisas tristes, das coisas frias, com que vamos murando lentamente a nossa infancia, reclusa, sim, mas não perdida.

O homem é uma criança que se ignora. E dahi o que ha de immenso nesse immenso paradoxo christão de adorar na Criança a suprema verdade. Nós mesmos, inuteis pesquisadores de verdades parciaes, capturadores de raios esquivos de belleza, que vivemos a distillar essencias raras á procura de perfumes estranhos de outros ares ou então, pelo contrario, a mutilar dia a dia as azas que pedem espaço, e vento, e azul,—nós vemos quando muito na infancia a belleza encontrada, ou a doçura perdida ou a saudade ou um consolo.

Mas quando subimos, quando forçamos os circulos de limitação quando chegamos á plenitude christã—que para tantos que não querem ver é uma restricção de realidade — sentimos como ainda é pouco o que sózinhos conseguimos e que ha na criança, na claridade infantil, qualquer coisa de mais alto que o simples encanto da graça e da belleza: o encanto da verdade.

Mas a poesia, que é em nós a preservação da infancia, a poesia o que procura é justamente esse milagre de renovação pela graça e pela frescura.

A poesia, que é o inutil em nós, quando tudo nos fala da utilidade de tudo... A poesia, que é a necessidade do superfluo, quando só pensamos em coisas necessarias... A poesia, que é o tempo perdido quando vivemos a roer o tempo do somno para ganhar tempo. A poesia, que é

o sorriso, quando tudo é grave em volta... E tambem que só se sente grave quando tudo ri em torno della. A poesia, que... nenhum poeta sabe o que é, que foje quando tentamos definil-a, que nos persegue quando não pensamos nella e escapa de nossas mãos quando justamente pensavamos captural-a. Que é um momento feliz do espirito, uma aza capturada ou livre ou ferida. E sempre, no fundo, a janella que abrimos no quarto em que dorme a criança interior. E que tantas vezes é silenciosa. E tantas vezes se fecha entre rêde subtis, em laços que só alguns raros sabem desatar, e que a maioria não vê, e que a maioria não sente e nega a pés juntos que um laço tão cego possa esconder alguma coisa de tão luminoso... (Ler é muitas vezes a arte de desfazer nós cegos).

E a poesia é tambem, quasi sempre a arte de refazer o mysterio que a vida desfez. Porque ella é sempre qualquer coisa de avesso ao sentido da vida. Não ao senso da vida. Mas ao sentido, isto é, á direcção da vida. A poesia não é uma cessação da vida. Ao contrario. O poeta não faz parar a vida. Accelera a vida. Mas accelera, remontando o curso da vida. A poesia não segue a direcção do tempo. Ella é justamente a forma mais subtil de voltar ao arrepio do tempo. De subir a corrente. De refluir para a fonte. De negar, portanto, essa unanimidade intima com que caminhamos para o prosaismo, para o envelhecimento, para a chrystalização.

## PIRANDELLO

Pirandello é o mais inhumano dos homens. Para Pirandello o homem não existe. Não no sentido em que não existia para Joseph de Maistre. De Maistre, como tambem Gobineau, dizia ter encontrado em sua vida muitos francezes, muitos allemães, muitos russos, mas nunca ter encontrado—o homem.

Pirandello vae além. Não encontrou nem mesmo esse homem-nação:—francez, russo ou allemão; nem mesmo o homem-profissão:—pedreiro, banqueiro ou estadista; nem mesmo o homem-caracter:—intellectual, affectivo ou artista. Pirandello nunca encontrou homem de especie alguma.

O homem para elle é um mytho. O homeni

é uma abstracção. O homem não existe para Pirandello. Só existem os estados de espirito.

E nisso está, talvez, a maior originalidade do seu theatro, e de toda a sua obra, em geral. Toda a tragedia antiga, todos os mysterios medievales, todo o drama classico, todo o theatro shakespeariano, todas as peças romanticas, naturalistas ou symbolistas são fundadas sobre a existencia do homem. Escravo da Fatalidade, na Grecia; servo de Deus, na Idade Media; dilacerado de paixões, no seculo XVII; na plenitude de sua humanidade complexa, com Shakespeare; alando-se na hypertrophia do seu «eu», com o theatro romantico; reduzido a um elo na cadeia do determinismo da natureza mais sordida com o naturalismo; pairando em imagens e reticencias subjectivas com o symbolismo;—sempre, ao longo da historia literaria, o homem existiu no centro, na base, ou no segundo plano da obra de arte. Mas sempre existiu. Foi sempre—o homem. Foi mais ou menos homem, mas nunca deixou de o ser.

Com Pirandello a coisa mudou. O homem desaparece. Não para que os homens desapareçam. Não para que appareça, como na pintura, uma natureza morta ou o mundo de outros seres. Rostand,—o «art-nouveau» do theatro de ha vinte annos, ephemero e vasio como o «art-nouveau» da architectura dessa época sem personalidade com que se abriu este nosso allucinante seculo XX,—Rostand tambem fez uma peça só de animaes. Como Maeterlinck, de seres irreaes. Como Gil Vicente punha em scena Virtudes e Vicios. O que Santo Anchieta transportou para as nossas selvas.

Sim. Podemos encontrar ao longo de todo o theatro humano esse apparecimento de outros seres, de outras encarnações de qualidades moraes, de outras especies animaes em scena.

Mas o que Pirandello fez não foi isso. Elle anniquilou o homem, não por abolir os homens, mas desarticulando de todo o ser humano. Todos os romances de Pirandello, todas essas suas admiraveis novellas curtas, que constituem a estrutura fundamental de sua obra, todo o seu theatro assentam nessa completa desarticulação do homem. O homem desaparece para apparecerem em seu logar os fragmentos do homem. O homem passa a ser um mosaico. Desapparece o ser organico e funcional; desaparece o ser composto de alma e corpo, desaparece a unidade, a fusão, a concatenação, para surgirem apenas os blocos do mosaico humano.

Seria, porém, muito simples e muito ingenuo se apenas fosse isso. Mas o homem, que Pirandello anniquila não se resigna a essa suppres-

são. Elle assiste á sua propria desarticulação, mas não se submete a ella.

E dahi a tragedia do homem pirandelliano. Pois queiram ou não os seus detractores, como os detractores de Proust,—já se pode hoje falar de um ser proustiano, ou de um ser pirandelliano, como se falava de um caracter cornelianiano ou de uma heroina raciniana.

Se o homem pirandelliano não é todo o homem moderno, longe disso,—é uma parte do homem moderno, o mesmo que Proust dissecou impiedosamente, o mesmo que Freud revelou em suas sondagens. O erro, como sempre, é tomar a parte pelo todo. É generalizar logo. Como hoje em dia se faz a torto e a direito.

Um dos caracteres de nossa época é justamente a facilidade com que se universalizam todas as coisas. Um homem atravessa voando o Atlantico. Logo se precipitam cem outros para fazer o mesmo. E é a hecatombe.

Outr'ora, nos tempos em que não havia Liga das Nações, nem pactos de não aggressão, nem promessaa lyricas de paz universal, nem radio-telephonia,—as guerras se faziam entre exercitos profissionaes como um jogo de xadrez quasi polido, sem que os homens alheios ás armas se importassem muito com as vicissitudes da guerra quasi permanentes. Hoje, quando os homens se amam lyricamente, quando toda a sorte de congressos aproxima dia a dia toda a sorte de homens, e vivemos todos em familia nesta terrazinha de distancias insignificantes,—as guerras são cataclysmas univarsaes. E o ultimo projecto de conscripção militar do partido socialista francez, o partido da religião do progresso, propõe a mobilização total, inclusive mulheres e crianças! Suppõe-se acabar com as guerras pelo excesso do seu horror. Assim como quem cortasse a cabeça para curar uma dor de dentes.

O que se dá hoje com o sport, ou com a politica internacional, dá-se tambem com as idéas. Freud, por exemplo, faz analyses interessantissimas do sub-consciente. E revelou a predominancia sensível do instincto sexual, coisa aliás que a Igreja sabia ha muitos seculos, pois nos confissionarios de uma capella passam diariamente mais revelações da alma humana, que em todas as experiencias psycho-analyticas publicadas pela «Imago», desde a sua fundação.

Freud, porém, só via as novas verdades que descobrira e passou de um jacto do sexualismo ou pansexualismo. Pois, desde que o Grande-Pan merreu, começaram a pullular os pequenos pans...

O que se deu com Freud dá-se diariamente com todas as idéas que surgem, a cada minuto,

neste nosso mundo exasperado, que de tantas idéas que tem já não sabe como pensar.

Tal e qual os homens de Pirandello.

O erro de Pirandello será o de todos nós. Querer fazer de nosso canto todo um universo. De nossa verdade, toda a verdade. E' Pirandello voltando-se contra si mesmo. E' Pirandello anniquilando-se pelo proprio extremo de sua observação. Prova demais e portanto prova contra as proprias provas.

O relativismo do homem-mosaico, do homem-momento, do homem-estado de alma, querendo generalizar-se, querendo converter-se em absoluto, nega-se a si mesmo.

Se os homens fossem apenas aquelles seres contingentes, contradictorios, inatingiveis que Pirandello nos revela, se «o homem» realmente não existisse como um universo dentro do universo, como um todo dentro de outro todo, e não simplesmente como parte desse todo exterior,—então Pirandello não teria originalidade alguma. Errando é que Pirandello acerta. E' porque os homens não são apenas o que Pirandello nos diz do homem, é porque o homem pirandelliano não é «todo» o homem, e sim a excepção, por isso mesmo é que a arte de Pirandello tem razão.

E dahi deriva, como disse, a tragedia do homem pirandelliano.

E' porque mesmo no theatro ou no romance pirandelliano, o homem guarda a consciencia de si mesmo, que não ha apenas paradoxo e artificio nessa arte de artificios e paradoxos.

O homem é a um tempo unidade e multiplicitade. Desde que o homem medita sobre si, que procura resolver esse insolavel. Discutem os philosophos hoje em dia em torno do «Parmenides» de Platão como o proprio Platão discutiu o problema do Uno ou do Multiplo.

Supprimir qualquer desses dois polos humanos seria mutilar o homem.

O que hoje em dia se faz, o que ha na arte de hoje muitas vezes, como se vê em Proust, em Joyce, em Fargue ou nesse mesmo Pirandello, é a observação mais attenta do multiplo, quando até hoje se pensou mais vivamente em observar o uno. O homem não desaparece nem se artificializa, por se conhecer. Embora seja certo que começamos a nos conhecer demais, ou a pensar que começamos a nos conhecer demais. É assim por deante. O homem de hoje pensa demais. Ou pelo menos, ha um homem, hoje em dia, que pensa demais e que acaba descobrindo que o pensamento puro é uma cadeia sem fim. E que, se o que faz a liberdade do homem é justamente essa possibilidade de pensar e sentir sem fim, o que faz a sua grandeza é descobrir um fim ao

pensamento e ao sentimento. E converter em «acção» o pensamento,—applicar a um objecto, a um ser, a uma «essencia», emfim o sentimento.

Pirandello, portanto, está no limite do «poncif». A's vezes em pleno. Todas as verdades parciaes se convertem em «poncif» ao pretendem converter-se em verdades totaes. Assim o relativismo psychologico de Pirandello. A sua negação da immanencia e da transcendencia. A sua delectação na apparencia.

Digo mal, aliás, delectação. Todo o theatro, toda a humanidade pirandelliana, é perfeitamente, é essencialmente—tragica. Não ha prazer algum nessa permanencia no desarticulado. Nessa vertigem dos limites da razão. Ha sempre a consciencia terrivel de uma terrivel tragedia interior.

O mundo pirandelliano,—e talvez por isso é que o sinto tão profundamente, é que hoje como ha quatro annos repito que nada, no palco, despertou em mim um tal sentimento de angustia como esses «Seis Personagens em busca de Autor», que marcam um momento capital no theatro de todos os tempos e de todos os povos,—o mundo pirandelliano é um mundo abandonado.

Não um mundo que se abandona. O homem quotidiano, o homem despreoccupado, o homem pae de familia honrado ou filho de familia desatrelado, o homem que ainda hoje em dia pode rir-se, sem sentir no fundo do espirito um ranger de caveiras,—esse homem bemaventurado sim é o homem que se abandona, que se deixa ir, que vive, como dizem as personagens de Valery Larband, «a godersela».

Não é de fórmula alguma o homem pirandelliano.

Este não, não se resigna ao abandono. «Sentte-se abandonado», o que é coisa muito diversa. E a tragedia é muito maior. Vê a contingencia em todas as coisas. mas não se resigna á contingencia. Vê o accaso, como um louco inconsciente, distribuindo golpes ás cegas e não acredita no accaso-Accaso. Vê a obliquidade fatal dos instinctos, mordendo todo o «puro» do universo como um acido morde o mais puro dos aços, e não se submete ao instincto. Vê a alegria maculada de dissolução, vê os impetos mais desinteressados em perpetua dilaceração reciproca, vê os homens fechados entre si, fechados em si mesmos, incomprehendidos e incomprehensiveis, vê tudo isso, vê todo esse abandono, e no entanto não pode mais entreabrir se num sorriso de desprendimento e quando ri, é de esquecimento ou de sarcasmo.

O homem pirandelliano é esse ser que se sente abandonado. E dahi o que ha de terrivel-

mente tragico no fundo de todo esse fogo de artifício.

Sim, a arte moderna, no que ella tem de menos intencionalmente moderno, isto é, a arte que nasce realmente do nosso tempo, desta época assombrosa que vivemos,—essa arte que é um romance de Waldo Frank ou uma peça de Pirandello, um poema de Léon Paul Fargue ou uma pagina de Joyce, um conto de Virginia Wolf ou uma novella de Julien Green, toda essa arte animada, como bem disse Robert Honnert «de révolte et de pureté», desde o dogmatismo mais orthodoxo de Maritain, até as imprecações mais blasphematorias de Louis Aragon, no «Paysan de Paris» ou de Henri Lefebvre nas paginas revolucionarias do «Espirit»—todo esse pensamento toda essa arte moderna, que os criticos superficiaes chamam de exgotada, ou de falsa, ou de insensível, reflecte esse terrível sentimento de abandono que nos mata. E' uma arte profundamente grave. Uma arte profundamente tragica.

Os mais fracos, toda a mésse dos inquietos ou dos delicados, bem como toda a fauna dos personagens pirandellescos, ficam na angustia incessante desse isolamento, dessa dilaceração, desse abandono. Os mais fortes reagem, triturando-se ou triturando os demais. Mas nenhum deixa de sentir em si essa onda que parece por vezes asphyxiar o homem moderno.

Pirandello, portanto, não é o artifício, não é o paradoxo. Pirandello, como disse admiravelmente o seu melhor biographo, o «melhor» no dizer do proprio Pirandello em entrevista que dava aqui ha poucos dias («Walter Starkie».—Luigi Pirandello. Londres, 1926, pgs. 229 e segs.) é—«a fallencia do super-homem». Starkie mostra como a analogia que geralmente se encontra entre Pirandello e Shaw pode ser apenas uma analogia de contrarios. Shaw é um homem que acredita na natureza, no homem, no mundo, no progresso,—«his wit is Puritan, for it is painfully conscious of the final fact in the universe». Ao passo que Pirandello só vê a inconsistencia por todos os lados,—seu mundo é formado pela deusa do accaso. E Starkie lembra, para applicar aos dois dramaturgos, a comparação feita por Chesterton no seu livro sobre Shaw: «O homem que vê a consistencia em todas as coisas é um homem de espirito («is a wit») e um Calvinista. O homem que vê a inconsistencia nas coisas é um humorista e um Catholico».

Pirandello é a fallencia do super-homem, no seculo XX, como Spengler é a fallencia da super-

cultura. O seculo XIX acreditou no progresso indefinido «do homem» e da «sua» civilização. Hoje ainda ha muito quem acredite no progresso indefinido do «homem» e da «civilização». Mas não ha, ao menos entre os que pensam e os que vivem, quem acredite no progresso indefinido do homem e da civilização «do seculo XIX».

E da mesma fórma que Spengler quebrou essa illusão da linha recta em que vivia a super-cultura do seculo passado, Pirandello quebrou a illusão da estabilidade do super-homem desse seculo. Um desmontou o orgulho de todo um mundo de idéas, o outro desarticulou a prentensão de toda uma architectura humana.

E não ha arbitrio algum em approximar o propheta da decadencia da super cultura occidental do propheta da decadencia do super-homem occidental, pois ambos, além do mais, professam a mesma philosophia da contingencia, como diz Spengler:—«A humanidade não tem nenhuma objectivo, nenhuma idéa, nenhum plano, como não o têm as especies das borboletas ou das orchydeas. A humanidade é uma palavra vasia» (Die Unt. des Abendl. I, 28). Tal e qual Pirandello.

Terão ambos ido além do seu objectivo, e errado profundamente, por excesso, sou o primeiro a reconhecer. Terão ambos levado ao extremo a mania da generalização, tão nossa, tão seculo XX.

Mas o incontestavel é que tanto um como outro quebraram uma estructura que parecia eterna, e nos deixaram perplexos, desesperados mas, talvez, quem sabe, mais humanizados pela supressão de uma fé excessiva no «Homem» e na «Cultura». Estaremos talvez mais proximos do homem culto, depois que deixamos de crer no dogma intangível do Super-Homem e da Super-Cultura. E, sobretudo, mais proximos talvez da Verdade.

TRISTÃO DE ATHAYDE

*Fica, com a transcrição que hoje oferecemos aos nossos leitores dos capitulos "Poesia" e "Pirandello" extraídos dos "estudos" (2.ª serie) de Tristão de Athayde, inaugurada a nossa feira mensal de amostras dos melhores livros de autores nacionais que nos forem remetidos, além da apreciação que deles faremos na competente seção.*

*Pretendemos, com isso, contribuir—embora modestamente, para a mais intensa propaganda do livro brasileiro; não só entre nós, mas também—e principalmente, em todos os demais países sul-americanos onde "verde" circula.*

N. da R.

**SANATORIO** —poemas inéditos de Ascânio Lopes— aparecerá brevemente em primoroso volume, editado por “verde” e acrescido (além das paginas de saudade que ora publicamos em homenagem ao morto querido) de um pequeno estudo sobre o poeta, notas biograficas etc.

## JOSÉ DE ALENCAR

Passou a 2 de maio o centenario do nascimento do grande romancista brasileiro, José Martiniano de Alencar. Para nós outros que alentamos a mesma inquietação natural, a mesma ansia de brasilidade que foi a constante obsessão do maravilhoso poeta de *Iracema*, não poderia passar despercebido esse grande acontecimento.

Paisagista abominavel, mas sempre imaginoso, Alencar foi um esbanjador de pensamentos admiraveis em pessimo estilo de comparações quasi sempre infelizes, como era o seu. E si, pela força de poetar, perderam suas personagens muito da realidade, ganharam, de outro modo pela facilidade com que as retemos na memoria.

Pery, Cecy, Iracema são typos imortaes, que valem por si sós, sem ezagero, toda uma literatura.

Não fosse, porem, Alencar o animador dessas figuras e, talvez, a essa hora—já o teriamos esquecido...

LEIA

**fruta de conde**

## JACKSON

... Jackson de Figueiredo possuia a suprema alegria de admirar. Este prodigio de emoções jamais teve a mesquinhez de negar o testemunho da sua admiração aos escriptores e artistas, de que estava separado pelos idéaes. Entendia-se com elles em uma infavel zona de sensibilidade esthetica.

Tal homem, tal pensador, tal escriptor, faz uma falta consideravel á intelligencia brasileira. Era um extraordinario estimulante intellectual. Os seus proselytos perderam um chefe maravilhoso, incomparavel no fervor da acção. Os seus antagonistas não terão mais o encanto quotidiano dos seus escriptos de circumstancia, em que se consubstanciava uma doutrina dogmatica, forte, esplendidamente organizada, a provocar a replica e o perpetuo debate.

Para os seus amigos que melancolia na saudade de tanta mocidade, de tanto fulgor, de tanto coração.

GRAÇA ARANHA

# M O V I M E N T O

**A** proposito das *notas de Cataguazes*, publicadas por Henrique de Resende em n.º d' *O Jornal* de 7-4-929, Mario de Andrade escreveu no *Diario Nacional* de São Paulo (n.º de 9-4-929) as seguintes palavras que achamos oportuno transcrever:

«Henrique de Resende, pelo numero de domingo d' "O Jornal", teve um geitinho de perguntar si eu estava de acôrdo com ele a respeito da possivel influênciã exercida por um escritor paulista sobre os poetas modernos de Cataguazes. Estou.

O que eu censuro é Henrique de Resende estar perdendo tempo com mesquinharia tamanha. Isso não é assunto com que a gente se amole em jornal. Simplesmente porquê não tem importancia nenhuma. Não é possivel a gente conceber a formação dum espirito sem influências, fructo unicamente de Cataguazes como existe influênciã dos moços de Cataguazes leis de psicologia. Quanto á originalidade, si historicamente ella é duma importancia capital na evolução das artes, ella não tem nenhum valor conceitual na verificação da obra-prima. E pensando no diluvio de espiritos que nem bem surgiram, desapareceram já, sem dar o que prometiam ao movimento moderno brasileiro, tenho certeza que pra muitos foi a vaidade pifia de originalidade que os desarmou. Se calaram por uma deficiência que era falsa!

Existe influênciã do tal escritor paulista sobre os moços de Cataguazes como existe influênciã dos moços de Cataguazes sobre êsse escritor paulista. Maior do que imaginam, muito maior. E mais elevada principalmente, não se resumindo a uma simples e desimportante aceitação de cacochetes gramaticais. Essa influênciã reciproca foi a bonita das amizades sinceras, carteadadeiras, cheias de sinceridades, até brutas certas feitas. Isso foi o que o mundo não poudo ver e não gosou.

Porê m o que o mundo não viu e podia ver é que tambem o escritor paulista andou muito estudando os criadores de "Verde" Catou neles os boleios sinteticos e as vozes populares que essa rapaziada foi a primeira a registrar, e quando occasião chegou, andou tudo empregando nos escritos dele.

E si um ou dois moços de Cataguazes numa ou noutra poesia ficaram exatinhamente o escritor paulista escrevendo, quero saber só que importancia tem isso! Esses moços tal-e-qual to-

dos os moços do mundo, têm que sofrer a lei da espera. Si continuarem influenciados toda a vida, serão nulidades. Si fizerem originalidade á força, se cabotinisarão. Talvez movimentem um bocado a tunica da nossa Musa porê m não será por isso que lhe darão um pensamento a mais. Têm que esperar que nem eu mesmo esperei me debatendo num estreitissimo Primeiro Andar. E outros cabiculos inda mais inconfessaveis..

MARIO DE ANDRADE»

■  
**E**stá no prêlo o *Compêndio da Historia da Música*, de Mario de Andrade.

■  
**A**lvaro Moreyra anuncia para já o aparecimento de *Circo* (poemas), edição Pimenta de Melo.

■  
**P**or todo fim de julho ou principio de agosto sairá *Poesias de Henrique de Resende*.

O volume virá acompanhado de uma noticia historica sobre o movimento verde de Cataguazes—por Renato de Almeida, um dos mais illustres escritores da moderna geração brasileira.

■  
**R**elativo aos mêzes de dezembro e janeiro acaba de sair o n.º especial (2 e 3) de arco e flecha—a revista dos novos da Bahia.

Publica: um esplendido artigo de Chiacchio, poesias de Carvalho Filho, Eugenio Gomes, Pinto de Aguiã, (deste tambem um magnifico *estudio*), noticiario etc.

■  
**A** revista de antropofagia aparece agora ás quartas-feira como suplemento literario do *Diario* de S. Paulo.

**A**o que soubemos a Phebo Brasil Filme de Cataguazes já iniciou os preparativos para a filmagem de *Sangue Novo*, sob a direção de Humberto Mauro.

Luis Sorôa que fez o galan de *Braza Dormida* terá papel secundario neste filme.

Perillo Gomes, é em homenagem a memoria de seu fundador—Jakson de Figueiredo.

Traz colaboração de D. Sebastião Leme, Contreiras Rodrigues, Ronald, Graça Aranha, Perillo Gomes, Tristão de Athayde, Claudio Gans, Augusto Schmidt, Tristão da Cunha, Tasso da Silveira, Murillo Araujo, Sergio Buarque de Hollanda, Afranio Peixoto e outros.

**O**nº de março d' *A Ordem* a esplendida revista de cultura religiosa que se publica no Rio de Janeiro sob as vistas de Tristão de Athayde e

**M**ovimento Brasileiro já está no seu 5º nº Vamos!

## B I B L I O G R A F I A

### R E C E B I D O S

Tristão de Athayde: "estudos" Edição Terra de Sol—Rio—928.

Mario de Andrade: "Ensaio Sobre Música Brasileira" Edição Chiarato—S. Paulo—928.

Paulo Prado: "Retrato do Brasil" Edição Mayença—S. Paulo—928.

Tasso da Silveira: "Alegria Criadora" Edição Terra de Sol—Rio—928.

Alba de Mello: "Espelho de Loja" Edição Tisi—S. Paulo—929.

Guilhermino Cesar e Fco. Inacio Peixoto: "Meia pataca" Edição Verde—Cataguazes—928.

Martins de Oliveira: "Patria Morena"—S. Paulo—928.

Humberto Zarrilli—: "Libro de Imagens" Edição do Autor. Montevideo—928

Antonio de Alcantara Machado: "Laranja da China"—S. Paulo—928.

Ascenso Ferreira: "Catimbó" 2ª edição. Recife—928.

Mario de Andrade: "Macunaíma"—S. Paulo—928  
Rosario Fusco: "Fruta de Conde" Edição de Verde—Cataguazes—929.

Carvalho Filho: "Rondas"—Bahia—928.

Manoel Maia Junior.: "da tristeza resignada"—Anta—Edição Rio—929.

**VERDE TEM AS SUAS PAGINAS ABERTAS A  
TODOS OS NOVOS DO BRASIL E DO MUNDO.**

— ANUNCIE —  
AQUI O PROXIMO  
APARECIMENTO  
DE SEU LIVRO

RENATO DE  
ALMEIDA

MOVIMENTO  
BRASILEIRO

REVISTA  
DE CRITICA  
E  
INFORMAÇÃO

CONDE  
DE IRAJÁ, 117  
RIO

VERDE aparece  
todos os meses

ANO — 11\$000

EX. — 1\$000

Toda e qualquer cor-  
respondencia de ver á  
ser dirigida a Rosario  
Fusco cel. vieira, 53.

ALCEU AMOROSO  
LIMA (T. de A.)  
e  
PERILLO GOMES

A ORDEM

REVISTA  
DE CULTURA  
RELIGIOSA

RODRIGO SILVA, 7

RIO

ALBA DE  
NELLO

ESPELHO  
DE  
LOJA  
CRONICAS

S. PAULO

1929

CARLOS CHIACCHIO  
CARVALHO FILHO  
PINTO DE AGUIAR

ARCO E  
FLEXA

REVISTA  
DE ARTE NOVA

BARRIS, 56

BAHIA



## *Atenção*

Quando V S. precisar de  
impressos feitos a capri-  
cho, lembre-se da  
**A BRASILEIRA**

de

**CATAGUAZES**

(editora de "verde")

**FONE**

55

Rua cel. João Duarte, 16 a 22